

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ALICE MARIA CALADO MELGES

**MODO DE VIVER DOS/DAS MORADORES/AS DA ECOVILA TIBÁ DE SÃO  
CARLOS: PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES**

SÃO CARLOS - SP

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ALICE MARIA CALADO MELGES

**MODO DE VIVER DOS/DAS MORADORES/AS DA ECOVILA TIBÁ DE SÃO  
CARLOS: PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, na linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

SÃO CARLOS - SP

2023

Melges, Alice Maria Calado

Modo de viver dos/das moradores/as da ecovila Tibá de São Carlos: processos educativos emergentes. / Alice Maria Calado Melges -- 2022.  
180f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Luiz Gonçalves Junior

Banca Examinadora: Valéria Oliveira de Vasconcelos, Fábio Ricardo Mizuno Lemos

Bibliografia

1. Processos educativos. 2. Ecovila. 3. Permacultura . I. Melges, Alice Maria Calado. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Educação

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Alice Maria Calado Melges, realizada em 29/08/2022.

**Comissão Julgadora:**

Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior (UFSCar)

Profa. Dra. Valéria Oliveira de Vasconcelos (UFSCar)

Prof. Dr. Fábio Ricardo Mizuno Lemos (IFSP)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

*Dedico esse trabalho às pessoas que  
esperançam e abrem caminhos para que novos  
mundos e relações possam ser imaginadas e  
vivenciadas.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao universo por ter tido a oportunidade de realizar e produzir esta pesquisa de mestrado. Foi uma experiência muito rica. Saio dela transformada, com uma visão ampliada sobre o mundo, as relações humanas e suas possibilidades. Parto para novas buscas e trabalhos, inspirada, com novas perguntas e imaginando novas possibilidades de ação e construção humana.

Agradeço os sete moradores/as da ecovila Tibá de São Carlos/SP que aceitaram participar desta pesquisa, sem os/as quais ela não teria sido possível. Agradeço o acolhimento, o tempo dedicado às entrevistas, a disponibilidade e a generosidade na partilha de experiências, sonhos, sentimentos e reflexões.

Agradeço ao professor Luiz, meu orientador, por todo o respaldo que me deu. Sou grata por seu acolhimento junto ao NEFEF – Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física, por ter me estimulado a ingressar no mestrado e pelo direcionamento que me deu ao longo desta pesquisa. Obrigada pela troca de ideias, pelas dúvidas tiradas e pelos caminhos apontados. Seu apoio foi fundamental neste processo, desde o aceite deste desafio até a sua conclusão.

Agradeço à Prof. Valéria Oliveira de Vasconcelos e ao Prof. Fábio Ricardo Mizuno Lemos por terem feito parte da minha banca de defesa do mestrado, pelo modo comprometido e respeitoso com que revisaram e contribuíram com meu trabalho. O diálogo que tivemos neste processo foi muito especial e enriquecedor para mim. Foi um momento de muita aprendizagem e alegria. Obrigada!

Agradeço às/aos colegas do NEFEF pelas trocas que tivemos neste grupo de estudo, pelas partilhas, aprendizados e inspirações, que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho. Agradeço especialmente o Gilmar por ter me apresentando o NEFEF, minha porta de entrada para o mestrado, e a Andrea, por todo incentivo e ajuda que me deu à escrita e à finalização do projeto de pesquisa. O seu apoio foi fundamental para o meu ingresso neste mestrado e decisão em direcionar a pesquisa para a ecovila Tibá.

Agradeço à Maria Paula, pesquisadora da UFSCar e amiga, que também contribuiu com a minha escolha em pesquisar os processos educativos na ecovila Tibá. Obrigada pelas conversas, sugestões e incentivo.

Agradeço à Valquíria Prates e ao Alexandre Igari pela troca de ideias, contribuições e sugestões que generosamente fizeram ao trabalho. Obrigada pela disponibilidade e amizade de vocês. À Val agradeço pela parceria e cumplicidade.

Agradeço à minha família que tanto me apoiou neste processo e jornada que representou o mestrado; por compreenderem os meus momentos de ausência em nosso convívio, necessários para que eu pudesse desenvolver este trabalho. Vocês são a minha fortaleza, me ajudam a ver a beleza do mundo e os caminhos possíveis na jornada da vida.

Agradeço à minha mãe Fernanda, meu pai Antônio João e minha tia Mazé (em memória) por todo o incentivo e força que me deram para o ingresso e conclusão desse mestrado; pelo amor e apoio incondicional nas empreitadas da vida; pela escuta, acolhimento e força nos momentos difíceis. À Nathália, minha irmã-amiga, agradeço pelas confidências, apoio e companheirismo de sempre. Por tantas risadas e superações partilhadas nessa vida.

Ao Luiz, meu companheiro, agradeço por toda a parceria e amor, pelo estímulo à realização e conclusão deste trabalho; pela troca de ideias e escuta amorosa nos momentos mais difíceis e delicados; pela vida bonita que estamos trilhando juntos, por entender ao seu lado o significado e a beleza de uma vida compartilhada.

Ao Felipe, meu filho, agradeço pela dedicação na transcrição das entrevistas realizadas nesta pesquisa; por toda a convivência que há 18 anos me ensina e constrói o meu ser mãe. Por me inspirar a buscar a beleza no mundo e me possibilitar aprendizados que me fazem ser uma pessoa melhor; por tanto amor e tanta construção.

Ao meu sogro João Paulino (em memória), minha sogra Maria Beatriz, meus cunhados Pedro e Guilherme, agradeço por todo afeto, por tantas trocas e amizade.

Agradeço à toda a minha trajetória formativa e aos grandes amigos e amigas que fiz neste processo, que contribuíram com a construção da minha identidade, das ideias e valores que carrego hoje. Destaco a minha graduação em Ciências Biológicas e encantamento com a ecologia humana; o tempo em que trabalhei na DUC/SVMA da Prefeitura de São Paulo e a oportunidade que tive de trabalhar com os Conselhos Gestores das APAs Bororé-Colônia e Capivari-Monos; a licenciatura em Pedagogia que me despertou para o campo da Educação e da docência; e a atuação que hoje tenho como professora junto às escolas da rede municipal de São Carlos.

Agradeço às/aos amigos da Biologia, à Nayara, irmã do coração, a Marina, João Paulo, Luiz André, Laura, Rebeca, Maíra, Aline por nossa rede de afetos e cuidado. Ao povo da DUC/SVMA e agregados/as, Domingos, Sonia Joana, Leandro, Leozinho, Januária, Diego, Pedro, Cristina, Spina, Juliana, Mari, Lucia e Bellô, pela amizade, experiências, sonhos e reflexões compartilhadas. Às/aos amigas/os de São Carlos, Eclair, Sandra, Rufino, Valéria, Saldanha e Pedroca pela acolhida, amizade e aventuras na natureza. À Cláudia Milena, mana, amiga de longa data cuja amizade me acompanha até hoje.

Agradeço a meus familiares e amigos/as por tê-los/as comigo nessa jornada. Sou quem eu sou porque tenho vocês!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

*“A utopia está lá no horizonte – diz Fernando Birri. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”*

(Eduardo Galeano)

*“Caminante, son tus huellas  
el camino y nada más;  
Caminante, no hay camino,  
se hace camino al andar.  
Al andar se hace el camino,  
y al volver la vista atrás  
se ve la senda que nunca  
se ha de volver a pisar.  
Caminante no hay camino  
sino estelas en la mar.”*

(Antonio Machado)



## RESUMO

As ecovilas representam um movimento de resistência ao sistema dominante que questiona os valores da sociedade moderna ao protagonizar formas de viver e conviver que se orientam por princípios comunitários e ecológicos. A ecovila Tibá de São Carlos/SP procura implementar relações humano/natureza mais harmônicas tendo como base os princípios éticos e políticos da Permacultura. Esta pesquisa, pautada em referenciais que discutem a utopia, a práxis, a dialogicidade, as Epistemologias do Sul, a ecologia de saberes, a sociologia das ausências e das emergências e a Pedagogia do cuidado, assume como objetivo central identificar e compreender os processos educativos emergentes do modo de viver dos/as moradoras desta ecovila. Esta investigação consiste em uma pesquisa qualitativa que, inspirada na Fenomenologia, procurou compreender o fenômeno estudado por meio da perspectiva e da experiência vivida pelos moradores e moradores da ecovila Tibá. Ela se baseou na realização de entrevistas semiestruturadas partindo de um roteiro com cinco perguntas abertas. Foram entrevistados/as sete sócio-moradores/as da comunidade. Os dados foram analisados seguindo os procedimentos da Fenomenologia, modalidade fenômeno situado, conforme Martins e Bicudo (2005) e Gonçalves Junior *et al.* (2021). A análise dos dados revelou que o modo de viver dos/as moradores/as na ecovila se organiza em torno de três eixos que configuram três categorias de análise: “A gente tinha um anseio e isso virou uma proposta”, “Tentar entender o outro para essa convivência poder funcionar” e “Um lugar tranquilo para viver, mais próximo da natureza”. Estas categorias denotam respectivamente os valores e a utopia que orientam a práxis do grupo entrevistado e as experiências vividas relacionadas à vida comunitária e à vida no campo. Os processos educativos identificados pela pesquisa são desencadeados por estes dois contextos de vivência e o modo como eles se articulam a princípios, éticas e valores advindos da Permacultura. A cooperação, a diversidade, a alteridade e o cuidado são componentes chave dos processos educativos que emergem deste modo de viver considerando as relações humanas e com a natureza. Acreditamos que eles possam contribuir e inspirar a construção de um projeto alternativo de educação e de sociedade baseados na ideia de cooperação e cuidado.

**Palavras-chave:** processos educativos; modo de viver; ecovila; práxis comunitária; Permacultura.

## ABSTRACT

Ecovillages represent a resistance movement to the dominant system that questions the values of modern society by leading ways of life and coexisting that are guided by community and ecological principles. The Tibá ecovillage, located in São Carlos/SP, seeks to implement more harmonious human/nature relationships based on the ethical and political principles of Permaculture. This research, based on references that discuss utopia, praxis, dialogicity, the Epistemologies of the South, the ecology of knowledge, the sociology of absences and emergencies and the Pedagogy of care, assumes as its central objective to identify and understand the educational processes emerging from the way of life of the residents of this ecovillage. This investigation consists of qualitative research which, inspired by Phenomenology, sought to understand the phenomenon studied through the perspective and experience lived by residents of the Tibá ecovillage. It was based on conducting semi-structured interviews, using a script with five open questions. Seven socio-residents of the community were interviewed. Data were analyzed following the procedures of Phenomenology, situated phenomenon modality, according to Martins and Bicudo (2005) and Gonçalves Junior *et al.* (2021). Data analysis revealed that the way of life of residents in the ecovillage is organized around three axes that make up three categories of analysis: “We had a desire and that became a proposal”, “Trying to understand the other for this coexistence to work” and “A peaceful place to live, closer to nature”. These categories respectively denote the values and utopia that guide the praxis of the interviewed group and the lived experiences related to community life and life in the countryside. The educational processes identified by the research are triggered by these two contexts of experience and the way they are articulated to principles, ethics and values arising from Permaculture. Cooperation, diversity, otherness and care are key components of the educational processes that emerge from this way of living, considering human relationships and relationships with nature. We believe that they can contribute and inspire the construction of an alternative education and society project based on the idea of cooperation and care.

**Palavras-chave:** educative processes; way of life; ecovillage; community praxis; Permaculture.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. A Flor da Permacultura e os domínios-chave de atuação humana (pétalas). .....	37
Figura 2. Análise de zonas e setores da Permacultura. ....	38
Figura 3. Ciclo de ação-aprendizagem do pensamento de design .....	39
Figura 4. Interface entre propósitos/valores, a vida comunitária e a vida no campo. ....	72
Figura 5. A integração entre as pétalas e os princípios da Permacultura. ....	88

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1. Princípios de design da Permacultura.....	35
Quadro 2. Dissertações e teses encontradas na BDTD selecionados para leitura completa. ....	44
Quadro 3. Artigos encontrados no SciELO Brasil selecionados para leitura completa. ....	45
Quadro 4. Perfil dos/as sócio-moradores/as da ecovila. ....	71
Quadro 5. Matriz Nomotética.....	74
Quadro 6. Sentidos atribuídos à vida comunitária e à vida no campo. ....	89

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
INTRODUÇÃO.....	15
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	20
A transformação social e a relação sujeito-mundo.....	20
Modos de viver: denúncias e anúncios .....	26
REVISÃO DE LITERATURA .....	43
TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	66
CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS .....	71
Categoria: “A gente tinha um anseio e isso virou uma proposta”.....	74
Categoria: “Tentar entender o outro para essa convivência poder funcionar” .....	89
Categoria: “Um lugar tranquilo para viver, mais próximo da natureza” .....	135
CONSIDERAÇÕES .....	162
REFERÊNCIAS .....	167
ANEXO A: Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) .....	173
APÊNDICE A: Roteiro da entrevista semiestruturada.....	177
APÊNDICE B: Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) .....	178

## APRESENTAÇÃO

Minha primeira formação universitária foi em Ciências Biológicas. Meu foco de interesse na faculdade e trabalho de graduação se voltou à Ecologia, pelo fato de ela se propor a estudar as inter-relações e interações existentes entre os seres vivos. Dentro da Ecologia me aprofundei em Ecologia Humana e Ecologia de Paisagens visando o estudo da ação humana e seus efeitos sobre o ambiente e ecossistemas considerando a transformação do espaço/paisagem e a mudança de uso do solo. Estudei a dinâmica de diversas paisagens visando compreender a mudança de uso do solo, o nível de conservação e degradação das paisagens, os ganhos e perdas de ambientes naturais e os impactos decorrentes para fauna, flora e prestação de serviços ambientais às populações humanas.

Este olhar me conduziu à Biologia da Conservação e ao trabalho com políticas públicas no âmbito do município de São Paulo voltadas à conservação socioambiental com foco em espaços protegidos, unidades de conservação e áreas de mananciais (produtoras de água para fins de abastecimento público). Essa experiência me deu a oportunidade de vivenciar o trabalho com a gestão participativa de unidades de conservação. E por meio desta eu pude perceber a importância de práticas sociais voltadas à governança ambiental, ao fazer de modo coletivo, considerando a formação de uma consciência crítica, comunitária e ecológica. Um lugar, fazendo uso das palavras de Brandão (2005a, p. 15), de “dilemas e desencontros”, mas também de “encontros e esperanças”. Um lugar de articulação entre a ação comunitária, de base, e as políticas públicas considerando a transformação do espaço urbano na perspectiva social e ambiental.

Os conselhos participativos e o trabalho com comunidades periféricas, me chamaram a atenção por serem, ao meu ver, espaços potentes para a construção de uma reflexão crítica, de práticas solidárias, cooperativas e organização de um movimento de resistência criativo para o enfrentamento dos problemas e conflitos vivenciados no território e busca de soluções compatíveis às suas necessidades. Estes locais eram potentes do ponto de vista da aprendizagem e da mobilização social, pois faziam frente a processos indutores de degradação humana e ambiental. Essa experiência plantou em mim uma semente que mais tarde viria a germinar e me conduzir à Educação, considerando o campo da pesquisa científica e da prática docente.

Imbuída do interesse de atuar em nível mais local, ou melhor intersubjetivo, relacionado às pessoas e à sua formação, voltei meus estudos e atuação profissional para a área da Educação. Isso me levou a fazer um curso de Licenciatura em Pedagogia e a trabalhar com produção de livros didáticos. Os estágios da licenciatura junto à Unidade de Educação Infantil da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e as amigadas que fiz neste processo me conduziram ao NEFEF – Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física, vinculado ao Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da UFSCar. Ali me deparei com a possibilidade de desenvolver uma pesquisa de mestrado e, motivada principalmente pelas experiências vividas com a gestão participativa de áreas protegidas, saí em busca de um contexto e de práticas sociais comunitárias que pudessem compor o meu campo de estudo e investigação científica.

Rever minhas experiências profissionais na área socioambiental e refletir sobre elas pela perspectiva da Educação, me levou a querer compreender os processos educativos que estariam permeando e emergindo de práticas comunitárias; como eles poderiam contribuir com a transformação social e como um espaço educador poderia ser pensado de modo a favorecer ou facilitar a emergência de uma práxis mais dialógica, cooperativa e amorosa considerando o par educação/transformação.

A ecovila Tibá de São Carlos e a construção de um modo de viver comunitário, baseado na ação, no fazer, alinhado aos princípios políticos e éticos da Permacultura, se enquadrou ao contexto que eu estava buscando para desenvolver um projeto de pesquisa – um contexto relacionado ao esperar (FREIRE, 2021a). E representou para mim um lugar de encontro entre as experiências vividas na área socioambiental e o caminho que eu estava percorrendo na área da Educação.

À medida que a pesquisa foi se construindo, ela foi ganhando e amarrando sentidos e, cada vez mais, correspondendo às minhas inquietações e àquilo que eu buscava compreender. Este processo ficou ainda mais intenso quando me tornei professora da educação básica, pela Prefeitura de São Carlos. O trabalho pedagógico com as crianças (Ensino Fundamental I) e a reflexão sobre a educação a partir da prática docente trouxeram um novo olhar à pesquisa e aos processos educativos que eu estava identificando e procurando compreender.

## INTRODUÇÃO

O conceito de ecovila foi elaborado no início da década de 1990 para se referir à assentamentos humanos de vida comunitária que apresentassem uma preocupação ecológica, voltada à ideia de sustentabilidade (CAPELLO, 2013).

Notamos que este conceito veio sendo modificado e atualizado desde a sua criação sendo que a definição que consta atualmente na Rede Global de Ecovilas (GEN, 2022), é a seguinte:

Uma ecovila é uma comunidade intencional, tradicional ou urbana que é conscientemente projetada por meio de processos participativos de propriedade local em todas as quatro dimensões da sustentabilidade (social, cultural, ecológica e econômica) para regenerar ambientes sociais e naturais (n.p.).

Esta definição da GEN (2022) considera como ecovilas tanto comunidades tradicionais como comunidades intencionais. Segundo Capello (2013) as comunidades intencionais são aquelas em que a união das pessoas de modo comunitário se justifica pela existência de propósitos comuns, sem decorrer da tradição ou de laços de consanguinidade, diferentemente do ocorre com as comunidades tradicionais.

Nas comunidades intencionais “[...] a coesão do conjunto se faz pela construção de um propósito forte, capaz de manter vivos o sonho, a esperança e o caminhar do grupo, mesmo diante dos mais desafiadores obstáculos e conflitos.” (CAPELLO, 2013, p.45).

Existe uma controvérsia sobre a inclusão de comunidades tradicionais na definição de ecovilas. Alguns autores/as argumentam pela importância desta inclusão e outros/as mantêm o conceito restrito à ideia de comunidades intencionais, sejam elas urbanas ou rurais, por entenderem que a inclusão de comunidades tradicionais neste conceito amplia a heterogeneidade do movimento de ecovilas, dificultando sua delimitação e compreensão (DIAS *et. al.*, 2017). De acordo com estes/as autores/as, aparentemente não existe uma ligação relevante das comunidades tradicionais com este movimento, embora possuam algumas características em comum.

Ao discutir as ecovilas Capello (2013) pontua aspectos gerais que permeiam essas experiências: o caráter comunitário, a busca por um estilo de vida de baixo impacto ambiental e por uma certa autonomia alimentar e energética, os processos de autogestão, as formas de resolução de conflitos, o compartilhamento de valores e filosofias de vida, a realização de atividades educativas e a preocupação para além das fronteiras da ecovila. Nesta elucidação do conceito de ecovila, a autora destaca o uso comum da terra, o papel



do território como lugar onde a vida comunitária acontece, onde o grupo se estabelece, cria suas práticas comunitárias e organiza seu modo de viver.

Apesar das ecovilas apresentarem estes pilares comuns, elas são muito particulares na sua forma de se organizar e viver os valores e princípios preconizados pela comunidade, considerando a intenção de experimentar novos modelos de assentamento humano na terra e o desejo de viver de outra maneira, criando laços de confiança nas relações interpessoais e um vínculo mais harmônico com o meio ambiente do qual fazemos parte, apontando para um futuro sem desprezar valores e práticas de sociedades tradicionais (CAPELLO, 2013).

Esta valorização de saberes tradicionais que se associa às ecovilas abre a possibilidade para que possamos relacioná-las às Epistemologias do Sul, um conceito que representa os saberes e culturas que, por serem diferentes da cultura hegemônica, foram marginalizados e invisibilizados e seguem se fazendo presentes por meio um movimento de denúncia e resistência à hegemonia dos valores modernos (SANTOS; MENESES, 2009). E com isso, possibilita tematizar a ecovila Tibá e o modo de viver de seus moradores e moradoras a partir dessa perspectiva conceitual. O fato desta ecovila ter a Permacultura como um guia de princípios que orienta a ação comunitária reforça essa relação e nos permite vislumbrar que o modo de viver que está sendo construído e experienciado na ecovila tem por base valores ancestrais e de comunidades tradicionais.

A Permacultura representa uma resposta proativa para a crise socioambiental, pois ela se refere “[...] ao que queremos e podemos fazer, e não àquilo a que nos opomos e queremos que os outros mudem.” (HOLMGREN, 2013, p. 27). É uma resposta ética, filosófica e técnica que aponta caminhos para que a existência humana possa constituir modos de viver e culturas que sejam compatíveis com a vida (HOLMGREN, 2013).

A ecovila Tibá foi fundada em 27 de abril de 2006 e se constitui como associação, pessoa jurídica sem fins lucrativos; possui 11 alqueires (aproximadamente 26 hectares) e se localiza na zona rural do município de São Carlos/SP, a 15 km do perímetro urbano (ECOVILA TIBÁ, 2022). Ela conta hoje com oito associados/as (quatro famílias) e desde a sua criação busca construir a sua prática cotidiana com base nos princípios éticos e políticos da Permacultura visando:

[...] a promoção do bem-viver, do convívio humano, da edificação coletiva do conhecimento e do respeito ao meio ambiente a partir do estabelecimento de uma comunidade de pessoas que compartilham a vida em um lugar comum. (ECOVILA TIBÁ, 2022, n.p.).

A valorização de conhecimentos ancestrais e tradicionais – que foram invisibilizados e subtraídos pelo sistema hegemônico – atrelada ao movimento das ecovilas e da Permacultura confere ao propósito da Tibá uma conotação de resistência com relação aos valores hegemônicos. O combate ao desperdício de experiências plurais, representado por este movimento, abre espaço para a disseminação e emergência de valores que podem apontar caminhos para a construção de soluções aos problemas e dilemas operados pela sociedade moderna com relação à desigualdade, às injustiças sociais e à degradação ambiental, para os quais ela não consegue oferecer respostas e perspectivas de superação (SANTOS, 2009b).

Este resgate epistemológico, que descola esse tipo de saber da ideia de resíduo – um saber ultrapassado, não contemporâneo, que teima em continuar persistindo – nos permite relacionar a ecovila ao que Santos (2002) denomina como sociologia das ausências. A visibilização e o deslocamento destes saberes para o campo das possibilidades, de construção de caminhos e alternativas para o futuro alinha o modo de viver na ecovila Tibá ao conceito de sociologia das emergências, cunhado pelo mesmo autor.

A retomada e experimentação de práticas sociais e modos de vida, para além daquele que está colocado pela lógica moderna como única opção, oportuniza a visibilidade de outras culturas e amplia a nossa percepção quanto às formas possíveis de ser e estar o mundo, e a partir disso, as nossas perspectivas para o futuro (SANTOS, 2002). A sociologia das ausências e das emergências favorece o debate sobre sustentabilidade e sobre transformação social, pois possibilita que o exercício reflexivo de pensar, planejar e organizar novos modelos sociais possa partir de elementos já existentes e disponíveis no presente (SANTOS, 2002).

O estudo deste modo de viver não pressupõe a defesa das ecovilas como solução única e universal a ser aplicada em larga escala. Agir de tal maneira significaria se assemelhar à racionalidade moderna, que de acordo com Santos (2009a) é opressiva, excludente e homogeneizante; que não valoriza e não reconhece a pluralidade e a diversidade como valores humanos e sociais.

Alinhar as ecovilas às sociologias das ausências e das emergências representa uma forma de combater o que está posto e estruturar caminhos alternativos à racionalidade moderna que engendra um pensamento classificatório, universalizante, totalitário, determinista, estático, que alonga o futuro e contrai a capacidade de agência humana no

presente, que acredita que a sociedade evolui em uma direção única e irreversível rumo ao progresso (SANTOS, 2002).

As ecovilas representam uma dentre as várias experiências sociais que buscam a construção de uma alternativa ao modelo dominante de habitar o planeta e, nesse sentido, não se colocam como saída universal aos problemas gerados pelo modo de vida capitalista que, para além dos aspectos econômicos, se constitui como um modo de ser, pensar, agir e sentir (CAPELLO, 2013). Mesmo porque, segundo a mesma autora, não há fórmulas nem receita para a construção deste tipo de experiência, já que ela depende do perfil das pessoas envolvidas, das condições do território a ser compartilhado e das motivações e intencionalidades do grupo. Isso faz com essa experiência se constitua como “[...] um ideário e uma pedagogia.” (CAPELLO, 2013, p.14).

As ecovilas representam um movimento de resistência ao sistema dominante que questiona os valores da sociedade moderna ao protagonizar formas de viver e conviver que se orientam por princípios ecológicos e comunitários que não correspondem à lógica da troca competitiva do sistema dominante; princípios que se ancoram no fazer cooperativo e que se baseiam na ideia do cuidado e da interação harmônica com o outro e com a natureza. O estudo deste fenômeno se mostra bastante oportuno considerando a crise socioambiental da sociedade moderna, pois valoriza saberes e práticas sociais importantes e necessários à superação da racionalidade fundada na competição e na exclusão.

A condição de degradação da natureza e das relações de sociabilidade que vemos hoje no mundo não representam falhas ou distorções do sistema capitalista; ela é um sintoma de seu pleno funcionamento, pois ele opera por meio de uma troca competitiva, que compreende o outro pela lógica da acumulação de riquezas, da exploração, da maximização de ganhos a qualquer custo – uma lógica que não reconhece o outro como detentor de direitos e merecedor de cuidados (ABDALLA, 2002).

Esta pesquisa científica assume, como ponto de partida, que os conhecimentos são produzidos e reproduzidos por relações de convívio e práticas sociais e que é pelo encontro destes conhecimentos com a nossa consciência, intermediados pela nossa crítica, que eles nos formam, constituindo nosso modo de ser, viver e conviver e orientando nossa compreensão de mundo e as nossas ações (OLIVEIRA *et al.*, 2014a).

Com esta compreensão, entendemos que toda prática social é produtora de processos educativos o que implica dizer que toda prática é inerentemente educativa, independentemente de ela ocorrer no ambiente escolar ou fora dele (OLIVEIRA *et al.*,

2014a). Partindo dessa compreensão, a educação é vista como formação humana, como processo de tornar-se pessoa, onde se aprende a conduzir a própria vida (SILVA, 2010); como processo constitutivo do ser humano e decorrente das experiências vivenciadas por ele ao longo de toda a sua vida, em diversos contextos.

Compreendemos com Oliveira *et al.* (2014a) que a educação constitui a identidade do sujeito e que embora ela se estabeleça de maneira própria e singular, não é individual, mas sim coletiva, decorrente da convivência, da circulação de saberes e da partilha de significados e interações com o mundo. E que ela também não se restringe ao ambiente escolar, colocando em questão as concepções que conferem ao sistema educacional o monopólio da ação pedagógica, por vê-lo como único ente capaz de promovê-la (OLIVEIRA *et al.*, 2014a).

Nesta perspectiva, a educação também se desvincula da visão dicotômica que separa quem ensina de quem aprende, pois entende que os processos educativos se constroem por meio de uma relação mútua de aprendizagem, conforme descrito por Gonçalves Junior, Carmo e Corrêa (2015):

[...] ocorrem em uma relação mútua de aprendizagem e não só em uma situação em que um ensina ao outro, tendo como pressuposto fundamental para seu desenvolvimento o diálogo equitativo e a intencionalidade dirigida para a cooperação, superação, o ser mais, demandando autonomia, possibilidade de decisão e de transformação. Tais condições permitem aos envolvidos compreender em contexto, valores e códigos do grupo, da comunidade e da sociedade em que vivem, tendo a possibilidade de refletir criticamente sobre sua própria condição de pertencimento ao mundo com os outros, educando e educando-se (p. 176-177).

O estudo dos processos educativos em práticas sociais parte da tentativa de melhor compreender por meio de quais relações, de que forma e onde as pessoas se educam, considerando o ambiente escolar e/ou não escolar, o que oportuniza uma contribuição mais efetiva com os processos educativos que ocorrem dentro da escola tendo em vista “[...] que os procedimentos para aprender o que empregamos no dia a dia fora do ambiente escolar são a referência de que nos valem para nos apropriar de tudo que a escola se propõe a ensinar.” (OLIVEIRA *et al.*, 2014a, p. 30).

Os propósitos que pautam o movimento de ecovilas, ao rejeitarem a lógica dominante e buscarem a criação de relações cooperativas e mais harmônicas entre as pessoas e com o ambiente, estão abrindo possibilidades para a ruptura de valores e

práticas sociais que engendram o sistema capitalista. Nesse movimento a resistência se dá pela experiência e pela ação concreta.

A ecovila Tibá, ao buscar desenvolver um modo de viver baseado na ética e nos princípios da Permacultura (ECOVILA TIBÁ, 2022), se coloca como um espaço de resistência que tem potencial para contribuir e compor um repertório cultural que pode servir de inspiração para a projeção de cenários futuros e construção de um novo projeto societário. Esse contexto permite a investigação da seguinte pergunta de pesquisa: Quais são e como emergem os processos educativos do modo de viver dos/das moradores/as da ecovila Tibá de São Carlos?

Diante disso, este estudo assume como objetivo central identificar e compreender os processos educativos emergentes do modo de viver dos/das moradores/as da ecovila Tibá de São Carlos. E, como objetivos específicos: a) compreender os significados das relações existentes no modo de viver na ecovila Tibá de São Carlos e contribuições para a formação desses sujeitos; b) compreender como este modo de viver pode contribuir para a construção de um projeto alternativo de educação e sociedade.

Esta dissertação se organiza da seguinte maneira: no tópico “Fundamentação Teórica” apresentamos os fundamentos conceituais que nos ajudaram a compreender o modo de viver experienciado na Tibá e os processos educativos decorrentes partindo da perspectiva e das experiências vividas dos/as sócio-moradores/as. Na “Revisão de Literatura” situamos esta investigação no campo acadêmico considerando a produção científica recente. Na “Trajetória Metodológica” apresentamos a metodologia do estudo com referenciais teóricos e a descrição do método utilizado para coleta e análise dos dados. A apresentação e discussão dos achados da pesquisa constam no tópico “Construção dos Resultados”. E, por fim, apresentamos nas “Considerações” algumas reflexões sobre as possíveis contribuições desta pesquisa para a Educação.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **A transformação social e a relação sujeito-mundo**

Neste tópico apresentamos os fundamentos desta investigação que nos permitem compreender a educação enquanto processo formativo; a pesquisa científica e a educação como formas de ação cultural, considerando o compromisso com a transformação social; e a estrutura social como elemento passível de transformação pela agência humana.

As práticas sociais, com sua produção e reprodução de saberes, por estarem situadas no interior de uma cultura e de um determinado contexto, que são marcados por relações de poder (SANTOS; MENESES, 2009), engendram processos educativos que podem conduzir os sujeitos a uma condição de enraizamento e libertação, considerando a busca pelo ser mais, ou seja, pela humanização, ou a uma condição de opressão, alienação e desenraizamento (OLIVEIRA *et al.*, 2014a).

Além de interferir na formação do sujeito, as práticas sociais também trazem consequências para a estrutura social e sua dinâmica. A prática social ao ser entendida como ação cultural revela este efeito, haja vista que ação cultural é “[...] uma forma sistematizada e deliberada de ação que incide sobre a estrutura social, ora no sentido de mantê-la como está ou mais ou menos como está, ora no de transformá-la.” (FREIRE, 2021b, p. 245). A transformação a que se refere Freire (2021b) consiste na superação da opressão e na libertação dos sujeitos e classes oprimidas e volta-se à construção de uma sociedade com justiça social.

Discutiremos a educação e a ciência como formas de ação cultural (OLIVEIRA *et al.*, 2014b), explicitando a conotação política inerente a estas práticas. Diante desta compreensão, assumimos com esta investigação científica a intenção de favorecer o sentido libertador destas práticas sociais, buscando o exercício de uma pesquisa científica comprometida com a humanização e a favor da educação como prática de liberdade.

Entendemos a partir de Freire (2021b) que a prática de pesquisar não é neutra, já que ela possui uma intencionalidade definida e materializada nas relações de convívio social que podem tanto estar a serviço das estruturas de poder e da manutenção do *status quo* como da transformação social (OLIVEIRA *et al.*, 2014b).

A ciência nesta investigação se assume como prática interessada (não neutra) e subjetiva, uma característica inerente ao fazer científico, conforme pontuado por Fourez (1995). No intuito de desmistificar o pretensível caráter de objetividade, neutralidade e produção de verdades absolutas da ciência, o autor argumenta que a pesquisa científica não tem como ser neutra, assumindo como foco da sua argumentação um aspecto bastante elementar da ciência: a observação. O autor afirma que o ato de observação se constitui basicamente como um exercício de interpretação do/a pesquisador/a, já que a observação se articula a pressupostos teóricos, a uma visão de mundo, a uma cultura e um tempo histórico, destacando que os temas de pesquisa e formas de investigação são fruto de escolhas, decisões e interesses. Entendemos com o autor que o fazer científico é uma

produção humana, “[...] feita pelos humanos e para os humanos.” (FOUREZ, 1995, p. 87).

Nesta mesma lógica, entendemos que a realidade investigada na pesquisa se coloca como fenomenal, que consiste na representação de uma realidade que é percebida, observada de forma parcial e por uma dada perspectiva, reforçando o caráter subjetivo da pesquisa e sua incapacidade de produzir verdades absolutas (FOUREZ, 1995).

Retomando o interesse desta investigação, explicitamos que ao pesquisar, nos colocamos a serviço da transformação social e da humanização dos indivíduos, considerando a pesquisa, como afirmam Oliveira *et al.* (2014b), como um espaço de:

[...] sobrevivência, resistência e mesmo de recusa de certas hierarquias, espaços de educação, de construção coletiva de conhecimentos e de projetos de sociedade, uma prática social que se constitui em espaço de humanização (p. 121).

Nesse bojo, consideramos a ciência como produção cultural humana que se relaciona “[...] com a busca de respostas para as necessidades coletivas que se apresentam no cotidiano da realidade concreta.” (OLIVEIRA *et al.*, 2014b, p. 118). Com tal perspectiva assumimos uma postura científica que volta a sua produção de conhecimento para as necessidades humanas que buscam a construção de uma realidade mais digna e justa e que, por este motivo, assume como horizonte a perspectiva do sul epistemológico, em acordo com referências pautadas principalmente em Freire (2021a, 2021b, 2019), Dussel (2016, 2020), Brandão (2005a, 2005b, 2014), Santos (2002, 2009a, 2009b, 2020), Santos e Meneses (2009), Holmgren (2013), Boff (2013), Larrosa-Bondía (2002), Acosta (2016), Krenak (2020) e Munduruku (2019).

Compreendemos com Oliveira *et al.* (2014b) que a diversidade de saberes e compreensões do mundo é um elemento potente para a problematização e compreensão da realidade. Neste sentido, reconhecemos os moradores e moradoras da ecovila Tibá de São Carlos como sujeitos produtores de conhecimento e cultura, que podem contribuir para a compreensão da realidade considerando a perspectiva de quem experiencia um modo de viver que busca a construção valores ecológicos e comunitários/humanos (ECOVILA TIBÁ, 2022).

Uma práxis a serviço da humanização e da libertação dos indivíduos se faz necessária diante das injustiças e das contradições sociais que impõem à maioria dos seres humanos uma condição de opressão e exclusão e à natureza, uma condição de exploração e degradação. A lógica que engendra esse processo teve sua origem com a modernidade

e com o surgimento do sistema capitalista, que para além de um modo de produção, se tornou um regime cultural e civilizacional, que há 500 anos, por meio da ideologia eurocêntrica e ocidental, opera a exclusão de culturas e saberes não hegemônicos (SANTOS; MENESES, 2009).

Conforme Quijano (2009), esta diversidade cultural e epistêmica vem resistindo e lutando contra a opressão e imposição do pensamento moderno, colonial, capitalista, racista, patriarcalista. Santos e Meneses (2009) argumentam que essa resistência se dá por meio das Epistemologias do Sul, que consistem em:

[...] conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos ecologia de saberes (p. 7).

Este entendimento faz referência aos saberes que são produzidos pelo Sul e para o Sul e que se contrapõem ao padrão hegemônico; um Sul metafórico, que faz alusão às invasões e ao colonialismo que foi operado, sobretudo, no Sul geográfico (SANTOS; MENESES, 2009). Esta lógica colonial e a hegemonia do pensamento moderno eurocêntrico permanecem em nossa sociedade apesar da independência política dos países colonizados pela Europa, dentre os quais estão os países da América Latina, pois a desigualdade social e os sistemas dominação e poder foram capazes de se renovar e persistir na sociedade por meio do que Quijano (2009) denominou como colonialidade do poder.

A presente pesquisa reconhece, com base em Santos (2009b), esse processo histórico-social e busca a produção de conhecimentos e o fazer científico se colocando ao lado das Epistemologias do Sul, em uma condição de ecologia de saberes, entendo-a como uma opção epistemológica e política para a transformação social e superação da lógica capitalista, considerando que esta ruptura requer um pensamento alternativo, não derivado do pensamento moderno.

Ao tematizar a transformação social, Brandão (2014) pontua a necessidade de construção de uma nova sensibilidade, a partir da qual seja possível experienciar novas formas de ser, viver e partilhar a vida.

Argumentamos a favor da transformação social, mas cabe justificar e apresentar os elementos e compreensões da relação sujeito-mundo que fazem com que esse cenário



se coloque como um horizonte de luta possível. Acreditamos na possibilidade de transformação social, pois entendemos com Freire (2021b) que os seres humanos são:

[...] seres da práxis. São seres do quefazer, diferentes, por isto mesmo, dos animais, seres do puro fazer. Os animais não “admiram” o mundo. Imergem nele. Os homens [e as mulheres], pelo contrário, como seres do quefazer, “emergem” dele e, objetivando-o, podem conhecê-lo e transformá-lo com seu trabalho (p.167).

Ao teorizar sobre a historicidade da experiência humana no mundo, Freire (2021b) afirma haver uma diferença fundamental na forma como os animais e os seres humanos percebem e interagem com seu ambiente. Os animais, por estarem totalmente aderidos e imersos no ambiente em que vivem, não podem se separar dele para objetivarem a si próprios e às suas atividades; e sem esse nível de consciência, a vida dos animais passa a se dar sobre um suporte, de forma determinada e adaptativa (FREIRE, 2021b). Com o ser humano, a situação é diferente: por ser capaz de emergir da realidade ele pode objetivar a si mesmo, as suas atividades e a sua relação com mundo - um mundo não determinado, em construção, que ao mesmo tempo em que constitui o ser humano é constituído por ele (FREIRE, 2021b).

Entendemos com Freire (2019) que “[...] estar no *mundo* implica necessariamente estar *com* o mundo e *com* os outros” (p. 32), em uma relação de reciprocidade onde “[...] consciência e mundo se dão ao mesmo tempo [...]” (p.33) sem a prevalência de um ou de outro; em uma relação que é naturalmente dialética e que segundo Taddei e Paludo (2018) se enquadra filosoficamente como parte de um pensamento dialético-fenomenológico, que impossibilita a dicotomia consciência-mundo, já que um necessita do outro para existir.

Freire (2021b) afirma que pela forma como nos relacionamos com o mundo, somos capazes de modificá-lo, chamando a atenção para o nosso papel de sujeitos da história e não de meros espectadores; de uma história que está sendo e por isso se coloca como possibilidade e não como determinação. Freire reconhece os seres humanos “como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, *em* e *com* uma realidade, que sendo histórica também, é igualmente inacabada.” (2021b, p. 101-102). E afirma que a consciência desta inconclusão o coloca em permanente estado de quefazer, que objetiva a sua própria construção, a busca do seu ser mais, da sua humanização, e que segundo o autor é uma vocação ontológica do ser humano. Esse processo que conduz à luta por

libertação e humanização, abre espaço para o sonho, para a esperança e para a construção de uma utopia, um conceito central na busca por transformação social.

A utopia problematiza o presente ao se colocar contrária à ordem social vigente, apontando perspectivas para a construção de uma nova realidade, que se baseia em um projeto alternativo de futuro que precisa ser construído ética e politicamente; um projeto que conforma um sonho possível de ser alcançado, o inédito viável, segundo Freire (2021b). Para Freire, a utopia corresponde “[...] a unidade inquebrantável entre a denúncia e o anúncio. Denúncia de uma realidade desumanizante e anúncio de uma realidade em que os homens [e mulheres] possam ser mais” (2021b, p. 102); a sua concretização é sempre processo, sempre devir. Nesse sentido a utopia se coloca como um fator que motiva, que traz um sentido para a transformação social e uma orientação para a práxis.

Nesta lógica, o mundo não se coloca como entidade superior e determinante da consciência e da agência humana, abrindo espaço para a escolha e tomada de decisão por parte dos sujeitos (cuja prática permite que falemos em ética) e, conseqüentemente, para a transformação social, considerando o trabalho coletivo e articulado à conjuntura histórica e social (FREIRE, 2021b).

Em sendo o mundo um empreendimento coletivo, fruto da consciência e da agência dos seres humanos, cabe a estes criá-lo e recriá-lo, a partir da emersão da realidade e tomada de consciência sobre sua de sujeito que pode exercer a sua liberdade criadora para a humanização e libertação daqueles/as que se encontram em condição de opressão (FREIRE, 2021b). Para Freire, este horizonte de ação e transformação se torna possível pelo fato de o ser humano, ao contrário dos animais, ser um sujeito histórico-social, um ser da práxis, que se relaciona dialeticamente com os condicionamentos sociais e com o exercício de sua liberdade.

Entendemos a práxis como uma forma de ação no mundo que se constitui como quefazer, isto é, como ação vinculada à reflexão, essencialmente pedagógica e potencialmente transformadora, na medida em que ao possibilitar a (re)admiração do mundo cria condições para sua transformação, posto que não se configura como puro verbalismo ou ativismo, onde a ação e a reflexão encontram-se apartadas e absolutizadas (FREIRE, 2021b).

Como esta ação-reflexão se dá no mundo e com o mundo, em meio às relações humanas e no interior de práticas sociais, dela decorrem processos educativos que contribuem com a constituição da visão de mundo dos sujeitos envolvidos, formando e orientando as suas ações. Isso explica a natureza educativa da práxis, que por se constituir

como ação cultural, pode ser humanizante, favorecendo o ser mais dos homens e mulheres, ou desumanizante, atuando em favor da opressão e da manutenção do *status quo* (FREIRE, 2021b). Ambas se processam “[...] na e sobre a estrutura social, que se constitui na dialeticidade permanência-mudança” (FREIRE, 2021b, p.112).

A práxis é, portanto, o que permite ao ser humano a intervenção e construção do mundo. E considerando que ela pode produzir efeitos distintos sobre a formação dos sujeitos e sobre a dinâmica da estrutura social é preciso que estejamos atentos/as “[...] a favor de que, contra que, a favor de quem, contra quem” (FREIRE, 2021a, p.136) a nossa práxis está. Neste sentido enxergamos a educação como uma das ferramentas de transformação social, entendendo com Freire (2021b) que a educação sozinha, não muda o mundo; mas que sem ela, não é possível a transformação.

### **Modos de viver: denúncias e anúncios**

Este tópico, partindo da crítica do pensamento moderno, problematiza a sociedade atual em razão de suas contradições e do paradigma moderno/colonial/capitalista e apresenta argumentos voltados à superação destas problemáticas, valorizando a pluralidade de saberes e as Epistemologias do Sul, por entender que elas trazem em si o anúncio e o alicerce para a construção de um caminho que pode nos conduzir à descolonização da existência humana e à construção de novos modos de ser, viver e conviver.

Colocamos em questão e denunciemos, com Santos e Meneses (2009), o fato de os últimos séculos terem sido dominados por uma única epistemologia, que de forma hegemônica foi imposta globalmente, produzindo efeitos deletérios sobre a pluralidade de saberes e conhecimentos que existem ao redor mundo. O autor e autora observam que esta epistemologia dominante decorre do pensamento moderno, um pensamento que surge na Europa ocidental cristã com a modernidade e com a insurgência do sistema capitalista, e que se coloca diante do mundo como sendo superior e universal.

Com as grandes navegações orientadas pelo colonialismo e pelo surgimento do capitalismo, a Europa, por meio da exploração de suas colônias localizadas na América Latina, Ásia e África, se torna o centro do mundo capitalista (QUIJANO, 2009) e por meio de uma dominação política e econômica, impõe sua cultura e seus saberes sobre os povos conquistados, implicando no empobrecimento cultural e epistêmico do mundo (SANTOS; MENESES, 2009), configurando o que o autor e a autora denominam como epistemicídio.

Santos e Meneses (2009), ao fazerem esta denúncia, argumentam que toda experiência social é produtora e reprodutora de conhecimento e, neste sentido, vinculam o conhecimento a uma prática social, a atores sociais e a uma cultura, evidenciando que diferentes culturas, visões de mundo e práticas sociais podem compor diferentes epistemologias. Partindo disso, argumentam que todo conhecimento se constrói em um contexto cultural e político, marcado por relações desiguais de poder, e que por isso os saberes se desenvolvem em um campo de conflito e de disputas que acaba interferindo na forma como eles são significados e validados socialmente.

Por meio desta argumentação Santos e Meneses (2009) pontuam o campo de tensão que marca o contato entre diferentes saberes e epistemologias e o fato de que todo conhecimento é contextual, desmistificando a pretensa ideia de universalidade do pensamento moderno, noção forjada para alçá-lo a uma condição de superioridade e hegemonia. O pensamento moderno adota uma lógica hierárquica e uma visão linear e unidirecional de desenvolvimento que posiciona a Europa ocidental cristã em um estágio superior quando comparada ao restante do mundo, que se traduz em uma lógica que classifica as sociedades em primitivas/tradicionais ou modernas/civilizadas tendo por base uma visão excludente e dominadora/colonialista diante da diversidade cultural e epistemológica do mundo (SANTOS; MESENES, 2009).

Avançando nos desdobramentos sociais do pensamento moderno, Santos (2009a) argumenta que ele se constitui como um pensamento abissal, que divide a sociedade e seus grupos sociais em campo opostos e bem demarcados, para os quais são aplicadas distinções visíveis e invisíveis, considerando os regramentos e direitos sociais. Para um lado, composto pelos/as cidadãos/ãs e grupo dominante, aplica-se a lógica da regulação, emancipação e dos direitos sociais. E para o outro, constituído pelos/as dominados/as e menos favorecidos/as, a da violência e apropriação. Nesta cartografia originada pela imposição de uma linha divisória abissal, opera a lógica da exclusão, da opressão e supressão de conhecimentos e saberes.

Quijano (2009) também critica o pensamento moderno, argumentando que o colonialismo, com as relações de poder e dominação que lhes são inerentes, é um elemento central deste modo de pensar e operar a realidade. Santos e Meneses (2009) afirmam que o capitalismo se tornou mais que um modo de produção, sendo hoje um regime cultural e civilizacional que se capilariza em diversos aspectos da vida humana, “[...] da família à religião, da gestão do tempo à capacidade de concentração, da

concepção de tempo livre às relações com os que nos estão mais próximos, da avaliação do mérito científico à avaliação moral dos comportamentos que nos afectam” (p.11).

Para Santos e Meneses (2009), a persistência deste regime só é possível se as engrenagens de poder e dominação do colonialismo, forem renovadas e mantidas no curso da história. Quijano (2009) argumenta que com o fim do colonialismo (independência política das colônias) as relações de dominação tiveram continuidade por meio da colonialidade do poder, um conceito desenvolvido pelo autor e que faz referência aos mecanismos de dominação e poder que foram engendrados pelo colonialismo e permaneceram para além dele nas relações de exploração/dominação/conflito que se articulam em torno da disputa pelo controle de elementos da existência social tanto materiais como subjetivos, a exemplo do trabalho, do sexo, da raça, do conhecimento e da autoridade incluindo seus instrumentos de coerção.

Essa mesma lógica de dominação e sectarização do pensamento moderno é problematizada por Dussel (2016) e explicada a partir da cisão entre totalidade e exterioridade. O autor, ao tratar da colonização e da colonialidade de povos e culturas pela Modernidade, argumenta que o pensamento hegemônico europeu ocidental ao se autocentrar, desprezou a diversidade cultural do sistema-mundo pela imposição de sua cultura, mantendo-a na totalidade e levando ao campo da exterioridade (da negação, do não ser) os aspectos negados e desprezados pela racionalidade moderna.

Santos (2009b) acredita que estes conhecimentos subalternizados e marginalizados, classificados por ele como Epistemologias do Sul, podem oferecer respostas para muitos dos desafios e disfunções da nossa sociedade para os quais a modernidade não possui uma resposta consistente. Esta incapacidade de lidar com os desafios contemporâneos relacionados à desigualdade social e aos problemas ambientais (que vêm inclusive ameaçando a continuidade da existência humana) é vista como uma indicação do fim da modernidade e de seu pensamento colonial/capitalista (SANTOS, 2009b; DUSSEL, 2016).

Esta tematização contribui para a compreensão da realidade atual e de muitas de suas contradições e opressões que no momento estão radicalizadas e explicitadas pela pandemia de COVID-19<sup>1</sup>. Contradições reveladas na educação básica e universitária, nos índices de violência, no machismo e racismo estrutural, na precarização do emprego e das

---

<sup>1</sup> Pandemia é uma epidemia em escala mundial. A COVID-19 foi decretada como pandemia pela OMS em 11/03/2020. Matéria disponível em: < <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>> Acesso em 02 mar. 2022

relações de trabalho, na concentração de renda e desigualdade social, na condução das políticas públicas e no nível de degradação ambiental (SANTOS, 2020).

A pandemia que nos acomete globalmente representa uma situação de crise e sendo assim, se contrapõe a uma situação de normalidade que é apenas aparente, haja vista que outras crises se encontram em curso, ainda que não sejam percebidas desta forma (SANTOS 2020).

“Desde a década de 1980 – à medida que o neoliberalismo foi se impondo como a versão dominante do capitalismo e este foi se sujeitando mais e mais à lógica do setor financeiro –, o mundo tem vivido em permanente estado de crise.” (SANTOS, 2020, n.p.).

O autor argumenta que a crise socioambiental e os problemas estruturais gerados pelo sistema capitalista perderam sua conotação excepcional e passageira e assumiram um caráter duradouro e permanente. Com isso, a crise gerada pela pandemia de COVID-19 passa a ser compreendida não como efeito de uma crise anterior, mas como causa, da qual parte-se para explicar todo o resto, fazendo com que deixemos de nos perguntar sobre a sua real origem, evitando questionamentos mais consistentes sobre os problemas que nos acometem (SANTOS, 2020). O autor observa que a pandemia atual não é a causa dos problemas que nos assolam globalmente; ela apenas agrava uma situação de crise socioambiental que já nos afetava. Ela se expressa de muitas maneiras, a exemplo da desigualdade social, da exploração do trabalhador e da degradação ambiental, mas todos estes desequilíbrios são facetas ou desdobramento de um mesmo elemento: o projeto civilizatório capitalista e sua lógica de exclusão e acumulação (COSTA; LOUREIRO, 2017).

Dussel (2020) compreende esta pandemia como uma resposta da natureza ao pensamento moderno, pela forma como a humanidade concebe e intervém na natureza, apartando-se dela e explorando-a de forma ilimitada, por meio de uma lógica instrumental, mecânica, de dominação e apropriação. Fazendo referência às ideias de Santos (2009a) ao se referir ao pensamento abissal da modernidade, podemos concluir que nesta lógica, que produziu uma cartografia e uma divisória excludente do mundo, a natureza foi marginalizada e colocada no campo da apropriação e violência.

Esta resposta da natureza, expôs as mazelas da modernidade e o fracasso do neoliberalismo (formato atual do capitalismo), revelando um sinal do seu esgotamento, diante de seu caráter necrófilo e autodestrutivo, e o anúncio de uma necessária transição para uma nova era (DUSSEL, 2020). O autor observa que a modernidade errou em ver a natureza como um mero objeto de conhecimento e de exploração predatória; errou ao não

enxergá-la em sua totalidade, já que é ela quem cria as condições objetivas que possibilitam a reprodução da Vida na Terra e a nossa existência como seres humanos.

Krenak (2020), na condição de indígena e crítico do projeto societário capitalista, também concebe a pandemia como resposta da mãe Terra à degradação ambiental e à forma como o ser humano vem impactando a natureza, aspecto que segundo ao autor se revela no próprio conceito de humanidade adotado na sociedade ocidental, não indígena. Partindo da cosmovisão indígena o autor critica a conotação antropocêntrica e fragmentária deste conceito considerando duas perspectivas de análise: na primeira ele critica a significação do ser humano como uma categoria de seres vivos segregada das demais e da natureza; e na segunda, aponta uma contradição na expressão social deste conceito, argumentando que a ideia de unidade e coesão representada por ele conflita com a forma como se manifesta socialmente, haja vista que humanidade tem sido marcada pela fragmentação, divisão e sectarismos, com a diversidade humana sendo utilizada de forma classificatória em que se pressupõe a existência de humanos e sub-humanos.

Uma razão que despreza as diversas formas de ser e estar no mundo, negando a humanidade do Outro, nos levou à negação de nossa própria humanidade, à desconexão com o Outro e com a Natureza. Essa lógica favoreceu o individualismo e limitou a noção de alteridade, engendrando uma crise socioambiental sem precedentes, que ameaça a continuidade da existência humana na Terra (KRENAK, 2020). Para o autor, essa crise nos conduziu à pandemia de COVID-19 e expôs o adoecimento da sociedade moderna, abrindo espaço para que possamos colocar em questão o modo de vida hegemônico que a sustenta.

Entendemos com Krenak (2020) que a superação desta crise sanitária e o retorno à normalidade – que representa a normalização de um estado permanente de crise (SANTOS, 2020) – deve ser acompanhada de uma ressignificação do projeto societário e da forma como compreendemos e nos relacionamos com a Vida, para que possamos iniciar um movimento de empatia e compaixão que possa ensejar a construção de uma racionalidade que contemple o sentir e o cuidado; e que não podemos retornar a uma pretensa normalidade que construiu as bases da pandemia de COVID-19 e que vem engendrando uma crise humana, social e ambiental. Voltar à vida que tínhamos antes da pandemia é negar a natureza pedagógica da crise, nos levando a reconhecer que a sociedade não foi capaz de aprender com o confinamento (políticas de isolamento social) e com a perda de milhares de vidas. É seguir na mesma tendência que conduz à

extinção da nossa própria espécie pois, como afirma Acosta (2016), dentro do paradigma capitalista não há solução conciliatória com a manutenção da vida.

Munduruku (2019) traz questionamentos e reflexões sobre estas problemáticas e aponta caminhos e estratégias para que possamos seguir esperançando e construindo a mudança que queremos e acreditamos:

O mundo anda estranho. Quase sempre nos leva a querer desistir, desanimar, deixar os sonhos para trás, negar a humanidade das pessoas, achar que tudo vai continuar do mesmo jeito, façamos algo ou não para mudar a situação. [...] Enfim, para não desistir, é preciso, às vezes, insistir, lembrar a origem do caminho, rememorar ensinamentos antigos, alimentar ideias, buscar fôlego novo no interior do interior. É preciso, sempre, buscar e trilhar novos desafios e reler – ainda que sejam em palavras de fogo – os dizeres que moram nas entranhas da terra, debaixo das folhas secas, entre cadáveres e carcaças do mundo (MUNDURUKU, 2019, p. 13).

Esta ideia de Munduruku (2019) faz alusão à visão fatalista do mundo, refutada por Freire (2021b), por meio da qual se entende que as coisas são como são pois não podem ser de outra forma. Esta compreensão do mundo retira do ser humano seu poder de agência, induzindo uma postura adaptativa diante das dificuldades existenciais e das situações-limite enfrentadas no mundo (FREIRE, 2021b).

A situação-limite representa uma condição do viver, da realidade, que obstaculiza o alcance daquilo que se pretende, da realidade almejada; condição que separa o ser do ser mais, que gera necessidades e aponta tarefas a serem superadas individual e coletivamente (FREIRE, 2021a).

Freire (2021b) argumenta que uma postura adaptativa, de acomodação, frente às situações-limite é fruto de um processo de dominação e opressão que se pauta na mitificação da realidade, na desvalia e descrença do oprimido/a, na ideia de absolutização da ignorância e de que a mesma reside somente no/a oprimido/a; se pauta também na interdição da admiração e pronúncia do mundo, tendo como horizonte a manutenção dos privilégios das classes dominantes, e na pacificação e domesticação do povo oprimido. Estes homens e mulheres, impedidos de serem mais, acabam, por vezes, introjetando a ideologia e os comunicados das elites dominantes: a ideia da autodesvalia, a visão de espectadores do mundo, a acomodação e paralisia diante das situações-limite. O autor observa que nesta dualidade, a luta pela libertação acaba por vezes sendo vista como horizonte inalcançável. A ruptura deste mecanismo de ação, com vistas à libertação e humanização do ser humano, se coloca como possibilidade no curso da história a partir



de uma práxis dialógica tendo em vista que o diálogo é o elemento que viabiliza a transformação social (FREIRE 2021b).

É por meio do diálogo que homens e mulheres se encontram para poderem pronunciar a sua palavra, a admiração que fazem do mundo, abrindo a possibilidade para que coletivamente eles possam compartilhar suas visões de mundo, (re)admirá-las e ampliá-las (FREIRE, 2021b). Com isso, têm-se as condições necessárias para o exercício de criticidade, de tomada de consciência sobre a sua condição de opressão e de sujeito no mundo; um sujeito capaz de construir utopias, formas de luta, resistência e de recriar o mundo (FREIRE, 2021b).

Nesta compreensão o diálogo cria as condições para que os sujeitos oprimidos possam emergir da realidade em que estão e perceberem que estão proibidos de ser, de dizer a sua palavra, conduzindo-os ao questionamento e à desmistificação da realidade, que consiste em um lugar de encontro entre os seres humanos, de humanização e transformação (FREIRE, 2021b).

Ao tematizar a libertação, Dussel (2016) nos convida a desconstruir a perspectiva monolítica de cultura herdada pela lógica capitalista em nome de uma perspectiva multifocal e plural, criando as condições para a retomada dos elementos culturais negados e aliados da cultura hegemônica, para que então, em um contexto de interculturalidade possamos inaugurar uma nova era, a Transmodernidade.

A Transmodernidade representa a superação do pensamento moderno, no qual as culturas negadas e oprimidas pela Modernidade, ao se afirmarem e se recriarem em contato com a própria Modernidade, teriam condições de sair da exterioridade e se posicionarem junto às culturas hegemônicas em um contexto de diálogo, coexistência e interculturalidade (DUSSEL, 2016). Esta nova racionalidade, segundo o autor, possibilita a emergência de um novo pensamento, que por ser diverso e dialógico, pode ser capaz de lidar com os desafios e contradições da nossa sociedade. A construção de nova visão alternativa de mundo considerando as relações humanas e a relação sociedade-natureza, passando pelo respeito à diferença e à diversidade cultural e epistêmica do mundo, fazem parte da utopia e do sonho de um mundo mais justo e igualitário, elementos, que segundo Freire (2021b) são fundamentais na luta pela libertação e humanização de homens e mulheres.

Este levante e reinvenção das culturas a partir da exterioridade nos remete às Epistemologias do Sul (SANTOS; MENESES, 2009) e à ideia de que elas precisam

dialogar entre si, para se fortalecerem mutuamente e, juntas, trabalhem a favor de um pensamento pós-abissal ou ecológico (SANTOS, 2009a), mais sistêmico e cooperativo.

A ecologia de saberes, baseada na pluralidade de visões de mundo e na ideia de incompletude, valoriza a alteridade e o diálogo entre culturas para a construção de compreensões híbridas e diversas do mundo, por entender que a ruptura do pensamento abissal requer uma racionalidade nova, e portanto, requer uma reflexão/ação que parta da perspectiva do lado periférico e marginalizado da linha abissal (SANTOS, 2009a).

Entendemos que a filosofia do Bem viver, apoiada na cosmovisão indígena, também contribui para a construção de uma ética e para a superação do pensamento abissal na medida em que pressupõe a construção de sociedades mais justas, solidárias e sustentáveis partindo de um ideário libertador que valoriza a democracia, a diversidade, os direitos humanos e os direitos da Natureza, reconhecendo os conhecimentos dos diversos povos e comunidades existentes ao redor do mundo que se afirmam “[...] no equilíbrio, na harmonia e na convivência entre os seres” (TURINO, 2016, p.15);

O Bem viver representa:

[...] uma filosofia em construção, e universal, que parte da cosmologia e do modo de vida ameríndio, mas que está presente nas mais diversas culturas. Está entre nós, no Brasil, com o *teko porã* dos guaranis. Também está na ética e na filosofia africana do *ubuntu* – “eu sou porque nós somos”. Está no ecossocialismo, em sua busca por ressignificar o socialismo centralista e produtivista do século 20. Está no fazer solidário do povo, nos mutirões em vilas, favelas ou comunidades rurais e na *minga* ou *mika* andina. Está presente na roda de samba, na roda de capoeira, no jongo, nas cirandas e no candomblé. Está na *Carta Encíclica Laudato Si’ do Santo Padre Francisco sobre o Cuidado da Casa Comum* (TURINO, 2016, p.14).

Por meio do Bem viver acreditamos que a construção de um projeto societário mais justo se baseia na harmonia e no equilíbrio considerando as relações do indivíduo com ele mesmo, dele com a sociedade e da sociedade com o planeta, incluindo os demais seres vivos (TURINO, 2016).

Entendemos com Munduruku (2019) que a vida, por ser formada por relações de conexão, cooperação e interdependência, se conforma como uma espécie de teia, a teia da vida, cujo equilíbrio depende de cada fio e, obviamente, de quem o segura, denotando a responsabilidade de cada um de nós na manutenção deste equilíbrio. O autor argumenta que esta união é “[...] fundamental para que possamos vencer as agruras que a vida nos traz. Juntos podemos mais que separados, que divididos, que partidos” (p.26), e destaca

a heterogeneidade desta união argumentando que embora se componha de elementos distintos, eles devem ser iguais em termos de direitos e responsabilidades.

Munduruku (2019) afirma que o ser humano se desconectou dessa teia ao se ver como senhor da natureza, como um ente superior a todos os outros seres. Ele argumenta que a reconexão com a Vida carece de um desentortar de pensamento, de um religar que requer a formação de uma nova mentalidade e atitude para a construção de uma outra compreensão da sua relação de pertencimento com o mundo para que possa seguir o fluxo contínuo da natureza, sendo parte dela, “Pertencendo a ela, como o peixe pertence ao rio, como a folha pertence à árvore, como o Sol pertence ao céu. Simples assim.” (MUNDURUKU, 2019, p.37).

A Permacultura, que se coloca como um referencial ético e de ação para a ecovila Tibá, também preconiza a transformação social. Por meio de princípios éticos, de planejamento e uso do espaço e partindo de uma visão sistêmica, ela procura estabelecer critérios para que o ser humano possa satisfazer as suas necessidades, considerando as gerações atuais e futuras e os limites ecológicos, visando a continuidade da existência humana no planeta (HOLMGREN, 2013).

Esta ferramenta, ciência ou filosofia, como alguns preferem chamar, nasceu do estudo de culturas humanas que conseguiam permanecer longos períodos em um determinado lugar sem destruir o ambiente; da percepção que uma interação harmônica entre os seres humanos e a natureza estaria sustentada em uma visão filosófica que respeita a Vida, valoriza as interações e a cooperação (ORTEGA, 2013). O autor afirma que a junção da observação do ambiente natural e do estudo de comunidades que viviam integradas à natureza, e das técnicas agrícolas utilizadas por elas, com conhecimentos e estudos no campo da Ecologia possibilitou novas formas de ver e interpretar a realidade que conformaram a Permacultura.







Bill Mollison descreveu a permacultura como uma ciência de design integrado. Essa rápida definição insere firmemente a permacultura na cultura da ciência. A permacultura é uma ciência aplicada no sentido de que é essencialmente voltada para a melhoria do bem-estar material das pessoas a longo prazo. Ao aproximar estratégias e técnicas de culturas modernas e tradicionais, ela busca uma integração holística de valores utilitários (HOLMGREN, 2013, p. 53).







A Permacultura questiona o paradigma do crescimento econômico com seu modelo de exploração da Natureza e nos apresenta um modo alternativo de ocupação do espaço e organização das atividades humanas (HOLMGREN, 2013). Segundo o autor,

este modelo considera o compromisso de recuperação e proteção do meio ambiente e a criação de relações sociais saudáveis e colaborativas para a construção coletiva de uma vida digna e de qualidade; ele se baseia em princípios éticos e princípios de *design* e na adoção de domínios-chave de atuação humana que requerem transformação tendo em vista o desenvolvimento de uma cultura sustentável; trata-se de princípios universais cuja aplicação irá variar em função do local, da situação e das pessoas envolvidas.

Os princípios éticos da Permacultura se pautam em três máximas: cuidado com as pessoas; cuidado com a Terra; limite do consumo e redistribuição dos excedentes. E os princípios de *design* se voltam à leitura e ao planejamento de uso do espaço dentro de uma perspectiva sistêmica. Além das contribuições advindas das populações tradicionais, eles têm uma forte influência da ciência moderna considerando a Ecologia de Sistemas e as contribuições da Geografia de Paisagens e da Etnobiologia (HOLMGREN, 2013). Os princípios de *design* constam no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1. Princípios de *design* da Permacultura.

①		<p><b>Observe e interaja</b> A beleza está nos olhos de quem vê</p>
②		<p><b>Capte e armazene energia</b> Produza feno enquanto faz sol</p>
③		<p><b>Obtenha rendimento</b> Saco vazio não para em pé</p>
④		<p><b>Pratique a autorregulação e aceite feedbacks</b> Os pecados dos pais recaem sobre os filhos até a sétima geração</p>
⑤		<p><b>Use e valorize recursos e os serviços renováveis</b> Deixe a natureza seguir seu curso</p>
⑥		<p><b>Evite o desperdício</b> Melhor prevenir que remediar Quem poupa sempre tem</p>

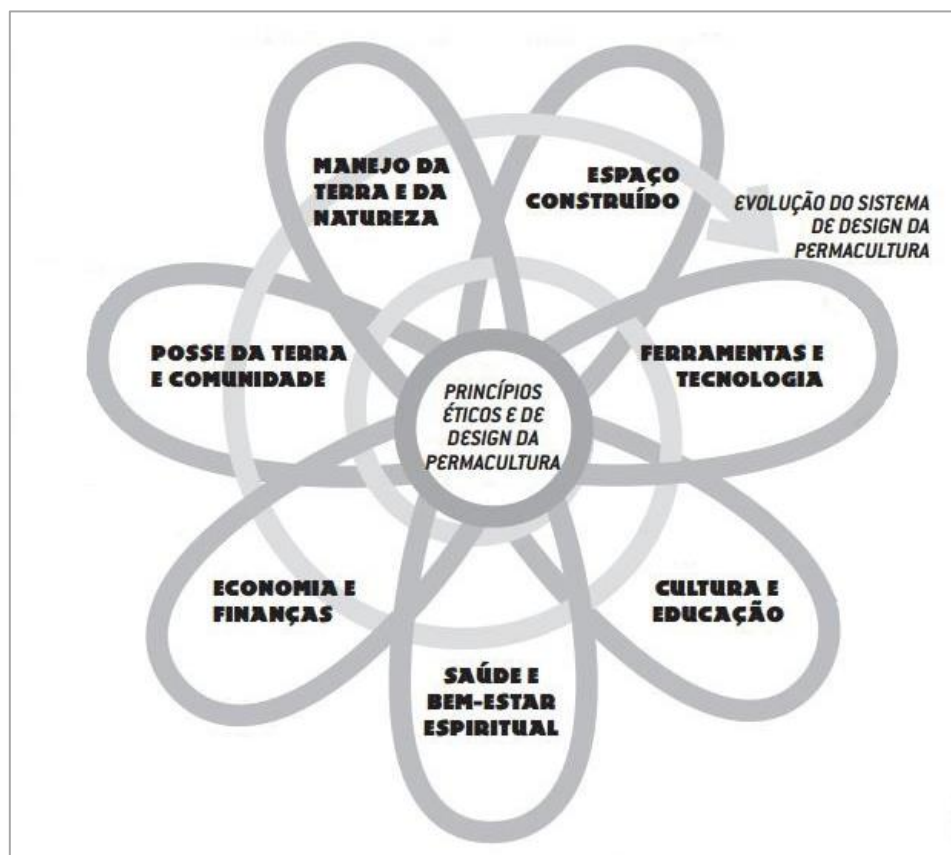
⑦		<b>Projete dos padrões aos detalhes</b> Não tome o todo pelas partes
⑧		<b>Integre ao invés de segregar</b> A união faz a força
⑨		<b>Use soluções pequenas e lentas</b> Quanto maior o tamanho, mais dura a queda Devagar e sempre se vai ao longe
⑩		<b>Use e valorize a diversidade</b> Não ponha todos os seus ovos em uma única cesta
⑪		<b>Use os limites e valorize o marginal</b> Não pense que você está no caminho certo só porque Todo mundo segue por ele
⑫		<b>Use e responda à mudança com criatividade</b> Ter visão não é ver as coisas como elas são hoje, mas como elas serão

Fonte: Holmgren (2013, p. 16-17).

Cada princípio de *design* é representado por uma afirmação de ação propositiva, por um símbolo que dá forma a algum aspecto essencial da Permacultura e por um ou dois provérbios tradicionais que enfatizam a faceta negativa ou que exigem atenção relacionados ao princípio (HOLMGREN, 2013).

A Permacultura também estabelece sete domínios-chave de atuação humana para a construção de uma cultura sustentável que são representados pela Flor da Permacultura, conforme ilustrado na Figura 1. Cada pétala da flor representa um domínio que requer ação humana, são eles: posse da terra e governança comunitária; manejo da terra e da natureza; ambiente construído; ferramentas e tecnologia; cultura e educação; saúde e bem-estar espiritual; e economia e finanças. O caminho em espiral que atravessa todas as pétalas parte da ética da permacultura. Ele representa uma trajetória de entrelaçamento das pétalas que conduz à construção de uma cultura permanente (sustentável), cuja ação se inicia em escala pessoal, local, evoluindo para uma escala coletiva, global, percorrendo caminhos incertos e variáveis (HOLMGREN, 2013).

Figura 1. A Flor da Permacultura e os domínios-chave de atuação humana (pétalas).



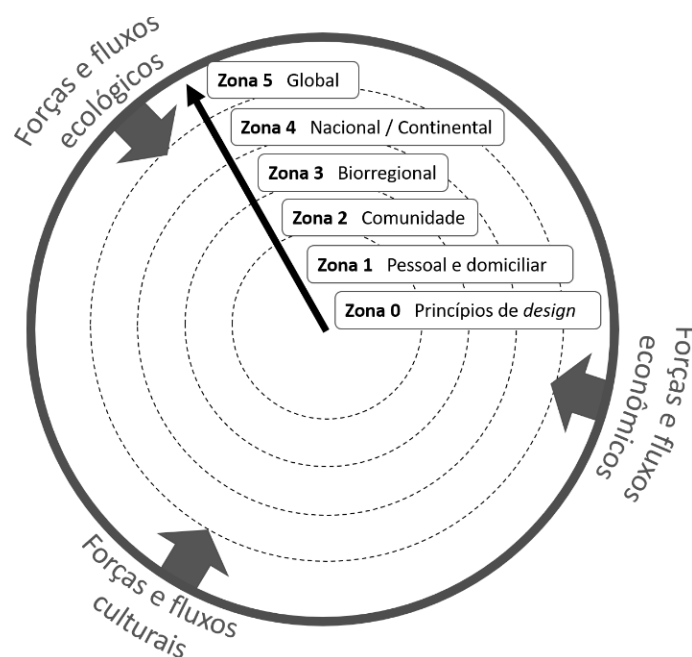
Fonte: Adaptado de Holmgren (2013, p. 34).

Originalmente, os esforços da Permacultura foram centrados no domínio de ação que trata do manejo da terra e da natureza; um domínio que se colocava como gerador de princípios e ao mesmo como campo de aplicação. Com a evolução do conceito e prática da Permacultura os princípios passaram a ser aplicados em outros domínios considerando a paisagem de forma mais ampla, em que se inclui o espaço construído, bem como as relações humanas, se voltando tanto à paisagem externa como à paisagem interna dos indivíduos (HOLMGREN, 2013). A explicação de Holmgren (2013) para o conceito de permacultura sublinha essa evolução conceitual:

Uma definição mais atual da permacultura, que reflete a expansão do foco implícito em *Permaculture One*, é “paisagens conscientemente planejadas que imitam os padrões e as relações encontrados na natureza, enquanto produzem uma abundância de alimento, fibra e energia para prover necessidades locais”. As pessoas, suas construções e os modos como elas se organizam são centrais para a permacultura. Assim a concepção de permacultura como agricultura permanente (sustentável) evoluiu para uma de cultura permanente (sustentável) (HOLMGREN, 2013, p. 33).

A lógica de planejamento da Permacultura estimula o protagonismo individual e a ação coletiva para a construção de uma cultura humana saudável e sustentável. Ela entende que o nosso poder de influência e intervenção parte da esfera pessoal para então se estender à comunidade e a escalas mais amplas, como a nacional e a global. Holmgren (2013) representa esta ideia, que articula a transformação social à transformação pessoal, por meio de um diagrama:

Figura 2. Análise de zonas e setores da Permacultura.

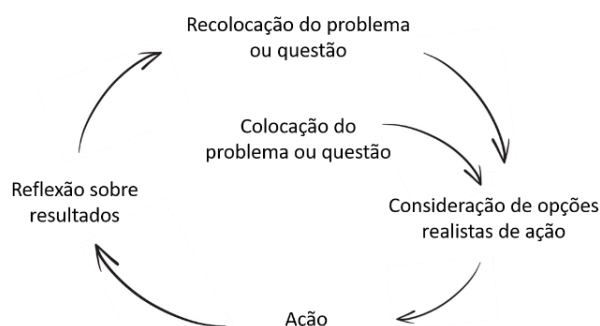


Fonte: Adaptado de Holmgren (2013, p. 44).

Nessa representação, os círculos mais próximos do sujeito configuram os campos de atuação humana onde temos maior influência e poder de agência. Essa lógica é muito presente no *design* da Permacultura, sendo aplicável tanto ao planejamento da paisagem externa, dos espaços físicos, quanto da paisagem interna, considerando as relações a serem estabelecidas com a coletividade, com o outro e consigo próprio.

Este planejamento se baseia em um protagonismo, em uma ação, que parte de uma atenta observação, de uma leitura da paisagem, e que se modifica com o decorrer da experiência (HOLMGREN, 2013). Segundo o autor, esse mecanismo faz com esse planejamento se dê de modo processual, compondo um ciclo de ação-aprendizagem que se baseia e se aprimora com a prática:

Figura 3. Ciclo de ação-aprendizagem do pensamento de *design*



Fonte: Holmgren (2013, p. 72).

Essa perspectiva de ação é bastante relevante para a compreensão do modo de viver em uma ecovila, pois ele está em permanente construção. Ele não segue receitas ou prescrições e se ajusta/avança de acordo com os aprendizados que são construídos a partir da experiência (CAPELLO, 2013).

O questionamento que a Permacultura faz ao paradigma atual do desenvolvimento também está presente nas discussões de Brandão (2005b) sobre a construção de uma vida com qualidade. O autor problematiza o que comumente chamamos de qualidade de vida. Ele argumenta que este conceito deriva de uma visão capitalista da vida e que nesta perspectiva, a qualidade de vida assume uma conotação de posse, privilégio, de uma conquista que é individual, fruto de atos de competência e de um processo de competição entre sujeitos. Diante disso, o autor nos propõe um novo conceito: uma vida de qualidade, baseada em critérios e valores que se contrapõem àqueles que sustentam a ideia de qualidade de vida; que se orientam pela cooperação, pelo senso de responsabilidade para consigo, com o outro e com o planeta.

Nessa concepção, a vida com qualidade é fruto de uma práxis coletiva, solidária e inclusiva que é entendida como projeto social e direito coletivo a ser construído por todo/as e para todos/as; é uma experiência de alteridade e de amorosidade em que o outro, ao mesmo tempo em que é reconhecido em sua diferença, é também visto como um igual, como companheiro de jornada e de destino (BRANDÃO, 2005b).

Essa experiência de alteridade e partilha amorosa na construção da vida também é tematizada por Brandão (2005c) considerando as relações estabelecidas com os demais seres da Vida, ou seja, com a vida em sua totalidade para além das relações humanas. Ao discutir a paz pensada como vida, o autor argumenta que o cuidado e a responsabilidade para com a natureza devem ser fruto de mentalidades e sensibilidades que entendem os



demais seres da vida como sujeitos detentores de direitos, que reconhecem o seu valor intrínseco para além de qualquer conotação utilitária; que superam a lógica de dominação e exploração nas relações e, a partir de uma perspectiva cooperativa e holística, buscam o estabelecimento de interações dialógicas e intersubjetivas com a natureza em sua totalidade (BRANDÃO, 2005c). Entendemos que esse mecanismo discutido pelo autor é central para a transformação social que tanto almejamos.

Essa perspectiva também está muito presente nas críticas de Boff (2013) sobre o modo como habitamos e nos relacionamos com o planeta e na defesa que ele faz de um processo de transformação social e mudança de paradigma. Ao tematizar a necessidade de reorganizarmos as relações sociais, visando a construção de uma sociedade mais saudável e sustentável, Boff argumenta que o paradigma de um novo arranjo social deve ser obrigatoriamente calcado na ideia de cuidado para que possamos implementar um modo de habitar a Terra que esteja a serviço da Vida, da possibilidade de sermos mais humanos e fraternos. Para o autor, “[...] fora do cuidado não há salvação para ninguém” (p. 261).

Uma sociedade orientada pelo e para o cuidado requer uma educação/formação comprometida e centrada neste mesmo princípio (BOFF, 2013). Deste pensamento deriva a Pedagogia do Cuidado, que defende uma educação do saber cuidar, pautada no pensamento crítico, na inventividade, na amorosidade, na cooperação, na solidariedade, no senso de interdependência, responsabilidade e pertencimento a um Todo maior que traz sustentação à Vida.

Nesta perspectiva que vislumbra o novo, o cuidado se configura como utopia; uma utopia necessária ao nosso futuro comum e que por isso carrega em si o sentido de urgência e de responsabilidade compartilhada (BOFF, 2013).

Entendemos que nesse paradigma, centrado no cuidado, as relações humanas precisam necessariamente ser pautadas pelo respeito à diversidade e pela alteridade, em que o outro é reconhecido e respeitado em sua legitimidade e singularidade, para que o ser-com-os-outros possa ocorrer em um contexto de copresença e coparticipação, de busca por complementaridade (LOOS *et al.*, 2010).

A alteridade, definida literalmente como qualidade de ser, logo saber o outro, implica uma relação entre o eu e o outro pela proximidade, cujo sentido primordial e último é a responsabilidade do eu pelo outro. Representa, assim, o ápice da relação eu-outro, em que ambas as partes assumem um compromisso com o outro, e somente nesse pacto de responsabilidade é que acontece a relação propriamente dita, pois cada

um considera legitimamente a presença do outro. Nesse caso, a relação não é nem eu e nem o outro, mas algo resultante de ambas as copresenças (LOOS *et al.*, 2010, p. 151)

Loos e colaboradores (2010), ao discutirem o sentido do outro na vida humana, problematizam o conceito de alteridade. Eles afirmam que as relações baseadas em alteridade vão além do reconhecimento do outro em sua legitimidade; elas acolhem e respeitam o outro em suas diferenças, possibilitando a criação de um sentimento de empatia, afetividade e confiança que abre caminho para a construção de uma sociedade com inclusão e justiça.

Estes autores argumentam que embora as interações humanas se manifestem por meio da linguagem, com um forte componente racional, elas são edificadas por afetividade; que é por meio da conjugação entre estas duas instâncias da comunicação, a racional e a sensível, que a construção de relações de afeto e de confiança mútua se faz possível, a depender da representação do outro e da busca que enseja o diálogo. Eles afirmam que

[...] pela percepção de compartilhamento e de cumplicidade presente nas relações verdadeiramente alteras, ou seja, daquelas caracterizadas pela confiança, é possibilitada a contínua reconstrução da identidade dos indivíduos que interagem – é possibilitado o reconhecimento do que pertence ao eu, ao que pode vir a pertencer, e do que não pertence (LOOS *et al.*, 2010, p.152-153).

Compreendemos com Loos e colaboradores (2010) que as interações contribuem para a formação humana, e que nem toda relação é erguida com base na alteridade, com senso de complementaridade e o sentimento de confiança mútua; e que ainda que isso ocorra, a relação dialógica poderá se dar em um contexto de tensão e conflito de ideias oriundo da diversidade – algo natural na vida em sociedade e nas relações de convívio cotidiano. Na argumentação feita pelos autores, chama a atenção a afirmação de que “[...] é dessa tensão que decorrem os processos de mudança cognitivo-afetivos e de transformação da identidade” (LOOS *et al.*, 2010, p. 153), pois desvela que a diversidade, em uma relação de alteridade, pode ser geradora de processos educativos.

Loos e colaboradores (2010) sublinham que a alteridade é uma habilidade do ser humano fundamental para a construção de boas convivências e de uma vida em sociedade com qualidade. E enfatizam a existência de uma relação íntima entre alteridade e resiliência, considerando-a do ponto de vista psíquico, diante do propósito de uma vida saudável, com qualidade.

A resiliência, segundo estes autores, é um conceito que surgiu no campo da física e engenharia, que representa a capacidade de um corpo físico de sofrer uma deformação e, em seguida, poder retornar ao seu estado ou forma original. Este conceito já foi transposto para outros campos de conhecimento, a exemplo da psicologia. Neste campo, a resiliência representa a capacidade de enfrentamento e superação de adversidades; um processo adaptativo que responde a fatores individuais e sociais (LOOS *et al.*, 2010).

Assumindo a perspectiva destes autores, entendemos a resiliência como processo; ninguém nasce resiliente ou se torna espontaneamente resiliente. Trata-se de uma construção que é influenciada e operada tanto por fatores individuais como sociais, que contribuem para a construção dessa capacidade e por isso são denominados como fatores de proteção ou suporte de resiliência (LOOS *et al.*, 2010). Ainda segundo esses autores, os fatores individuais seriam os recursos internos do indivíduo que vão sendo acionados e construídos no decorrer da vida, diante das dificuldades; e os recursos externos, aqueles disponíveis no meio familiar e social. Um ambiente em que há vínculos afetivos, relações de confiança, respeito e apoio mútuo é um exemplo de recurso externo de resiliência, que converge com a ideia de cuidado que vem sendo discutida no âmbito das relações sociais.

O estabelecimento de vínculos seguros é possibilitado pela sensibilidade em relação às necessidades do outro; pelo exercício da empatia; pela assunção de responsabilidade pelo outro; pela crença de que é possível lhe oferecer suporte e respostas adequadas; e pela consideração das diferenças entre o eu e o outro como algo positivo e inerente à interação, em que o um, mesmo que se opondo ao outro, constitui ainda assim, em essência, o mesmo dentro de uma relação altera, pois o que mais conta não é a diferença, mas o que identifica e, portanto, une as pessoas (LOOS *et al.*, 2010, p. 157).

Esta problematização feita por Loos e colaboradores (2010) nos ajuda a compreender a alteridade em termos de resiliência, entendendo-a como um processo que ocorre em um contexto de intersubjetividade e co-construção. A alteridade construída por meio da empatia e de afetos além de possibilitar uma visão que valoriza a diferença, permite que as pessoas se identifiquem a partir de uma essência comum e de semelhanças compartilhadas, que abrem caminho para a união e a coesão social. É um elemento imprescindível para a construção de uma convivência social solidária, justa e radicalmente democrática que nos remete a um importante conceito da teoria freiriana: a unidade na diversidade.

A primeira afirmação feita por Freire sobre a unidade na diversidade ocorreu em um seminário nos EUA para defender a unidade das chamadas “minorias” contra setores

antagônicos, que as obstruíam em sua luta pela libertação e pelo ser mais (FREIRE, 2021). Freire se contrapõe ao sectarismo das ditas “minorias” enfatizando o seguinte:

As chamadas minorias, por exemplo, precisam reconhecer que, no fundo, elas são a maioria. O caminho para assumir-se como maioria está em trabalhar as semelhanças entre si e não só as diferenças e assim, criar a unidade na diversidade, fora da qual não vejo como aperfeiçoar-se e até como construir-se uma democracia substantiva, radical (FREIRE, 2021a, p. 212).

Ao buscar a unidade na diversidade, Freire enfatiza que as diferenças existem e precisam ser reconhecidas e legitimadas, mas pondera a importância da assunção de uma postura de tolerância para que estas diferenças possam ser harmonizadas a partir das semelhanças que conectam e aproximam as pessoas em suas lutas e propósitos de vida (FREIRE, 2021a). Ele sublinha que esta união pressupõe um diálogo igualitário e o exercício da tolerância e da flexibilidade para que, dentro de limites éticos, as diferenças possam ser harmonizadas, conciliadas, e as leituras de mundo, ampliadas em prol de uma luta e de um horizonte e um destino comum.

Apresentamos neste capítulo algumas conjecturas para a transformação do sistema-mundo. Elas estão atreladas a valores e práticas que carregam em si a potência para a subversão da racionalidade moderna pois se ancoram no diálogo, na práxis, na diversidade, na ecologia de saberes, na cooperação, no cuidado, na construção de afetos e na alteridade. Estes fatores oportunizam a criação de relações e interações harmônicas considerando a relação do eu com o outro e com a totalidade da natureza. A educação tem um papel central neste processo pois é por meio dela que nos tornamos pessoa, que construímos a nossa subjetividade. E é por isso que acreditamos com Freire (*apud* BOFF, 2013, p. 250) que “[...] a educação não liberta o mundo; a educação liberta pessoas que vão libertar o mundo”.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

Este capítulo apresenta os trabalhos acadêmicos que se relacionam com a presente investigação, nos permitindo compreender a forma como ela dialoga com a produção acadêmica e possíveis contribuições o campo da Educação. A revisão de literatura considerou as seguintes bases de dados: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da CAPES e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). As buscas realizadas utilizaram como palavra-chave o termo “ecovila” e foram limitadas ao período de 2016 a 2020.

Na BDTD foram obtidos um total de 47 trabalhos. Todos eles tiveram os seus resumos lidos e a partir deste processo é que se deu a escolha daqueles que seriam lidos na íntegra. Foram selecionados para aprofundamento os trabalhos que tematizaram as ecovilas pela perspectiva social (considerando o modo de vida e/ou aspectos educacionais) e não tecnológica. Nesta etapa foram selecionados 09 trabalhos, conforme indicado no Quadro 2.

A busca no SciELO localizou cinco artigos científicos. Com base na leitura dos resumos, quatro dos artigos foram selecionados para leitura completa. Foram selecionados para aprofundamento os trabalhos que tematizaram as ecovilas pela perspectiva social, seguindo o mesmo critério adotado com relação aos trabalhos localizados na BDTD. Os trabalhos selecionados para estudo constam no Quadro 3.

Quadro 2. Dissertações e teses encontradas na BDTD selecionados para leitura completa.

Nº	Título	Dissertação ou Tese	Autor(a)	Ano	Programa de Pós-Graduação	Palavras-chave
1	Além da escola: reflexões teórico-metodológicas com base na análise de práticas educativas alternativas descobertas em áreas rurais da região de São Carlos, SP	Tese	Marinaldo Fernando de Souza	2016	Educação Escolar (Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Araraquara)	Escola e Ruralidades. Teorias da complexidade. Educação do campo. Cultura. Meio Ambiente.
2	Pequenas ações podem mudar o mundo: transformações e ecovilas	Tese	Magali López Cabrera	2017	Antropologia Social (Universidade Federal de Santa Catarina)	Espiritualidade. Sustentabilidade. Ecovilas. Comunidades Alternativas. Antropologia do Percurso.
3	Aprendizagem e espiritualidade em Ecovilas: quando o Universo todo ensina.	Tese	Luciele Nardi Comunello	2017	Educação (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)	Aprendizagem. Espiritualidade New Age. Ecovilas. Educação. Antropologia.
4	O lugar das práticas comunitárias emergentes: caminhos de coexistência socioecológica em projetos urbanos	Tese	Heliana Faria Mettig Rocha	2017	Arquitetura e Urbanismo (Universidade Federal da Bahia)	Criação de lugar. Transformação socioespacial. Coexistência socioecológica. Arquitetura-Urbanismo

5	Ecovila e permacultura: uma nova forma de viver	Dissertação	Camilla Barroso Salles	2017	Desenvolvimento e Meio Ambiente (Universidade Federal do Ceará)	Sustentabilidade. Ecovila. Permacultura.
6	Ecovila como alternativa no mundo contemporâneo	Dissertação	Ana Luiza Rodrigues de Britto	2018	Arquitetura (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)	Ecovila. Comunidade. Habitar. Sustentabilidade. alternativas.
7	O Fenômeno de Ecovilas no Brasil Contemporâneo	Dissertação	Beatriz Martins Arruda	2018	Urbanismo (Pontifícia Universidade Católica de Campinas)	Sustentabilidade. Hábitat humano. Comunidade intencional. Comunidade sustentável. Comunidade ecológica. Ecovila. Mapeamento. Estado da arte.
8	A comunidade dos clássicos e a nova comunidade: um estudo da organização de Ecovilas	Dissertação	Matheus Oliveira Machado	2018	Administração (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)	Ecovilas. Organização. Comunidade. Hermenêutica Contemporânea.
9	Desenvolvimento e difusão de práticas sociais sustentáveis no nicho das ecovilas no Brasil: o papel das relações sociais e dos elementos das práticas	Tese	Rebeca Roysen	2018	Desenvolvimento Sustentável (Universidade de Brasília)	Inovação de base. Nichos de inovação. Práticas sociais. Análise de redes sociais. Ecovilas. Transições para a sustentabilidade. Difusão de inovações.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 3. Artigos encontrados no *SciELO* Brasil selecionados para leitura completa.

Nº	Título	Autor(es)/ Autora(as)	Ano	Periódico	Palavras-chave
1	Os sentidos e a relevância das ecovilas na construção de alternativas societárias sustentáveis	Maria Accioly Dias, Carlos Frederico B. Loureiro, Leandro Chevitarese, Cecília de M. e Souza	2017	Ambiente & Sociedade	Ecovila. Sustentabilidade. Práticas sustentáveis. Alternativas societárias.
2	Ecovila como alternativa de organização socioambiental sustentável: uma avaliação de Piracanga, Bahia.	Bárbara Nascimento Flores, Salvador Dal Pozzo Trevizan	2018	Sociedade & Natureza	Desenvolvimento sustentável. Comunidades sustentáveis. Ecovila

3	O corpo e adoção de práticas sustentáveis: estudo de caso em uma ecovila	Rebeca Roysen	2018	Psicologia & Sociedade	Comportamento ambiental. Teoria das práticas sociais. Ambientalismo. Sustentabilidade. Psicologia ambiental.
4	Uma abordagem sistêmica da sustentabilidade: a interconexão de suas dimensões nas práticas das ecovilas	Maria Accioly Dias, Carlos Frederico B. Loureiro	2019	Ambiente & Sociedade	Sustentabilidade. Ecovila. Comunidades sustentáveis.

Fonte: Elaboração própria.

A seguir, apresentamos os aspectos centrais dos trabalhos lidos e interfaces com a presente investigação.

A tese “Além da escola: reflexões teórico-metodológicas com base na análise de práticas educativas alternativas descobertas em áreas rurais da região de São Carlos, SP” de Marinaldo Fernando de Souza (2016) é uma pesquisa na área da Educação Escolar. Ela procurou ampliar a compreensão do mundo rural em sua diversidade por meio do estudo de ruralidades singulares e para isso investigou as práticas educativas de três territórios rurais na região de São Carlos (SP): a Escola da Toca, uma escola de educação infantil localizada em uma fazenda produtora de orgânicos em Itirapina (SP); o sítio Pata Seca, um sítio quilombola; e a ecovila Tibá. As duas últimas localidades estão situadas na zona rural de São Carlos. Importante mencionar que esta ecovila é a mesma que está sendo investigada pela presente pesquisa.

A pesquisa de Souza (2016) teve como objetivo o estudo de práticas educativas em ambientes rurais que pudessem servir de inspiração (considerando campo teórico-metodológico da pesquisa em educação) para a renovação e transformação dos modelos educacionais hegemônicos, partindo da articulação entre educação, cultura, ruralidades e meio ambiente. Neste estudo a educação é tematizada juntamente com a cultura, que para o autor são elementos indissociáveis e fortemente relacionados à luta contra a opressão e à humanização das relações humanas.

Souza (2016) desenvolveu sua pesquisa por meio do método etnográfico considerando a utilização de diários de campo, coleta de depoimentos e histórias de vida, registros fotográficos e análise documental. Durante o estudo o pesquisador fez diversas visitas à ecovila e realizou dois momentos etnográficos, em vivências participativas de dez dias, que possibilitaram o seu envolvimento em atividades e afazeres cotidianos da ecovila e convívio com moradores/as.

Na ecovila Tibá, a descrição das práticas educativas se voltou para um contexto não formal e informal, procurando compreender os processos educativos presentes nas relações de convívio cotidianas e atividades extraescolares realizadas pelas crianças no contraturno escolar e conduzidas por uma educadora contratada. As práticas educativas descritas foram discutidas por Souza (2016) considerando a perspectiva teórica da Pedagogia Crítica de Paulo Freire, das Pedagogias Libertárias Anarquistas, da Filosofia das Diferenças dos estudos Pós-estruturalistas, da Teoria da Complexidade e da Nova Ciência, articulando-as com conceitos relacionados à Ecologia, Permacultura e Agroecologia.

A ecovila assim como os demais territórios, foram entendidos por Souza (2016) como espaços de resistência à cultura capitalista. As práticas educacionais nestes territórios se mostraram exitosas e com potencial para inspirar inovações educacionais que possibilitem a transformação da educação hegemônica em uma educação ecológica, diversa, democrática e libertadora, capaz de forjar novas subjetividades individuais e coletivas para uma vida mais plena e saudável.

A tese “Pequenas ações podem mudar o mundo: transformações e ecovilas” de Magali López Cabrera (2017) investigou como se apresentavam e como eram operadas e significadas na práxis noções como ecovila e espiritualidade considerando a localidade e o contexto de inserção das ecovilas. Esta pesquisa de antropologia social realizou a etnografia do Encontro Nacional de Comunidades Alternativas (ENCA) ocorrido em 2014 e cinco locais que preliminarmente foram considerados como ecovilas, além de um evento da agricultura familiar e um evento sobre empreendedorismo social.

Esta investigação foi realizada por meio da observação-participante considerando a inserção, convivência e participação nas atividades cotidianas das comunidades, participação em eventos, a realização de entrevistas pontuais e análise de documentos. A pesquisadora se inseriu em três comunidades no Sul do Brasil (Ecovila São José, Ecovila Colorida e Escola Velatropa) e duas no exterior, uma em Portugal e outra na Espanha.

A pesquisa de Cabrera (2017) investiga as ecovilas pela perspectiva da espiritualidade, do processo de despertar de consciências. Por meio de uma antropologia do percurso, a pesquisadora segue sujeitos e categorias para compreender motivos e situações que condicionaram as experiências vividas. Nesta trajetória ela discute o conceito de ecovilas e a ideia de transformação do mundo considerando as perspectivas da micropolítica, das revoluções moleculares e conexões rizomáticas que atravessam essas experiências e que trazem a ideia das mudanças que advêm da base e que são



operadas e disseminadas em forma de rede; tematiza visões e perspectivas sobre utopia, contracultura, comunidades alternativas, sustentabilidade e espiritualidade, pontuando a dificuldade para generalizar e apresentar conceituações comuns para categorias que se mostram versáteis e polissêmicas nos territórios pesquisados. A práxis das comunidades pesquisadas considerando a esfera da micropolítica é tematizada do ponto de vista da tomada de consciência e do senso de propósito com vistas a transformação individual e social.

Em sua tese, intitulada como “Aprendizagem e espiritualidade em ecovilas: quando o Universo todo ensina”, Luciele Nardi Comunello (2017) investiga os modos de aprender em ecovilas considerando as práticas sociais do cotidiano, cursos e formações sob a perspectiva da aprendizagem social e das comunidades de prática. E busca compreender de que forma os processos de aprendizagem relacionados à ecologia e à espiritualidade podem favorecer a aprendizagem de modos de viver sustentáveis.

A aprendizagem nesta tese é vista como uma dimensão da prática social, como processo a partir do qual nos tornamos o que somos, como um fenômeno inerente à vida (COMUNELLO, 2017).

Trata-se de uma pesquisa etnográfica de caráter multi-situado que procura compreender o fenômeno do aprendizado em ecovilas por meio da inserção em dois contextos: na ecovila Arca Verde (RS, Brasil) e na ecovila Findhorn, localizada ao norte da Escócia (COMUNELLO, 2017). A ecovila Arca Verde é referência na região sul com relação às questões ambientais e à Permacultura; a ecovila Findhorn se destaca pelo tempo de existência e como centro de educação ambiental e formação em sustentabilidade e o *design* e a organização de ecovilas junto à Rede Global de Ecovilas (GEN). Este estudo foi realizado por meio de uma observação participante e complementado com a realização de entrevistas junto aos/às moradores/as das ecovilas mencionadas.

Comunello (2017) se refere às ecovilas como comunidades intencionais que buscam um estilo de vida sustentável, como espaços onde os movimentos ambiental e *new age* frequentemente se encontram oportunizando a reflexão sobre a relação humano-mundo. Essa reflexão discute a necessidade de surgimento e valorização de outras sensibilidades e o surgimento de uma ética capaz de fazer frente à crise ambiental gerada pelo paradigma do desenvolvimento. Sua discussão utiliza aportes teóricos da fenomenologia e discute os processos de aprendizagem identificados considerando a interface entre espiritualidade, ecologia, educação ambiental e antropologia.

A pesquisadora descreve os processos de convivência, formação e aprendizagem identificados em suas inserções e sinaliza similaridades e divergências com relação as experiências vividas. Ela argumenta que as diferenças identificadas têm relação com a pluralidade de sentidos produzidos nos diferentes contextos e que a identificação de similaridades e continuidades entre as experiências possibilita uma formação identitária relacionada ao movimento das ecovilas. As similaridades quanto aos processos de aprendizagem estão relacionadas ao (re)encontro da vida cotidiana com a natureza e com o sagrado possibilitando o desenvolvimento de práticas sociais que consideram o cuidado de si, com o outro e com o ambiente, numa lógica que rompe com a visão antropocêntrica e possibilita o estabelecimento de relações sociais baseadas no diálogo, na multiplicidade e abertura ao outro, que oportunizam a formação de um pensamento ecológico e de um sujeito mais integrado e harmônico.

Os resultados desta pesquisa indicam que os modos de aprender nas ecovilas estudadas estão para além da racionalidade, pois consideram um mundo mais-que-humano e mais-que-racional; são processos atravessados por uma ética ambientalmente orientada que possibilita a reconexão entre o sagrado e a natureza, processos de (re)educação dos sentidos e das emoções (COMUNELLO, 2017).

A tese “O lugar das práticas comunitárias emergentes: caminhos de coexistência sociológica em projetos urbanos” de Heliana Faria Mettig Rocha (2017) investiga os processos de transformação do ambiente urbano considerando o papel das práticas comunitárias situando a pesquisa no âmbito da Arquitetura e Urbanismo, no campo propositivo de ação local. As ecovilas neste estudo constituem exemplos de práticas comunitárias emergentes em lugares de moradia e convívio que são transformadoras do espaço urbano.

Nesta pesquisa, Rocha (2017) buscou apreender criticamente as práticas comunitárias relacionadas em lugares de moradia e convívio considerando os desafios e a necessidade de transformação do espaço e das relações humanas estabelecidas no ambiente urbano sob a perspectiva do urbanismo e do ambientalismo e do encontro destas duas vertentes por meio do que a autora denominou de tendência socioecológica – campo onde as questões urbanísticas e ambientais são convergentes e conciliáveis, oportunizando processos de transformação socioespacial mais efetivos ao articular questões urbanas, sociais e ambientais. A discussão dessa tese se volta, portanto, às práticas não hegemônicas de apropriação, uso e transformação do espaço urbano que apontam para uma convergência e encontro entre o urbanismo e o ambientalismo

considerando a perspectiva ecosófica de Guattari<sup>2</sup> (2012), conforme citado por Rocha (2017).

Na visão de Rocha (2017), o desenho da paisagem urbana pelo arquiteto-urbanista precisa incorporar outras visões sobre a cidade considerando as reivindicações que pautam a ideia de Direito à Cidade (LEFEBVRE<sup>3</sup>, 1991 *apud* ROCHA, 2017) para que ela possa se tornar um ambiente mais acessível e inclusivo para todos, considerando o estabelecimento de relações interpessoais, a criação de lugares de memória e a sensação de pertencimento, significando o rompimento com práticas hegemônicas – práticas instituídas de forma hierárquica e verticalizada e com pouco envolvimento das comunidades afetadas, conduzindo à apropriação desigual do espaço urbano e de bens coletivos e a conflitos geram oposição entre questões sociais e ambientais.

Rocha (2017) critica o fato de os planejadores urbanos frequentemente desvalorizarem a importância do nível local para a implementação de projetos relacionados ao ambiente urbano – compondo ações e políticas verticalizadas e pouco participativas classificadas como *top down*, de cima para baixo – e que isso teria relação com a baixa eficácia de projetos urbanísticos na transformação socioespacial, pois nesta lógica as ações implementadas acabam sendo pouco compatíveis com as necessidades das comunidades e do espaço físico onde são aplicadas. É comum que o setor público se alinhe a interesses de grandes corporações em detrimento do interesse comunitário ou coletivo e é nessa lacuna, e visando o enfrentamento dos problemas sociais e/ou ambientais, que, em nível local, emergem as práticas comunitárias – práticas do tipo *bottom up*, que operam de baixo para cima e que por isso acabam sendo mais compatíveis com a pluralidade e singularidade dos agentes envolvidos e com as potencialidades do local (ROCHA, 2017).

O foco da pesquisa se voltou para a compreensão de práticas comunitárias que promoveram alterações do espaço (transformações materializadas no espaço e que estão para além de movimentos de denúncia e reivindicação) e que por isso são tidas como propositivas; práticas que implicam na criação de lugares e que decorrem de práticas sociais emergentes, isto é, práticas que são ascendentes, de baixo para cima (*bottom up*), que partem dos problemas socioambientais locais e dos anseio e necessidades da

---

<sup>2</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Revisão da tradução Sueli Rolnik. 21ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

<sup>3</sup> LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. [Tradução de Rubens Eduardo Frias]. São Paulo: Editora Moraes Ltda, 1991.

comunidade local e que se materializam em respostas criativas às adversidades vivenciadas (ROCHA, 2017). A autora problematiza o protagonismo local e/ou técnico no urbanismo e os processos participativos no planejamento urbano.

Para realizar a sua investigação Rocha (2017) fez um levantamento de referenciais teóricos do campo urbanístico e do ambientalismo visando a identificação de convergências e sinergias considerando a perspectiva da transformação espacial e do campo propositivo de ação. Na sequência, realizou vivências exploratórias com práticas comunitárias associadas à transformação socioespacial de espaços de moradia e convívio considerando ecobairros, comunidades urbanas em contextos desiguais (comunidades periféricas) e comunidades intencionais incluindo ecovilas. A pesquisadora procurou compreender tais práticas considerando a vertente ecológica e urbanística por meio da observação participante e da aplicação de questionários junto aos/às principais envolvidos/as. Neste processo foram definidos critérios para a escolha das práticas a serem investigadas em maior profundidade, por meio de estudos de caso.

Rocha (2017) realizou 17 vivências exploratórias e constatou que a maior parte dessas práticas comunitárias correspondem a intervenções do tipo *bottom-up* que posteriormente foram assessoradas por intervenções de natureza mais técnica. As práticas cuja transformação socioespacial foi motivada pelo envolvimento e protagonismo de agentes e comunidades locais tiveram maior destaque na tese, bem como aquelas que apresentaram resultados com melhor ambiência quando comparadas a processos conduzidos apenas por intervenções governamentais de planejamento urbano do tipo *top-down*. Neste processo, Rocha (2017) investigou seis ecovilas: Auroville na Índia; Terra Mirim na Bahia, Brasil; Morada da Paz, no Rio Grande do Sul, Brasil; Freetown Christiania na Dinamarca; Lebensgarten Steyerberg na Alemanha; e, Findhorn na Escócia.

Partindo das vivências exploratórias, a pesquisadora escolheu três práticas comunitárias para aprofundamento e desenvolveu três estudos de caso. As práticas escolhidas (tidas como mais relevantes à pesquisa) como estudos de caso convergem por serem emergentes (intervenção do tipo *bottom-up*) e oriundas do campo propositivo da ação local. Elas foram investigadas por meio da realização de entrevistas semi-estruturadas junto aos principais envolvidos. Três práticas comunitárias emergentes foram escolhidas, dentre elas, a ecovila Findhorn, na Escócia.

As práticas comunitárias emergentes foram analisadas considerando quatro grandes categorias: iniciativa, urbanismo, comunidade e natureza e os resultados foram

sistematizados em matrizes (ROCHA, 2017). Ao investigar cada categoria a pesquisadora procurou compreender as relações de poder que permeiam as práticas comunitárias com relação à forma de coordenação – se governadas por uma lógica vertical ou horizontal; à emergência e tipo de protagonismo – se técnico e/ou comunitário, se partindo de uma visão unilateral do urbanista ou das pessoas que vivenciam o lugar; caracterização das relações comunitárias e interação com a natureza, lembrando que o foco está nas práticas comunitárias em locais de convívio e moradia que estão engajadas em processos de transformação do espaço urbano de forma propositiva.

Rocha (2017) conclui que as práticas emergentes estudadas foram capazes de potencializar a força do coletivo para a transformação socioespacial, criando lugares, apropriação social e desenvolvimento local com efeitos e impactos extensivos à cidade. A pesquisa, assumindo uma perspectiva micropolítica (sem perder de vista a perspectiva dialética e o peso da macropolítica e da conjuntura social nas discussões), valorizou as dinâmicas locais e as práticas *bottom-up* no campo da Arquitetura-Urbanismo e da transformação socioespacial.

Com relação às ecovilas estudadas, Rocha (2017) observa que essas comunidades ao criarem locais de convívio e moradia geram impactos no nível do lugar, da comunidade e da cidade e que por meio de uma via propositiva criam lugares educativos e experimentais de outros modos de vida, baseados no resgate de saberes e valores tradicionais e na sua combinação com recursos tecnológicos, o que em diversas situações ocorre por meio da Permacultura. A pesquisadora argumenta que as práticas comunitárias concernentes às ecovilas são exemplos de coexistência socioecológica ao convergirem questões sociais e ambientais; são comunidades emergentes do tipo *bottom up*, cuja iniciativa está para além da denúncia e reivindicação, já que utilizam ações afirmativas e propositivas de ação local para promover a transformação socioespacial.

Na tese de Rocha (2017) as ecovilas são vistas como um tipo de utopia experimental que busca alternativas ao ideário dominante e que por isso é atravessada por dimensões utópicas e não hegemônicas; são experiências que emergem nas fendas sistêmicas do capitalismo e se colocam como modo de vida alternativo ou complementar ao modo dominante. A pesquisadora define as ecovilas como:

[...] exemplos de práticas de autogestão comunitária e sustentabilidade socioambiental, em geral, formadas por grupos de pessoas de origem urbana, escolarizadas e que priorizam relações comunitárias e horizontalizadas entre seus membros, fomentando ações de baixo impacto ambiental.

E observa que estas comunidades, apesar de compartilharem princípios semelhantes, não representam modelos replicáveis, pois se configuram a partir das características e habilidades das pessoas envolvidas e do lugar (ROCHA, 2017). A pesquisadora observa que as ecovilas experienciam a construção de um outro mundo possível e ao fazerem isso exigem de seus moradores e moradoras habilidades de relacionamento intra e interpessoais já que a vida comunitária os expõe às adversidades e complexidades intrínsecas a este modo de vida.

A dissertação “Ecovila e Permacultura: uma nova forma de viver” de Camilla Barroso Salles (2017) tematiza as ecovilas a partir do campo de pesquisa que se volta ao Desenvolvimento e Meio Ambiente, sob a ótica da Permacultura. Embora as outras pesquisas tenham feito essa mesma interface entre o movimento das ecovilas e a Permacultura, essa pesquisa discute essa sinergia de forma mais central e focalizada e o faz por meio de um estudo de caso desenvolvido na ecovila Piracanga, especificamente a Inkiriri Piracanga, localizada no litoral sul da Bahia.

Este estudo se configurou como uma pesquisa participante e foi realizado por meio de entrevistas semi-estruturadas com 13 moradores da ecovila, sendo a maioria integrantes da Comunidade Inkiriri, comunidade núcleo da ecovila, e observações diretas das atividades da Inkiriri Piracanga e formas de relação com o ambiente. As observações foram registradas em diários de campo e as entrevistas se basearam na técnica metodológica *Snowball Sampling* ou Bola de Neve.

A pesquisa de Salles (2017) teve como objetivo central conhecer as atividades praticadas na Inkiriri Piracanga e sua relação com os princípios da Permacultura. Partindo desse objetivo maior, a pesquisa delineou objetivos específicos a serem compreendidos: analisar a comunidade como espaço socioecológico e instrumento de transformação social bem como a identificação de técnicas e princípios de Permacultura praticados pela comunidade.

Salles (2017) analisou a Inkiriri Piracanga e suas práticas considerando as dimensões social, ambiental, econômica e espiritual/cultural, seguindo os aspectos definidos pela *Global Ecovillages Network* (GEN). A pesquisadora indica que a ecovila configura uma nova forma de conviver ao vivenciar rotinas e práticas não convencionais que miram a construção de um padrão sustentável de vida e assim como em outras pesquisas, faz um resgate histórico do movimento de ecovilas configurando-a como um movimento de contracultura espacial. Ao tematizar as ecovilas a pesquisadora também a

configura como uma comunidade intencional, que ao resgatar a vida comunitária se coloca como um lugar de criação de redes relacionais, como um lugar antropológico, nos termos de Marc Augé<sup>4</sup> (1994) *apud* Salles (2017), conceito que também foi recorrente nas demais pesquisas.

Nesta ecovila, a Permacultura se coloca como princípio organizador das práticas comunitárias. Ela orienta diversos aspectos da vida dos moradores e moradoras da comunidade, tanto em domínios relacionados à estrutura física e uso de recursos pela ecovila como nas estruturas invisíveis da comunidade que dão sustentação às relações humanas (SALLES, 2017). Nesta pesquisa a Permacultura é vista como uma poderosa ferramenta para o alcance da sustentabilidade; como “[...] um conjunto de práticas ecológicas, éticas e princípios que possibilitam que o indivíduo se integre, de maneira harmônica e colaborativa, ao meio natural e às pessoas [...]” (p. 53); um conjunto de práticas que advêm do estudo de povos tradicionais, da ciência ecológica e do pensamento sistêmico; de experiências comunitárias pregressas; do resgate de conhecimentos tradicionais e integração com os conhecimentos científicos (SALLES, 2017).

A pesquisa de Salles (2017) chama a atenção para a sinergia e as convergências existentes entre o movimento das ecovilas e a Permacultura: as ecovilas enxergam na Permacultura uma forma de vivenciar, na prática, o modo de viver almejado e os/as permacultores/as por sua vez, veem na ecovila um tipo de assentamento compatível com os princípios e práticas permaculturais. A pesquisadora observa que essa convergência explica o fato de a Permacultura estar presente em muitas ecovilas.

Para Salles (2017), as ecovilas são instrumentos de resistência à cultura capitalista que possibilitam formas de viver e conviver alternativas ao padrão dominante, que embora não sejam perfeitas e tenham suas contradições, apontam na direção de um novo paradigma cujo caminho não está pré-definido. São experiências sociais que vão além da busca por uma vida mais próxima da natureza ou que exerça um baixo impacto sobre ela. São mais do que um *kit* de equipamentos ou de práticas ecológicas. Na visão da pesquisadora, falar de ecovila é falar antes de tudo sobre convivência e de relações humanas.

A dissertação “Ecovila como alternativa ao mundo contemporâneo” de Ana Luiza R. de Britto (2018) investigou as ecovilas no campo da Arquitetura. Ela teve o objetivo

---

<sup>4</sup> AUGÉ, Marc. **Não lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994.

de compreender e caracterizar as ecovilas, explicando suas origens, definição, preceitos, formas de organização e atuação.

Britto (2018) pauta a sua pesquisa na necessidade de transformação social e de desenvolvimento de modos de vida alternativos ao padrão hegemônico e parte da hipótese de que as ecovilas poderiam se configurar como alternativa para tal tendo em vista seu caráter comunitário. A pesquisadora tematiza os modos de vida comunitários fazendo um resgate de outras experiências sociais que também preconizaram este modo de vida. Nesta lógica, as ecovilas representam mais uma forma de experimentação social que visa a construção de uma vida em comunidade para lidar com os desafios do sistema vigente.

A investigação de Britto (2018) sobre as ecovilas considerou a pesquisa teórica sobre as experiências de vida comunitárias mencionadas anteriormente e sobre as ecovilas de *Findhorn* na Escócia, *Damanhur* na Itália e *Auroville* na Índia e os estudos de campo desenvolvidos nas ecovilas de Pindorama (RJ) e Piracanga (BA).

Britto (2018) conclui que as ecovilas são um ambiente favorável para o desenvolvimento pessoal e comunitário que favorecem aprendizados de novas habilidades e estimulam o engajamento social na construção de novas relações interpessoais e vínculos mais harmônicos com o meio ambiente. A pesquisadora, assim como em outras pesquisas, também classifica as ecovilas como comunidades intencionais, destacando os fins comuns e compartilhados nesta experiência social, e as enquadra como parte de um movimento de contracultura que questiona os valores da sociedade pós-industrial baseados no consumo e na ideia de escassez, chamando a atenção para o fato de que as ecovilas, embora possuam princípios orientadores e um universo de definição comuns, são experiências singulares que se desenvolvem de forma plural e heterogênea visto que estão muito sintonizadas com as necessidades e habilidades dos sujeitos envolvidos e com a essência do local onde se desenvolvem.

Em função disso e no intuito de evitar um pensamento homogeneizador, as ecovilas não se colocam como solução universal e absoluta a ser replicada globalmente; elas se colocam como parte de um espectro maior de iniciativas plurais que buscam a superação dos valores da sociedade de consumo (BRITTO, 2018). Esse perfil revela um caráter libertário, criativo e autogestionário das ecovilas que culminam no desenvolvimento de culturas próprias a cada uma delas, em uma abordagem de baixo para cima que por meio de um movimento de ação local visa a melhoria das relações sociais e do ambiente habitado (BRITTO, 2018). A pesquisadora, recorrendo à Capello (2013) destaca as relações de compartilhamento e reciprocidade que marcam a vida nas ecovilas



e observa que as mesmas se colocam como um resgate de costumes tradicionais, aproveitando o que há de virtuoso nestes costumes para inspirar a construção de novos horizontes no futuro.

Em linha com outras pesquisas, Britto (2018) destaca o perfil das ecovilas em se configurarem como centro educacional e de pesquisa voltados ao desenvolvimento e difusão de conhecimentos ligados à vida comunitária e à sustentabilidade, revelando o caráter de não isolamento destas iniciativas e de preocupação com causas maiores, sociais, para além da ecovila e seus moradores e moradoras.

Britto (2018) sistematiza essas observações elencando preceitos fundamentais ao desenvolvimento de ecovilas, a saber: (1) vida em comunidade; (2) equilíbrio com o meio ambiente; (3) Redução da produção de resíduos e consumo; (4) busca pela autossuficiência e menor dependência do sistema vigente; (5) auto-organização; (6) cultura de compartilhamento; (7) desenvolvimento heterogêneo; (8) pesquisa e difusão de ensinamentos; (9) interação com centros urbanos e pertencimento a redes de apoio.

A pesquisadora também elencou os preceitos secundários das ecovilas que correspondem à produção alimentar, atividades de bioconstrução e economia solidária e os denominou com esta categorização, pois ao seu ver não seriam preceitos essenciais ou pré-requisitos à consolidação de uma ecovila.

Finalizando sua pesquisa Britto (2018) discute o conceito de qualidade de vida e argumenta como os habitantes das ecovilas visitadas significam esta ideia considerando os seguintes aspectos: (1) contato com a natureza; (2) alimentação saudável; (3) senso de pertencimento; (4) consciência de consumo e reserva financeira; (5) tempo e ócio; (6) autoconhecimento e consciência do ser; e (7) diminuição do estresse.

A tese “O Fenômeno de Ecovilas no Brasil Contemporâneo” de Beatriz Martins Arruda (2018) se situa no campo do Urbanismo e fez um estudo bastante abrangente sobre as ecovilas por meio de um levantamento bibliográfico. A autora pesquisou as origens históricas do movimento das ecovilas e a emergência deste conceito; fez um Estado da arte, mapeando a produção acadêmica relacionada ao tema; e por fim, fez um levantamento das experiências que se identificam com o conceito de ecovilas no país, localizando e caracterizando essas experiências visando compreender a dispersão e atuação no território brasileiro bem como os significados e razões de ser das ecovilas (ARRUDA, 2018).

Em termos de produção acadêmica e levantamento do estado de conhecimento sobre as ecovilas, Arruda (2018) argumenta que os estudos sobre esta temática são

recentes e que embora eles sejam multidisciplinares, existe um predomínio de pesquisas nas áreas de Arquitetura, Urbanismo e *Design*, o que já nos sinaliza para a importância de estudos na área da Educação.

Ao buscar compreender o surgimento do movimento das ecovilas, a pesquisadora recupera autores/as que as enquadram como movimento antissistema, como manifestações contemporâneas do movimento de contracultura espacial, fazendo referência ao conceito de contracultura cunhado por Roszak<sup>5</sup>, em 1969, para se referir a movimentos de oposição e contestação dos valores hegemônicos e tecnocráticos gerados pela industrialização (ARRUDA, 2018).

Nessa concepção, as ecovilas são entendidas como uma continuidade de movimentos e experiências comunais anteriores, tendo em vista movimentos de contracultura espacial ocorridos no século XIX e nas décadas de 1960/1970, tanto no Brasil como em outros países (ARRUDA, 2018). Segundo a autora, as experiências ocorridas nas décadas de 1960/1970 são aquelas que deram origem às chamadas comunidades alternativas, conhecidas por sua oposição e negação ao sistema hegemônico e experimentação de novos modos de viver considerando a vida comunitária.

Embora Arruda (2018) coloque as ecovilas como continuidade de movimentos comunais pregressos, ela marca a diferença entre as ecovilas e as comunidades alternativas de tempos anteriores chamando a atenção para dois aspectos: o enfoque na sustentabilidade e o modo de interação com o sistema hegemônico, ou seja, com o contexto social para além da ecovila.

Embora as ecovilas também busquem a construção de uma vida comunitária existe um foco explícito na ideia de sustentabilidade (ARRUDA, 2018). A sustentabilidade é tematizada pela pesquisadora considerando suas dimensões ecológica, econômica, social e espiritual. E ao fazer isso, ela recupera autores/as que entendem o conceito de sustentabilidade para além dos ecossistemas, e que, portanto, a tematizam considerando também a perspectiva das relações humanas, da subjetividade e da consciência humana.

A pesquisa de Arruda (2018) constatou a presença de ecovilas em 17 estados brasileiros e no Distrito Federal; que diversos empreendimentos, comunidades e famílias têm as ecovilas como inspiração para tornar casas, sítios e negócios mais sustentáveis; que apesar da maior parte das ecovilas estarem em municípios pequenos elas estão muito presentes em regiões do país que são bem servidas em termos de infraestrutura e prestação

---

<sup>5</sup> ROSZAK, Theodore. **The Making of a Counter Culture: Reflections on the Technocratic Society and its Youthful Opposition.** Nova Iorque: Doubleday, 1969.

de serviços; e por último, que as atividades educacionais e turísticas, de forma geral, são muito presentes nas ecovilas. A pesquisadora destaca que esses dois últimos achados demarcam uma importante diferença entre as ecovilas e as comunidades alternativas de tempos anteriores, pois demonstram a intenção das ecovilas de permanecerem articuladas ao sistema hegemônico.

Arruda (2018), ao tematizar a importância da ação local na transformação social, chama atenção para o modo de ação das ecovilas observando que nesse tipo de experiência social os moradores buscam promover e protagonizar os processos de mudanças que entendem ser necessários à sociedade como um todo a partir de ações individuais e coletivas. Para a autora, a ação do cotidiano pode ser a chave para o processo de transformação global considerando a transição da sociedade para modos de viver mais harmônicos e sustentáveis, pois o contexto local seria mais favorável à manifestação do novo, da novidade, e com isso, mais favorável à reinvenção de práticas sociais, reinvenção do mundo.

A dissertação “A comunidades dos clássicos e a nova comunidade: um estudo de organização de ecovilas”, de Matheus Oliveira Machado (2018), tematizou as ecovilas pela perspectiva da administração e dos estudos organizacionais. Esta pesquisa buscou compreender a concepção de comunidade que está subjacente ao movimento de ecovilas, enquanto fenômeno contemporâneo de contracultura, de modo teórico e empírico. Machado (2018) faz uma discussão teórica sobre o conceito de comunidade considerando referenciais teóricos da sociologia e da filosofia e o conceito de ecovila utilizado pela *Global Ecovillage Network* (GEN). E faz uma inserção em uma ecovila no sul do Brasil, ecovila Arca Verde, para verificar as possibilidades de diálogo entre os conceitos filosóficos e a realidade social pesquisada. Por meio da observação-participante o pesquisador buscou experienciar os modos de organização de uma comunidade intencional, para compreendê-la à luz da discussão teórica feita por ele.

Machado (2018) problematiza o conceito de comunidade adotado pela GEN, que segundo o pesquisador é a instituição que detém a prerrogativa de definir o significado de ecovila e certificar experiências que se entendem desta forma. Ele argumenta que esta concepção denota uma perspectiva conceitual romântica, que no seu modo de ver, conduz à construção de modelos de comunidade que são rígidos e inalcançáveis. Partindo desse entendimento o pesquisador aponta contradições entre esta concepção de comunidade e os valores assumidos pelo movimento de ecovilas.

O pesquisador discute as fragilidades e os limites de atuação das ecovilas frente ao propósito assumido quanto à regeneração de ambientes sociais e naturais e à construção de um modo de viver alternativo. O conceito de comunidade se coloca como eixo central da sua investigação/problematização.

A tese “Desenvolvimento e difusão de práticas sociais sustentáveis no nicho das ecovilas no Brasil: o papel das relações sociais e dos elementos das práticas”, de Rebeca Roysen (2018a), investigou as ecovilas no campo do desenvolvimento sustentável, procurando compreender o papel das ecovilas na difusão de práticas sociais sustentáveis e a influência das redes e relações sociais estabelecidas pelas ecovilas nesse processo. Esse objetivo levou a pesquisadora a investigar o universo das ecovilas para compreender: quem são, o que fazem e como fazem; se as ecovilas seriam fenômenos isolados da sociedade ou parte integrante de redes de relações que poderiam favorecer o desenvolvimento de suas práticas, procurando compreender se as ecovilas constituem ou não um nicho de inovação; e por fim, as práticas sociais inovadoras presentes nas ecovilas, considerando seu desenvolvimento e sustentação ao longo do tempo e a motivação das pessoas envolvidas que permeia esses processos.

Roysen (2018a) realizou uma pesquisa multiníveis na medida em que as investigações acerca das ecovilas ocorreram no nível individual, comunitário e nacional. Em um primeiro momento a pesquisadora realizou um levantamento das ecovilas e por meio de questionários procurou caracterizá-las quanto às práticas sociais sustentáveis desenvolvidas e às relações sociais associadas ao desenvolvimento e difusão de práticas sustentáveis na e pela ecovila.

Dando prosseguimento ao estudo, a pesquisadora realizou uma inserção em uma ecovila (cujo nome não foi revelado na pesquisa) e desenvolveu um estudo de caso para investigar as questões de pesquisa de forma concreta e mais aprofundada, focando sua investigação em campo em duas práticas sociais específicas, o compartilhamento de carros e a gestão da rotina comunitária da ecovila. A coleta de dados nessa etapa ocorreu por meio de diários de campo e realização de entrevistas semiestruturadas com os/as moradores/as da ecovila.

Para compreender e discutir os dados obtidos, Roysen (2018a) recorreu à Teoria das Práticas Sociais (TPS), ao método formal de Análise de Redes Sociais e ao conceito de Nichos de Inovação, tematizando as práticas sociais das ecovilas sob o enfoque da sustentabilidade em suas dimensões social/comunitária, cultural/espiritual e ambiental, que considera a preservação dos sistemas ecológicos, mas também a sustentação de

processos sociais e culturais (ROYSEN, 2018a). Neste contexto, a pesquisadora problematiza os valores hegemônicos da sociedade moderna e aponta para a necessidade de uma transição social discutindo de que modo as práticas sociais cotidianas insustentáveis podem ser modificadas e o papel das ecovilas no rompimento de circuitos de reprodução social e na emergência de inovações que possam ser compatíveis com a ideia de sustentabilidade.

Apoiada na TPS, Roysen (2018a) argumenta que a transformação de práticas sociais insustentáveis não depende somente da educação e da mudança comportamental dos indivíduos. A pesquisadora critica os estudos que discutem a sustentabilidade sob uma ótica individualista e argumenta que uma consciência ambiental não se traduz necessariamente em mudança de comportamento, já que as práticas cotidianas não decorrem somente de uma escolha individual e racional dos indivíduos, pois também estão associadas a aspectos materiais/estruturais, aos significados atribuídos à essas práticas, à normas sociais, competências e hábitos adquiridos. A transformação de práticas sociais requer a transformação dos diversos elementos que as compõem: materiais, simbólicos e competências do indivíduo (ROYSEN, 2018a).

A pesquisa de Roysen (2018a) levantou 72 ecovilas e fez a caracterização de 27, considerando o enfoque nas práticas sociais sustentáveis e rede de relações sociais. A característica das relações sociais das ecovilas demonstrou que elas não se constituem de forma isolada; elas estão conectadas entre si, constituindo um nicho de inovação de base, ou seja, um espaço protegido para a experimentação e emergência de novas tecnologias e práticas sociais que se desenvolvem localmente, de baixo para cima, e que são orientadas para o desenvolvimento sustentável (ROYSEN, 2018a). A pesquisa conclui que as ecovilas formam um nicho de inovação de base em nível nacional que oportuniza aprendizagens e troca de conhecimentos. Esta troca é fundamental para o fortalecimento desse nicho, pois reduz a incerteza e a complexidade inerentes às inovações, facilitando a convergência de visões e expectativas dentro do movimento de ecovilas.

O mapeamento de redes sociais realizado nesta pesquisa também demonstrou que as relações sociais estabelecidas pelas ecovilas estão para além deste nicho, na medida em que elas se articulam com atores sociais externos ao movimento de ecovilas considerando a pauta da sustentabilidade e a resolução de conflitos socioambientais locais ou regionais (ROYSEN, 2018a). A realização de atividades educativas, de pesquisa e inovação que ocorrem na maioria das ecovilas, de acordo com o levantamento realizado pela pesquisadora, também é reveladora dessa condição de não isolamento do movimento

das ecovilas, além de denotar o interesse das mesmas com a difusão e promoção de práticas sustentáveis.

Este levantamento também mapeou as práticas sociais desenvolvidas nas ecovilas considerando a dimensão ecológica, comunitária e cultural e revelou que as práticas consideradas como sendo mais relevantes pela maioria dos/as habitantes das ecovilas foram as práticas de convívio e integração social, na medida em que elas incentivam o amadurecimento e a sustentabilidade emocional do grupo, condição necessária para o desenvolvimento das demais práticas (ROYSEN, 2018a).

A pesquisa de Roysen (2018a) demonstra que as ecovilas oportunizam a criação de novos materiais, infraestruturas, significados simbólicos e competências que favorecem a criação de práticas sociais inovadoras e compatíveis com a sustentabilidade. Amparada na Teoria de Práticas Sociais a pesquisadora observa que a emergência de novos hábitos é facilitada quando se tem um espaço que, em certa medida, protege esses hábitos da competição com práticas sociais divergentes que já estão bem articuladas e estabelecidas no sistema. E que à medida que estas novas práticas vão emergindo e se articulando, elas vão se retroalimentando e tornando o ambiente mais favorável a outras inovações. No decorrer desse processo há todo um universo simbólico que também vai se modificando, criando valores, hábitos, competências e condições materiais que propiciam a aquisição e manutenção de novos hábitos e comportamentos (ROYSEN, 2018a).

Roysen (2018a) destaca a importância das ecovilas para o desenvolvimento sustentável, observando que as relações cooperativas e de convívio presentes nesta experiência social consistem em competências necessárias à sociedade, observando o papel das mudanças plurais, experimentais e locais na construção de uma sociedade sustentável considerando suas dimensões ecológica, cultural e social.

O ensaio “Os sentidos e a relevância das ecovilas na construção de alternativas societárias sustentáveis” de Maria Accioly Dias e colaboradores (2017) discute os sentidos associados às ecovilas e a sua relevância para os debates acerca da sustentabilidade tendo como base trabalhos científicos que trazem dados empíricos sobre o tema e que consideram a perspectiva social das ecovilas. Ele discute o conceito de ecovilas, a forma como elas dialogam com a sociedade e os seus desafios e limitações frente à sustentabilidade.

Dias e colaboradores (2017) discutem a ideia de sustentabilidade e criticam as perspectivas que a colocam como sinônimo de desenvolvimento sustentável. Eles/as

atribuem à sustentabilidade o sentido de continuidade temporal, o que guarda relação com a ideia de responsabilidade (considerando a proteção da vida no presente e no momento futuro) e a qualidade desta permanência em termos de justiça social. As ecovilas levam essa discussão para o campo da prática, da busca concreta de alternativas para a construção de alternativas societárias sustentáveis.

Este ensaio faz um apanhado sobre as origens da ecovila e problematiza, em função de sua abrangência, o conceito de ecovila definido pela GEN (2022):

[...] comunidade intencional, tradicional ou urbana que utiliza processos participativos para integrar holisticamente as dimensões ecológica, econômica, social e cultural da sustentabilidade, buscando regenerar os ambientes social e natural (n.p.).

Ele pontua a dificuldade em compreender quem são as ecovilas em função deste nível de abrangência e os aspectos comuns que conferem a elas uma certa identidade, argumentando tratar-se de um conceito inconcluso, em evolução. Em meio às tendências comuns, as/os autoras/es observam o fato das ecovilas, em sua maioria, buscarem a sustentabilidade para além de suas fronteiras. Elas assumem um objetivo maior, voltado à sociedade, e por isso estabelecem atividades que pressupõem a troca de experiências em diversas escalas, considerando a interface com o entorno, a articulação e realização de parcerias com nichos específicos voltados à educação ou à sustentabilidade e o estabelecimento de relações mais estruturais com o regime/sistema. Essa conectividade das ecovilas com a sociedade é discutida considerando fatores como localização geográfica e qualidade das relações externas.

A discussão dos desafios e limitações dessa experiência problematiza visões que as enxergam pela perspectiva do utopismo, do isolacionismo/escapismo e da inclusão social. Apesar de reconhecer que o papel de transformação social exercido pelas ecovilas possa ser controverso, o ensaio argumenta que estas experiências são muito relevantes para um debate profundo sobre a sustentabilidade, pois se dão em um contexto global de muita teoria, muito discurso e pouca prática. E finaliza enfatizando o papel social que as ecovilas exercem como difusoras de práticas sociais e catalisadoras de transformações biorregionais.

O artigo “Ecovila como alternativa de organização socioambiental sustentável: uma avaliação de Piracanga, Bahia” de Bárbara Nascimento Flores e Salvador Dal Pozzo Trevizan (2018), apresenta os resultados de uma pesquisa que procurou compreender e mensurar o nível de sustentabilidade ambiental da ecovila de Piracanga, no município de

Maraú, Bahia. Essa avaliação se baseou na realização de entrevistas com 32 residentes locais e considerou as dimensões social, econômica e ecológica da sustentabilidade.

O artigo discorre sobre a origem das ecovilas e os propósitos assumidos por essa experiência reconhecendo a sua importância para o debate acerca da sustentabilidade e sua potencialidade no sentido de questionamento dos padrões culturais dominantes. E argumenta que estas experiências precisam ter as suas práticas avaliadas em termos de sustentabilidade.

Os autores elaboraram um método de avaliação baseados em indicadores e métricas e o aplicam na ecovila de Piracanga. Eles definiram indicadores para cada dimensão da sustentabilidade (social, econômica e ambiental). E coube aos/às entrevistados/as analisar e pontuar tais parâmetros. Esta avaliação deu origem ao Índice Geral de Sustentabilidade Ambiental da Comunidade que atribuiu uma pontuação a esta ecovila considerando o propósito da sustentabilidade.

O estudo articula os resultados com uma caracterização da ecovila e por meio desse cálculo a enquadra em um nível elevado de sustentabilidade. Reconhecendo limitações do método, os autores comentam pontos de cuidado e melhoria com relação à prática da comunidade considerando o desempenho da ecovila em cada dimensão analisada e tendo em vista o propósito da ecovila. O estudo finaliza suas considerações reafirmando a importância das ecovilas no debate da sustentabilidade e pontuando o caráter inacabado e de construção permanente desta experiência.

O artigo “O corpo e adoção de práticas sustentáveis: estudo de caso em uma ecovila” de Rebeca Roysen (2018b) investiga o papel do corpo na adoção de práticas sociais sustentáveis. Por meio de um estudo de caso realizado em uma ecovila do interior do estado de São Paulo a pesquisadora tematiza os fatores que estão associados à uma mudança de comportamento e à aquisição de novas práticas sociais voltadas à sustentabilidade e enfatiza o papel que o corpo, os hábitos, as memórias corporais e procedimentais desempenham neste processo.

Em sua inserção na ecovila a pesquisadora procurou compreender os aspectos culturais da ecovila e as possibilidades e dificuldades vivenciadas nesse processo de mudança cultural relacionado à incorporação de novos hábitos e estilo de vida. O levantamento de dados em campo se deu por meio de diários de campo e da realização de entrevistas qualitativas semiestruturadas com os membros mais efetivos e participantes da ecovila (nove colaboradores/as no total).



Tendo como base a Teoria das Práticas Sociais a autora discute porque a preocupação com o meio ambiente e a formação de uma consciência ambiental não conduzem as pessoas a mudarem o seu comportamento. A autora pontua a “lacuna valorização” que existe entre consciência ambiental e comportamento pró-ambiental e discute os motivos associados a isso. Apoiada nessa teoria, que busca superar a perspectiva individualista e comportamental das práticas sociais, a pesquisadora argumenta que as práticas cotidianas não surgem única e exclusivamente de uma escolha individual e racional. Elas também são influenciadas por outros fatores como infraestrutura e condições materiais disponíveis, significados e sistemas de valores, competências e hábitos incorporados – diversos elementos que são externos aos indivíduos.

A autora pontua que a manutenção de estilos de vida insustentáveis guarda relação com a rotinização, com automatismos e reprodução de práticas sociais que nos foram passadas ao longo de nosso processo de socialização e formação. Práticas que estão bem adaptadas ao contexto social em que vivemos considerando normas, valores e condições físicas e materiais do ambiente. A autora comenta que a cultura à qual os indivíduos tem acesso ao longo de seu processo de socialização é constituída de valores, mas também de procedimentos, de saberes-fazeres, que criam memórias de prática, que são procedimentais, corporais.

Roysen (2018b) argumenta que a ruptura de uma rotinização, de um automatismo, e incorporação de novos hábitos nos corpos-mentes requer a alteração dos diversos componentes que sustentam a prática social com a qual se procura romper, dentro de uma perspectiva que, de certa forma, é conjuntural. Ela sugere que essa mudança demanda tempo e requer um trabalho consciente que depende de um contexto favorável do ponto de vista estrutural e valorativo; que é fundamental que essas tentativas de mudanças sejam articuladas e compartilhadas pelo coletivo, pois assim cria-se um contexto em que estas mudanças são favorecidas e potencializadas pela ação do grupo.

Esta discussão teórica é feita com base na literatura e na experiência vivida pelos/as colaboradores/as entrevistados. A pesquisadora pontua que a mudança de estilo de vida que os membros da ecovila almejam exige uma mudança cultural. Ela sugere que já existe um sistema valorativo de crenças e de visão de mundo que possibilita essa mudança e uma estrutura física que faz com que isso seja viável. Para ela, o maior desafio da ecovila está em traduzir intenções declaradas (um sistema valorativo) em ações práticas, em romper hábitos previamente adquiridos e que não coadunam com o estilo de vida que o grupo se propõe a construir na ecovila.

O artigo “Uma abordagem sistêmica da Sustentabilidade: a interconexão de suas dimensões nas práticas das ecovilas” de Maria Accioly Dias e Carlos Frederico B. Loureiro (2019), analisa, partindo de elementos teóricos e por meio de uma revisão bibliográfica, de que forma as práticas das ecovilas refletem as dimensões da sustentabilidade. Esta investigação se baseou nos artigos que continham dados empíricos e que se voltavam à perspectiva social das ecovilas. O artigo discute as práticas das ecovilas considerando os aspectos ecológicos, econômicos, sociopolíticos e ideológico-culturais da sustentabilidade e integração destas perspectivas.

Os autores argumentam que o debate sobre sustentabilidade revela a dificuldade de se colocar teorias e discursos em prática e problematizam o tratamento desigual e desarticulado que a visão capitalista confere às dimensões que compõem a sustentabilidade: a dimensão econômica prevalece sobre as demais; as preocupações ecológicas embora evocadas, dificilmente se desdobram em práticas relevantes; e a dimensão social, onde se incluem os aspectos políticos e culturais, é ignorada até mesmo nos discursos. Os autores sugerem que experiências concretas, a exemplo das ecovilas, podem nos oferecer *insights* e caminhos para a construção da sustentabilidade.

Com relação aos aspectos ecológicos da sustentabilidade, os autores comentam práticas e tecnologias utilizadas pelas ecovilas que visam reduzir o impacto ambiental decorrente de modo de vida e observam o papel da colaboração na realização das atividades cotidianas.

Na dimensão econômica o artigo comenta práticas que se voltam à otimização de recursos, ao estabelecimento de relações alternativas de trabalho e de trocas de produtos e serviços que subvertem a lógica capitalista: relações que em diversos casos buscam se estabelecer mediante a cooperação e a solidariedade. Neste tópico aborda-se a questão da propriedade da terra, a ideia de bem-comum e experiências de comércio pautadas em valores para além da monetarização que juntamente com outras práticas, possibilitam uma reformulação dos elementos que compõem a economia considerando produção, consumo, moeda e satisfação das necessidades.

Nos aspectos sociopolíticos os autores tematizam as interações sociais nas ecovilas considerando as práticas coletivas, de autogestão e tomada de decisão e o papel que elas exercem na coesão social, na qualidade das relações e sustentação da vida comunitária. Os autores abordam os desafios relacionados a estas práticas, a importância da existência de estruturas organizacionais e ferramentas sociais voltadas à gestão da vida comunitária, e os fatores que podem contribuir para a construção de um senso de

corresponsabilidade com relação à vida na ecovila. E frente a isso, enfatizam que a vida em comunidade requer inúmeras competências e habilidades.

Ao discutirem os aspectos ideológicos-culturais os autores denunciam a invisibilidade desta dimensão nos modelos dominantes de sustentabilidade, apesar de ela ser o pano de fundo de todas as outras dimensões, pois é ela quem abriga os valores, crenças e visões de mundo que orientam e se concretizam por meio das práticas sociais. Os autores afirmam que os maiores desafios enfrentados pelas ecovilas são culturais, relacionados ao campo dos valores e crenças, e que o aspecto social tem um papel muito relevante na força motriz dessa experiência.

O artigo finaliza a sua análise argumentando que essas facetas da sustentabilidade se revelam interconectadas e sobrepostas nas práticas das ecovilas, pois as suas funcionalidades se expressam nas diversas dimensões da sustentabilidade. Em razão disso, os autores argumentam que as ecovilas possibilitam abordar a sustentabilidade de modo integrador e sistêmico, em uma visão que subverte a forma como o sistema capitalista apresenta este conceito. Essa nova abordagem permite uma visão de totalidade com relação às problemáticas que envolvem o tema da sustentabilidade, pois meio ambiente, sociedade, economia e cultura estão correlacionados, não sendo possível falar de degradação ambiental, sem falar dos aspectos sociais, políticos e culturais que engendram esse processo. Os autores encerram o artigo com a seguinte conclusão:

Se, por um lado, a sustentabilidade “ecológica” é base para a sustentabilidade “social” – na medida em que a natureza fornece a nossa base material de existência –, por outro lado, considerando que as “questões ecológicas” são necessariamente vistas pela perspectiva humana e refletem problemas humanos, pode-se concluir que todo o debate da sustentabilidade é, em última instância, social, e, portanto, a sustentabilidade social constitui a própria fundação da sustentabilidade ecológica, no sentido de que as práticas ecológicas são necessariamente mediadas por complexas relações sociais (DIAS; LOUREIRO, 2019, p.12).

## **TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**

Esta investigação se realiza como uma pesquisa qualitativa que, inspirada na Fenomenologia, visa a compreensão de um fenômeno (a constituição de um modo de viver em uma ecovila) quanto aos processos educativos emergentes, considerando a perspectiva dos sujeitos que o experienciam. Nesse sentido, podemos afirmar que o foco da pesquisa está na experiência, na forma como o fenômeno é experienciado e percebido

pelos sujeitos envolvidos e o os processos educativos, o significado pedagógico, que podem ser desvelados desta percepção.

Esta pesquisa se pauta na percepção e nos sentidos que os moradores e moradoras atribuem à experiência vivida na ecovila, no saber da experiência destes sujeitos, adquirido na e com as relações de convívio estabelecias na ecovila Tibá. O foco desta pesquisa recai sobre a compreensão humana, pois entendemos com Gonçalves Junior *et al.* (2021) que é aí que o significado e os sentidos se encontram, e não nas coisas e acontecimentos.

O saber da experiência emerge na relação entre conhecimento e vida humana, “[...] é o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (LARROSA-BONDÍA, 2002, p. 27). Partindo desse entendimento, buscamos entender de que forma essas pessoas são tocadas, formadas ou transformadas por essa experiência (viver na ecovila Tibá) e o significado que atribuem a ela, considerando a experiência como aquilo que nos passa, nos toca, nos afeta (LARROSA-BONDÍA, 2002).

Embora o saber de experiência tenha uma conotação subjetiva, pessoal, atrelada ao sujeito que a vivencia, ele também tem um caráter intersubjetivo, pois o conhecimento é produzido e reproduzido por meio de práticas sociais, na interação entre sujeitos e com o mundo (OLIVEIRA *et al.*, 2014a). Essa dimensão coletiva e social da (re)produção do conhecimento e a dialética consciência-mundo que opera esse processo é destacada por Oliveira e colaboradores (2014a) ao tematizarem a pesquisa de processos educativos em práticas sociais:

[...] um indivíduo não existe como entidade isolada, pois carrega em si o social; da mesma forma, o social traz em seu bojo as histórias individuais, assim, os seres humanos coexistem, dando sentido à própria sociedade (p.43).

O trabalho com o saber da experiência dos moradores e moradoras da ecovila os/as torna colaboradores/as da pesquisa, sujeitos co-produtores de conhecimento na medida em que suas experiências e saberes diversos são colocados em diálogo com os nossos e com os dos autores e autoras que compõem o referencial teórico desta investigação. Com este preceito, assumimos uma postura de alteridade e respeito com a outridade, em linha com os princípios epistêmicos e metodológicos da linha de pesquisa que acolhe esta pesquisa (OLIVEIRA *et al.*, 2014b) bem como da Fenomenologia (GONÇALVES JUNIOR *et al.*, 2021).

Este paradigma preconiza que a compreensão da experiência vivida se dê por meio da interação e convivência do/a pesquisador/a com os sujeitos que vivenciam essa experiência, no contexto situado da pesquisa, possibilitando ao/à pesquisador o contato e a com-vivência com a prática social ou experiência a ser investigada, bem como a construção dialogada e intersubjetiva de saberes entre pesquisador/a e colaboradores/as no decorrer dessa convivência (OLIVEIRA *et al.*, 2014a).

A pandemia de COVID-19, presente no momento da realização desta investigação e coleta de dados, e as medidas de isolamento social decorrentes, impossibilitou a minha inserção na ecovila e com-vivência mais próxima com os/as colaboradores/as tal como previsto inicialmente, no projeto de pesquisa. Esse contexto implicou no redesenho da pesquisa, o que foi feito em conversa com a ecovila, após um primeiro contato para apresentação da ideia inicial da investigação e ajuste do projeto conforme as necessidades e entendimento do grupo com relação à ecovila e aos riscos inerentes à pandemia.

Esse primeiro contato foi feito presencialmente em outubro de 2020. Fui recebida na ecovila pelo João (nome fictício), um dos oito sócio-moradores/as. Ele me contou um pouco da história da ecovila, conversamos sobre a ideia inicial da pesquisa e como viabilizá-la em tempos de pandemia de COVID-19, haja vista que a Tibá, em razão da necessidade de isolamento social, não estava aberta a cursos, vivências e visitação. João me apadrinhou como pesquisadora na ecovila – ele me explicou que todo/a pesquisador/a é apadrinhado na ecovila, e se colocou à disposição para me auxiliar naquilo que fosse necessário à investigação. A pesquisa foi redesenhada e passamos então à ideia de trabalhar com a realização de entrevistas junto aos sócio-moradores/as.

O encontro e comunicação de consciências do eu-e-do-outro-ao-mundo e a produção dialógica de conhecimentos entre pesquisador/a e colaboradores/as (OLIVEIRA *et al.*, 2014a) foram então limitados à realização de entrevistas – instrumento usado nesta pesquisa para a reconstrução de memórias, pensamentos, aprendizagens e experiências vivenciadas, para compreensão dos sentidos elaborados sobre o presente e o passado, isto é, sobre a realidade, elemento que mediatiza a relação entre os sujeitos e que em última análise representa o verdadeiro objeto dessa pesquisa (OLIVEIRA *et al.*, 2014b).

As entrevistas não foram planejadas para todos os/as moradores/as da Tibá. Elas foram pensadas somente para os/as moradores/as associados/as da ecovila, considerando que este é o grupo que efetivamente mora na Tibá e habita o local há mais tempo. São sujeitos relevantes e com uma forte relação de pertencimento ao fenômeno a ser

investigado (GONÇALVES JUNIOR *et al.*, 2021). A pesquisa planejou a realização de entrevistas com os oito socio-moradores/as (04 casais), considerando o formato semiestruturado, para que eu tivesse a liberdade de explorar questões e aspectos do discurso do/a entrevistado/a, não previstas inicialmente no roteiro de perguntas (NEGRINE, 1999), e não presencial dadas as medidas de isolamento social decorrentes da pandemia de COVID-19.

Com a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar, em maio de 2021, dei início às tratativas com os/as moradores/as, de forma individual, para a realização das entrevistas. O roteiro das entrevistas contemplou cinco perguntas abertas relacionadas ao modo de viver na ecovila Tibá, aos motivos que levaram as pessoas a buscar este modo de viver e às aprendizagens decorrentes desta experiência social, para que o/a entrevistado/a pudesse discorrer livremente sobre elas (GONÇALVES JUNIOR *et al.*, 2021).

Foram realizadas sete entrevistas, ao longo dos meses de agosto, setembro e outubro de 2021. Elas foram feitas em ambiente virtual e através de videochamadas no *Google Meet*. As entrevistas foram gravadas e transcritas para que pudessem ser analisadas considerando o objetivo delineado pela pesquisa – compreensão dos processos educativos emergentes do modo de viver dos moradores e moradoras da ecovila Tibá de São Carlos. Um dos moradores declinou de realizar a entrevista e colaborar com a pesquisa por motivos pessoais.

O parecer consubstanciado do Comitê de Ética, o roteiro das entrevistas e as respectivas transcrições encontram-se ao final do documento, sob a forma de Apêndice. Os nomes dos colaboradores da pesquisa que constam neste documento são fictícios para preservar a identidade dos participantes.

Para análise dos dados coletados nas entrevistas, foram empregados os procedimentos de “Redução Fenomenológica” conforme descrito por Martins e Bicudo (2005). Segundo estes autores:

[...] como é impossível analisar um texto inteiro simultaneamente, torna-se necessário dividi-lo em unidades. [...] as unidades de significado [...] são discriminações espontaneamente percebidas nas descrições dos sujeitos quando o pesquisador assume uma atitude psicológica e a certeza de que o texto é um exemplo do fenômeno pesquisado. [...] As unidades de significado também não estão prontas no texto. Existem somente em relação à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador (p.99).

Seguindo os procedimentos propostos por Martins e Bicudo (2005), fiz a leitura reiterada das entrevistas transcritas visando a identificação dos significados atribuídos pelos/as moradores/as da ecovila ao modo de viver que está sendo experienciado e construído coletiva e comunitariamente na ecovila Tibá.

Esta primeira etapa da redução fenomenológica, denominada análise ideográfica, consiste na marcação de unidades de significado (US) no discurso dos/as colaboradores/as, representando a identificação de assuntos, ideias e pensamentos que chamam a atenção do/a pesquisador/a considerando a sua percepção e o foco da investigação (GONÇALVES JUNIOR *et al.*, 2021).

Nesta análise ideográfica, o/a pesquisador/a busca acessar nas descrições realizadas o modo de vida e de pensar do/a entrevistado/a e faz uma seleção de assuntos, ideias e pensamentos que ao seu ver desvelam a experiência que se busca compreender (GONÇALVES JUNIOR *et al.*, 2021).

Ainda que não tenha sido possível conviver com os/as colaboradores/as e compartilhar de suas experiências na ecovila, por meio das entrevistas (da realização e leituras reiteradas), procurei exercitar a minha empatia para com os/as entrevistados/as, suspendendo meus conhecimentos e juízos prévios e me colocando em relação e no lugar do outro com a intenção de tentar compreender e me conectar ao objeto da experiência vivenciada e narrada por ele/a, considerando que o exercício de empatia, encontro e intersubjetividade com o outro não me possibilitaria vivenciar a sua experiência, já que ela é sempre pessoal e intransferível (GONÇALVES JUNIOR *et al.*, 2021).

Seguindo a metodologia descrita por Martins e Bicudo (2005), as unidades de significado (US) de cada entrevista foram identificadas, numeradas em sequência e convertidas em afirmações que pudessem representar as ideias articuladas por cada colaborador/a.

Feito isso, prosseguimos para a segunda etapa da Redução Fenomenológica, a análise nomotética. Esta análise visa o agrupamento das unidades de significado (US) em categorias temáticas abertas relacionadas à estrutura do fenômeno investigado (GARNICA, 1997). Essa etapa de análise sai da escala individual, atrelada à subjetividade de cada sujeito, e passa para uma escala geral, mais ampla, que representa a manifestação intersubjetiva do fenômeno, resultante do encontro dos sentidos produzidos por cada sujeito de acordo com a análise ideográfica (GONÇALVES JUNIOR *et al.*, 2021). A seguir apresentamos os resultados construídos, obtidos por meio das entrevistas.

## CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS

A ecovila Tibá de São Carlos conta hoje com oito sócio-moradores/as, que conformam quatro casais ou núcleos familiares. Os sócio-moradores e socio-moradoras entrevistados/as (sete pessoas) possuem idades que variam dos 35 aos 52 anos. São pessoas com formação de nível superior, sendo que cada casal possui de um a três filhos. Com isso, a ecovila reúne em sua comunidade de associados/as oito crianças/adolescentes, com idades entre 4 e 14 anos. O perfil de cada entrevistado/a consta no quadro a seguir:

Quadro 4. Perfil dos/as sócio-moradores/as da ecovila.

Nome fictício	Gênero	Idade	Profissão / Exerce atualmente	Tempo que reside na ecovila
Marcelo	Masculino	41 anos	Trabalhos rurais na ecovila.	Desde 2012.
Raquel	Feminino	40 anos	Analista de sistemas / Engenheira DevOps.	Desde 2006 (grupo fundador)
Isabel	Feminino	35 anos	Proprietária de comércio – loja de produtos naturais.	Desde 2011.
Taís	Feminino	39 anos	Economista. Educadora Popular (economia solidária)	Em 2012; e desde 2015.
João	Masculino	38 anos	Sociólogo. Assistência técnica rural em assentamentos da reforma agrária. Pesquisador.	Em 2009 (6 meses), em 2011 (1 ano); e desde 2015.
Tiago	Masculino	52 anos	Analista de tecnologia da informação.	Desde 2007 (grupo fundador).
Joana	Feminino	42 anos	Psicóloga.	Desde 2012.

Fonte: Elaboração própria.

Os dados foram analisados seguindo os procedimentos da fenomenologia, modalidade fenômeno situado, conforme Martins e Bicudo (2005) e Gonçalves Junior *et al.* (2021), o que implicou na análise ideográfica e análise nomotética dos dados coletados.

Recordamos que esta pesquisa teve como objetivo compreender o modo de viver dos/as moradores/as da ecovila e os processos educativos emergentes. O modo de viver da ecovila e os processos educativos identificados serão descritos conjuntamente, pois eles se encontram entremeados nas descrições das entrevistas.

O modo de viver de cada morador e moradora da Tibá parte de um propósito, de uma visão de mundo, de buscas e sonhos que intencionam uma vida com qualidade tanto do ponto de vista individual quanto social. A vida na ecovila acontece a partir da ação



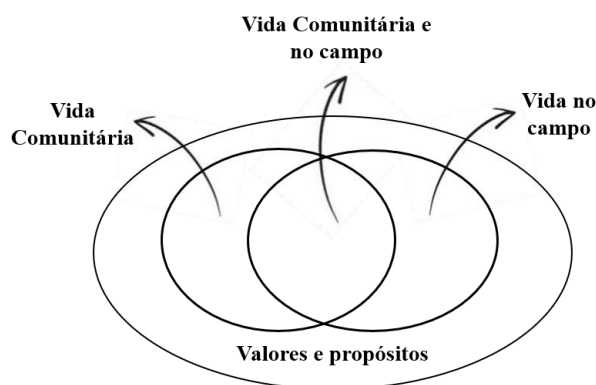
individual e coletiva, do entrelaçar de cada propósito, de cada busca, do compartilhar de sonhos, valores e de formas de ser e estar ao mundo.

As entrevistas desvelaram que o sentido de existência da ecovila e a práxis do grupo de sócio-moradores/as são orientados pela Permacultura. Ela constitui o guia de princípios e a ferramenta de ação desta comunidade. Muitas experiências, desejos e buscas relatados se articulam com os princípios de *design* e com a ética da Permacultura. Essa conexão nem sempre foi pontuada ou sinalizada explicitamente nas experiências contadas, mas como tínhamos conhecimento de que a Permacultura era um guia para esta comunidade, ficou fácil perceber a relação de muitas experiências com este referencial.

Uma das perguntas do roteiro da entrevista estava inclusive bem focalizada em compreender esta intencionalidade: “O que o/a levou a ir morar na ecovila Tibá?”. As respostas dadas pelos/as participantes do estudo acabaram desvelando os aspectos relacionados à criação da ecovila e/ou decisão em integrá-la. Notamos, porém, que a resposta a essa pergunta também foi revelada em outros momentos da entrevista, em meio à descrição do modo de viver e das experiências ali vivenciadas.

Fazendo um cruzamento entre os princípios da Permacultura, as intencionalidades de cada indivíduo relacionada à ecovila e os sentidos atrelados às experiências vividas desvelados no processo de redução fenomenológica, compreendemos que o modo de viver na ecovila Tibá de São Carlos e os processos educativos emergentes se sustentam em três aspectos: propósitos, a experiência com a vida comunitária e a experiência com a vida no campo. É por meio destes aspectos e do entrelaçamento entre eles que o viver e as interações nesta ecovila se organizam, considerando os relatos dos/as colaboradores/as da pesquisa. A figura a seguir representa a forma como estes aspectos se articulam:

Figura 4. Interface entre propósitos/valores, a vida comunitária e a vida no campo.



Fonte: Elaboração própria.

A descrição das experiências desvelou que elas estão ancoradas em valores e orientadas por propósitos. E que a vida comunitária e a vida no campo são eixos importantes da experiência vivida que, em diversos momentos, se intercalam. A representação esquemática dessa interface considera uma sobreposição parcial entre a vida comunitária e a vida campo descritas pelos/as entrevistados/as, pois entendemos que nem tudo nesse modo de viver está plenamente coletivizado, a exemplo das atividades relacionadas à manutenção do espaço físico da ecovila, à produção alimentar e às atividades de geração de renda das famílias. Da mesma forma, nem tudo passa pela relação com o campo, pois muitas das interações e relações de convívio não são explicitamente relacionadas a este contexto. Em que pese essa sobreposição parcial, entendemos que a comunidade vem se organizando no sentido de ampliar a integração e a articulação entre estas duas facetas da vida na ecovila. Essa maior interconexão poderia contribuir com a integração da comunidade, com o fortalecimento e a durabilidade da ecovila.

Esse arranjo ou esquema formado pelos aspectos que compõem o viver na ecovila foi inspirado na Flor da Permacultura – em seu miolo, estão os princípios e ética da Permacultura, representando o ponto de partida da ação ao redor do qual se organizam as atividades humanas. Em nosso esquema, os propósitos e valores, que são orientadores da práxis, estão representados pela circunferência maior e mais externa pois eles atravessam e sustentam as experiências descritas. Estas experiências correspondem às outras duas circunferências; elas podem ser entendidas como uma espécie de síntese ou agrupamento das pétalas da Permacultura, se considerarmos que estas pétalas se organizam sob dois grandes eixos: as relações humanas e/ou a relação com o ambiente.

Esta pesquisa, portanto, investiga os processos educativos que emergem de um modo de viver que, orientado por propósitos e valores, se estrutura a partir de uma vida comunitária e de uma vida no campo. Estes aspectos desvelados pela redução fenomenológica se traduziram em três categorias de análise: (i) “A gente tinha um anseio e isso virou uma proposta”; (ii) “Tentar entender o outro para essa convivência poder funcionar”; e (iii) “Um lugar tranquilo para viver, mais próximo da natureza”.

A seguir, apresentamos a matriz nomotética resultante da redução fenomenológica, com a sistematização das unidades de significado (US) identificadas para cada colaborador/a e cada categoria de análise.

Quadro 5. Matriz Nomotética

Entrevistas	Categorias		
	“A gente tinha um anseio e isso virou uma proposta”	“Tentar entender o outro para essa convivência poder funcionar”	“Um lugar tranquilo para viver, mais próximo da natureza”
I (Marcelo)	8, 9, 11, 13	2, 7, 10, 19, 20, 21	1, 3, 4, 5, 6, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23
II (Raquel)	4, 18	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46	19, 21, 30
III (Isabel)	1, 11	2, 3, 4, 7, 8, 9, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29	5, 6, 10, 13, 16, 25, 26
IV (Taís)	3, 6	1, 2, 5, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 15	4, 11, 14, 16
V (João)	7, 9	2, 3, 4, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28	1, 5, 8, 18, 21, 22
VI (Tiago)	1, 2, 3, 4, 5, 7, 29, 32	6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 33, 34, 35	30
VII (Joana)	3, 4, 5, 6, 11, 12, 14, 15, 16, 19, 20	1, 2, 7, 8, 9, 10, 13, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 33, 34, 36	17, 29, 30, 31, 32, 35

Fonte: Elaboração própria.

### Categoria: “A gente tinha um anseio e isso virou uma proposta”

[...] A gente juntou um grupo de pessoas e amigos que tinham interesse de ter uma vida com qualidade e tentar resolver boa parte dos problemas do mundo com a nossa própria atitude pessoal. [...] A gente sempre falava que fazer reciclagem, cuidar de um bairro, cuidar das coisas, ter os amigos e as crianças perto, ter carona solidária, que esse tipo de coisa só funciona se tiver um grupo de pessoas que morem próximas e que a gente possa fazer isso junto. Não adianta fazer isso teoricamente, eu morando sozinho, sozinho dentro de um carro, dentro do apartamento e sem ninguém por perto. [...] Então várias discussões diferentes da qualidade de vida, desembocavam numa coisa tipo assim: se fosse um bairro, se fosse um condomínio, se fosse uma cidade, que se cotizasse comunitariamente, investisse em uma solução, a gente teria condições de fazer coisas que podem ser muito simples em grupo, mas que são complicadas sozinho e dá certo (Tiago, US 1).

Então assim, como é que eu fui parar no Tibá? Eu fui construir o Tibá, voltando à sua pergunta. A gente tinha um anseio, uma vontade, uma busca e isso virou uma proposta, uma tentativa de pegar todas essas

coisas dispersas e colocar numa solução que seria uma comunidade. Essa comunidade era aderente à ideia de ecovila que já existia no mundo, porque eu podia dar qualquer outro nome e seria o mesmo projeto, mas a gente achou por bem aderir a essa ideia de que ecovila. E qual que era a ideia nossa? Como eu falei existem muitas formas de ter ecovila, muitas desculpas para se fazer uma ecovila (Tiago, US 7).

Abrimos esta categoria com dois trechos da entrevista de Tiago. O primeiro trecho (Tiago, US 1) apresenta uma amostra dos desejos e aspirações que motivaram a fundação da ecovila Tibá, relacionados à práticas de proteção ao meio ambiente e à vida comunitária. Nesta fala Tiago pontua a força do coletivo na implementação de soluções e práticas sustentáveis e/ou cooperativas, argumentando que a comunidade possibilitaria ações mais efetivas e em maior escala.

O segundo trecho escolhido para esta abertura (Tiago, US 7), do qual inclusive deriva a denominação da presente categoria, expressa a conversão do desejo e de uma utopia em ação, em práxis, que neste caso se traduziu na formação de uma comunidade, mais precisamente, uma ecovila. Esse movimento em direção a práxis é um aspecto central da ecovila, pois representa a estratégia ou a solução encontrada por cada pessoa que constitui essa experiência para materializar as mudanças e as transformações que gostaria de ver no mundo ou em sua realidade. Essa fala de Tiago revela uma postura de inconformismo e proatividade diante do mundo – uma postura que é partilhada por todos os/as moradores/as da ecovila e que tem uma conotação freiriana, pois assume a história como possibilidade, como construção em curso (FREIRE, 2021a).

As unidades de significado (US) que são apresentadas e discutidas neste tópico expressam a intencionalidade, a utopia e os desejos dos/as sócio-moradores/as que os/as levaram a buscar uma vida na Tibá. O olhar para estes aspectos nos ajuda a compreender a experiência vivida e os processos educativos desvelados, pois revela o nível de abertura e disponibilidade dos sujeitos em construir uma vida na ecovila e lidar com os desafios que iriam se apresentar decorrentes da vida comunitária, da implementação de práticas ligadas a uma vida sustentável e ao cuidado com a terra.

A Permacultura é conceito muito presente nestas descrições. Ela aparece nos discursos enquanto ética, filosofia e metodologia de organização da vida, da práxis do grupo. Ela se revela de modo explícito nas descrições que se voltam às aspirações, desejos e sonhos do grupo e também nos relatos de experiência dos quais emergem os processos educativos que identificamos; isso ocorre de forma explícita, mas também implícita.

As aspirações, sonhos e utopias que serão apresentados e descritos como parte integrante desta categoria de análise constam como um ponto de partida para a compreensão da experiência vivida dos/as colaboradores/as. No decorrer da construção dos resultados, a partir das outras categorias, veremos este universo simbólico se modificar e assumir novas formas com o ser e estar na ecovila na medida em que novos sentidos do viver neste espaço foram sendo construídos e ajustados com o decorrer da experiência.

A seguir apresentamos as unidades de significado que tratam das intenções que culminaram na concepção e fundação da ecovila no ano de 2006. Elas são oriundas da transcrição das entrevistas de Tiago e também de Raquel, pois eles integram o grupo pioneiro, fundador da Tibá. Essas unidades de significado serão apresentadas e comentadas à luz dos autores e autoras que são referências para a construção teórica desta pesquisa.

[...] originalmente na hora que o Tibá não existia e o que me levou a entrar nesse projeto para um dia morar no Tibá, foi que eu queria explorar de que forma eu tenho uma qualidade boa de vida. [...] Depois, com o passar da conversa, o que me levou a morar no Tibá? Construir uma comunidade, uma comunidade que ela seja, digamos assim coesa, minimamente coesa, com um grupo de pessoas que possam enquanto comunidade tomar decisões que são maiores do que as decisões que eu tomo sozinho, são mais poderosas, são potencializadas pela comunidade do que eu sozinho poderia fazer. [...] Mas ao mesmo tempo tem uma coisa que é engraçado que é um pouco básica, que é pouco revolucionária que é, o que que eu quero, que muitas pessoas querem na vida em termos de uma vida boa? Pode ser morar bem, num lugar legal, cercado de amigos, fazendo o que gosta (Tiago, US 29).

Então a gente tem um ganho de escala quando está todo mundo junto. Então se a gente pensasse “devia ser um bairro, deveria ser um condomínio, deveria ser um grupo, deveria ser uma vila”, as coisas dariam muito mais certo – da qualidade de vida, economia de recurso, uma abordagem mais ecológica e com ganhos de escala (Tiago, US 2).

[...] O que me motivou a participar do grupo de discussão para construir essa vivência coletiva, o que me chamou atenção foi cair a ficha de que dinheiro eu não como. Quais são as necessidades básicas nossas, né? Ter um teto, o que comer. E a convivência social eu fui aprender depois, tá? Mas ter um teto e o que comer é coisa básica. E cair a ficha de que [...] sozinho a gente não consegue se autossustentar num momento de... – é bem teoria da conspiração, tá? Ter a consciência de que sozinha eu não conseguiria me virar para sobreviver e é importante ter um espaço para você poder cultivar o que você come, a sobrevivência mesmo, e que num coletivo isso iria ser facilitado, foi o que me disparou. O que disparou para mim foi a teoria da conspiração. [...] Sendo bem franca, foi isso que me disparou: “Eu vou participar dessa discussão sobre construir um coletivo sustentável.” [...] Mas foi o que me disparou foi

essa consciência. E é o que continua me firmando, sabe? É ter essa consciência de que a gente é um ser social e precisa da vivência social para a qualidade de vida (Raquel, US 18).

Isso acontecia na república da minha esposa, que já era uma república boa, daquelas que as pessoas dividem as coisas e tentam umas ajudarem as outras... porque tem república que é cada um na sua e só divide o espaço. Essa república era o oposto - a gente queria ter essa sensação de família. [...] E essas reuniões aconteciam, na grande maioria, ali nessa república, que já tinha uma tentativa de criar uma comunidade. Essas pessoas que vinham participar das reuniões e dos eventos que a gente fazia em nome de criar esse Tibá [...], essas pessoas se dispuseram a tentar criar um sentimento de comunidade. Então a gente tinha uma visão de que: “queremos uma ecovila, queremos uma comunidade, queremos a vida em comum” antes mesmo da ecovila existir fisicamente (Tiago, US 5).

Estes são alguns aspectos que despertaram o desejo de Tiago e Raquel por uma vida comunitária. Eles estão relacionados à busca de um viver com qualidade e menor impacto ambiental, à segurança alimentar e à busca de uma rede de afetos e apoio mútuo. A busca por segurança alimentar, plantio e cultivo de alimentos para subsistência pontuados por Raquel (US 18) sinaliza a importância que o ambiente rural tem para o desenho e propósito desta comunidade. Os próximos relatos revelam de que modo essa intenção de uma vida comunitária se configurou na criação de uma ecovila, considerando os parâmetros almejados e os sentidos atribuídos a esta modalidade de vida comunitária.

Eu vivenciei a parte do viver coletivo na república, faculdade. E, durante esse viver coletivo na faculdade, que a gente construiu a ideia de ecovila e aí a gente fundou ecovila. [...] Aí você tem todas as trocas do tipo:

“Tá, ok, a gente vai viver junto. E aí o que a gente pensa, o que que a gente quer?”

“A gente quer sustentabilidade.”

“Tá, quem quer viver junto e quer sustentabilidade?”

“Eles chamam de ecovila, beleza”

“Então o que que a gente quer?”

“A gente quer garantia de qualidade alimentar.”

“Então é melhor a gente pensar num ambiente rural para ter espaço para plantio.”

“Beleza, então vamos procurar esse ambiente rural para gente morar junto” (Raquel, US 4)

Vamos tentar achar que ecovila é essa, e que ecovila, a gente, que está discutindo sobre isso, acha que pode ser interessante para a gente”.

Primeira coisa que a gente descobriu é que não existe receita de ecovila, não existe o padrão de ecovila “é essa aqui, existe desse jeito”. Mesmo o material teórico que fala sobre as ecovilas, fala “existem tendências; tem ecovilas que vão mais pro lado espiritual, outras mais para o lado político, outras mais para o lado da vida alternativa, outra mais para o lado ecológico, outra mais para o lado sei lá o quê”. E aí você tem

algumas características que fazem com que essas ecovilas sejam consideradas ecovilas, mas não existe uma receita de bolo. E a gente falou:

“Tá bom já que não existe, como é que a gente pode achar que a gente é uma ecovila?”

“Bom, se a gente resolver que todo mundo vai morar junto, que essas moradias vão ter características que facilitem a vida comunitária, que a gente pense em como as pessoas interagem, vivem, tomam decisão, lidam com os problemas, com as suas diferenças, como é que elas aprendem umas com as outras... esse tipo de coisa”. Então a gente achou que se a gente fosse atrás disso, a gente ia achar o nosso jeito de fazer a ecovila (Tiago, US 3).

Então já tinha umas definições de métricas, que não era tantos metros, mas eram métricas com funções, né? Era bom que fosse um lugar que fosse perto de universidade porque a gente poderia ter esse apoio de uma visão acadêmica, de estudo, propor, conhecer, esse tipo de coisa para que isso ressoasse dentro da ecovila. Era interessante, não era necessário e obrigatório, mas era interessante que fosse mais ligada à área rural do que a área urbana, por uma série de motivos, o preço do metro quadrado na área rural é muito mais barato do que na área urbana, a forma como você define como usar a sua terra na área rural ela é muito menos amarrada a um plano diretor de uma cidade do que na área urbana; na área urbana talvez fosse difícil a gente colocar um sistema de captação de água de chuva, um sistema de tratamento de água alternativo, já que é obrigação da área urbana prover a água e o tratamento de esgoto, o que talvez a gente não achasse tão ecológico assim. Talvez a gente tivesse outra proposta, quisesse experimentar outra coisa (Tiago, US 4).

Mas para mim pessoalmente, a ideia da ecovila é uma ideia de vida comunitária, de vivermos juntos, morarmos juntos, fazermos as coisas juntos. Não só decidir em termos teóricos, mas também em termos práticos. Então eu gostaria que a gente construísse a casa juntos, eu gostaria que a gente decidisse onde as casas vão ser juntos, eu gostaria que a gente decidisse como tratar as crianças juntos, que as crianças fossem criadas por todos nós de forma junta, ao mesmo tempo respeitando a diversidade (Tiago US 9).

Talvez isso, o que o que era um projeto em princípio de viver com qualidade, acabou virando um projeto de vida mesmo (Tiago, US 32).

Percebemos que a ecovila foi criada com o propósito de vida comunitária e de organização de um coletivo sustentável, vinculado à ideia de baixo impacto ambiental e de segurança alimentar (provisão de alimentos). O campo, além de representar a materialização desses propósitos, também carrega o sentido de maior liberdade de criação, vide Tiago (US 4). Essa ideia de experimentação permeia a experiência da ecovila de modo muito significativo na medida em que se busca a construção de um modo de viver e de relações diferentes daquelas que são preconizadas e difundidas pela cultura hegemônica capitalista.

Esse sentido de experimentação também é desvelado quando Tiago (US 3) afirma que as ecovilas, embora se baseiem em princípios comuns, são plurais, não seguem receitas, nem prescrições fixas. Este apontamento converge com a visão de Capello (2013) sobre esse tipo de experiência comunitária. Para a autora uma ecovila consiste em “[...] uma jornada de vida comunitária sem fórmulas ou receitas prontas” (p.181), característica que funciona como um convite ou estímulo à criatividade e à inovação já que uma ecovila pode existir de muitas maneiras, a partir de arranjos muito diversos, que basicamente têm a ver com o território onde a comunidade se estabelece, com as condições materiais às quais o grupo têm ou pode ter acesso e com o perfil, cultura e valores de seus moradores (CAPELLO, 2013).

Dando sequência, apresentamos as unidades de significado que desvelam sentidos semelhantes, porém não mais ligados à criação da ecovila, mas sim à tomada de decisão em fazer parte dessa experiência, em integrar uma vida comunitária, que já estava em andamento/construção.

[...] a gente constituiu um grupo de pessoas que começou a dialogar sobre a possibilidade de se montar uma ecovila. Começamos a conversar sobre permacultura, sobre agroecologia e todas essas perspectivas. [...] a gente veio com três casais para morar aqui na ecovila. Já tinha um casal antigo morando e eles toparam fazer o nosso processo de inserção (Taís, US 3).

Eu fui na internet, no Google, procurar se alguém fazia permacultura, se alguém fazia horta orgânica. Porque eu, em 2004, eu morei na Austrália, eu morei numa ecovila na Austrália. Fiquei imerso numa fazenda bem parecida com aqui: uma ecovila meio que autogestionária com um monte de gente passando, com hortas e fazendo construção ali. Então eu fiquei ali três meses neste lugar. Então aquilo foi uma semente que foi plantada em mim. Então eu tive esse sonho (Marcelo, US 9).

Acho que eu tinha essa vontade de ir para o campo, de começar a plantar, começar a ter essa vida olhando para permacultura, essas coisas assim. E aí eu vi essa oportunidade (Marcelo, US 11).

É o trânsito, a violência. Eu tenho essa referência de São Paulo né, então o urbano não me atrai. Os carros, o asfalto, o semáforo, sabe? A degradação humana que eu vejo, essa miséria, as pessoas pedindo. Não que eu queira me esconder disso, mas eu percebo que essa sociedade produz esse efeito colateral, então eu queria que as pessoas pudessem [trecho incompreensível] de ir para uma pequena terra, cultivar o seu alimento. Percebo que a gente é refém de ter que comprar comida no mercado, refém de ter que pagar um aluguel. Então é esse modo como as coisas são feitas socialmente, eu tenho muita dificuldade, muita dificuldade mesmo (Marcelo, US 13).



Mas a intenção e o objetivo de estar aqui até hoje ainda é o mesmo, que é uma vida comunitária, uma vida comunitária [...]. Então basicamente, mas não no sentido de ser básico, acho é bem complexo e desafiador a questão de tentar viver sobre os princípios da permacultura, a partir das atuações do movimento de agroecologia e com uma vida comunitária, uma vida onde a gente se apoie, se estruture juntos, onde a gente consiga partilhar excedentes, onde a gente consiga constituir circuitos virtuosos para todo mundo e para terra, poder trabalhar, ter essa referência para mim e para os meus filhos do contato com a terra, do trabalho da terra, da importância dessa vivência com a área rural. [...] veio aqui meio que uma ideia de um êxodo urbano, da gente poder sair da condição urbana, já que também tínhamos filhos né? Filhos começando a ser criados. Aquela ideia de que é necessária uma aldeia inteira para a gente poder criar e formar uma criança. Então o principal objetivo de estar aqui, de se manter aqui é muito ainda por conta das crianças, um processo de vivência, de educação das crianças. E a longo prazo pensar no nosso envelhecimento. Poder já construir juntos enquanto uma família, enquanto um coletivo, nosso processo quando tivermos mais velhos ou até mais próximo ainda, os nossos pais, né? Não são todos que vão querer, talvez eles nem queiram, mas a gente já sente nesses últimos dez anos um olhar mais carinhoso para essa escolha nossa, de apoio mútuo e de relação com a terra e de estar aqui (Isabel, US 1).

Vimos que os fatores ligados à ida para a ecovila Tibá estão ligados à busca de um viver no campo, baseado na Permacultura assim como na Agroecologia – paradigma emergente na prática agrícola que vem se colocando como alternativa à agricultura industrial e convencional. A preocupação com a provisão de alimentos está bem marcada nos relatos supracitados (Taís, US 3; Marcelo, US 9, US 11, US 13; Isabel, US 1). É um sentido presente na fala da maioria dos entrevistados e entrevistadas.

Somente Tiago fez uma fala mais discreta quanto a esse aspecto da vida no campo. Ao expor os motivos que implicaram na escolha do campo para a criação da ecovila, Tiago (US 4) confere maior ênfase à possibilidade de implementação de tecnologias e práticas sustentáveis, sublinhando o fato deste contexto ser menos restritivo quanto ao uso da terra, e por isso mais favorável a experimentações.

Uma das falas pontua que a questão financeira também foi um fator importante que conduziu à vida na ecovila: “Eu não tinha condição de ter um sítio sozinho. Eu não teria essa condição financeira, então isso daqui foi acontecendo sabe? [...]” (Marcelo, US 8). A ecovila, neste caso, parece ter viabilizado o desejo de uma vida no sítio, com a Permacultura e a Agroecologia.

Destacamos o sentido de êxodo urbano atribuído por Isabel (US 1) a esse movimento de ida para o campo e trabalho com a produção alimentar. A fala de Marcelo inserida anteriormente (US 11, US 13) também denota esse mesmo sentido e atribui ao campo um significado de maior autonomia, possibilidade de ser menos vulnerável aos

“efeitos colaterais” do sistema capitalista. Esses valores são importantes para a Permacultura na medida em que ela procura estabelecer princípios e práticas voltadas para uma sociedade que transita para um modelo de baixo consumo energético dada a previsão de escassez de recursos não renováveis em um futuro próximo (HOLMGREN, 2013). Neste referencial, a produção alimentar possibilita uma redução do impacto ambiental associado a produção e distribuição de alimentos e uma maior segurança alimentar. Esses fatores oportunizam uma vida com maior resiliência, ou seja, com maior capacidade de enfrentamento ou adaptação a crises e adversidades (LOOS *et al.*, 2010), que no caso estariam relacionadas a mudanças do clima e/ou escassez de recursos.

Ainda sobre as unidades de significado apresentadas anteriormente: Marcelo configura o processo de busca e inserção na ecovila fazendo uso da palavra “sonho” (US 9) – um sonho que se construiu a partir de experiências pregressas e que se viabiliza por meio da construção de uma vida comunitária e de uma vida no campo orientadas pela Permacultura. A fala de Isabel (US 1) desvela uma busca que também se pauta nesses mesmos aspectos e que traz anseios que são reveladores dos princípios éticos da Permacultura, como a partilha de recursos alimentares, a construção de circuitos virtuosos e de uma convivência cooperativa entre as pessoas e com a terra. Isabel cita que o sentido desta práxis e desta busca está muito ligado à educação de seus filhos, à valorização de uma educação comunitária, que acontece por muitas mãos, e à qualidade de vida no envelhecer tendo em vista o seu processo de envelhecimento e o de seus pais.

Essa motivação representa a busca de uma vida comunitária que é almejada por todo o grupo entrevistado – uma vida que recupera valores e práticas de cuidado de comunidades tradicionais. Isso nos remete às origens do conceito da Permacultura tendo em vista que ele foi concebido a partir do diálogo de saberes entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos de povos tradicionais da Austrália (HOLMGREN, 2013). A fala de Isabel de que “[...] é necessário uma aldeia inteira para a gente poder criar e formar uma criança” (US 1) ilustra a valorização e a busca de um viver baseado em práticas de povos tradicionais.

A retomada desses saberes nos remete às sociologias das ausências e das emergências, conforme descrito por Santos (2002) para representar práticas sociais que possibilitam a visibilização de saberes que são sistematicamente descredibilizados, silenciados e marginalizados pela monocultura do saber da sociedade dominante e hegemônica. Por meio dessas sociologias podemos ampliar a nossa capacidade de percepção das formas de ser e estar no mundo, de nos relacionarmos com as pessoas e

com a natureza. Isso oportuniza que cenários e modos de vida que hoje são vistos como impossíveis, se tornem viáveis por meio da transformação de ausências em presenças; pela percepção de que estes saberes não são resíduos do passado fadados a extinção – perspectiva da modernidade que defende a ideia de progresso e tempo linear; são saberes do presente, contemporâneos, que precisam ser percebidos para além da relação dicotômica de subalternidade imposta pela cultura hegemônica (SANTOS, 2002).

Essa ampliação da percepção sobre a forma como existimos e nos relacionamos com o mundo, ou melhor, sobre a multiplicidade de mundos e culturas existentes, expande o nosso horizonte de possibilidades concretas de existência no futuro, indicando que outros paradigmas e outras formas de organização social são possíveis e viáveis, visto que elas se assentam em saberes e capacidades que já estão disponíveis no presente (SANTOS, 2002). Essa sociologia é designada por este autor como sociologia das emergências. Argumentamos que a ecovila é um exemplo de emergência de valores e saberes que podem nos dar pistas para a construção de novos mundos possíveis e de uma nova pedagogia.

Retornemos ao “sonho” mencionado anteriormente por Marcelo (US 9). Ao articular esse sentido com a ideia de desafio trazida no discurso de Isabel (US 1), quando ela se refere aos valores orientadores da práxis que a comunidade pretende colocar em prática, podemos traçar relações com conceitos e ideias de Freire (2021a) que estão relacionadas à utopia, ao inédito viável, às situações-limites e ao esperar. Para o autor “[...] a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica” (FREIRE, 2021a, p.15). Em sua visão, o sonho e a utopia se conformam como esperança, uma esperança que não se faz por meio da espera, mas por meio da prática, pois somente ela é capaz de construir caminhos concretos que possibilitam a superação das situações-limites (dos desafios) que nos impedem de ser mais, enquanto sujeitos e sociedade, e que nos separam da utopia, da realidade almejada, que se quer construir. Essa perspectiva de “desafio da práxis” pontuada na fala de Isabel, é desvelada nas descrições de todos os entrevistados e entrevistadas.

As unidades de significado apresentadas a seguir, ao tematizarem as intencionalidades que levaram os entrevistados e entrevistadas a buscarem uma vida na Tibá, desvelam uma preocupação com a sustentabilidade, a exemplo da fala de Joana (US 3) e enfatizam o interesse por uma vida coletiva tendo em vista o trabalho, a convivência (envolvendo autogestão e ferramentas de gestão democrática) e o desejo de transformação social. O termo sustentabilidade foi citado poucas vezes pelo grupo entrevistado. Em

termos de ideal e propósito que orientam a práxis na ecovila, falou-se muito em Permacultura, Agroecologia e Economia Solidária.

A fala de Isabel (US 1) apresentada anteriormente aborda a sustentabilidade e a Permacultura pela perspectiva social, da coletividade, e neste sentido ela coloca a vida comunitária dentre as motivações de construção de uma vida na Tibá. As unidades de significado que serão apresentadas a seguir, dos/as demais colaboradores/as, também tratam da vida comunitária e desvelam sentidos atribuídos a ela que são semelhantes e complementares àqueles apresentados por Isabel (US 1).

Então, [o que me levou a ir morar na Tibá] foi esse processo de trabalhar coletivamente e viver coletivamente. Foi essa perspectiva de vida comunitária mesmo (Taís, US 6).

Eu e o meu companheiro, a gente já tinha uma busca por nos vincularmos a assentamentos humanos com essa perspectiva da sustentabilidade e autogestão. Como eu vim pra São Carlos, passei em um concurso aqui, a gente chegou e a gente procurou saber se tinha alguma coisa nesse sentido por aqui. Antes da gente iniciar qualquer movimento, a gente procurou e tinha a Tibá e aí a gente foi se aproximando. A estrutura invisível da Tibá ela é muito interessante: o regimento interno, o estatuto, isso chamou muita atenção da gente (Joana, US 3).

Agora, a gente tem uma caminhada, tanto eu quanto meu companheiro, uma caminhada separados de buscas por coletivos, antes da gente se encontrar. E se não fosse o Tibá, seria outro, que talvez essa resposta interesse à sua pesquisa também, que é essa perspectiva que a gente tinha. Eu sempre tive aquele comichãozinho dentro de mim: “Nossa, o que a gente pode fazer para o mundo ser melhor do que é?” Uma insatisfação com a desigualdade, principalmente com a desigualdade, as injustiças sociais... então desde pequena até ali no calor da vida universitária, eu fui uma militante de pensar em como fazer essas mudanças. E lógico, que o caminho que já está dado é a política. E aí fui encontrar com a experiência dos primeiros fóruns sociais, lá em Porto Alegre, que tinha todos os tipos de movimentos – o político super aquecido, mas uma série de outros. Lá eu me encontrei com essa galera que é do movimento de comunidades alternativas e ali virou uma chavinha: “Acho que talvez o caminho é mais por aqui do que por onde eu estou indo. Política é uma outra instância”. E aí foi assim, [trecho incompreensível] aí a vontade de começar a conhecer comunidades, ver como é que as comunidades conseguiam [trecho incompreensível]. Então a gente tinha essa busca, e quando a gente chegou no Tibá, a gente chegou inclusive trazendo essa perspectiva. Eu fiz essa caminhada no Brasil e o meu companheiro fez essa caminhada na Austrália (Joana, US 4).

Para haver uma mudança significativa para as pessoas – eu sempre trabalhei muito com movimento social, sempre na periferia, com a galera – era a gente poder conseguir se autossustentar, em todos os níveis. É uma utopia isso, mas é a gente conseguindo quebrar alguns

grilhões da dependência do sistema com pequenas libertações – um movimento meio ghandista da minha parte. E aí eu percebi que muitas pessoas já estavam nessa caminhada há um tempo, com propostas muito interessantes. E essas propostas, a maioria delas são possíveis de serem materializadas, na minha forma de ver, coletivamente. [...] a gente não precisa estar num coletivo de vários núcleos familiares ou de várias pessoas para que essa transformação ocorra, entende? Isso é um primeiro ponto, acho que a gente vai, sempre em algum nível, agir coletivamente ou precisar de ter uma troca coletiva, mas não necessariamente da forma como a gente está organizado para ter esse impacto que eu estou falando (Joana, US 5).

Estas duas últimas unidades de significado (Joana US 4, US 5) trazem um sentido para esta experiência que se articula à fala de Tiago que está na abertura desta categoria (US 7). Elas iluminam mais uma vez o sentido de práxis e agência da ecovila, a ideia de partir para a experiência que este modo de viver representa, que vai ao encontro da ideia manifestada por Joana (US 5) quando ela diz que a sua busca por viver em comunidades alternativas seria uma espécie de movimento “ghandista”, fazendo referência a uma famosa frase de Ghandi que nos incita a ser a mudança que queremos ver no mundo.

Assumindo essa compreensão, articulamos essa fala de Joana (US 5), e o sentido por ela representado, ao conceito de ação propositiva que Rocha (2017) utiliza em sua tese para se referir a comunidades emergentes que ao buscarem soluções para suas necessidades acabaram promovendo transformações de ordem social e espacial, de forma paralela ao sistema dominante. A ação autogestionária destas comunidades criou conexões e relações de pertencimento entre as pessoas e os espaços/natureza, assumindo um viés propositivo e afirmativo, para além da reivindicação e da denúncia. Tomamos de empréstimo o conceito de ação propositiva para tratar da ecovila Tibá e das motivações atreladas a ela, pois ele traz em si a importância da experiência e da práxis para o alcance do sonho, da utopia e da transformação social que se almeja. Esta ideia é muito valorizada pelo grupo e, ao meu ver, constitui a essência do modo de viver da ecovila Tibá.

Essas falas de Joana (US 4, US 5) fazem uma distinção entre o que podemos chamar de abordagens *bottom-up* e *top-down* mencionadas por Rocha (2017) ao tratar de transformações socioespaciais. Segundo esta pesquisadora, as transformações decorrentes de uma abordagem *top-down* são motivadas principalmente por políticas públicas e por uma ação governamental, estrutural; as transformações do tipo *bottom-up* são aquelas que ocorrem de baixo para cima, em decorrência da ação comunitária, propositiva. As falas de Joana supracitadas anunciam o potencial criativo e transformativo das comunidades alternativas. Ela argumenta que este é um movimento que caminha em

paralelo à luta por mudanças estruturais e possibilita “[...] quebrar alguns grilhões da dependência do sistema com pequenas libertações” (Joana, US 5).

Essa ideia defendida por Joana (US 4, US 5) se alinha ao modo como Rocha (2017) trata a ação comunitária em sua pesquisa: ao se referir às experiências de transformação socioespacial decorrentes do engajamento comunitário, a pesquisadora reforça o papel e o potencial da agência humana como elementos potencializadores de uma transformação socioespacial. Essa força do coletivo pontuada por Joana se desvela em muitas descrições, a exemplo de Tiago (US 1, US 2, US 5, US 7, US 9), Raquel (US 4, US 18), Isabel (US 1), Taís (US 6).

João (US 7, US 9) também vincula sua ida para a Tibá à intenção de ter uma vida tranquila no campo, de viver coletivamente e produzir alimentos com vistas à segurança alimentar (US 9); ele fala em sustentabilidade, em Permacultura, mas pontua que estas ideias se colocaram para ele como uma perspectiva depois de um período de vivência na Tibá. Em seus relatos, vemos que propósitos e experiências se constroem e se modificam mutuamente.

É que assim, a gente olha para atrás, aí a gente começa a explicar nossa história de uma forma coerente e na verdade não é nada disso, né? Na verdade, os processos vão acontecendo de uma forma meio contingencial mesmo. Teve uma escolha que leva a outras possibilidades, outras aberturas que vão acontecendo, você vai vendo os processos, vai aprendendo. Então assim, sendo bem sincero, é isso, acho que a primeira resposta, eu chego no Tibá dessa forma: “Sei lá, queria viver numa chacinha.” Tanto que nessa época aí, depois que eu vivi os primeiros seis meses de aluguel, eu sai daqui, eu comecei a procurar chácara para comprar, para alugar tal. Então eu já tinha essa perspectiva de morar num lugar tranquilo, de não ficar na cidade, ficar mais próximo da natureza, com mais espaço, sabe? Poder tá na terra, mesmo sem necessariamente embarcar numa produção, mas eu queria estar num lugar mais bucólico, vamos dizer assim. Então, no começo era isso basicamente, né? (João, US 7).

Num segundo momento, eu já venho fazer agrofloresta, aqui em 2011, e nem lembro de se falar muito disso na época, de agrofloresta, que nem se fala hoje. E mesmo sem fazer nada. Então, no segundo momento que eu venho, eu já venho com essa perspectiva de, “vou plantar a minha comida, sabe? Vou fazer um sisteminha aqui permacultural, construir um galinheiro.” Então, já era outra perspectiva. Daí eu saio de novo, mas daí nesse processo eu já juntei um monte de coisa, daí começo a trabalhar com assentamento da reforma agrária e daí eu volto com uma visão de projeto de vida mesmo. Eu falo “Olha, é isso, teve as contradições dos limites, das escolhas. No fim, pode ser que eu consiga a tal da sustentabilidade alimentar aqui da produção, pode ser que isso ocorra de outra forma, mas eu tô a fim de viver esse projeto” eu falei. Porque parte de uma base comunitária da propriedade coletiva da terra

– que eu acho que é super importante – e de uma base comunitária de se tomar decisões sobre esse projeto. Daí a forma como isso vai se manifestar, se vai ser produzindo comida, recebendo visitante ou fazendo trabalho de assessoria técnica fora daqui, isso para mim se tornou algo bem maleável, conjuntural. Mas a escolha de estar aqui como projeto de vida mesmo, foi na terceira passagem, como algo mais definitivo, onde eu já entro como sócio, né? [...] (João, US 9).

O propósito de João (US 7, US 9) junto à ecovila se inicia com a busca de um lugar tranquilo para viver e vai ganhando corpo até se estruturar como um projeto de vida, um projeto que não está pronto, acabado; pelo contrário: está em curso, em aberto, se construindo coletivamente, a começar pela propriedade da terra, e de forma conjuntural, a depender do contexto, das necessidades e possibilidades de cada pessoa envolvida e dos arranjos coletivos que podem ser feitos.

Como vimos, a Permacultura é um aspecto central na vida desta comunidade e por isso é um referencial importante para a compreensão do modo de viver de seus moradores e moradoras. Joana apresenta diversos relatos (US 11, US 16, US 19, US 20) que desvelam a forma como este referencial é compreendido e colocado em prática pela comunidade. Apresentamos alguns deles a título de exemplo:

Uma coisa importante também é que a gente adotou por metodologia a permacultura, metodologia de organização. A permacultura acabou sendo um viés que que todos os atuais sócios se sentiram confortáveis e representados para poder organizar [trecho incompreensível]. Ela traz dois eixos de princípios, um eixo central que são os princípios de ética e os princípios de borda que a gente fala, que são os princípios de desenho da propriedade. Aí esses princípios de ética, ele vai dizer que o mínimo que você tem que ter é o cuidado com as pessoas, com a terra e a partilha justa dos excedentes. Então esses três princípios eles foram a cola; todo mundo entende que isso é bem legal, “Vamos mirar aí. Agora como é que faz isso acontecer, como é que a gente cuida das pessoas, como é que a gente cuida da terra e como é que a gente partilha esse ambiente? A ideia é muito legal, agora vamos pôr na prática, pensar o como.” A permacultura convida a gente a colocar em prática esse combo por meio dos princípios de *design* (Joana, US 11).

E aí a gente fez esse fracionamento, se distribuiu em pétalas para ter uma gestão... Quando a gente tá nesse momento de ciclo expandido de coletivo, com muita circulação de pessoas, a gente precisa segmentar, para que a coisa flua melhor e a gente aproveite melhor as especialidades que chegam. E aí a metodologia que eu tô te contando são essas pétalas da permacultura. Então você tem o norte, que é esses princípios de ética: qual o seu objetivo, porque você tá fazendo isso. Você tem estratégias para você operar de forma sustentável em cada uma dessas áreas. E você tem as áreas (Joana, US 16).

Hoje, a gente fala assim, que por exemplo, as pétalas, elas não estão inexistentes, elas não deixaram de existir, só que elas estão assentadas

dentro de cada um de nós [...]. As ações de cada pétala, elas fluem agora de uma forma assim que se você vê de fora, você não percebe ela tão materializada. [...]. A gente ganhou um grau de afinidade, o grupo de sócios, que hoje as pétalas estão operantes sem a gente precisar nos dividir para encaminhar as necessidades de cada uma delas. Provavelmente se a gente expandir, daqui um tempo e de novo começar a receber um número grande de pessoas, vai ser natural que essa divisão volte a acontecer, para a gente poder acomodar melhor. Mas talvez não aconteça mais da mesma forma como a gente fez lá atrás, nos primórdios em que a gente também estava experimentando, assentando dentro de nós esse conceito permacultural da vivência das pétalas. [...] Acho que pra gente poder arrimar uma existência coletiva, num primeiro momento a gente precisa de um corpo, musculatura... e aí esse corpo poder caminhar. Mas chega um determinado nível, uma determinada fase, já não precisa tanto assim dessa estrutura, desse esqueleto. Você já consegue dar um peteleco aí nesse corpo e vira só alma flutuante (Joana, US 19).

Joana comenta que a Permacultura é ao mesmo tempo um guia de princípios e um guia metodológico que organiza o modo de viver na comunidade. Ela pontua que este guia traça princípios éticos para a vida em sociedade, que basicamente se voltam para a prática do cuidado (cuidado com as pessoas e com a terra) e para a partilha justa de recursos e excedentes. E explica que para viabilizar o alcance desses princípios éticos, a Permacultura define caminhos e formas de organização social que constituem os princípios de desenho da propriedade e os domínios-chave das atividades humanas, também conhecidos como pétalas da Permacultura.

Comentemos as falas de Joana que tratam das Pétalas da Permacultura (US 16, US 19, US 20): para ela, a divisão da ação humana em pétalas foi didática e fundamental para a organização e estruturação da vida comunitária na ecovila Tibá. Em suas palavras essa divisão serviu “[...] para poder arrimar uma existência coletiva” (Joana, US 19) na ecovila. Ela também observa a interconexão existente entre as pétalas; uma interconexão que se manifesta na forma de fractal em que uma pétala é capaz de se articular e, mais que isso, trazer a essência das demais. Joana pontua que é fundamental que essa interconexão ocorra na prática, no dia-a-dia, para que os princípios éticos da Permacultura possam ser viabilizados e colocados em prática:

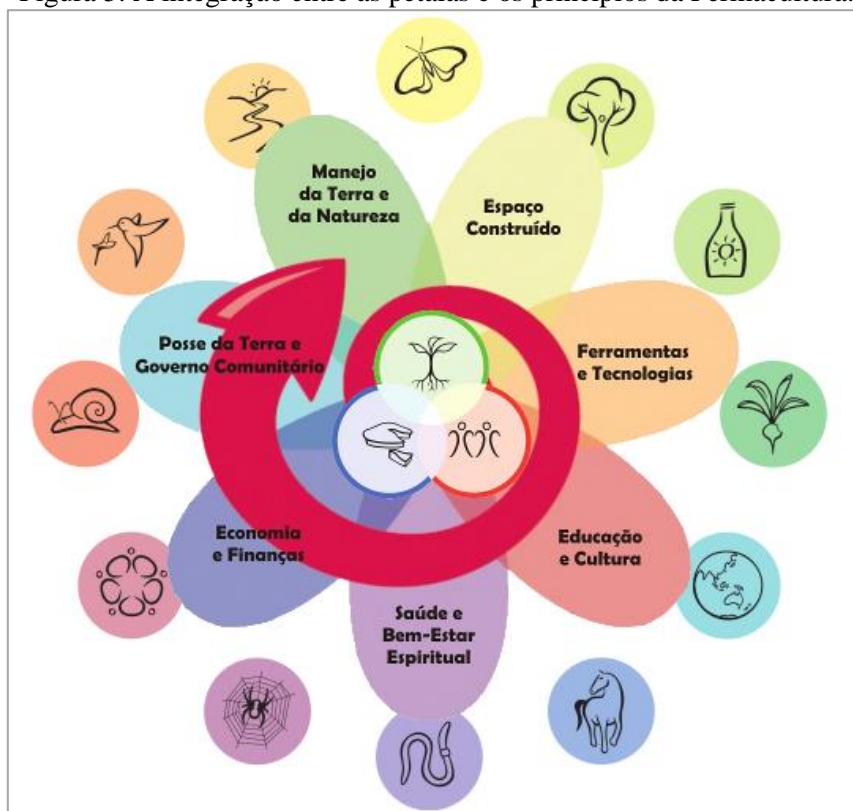
A permacultura é o desenho de uma flor e no miolo dessa flor tá a intersecção de todas as pétalas. [...]. E o miolo é o princípio de ética. O cuidado com a pessoa, cuidado com a terra e a partilha justa é o miolo, que ele vem desenhando numa forma de espiral, que é pra dar esse sentido mesmo de que esse princípio de ética ele se executa quando existe o encontro dessas 7 pétalas e elas se colocam em movimento. É ali que você vai executar, é ali que você vai fazer esses princípios de ética ganharem vida. [...] elas estão todas interconectadas. [...] Dentro



de cada pétala você tem um fractal da flor, ou seja, todas as outras pétalas estão ali representadas, se você olhar bem. [...] (Joana, US 20).

A figura a seguir ilustra a integração entre ética e os princípios da Permacultura.

Figura 5. A integração entre as pétalas e os princípios da Permacultura.



Fonte: Fendel (2022).

O cuidado, que sustenta a Permacultura, nos remete a Pedagogia do Cuidado, cunhada por Boff (2013). O autor defende que o cuidado deve ser o fator de sustentação de um novo paradigma social e de suas estruturas de sustentação, em que se inclui a educação. Boff discute a importância da educação nesta reformulação, enfatizando que a transição para este novo paradigma requer problematização, reflexão crítica, conscientização e ação.

Uma práxis orientada pelo cuidado se fez muito presente nos relatos voltados à descrição de práticas denominadas como “cuidado coletivo” e à forma como lidam com as relações, com o outro, com a terra. Esse elemento é bastante central no modo de viver dos moradores e moradoras da ecovila Tibá.

A seguir apresentamos uma sistematização dos sentidos atribuídos à vida comunitária e à vida no campo manifestados pelos/as entrevistados/as.

Quadro 6. Sentidos atribuídos à vida comunitária e à vida no campo.

<b>Vida comunitária</b>	<b>Vida no campo</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• cooperação/colaboração: ajuda mútua, divisão dos trabalhos e afazeres;</li> <li>• sustentabilidade: viabiliza arranjos e o desenvolvimento de práticas sustentáveis e possibilita ganho com a realização destas práticas, desvelando o potencial e a força do coletivo;</li> <li>• autoconhecimento: crescimento no convívio com o outro (por meio da alteridade e respeito à diversidade);</li> <li>• pertencimento: criação de laços de afeto, de amizade e formação de uma rede de apoio e confiança;</li> <li>• autogestão/governança: ter maior governabilidade e agência sobre os processos que interferem na qualidade de vida;</li> <li>• geração de renda: desenvolver atividades econômicas de modo cooperativo, em linha com os princípios da Economia Solidária.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• bem-estar: vida mais tranquila e conectada aos ritmos e tempos da natureza;</li> <li>• resiliência: ter maior autonomia para o acesso a recursos alimentares e recursos naturais (segurança alimentar, acesso à água, energia etc.) e partilha justa de excedentes;</li> <li>• sustentabilidade: promover o cuidado com a terra e com a vida na produção alimentar por meio da Agroecologia; implementação de tecnologias sustentáveis e técnicas de permacultura nos espaços construídos.</li> <li>• geração de renda: desenvolver atividades que contribuam com o sustento das famílias (produção alimentar e/ou visitação), em linha com os princípios da Agroecologia e da Economia Solidária.</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

A interface e articulação entre a vida no campo e a vida comunitária convergem para a construção de uma vida sustentável, considerando os domínios-chave de ação humana que constam na Flor da Permacultura. Alguns desses sentidos, isto é, funcionalidades de cada um desses eixos, já se materializam de forma mais consistente no modo de viver da ecovila; outros, ainda estão se concretizando e ganhando corpo dentro da comunidade, a exemplo do que ocorre com os processos de geração de renda.

Finalizada a apresentação e discussão dos valores e propósitos que engendram o modo de viver na ecovila, tematizaremos a experiência vivida neste local e os processos educativos emergentes no âmbito das demais categorias considerando as interações comunitárias e as interações com o campo.

### **Categoria: “Tentar entender o outro para essa convivência poder funcionar”**

Aí dada essa premissa, do querer construir a convivência coletiva... É uma vivência muito diferente. É suado e traz uma aprendizagem social muito grande. É o seguinte: eu vejo assim, a gente vem daquela falácia, ou sei lá, daquela ilusão que o bom é a família unicelular, pais e filhos. Isso que é a família. Então quando você pensa num coletivo intencional, que quer viver coletivamente, a sua família se estende fora do consanguíneo, então a gente volta às práticas de coletivos anteriores. Por exemplo, o meu sobrenome vem dos imigrantes italianos. Então eles viviam em colônias e eles tinham que conviver entre eles, mas tinha também a família unicelular e as atividades coletivas. A nossa diferença

disso é que a gente não tem consanguíneo nenhum, somos famílias com origens diferentes e formas de enxergar o mundo diferentes querendo viver junto. Então é uma prática de você tentar entender o outro para essa convivência poder funcionar. É um esforço muito grande porque a gente quer que funcione a convivência coletiva. Então, conviver lá para mim também existe um trabalho do coletivo ali. É difícil, é cuidar de uma família extensa, fora do núcleo da célula do casal e das crianças. [...] (Raquel, US 2).

Esta categoria explora os relatos que tratam da vida comunitária para que possamos compreender este componente do modo de viver na Tibá e os processos educativos emergentes. As interações que conformam a vida comunitária na ecovila, de acordo com as entrevistas, são marcadas pela convivência, cooperação, pelos processos que envolvem lidar com a dinâmica da comunidade e com o outro, tendo em vista suas diferenças, necessidades e possibilidades e o esforço que isso requer, considerando que por trás de tudo isso existe o desejo de viver junto, em comunidade. O trecho de abertura desta categoria sublinha alguns destes aspectos e ao fazer isso, oferece os dizeres e a inspiração para a sua denominação. Ele enfoca a relação com o outro em um contexto de convivência e partilha da vida que está para além do núcleo familiar, anunciando processos educativos que emergem da relação com o outro, do olhar para o outro.

Iniciamos esta categoria com os relatos que descrevem a ecovila e as interações comunitárias considerando a dinâmica do coletivo e a forma como os indivíduos se relacionam com ela. Apresentaremos as interações primeiro em nível comunitário, incluindo as práticas e atividades realizadas pelo coletivo, e depois em nível intersubjetivo, trazendo os relatos que tematizaram a relação com o outro. O relato de Taís (US 1) inicia essas descrições:

Viver na ecovila é um aprendizado constante. É um aprendizado tanto com relação ao ciclo da vida em que a gente tem as necessidades das crianças, a gente tem as necessidades dos jovens solteiros, a gente tem as necessidades dos adultos casados, a gente tem as necessidades das pessoas que estão envelhecendo. E também um aprendizado com relação ao ciclo do contexto da vida de cada um. E isso tem a ver com os ciclos da natureza também, de certa forma, porque tem momentos em que a gente tá mais expansivo, em que a gente busca mais relações com os outros, mais convivência, mais vida coletiva, mais vida comunitária; e tem momentos em que a gente se vê num ciclo de mais introspecção, em que a gente quer ficar mais na nossa casa, quer menos interação com as pessoas, quer fazer as coisas que são importantes, mas que não precisam ser tão grandiosas, né? [...] E eu vejo isso muito relacionado com o ciclo da natureza. Não necessariamente isso tá junto, mas tem a ver. Que são ciclos do inverno, em que a natureza tá mais perdendo as folhas, tá mais gerando a semente, está mais, digamos assim, quieta em dormência, né? E depois o ciclo da primavera em que as flores se abrem, em que o verão, vêm os passarinhos, vêm os filhotes

e vem a dinâmica mais, digamos assim, alto-astral. Então eu percebo que viver na Tibá é aprender com todos esses ciclos e é aprender principalmente com o outro. Mesmo nos momentos de baixa interação, nos momentos de introspecção, a gente tá aprendendo com o outro, a gente tá aprendendo a respeitar o limite do outro, a gente tá aprendendo a respeitar o tempo do outro, a gente tá aprendendo a se respeitar, a respeitar o seu próprio tempo. Nos momentos em que a gente está com bastante interação, a gente também está aprendendo nessa interação com o outro, com as opiniões, com o jeito de cada um fazer as coisas, de cada um de lidar e também entendendo as formas de enxergar o mundo de cada um. Isso é um aprendizado constante aqui na ecovila (Taís, US 1)

Taís (US 1) desenha o viver na Tibá como expressão dos ciclos da natureza e como um processo permanente de lidar com o outro, considerando a alteridade e o autoconhecimento. Neste contexto, ela tematiza o respeito ao outro e a si próprio, vinculando os processos de autoconhecimento aos de (re)conhecimento do outro. Neste momento, chamamos a atenção para a forma como a colaboradora representa a ecovila e também para a ideia de movimento que emerge de seu relato. Essa ideia configura o pano de fundo de muitas descrições. Ela tem a ver com a configuração da comunidade, considerando o momento de vida de cada morador/a e a articulação desses momentos, a intensidade da vida comunitária e da visitação.

Para que possamos entender a dinâmica da ecovila considerando a ideia de movimento e de ciclos, vamos, antes de tudo, olhar e compreender como esta comunidade se configura pensando nas pessoas que ali residem e circulam. Faremos isso partindo do relato de Joana (US 18). Ela comenta que em termos de gestão, eles categorizam as pessoas que circulam e/ou habitam a ecovila em sete categorias: sócio-moradores/as, pessoas em processo de inserção, viventes, estagiários/as, voluntários/as, visitantes e por fim, amigos/as e familiares dos/as moradores/as. E menciona que a pétala de gestão/governança comunitária é quem cuida dessa circulação de pessoas. Ela pontua que, naquele momento, a ecovila contava com quatro núcleos de sócio-residentes, três núcleos em processo de inserção e um voluntário.

Essa configuração é bastante dinâmica, mutável e impermanente na ecovila. Há momentos com mais ou menos visitantes e, da mesma forma, há momentos onde a vida comunitária e as atividades coletivas são mais ou menos intensas. Os relatos de Joana, João e Isabel, que se apresentam a seguir, também desvelam a ideia de pulsar, de ciclos, ao retratarem a ecovila:

A vida na ecovila é um spectral do universo, expande e contrai conforme os ciclos. E a gente agora está em um momento de contração.

Então no momento atual a gente está, cada núcleo mais voltado para as suas atividades, para a lida do seu cotidiano, com uma quantidade menor de atividades coletivas. E em momentos anteriores, momentos de expansão, era o momento de vida coletiva mais abundante em que a gente compartilhava compra de alimentos, a elaboração das refeições, as refeições e os cuidados coletivos do espaço de forma mais intensa. Isso ainda permanece, mas de forma mais espaçada. [...] Esse, de forma resumida é um retrato da ecovila para mim. Lidar com esses pulsos, navegar nesses pulsos de expansão e contração.

Acho que é uma experiência rica, tem uma disponibilidade de estar em coletivo, participar de coletivos e acho que esses ciclos da comunidade ressoam com o que normalmente está no individual, da gente, do grupo que sustenta a ecovila. Então com o tempo, cada vez mais isso foi se afinando. O tempo dos indivíduos com o tempo do coletivo, o pulso dos indivíduos, com o pulso do coletivo. E à medida que essa afinação foi acontecendo, foi ficando menos desgastante a convivência no coletivo. Então hoje é uma experiência que ela é bem satisfatória, tranquila, mas já foi muito desafiadora nesses momentos de expansão em que esse alinhamento coletivo dos indivíduos não estava muito bem acertado [...] (Joana, US 1).

E tendo consciência dos ciclos também, de que a forma como eu vou estar nessa experiência, não depende só da forma com que eu quero estar nela, mas depende, pelo aspecto comunitário, da forma como as outras pessoas também se colocam. [...] porque cada hora tá de um jeito, cada ano é de um jeito [...] (João, US 10).

[...] é tudo muito dinâmico aqui, muito cíclico, momentos de alta e de baixa. Isso depende da disposição das pessoas de viver as experiências aqui da Tibá. [...] e cada um vive isso de uma forma em cada momento. [Trecho incompreensível], vai ter momento de muita coisa acontecendo, ou pouca coisa, mas eu sei que é assim mesmo e faz parte do projeto mesmo (João, US 11).

E aí então a gente está voltando a ter realmente vida comunitária de novo que era o objetivo daqui. A gente ficou esse último ano com a vida comunitária bem recuada. E eu tenho dificuldade nesses momentos em que a vida comunitária recua. Só que também nos ciclos entendi que isso é um processo de contração e expansão, até para que a expansão a gente tenha mais segurança e tranquilidade nos processos. Nos últimos 15 dias, um mês, já começou a retornar: pessoas passando por aqui e ajudando a cozinhar, a fazer os trabalhos e isso daí motiva bastante porque sozinha a gente não vai muito longe, sabe? E esse processo comunitário tem que ser comunitário, com uma comunidade, com gente, né! Não dá para ter uma comunidade de dois, três (Isabel, US 23).

Joana (US 1) descreve a ecovila por meio de ciclos de alta e de baixa da vida comunitária, sublinhando que o retrato do viver na Tibá é a capacidade de “[...] lidar com esses pulsos, navegar nesses pulsos de expansão e contração”. Esse processo requer uma disponibilidade para lidar com o coletivo, para compatibilizar as necessidades e os tempos

peçoais com os do coletivo; requer um exercício de “afinação” (Joana, US 1) para que a convivência possa se dar de modo mais harmônico e com menos atritos. Esse aspecto também é pontuado por João (US 11). Ele argumenta que a sua forma de estar na ecovila depende dele, mas também da comunidade, do entrelaçar de muitas necessidades, momentos de vida e possibilidades; e que esse dinamismo requer de cada morador/a, uma postura aberta e disponível para experienciar as mudanças que, em seu ponto de vista, são inerentes à ecovila.

Essa contribuição que cada moradora/a tem para esta dinâmica parte do balanço entre a vida pessoal, a vida profissional e a possibilidade de dedicação à ecovila de cada um. As falas de João (US 4, US 6), que constam a seguir, retratam essa influência:

E daí eu consegui mediar bem essa experiência de trabalho fora e de trabalho dentro, né? [...] Tempos que eu preciso me dedicar muito às coisas fora e consigo contribuir de forma menos intensa aqui com o trabalho da Tibá e períodos de experiência que eu vivi mais aqui. Eu terminei meu doutorado em 2019 e eu fiquei um ano aqui reestruturando esse trabalho coletivo que tinha dado uma caída. Teve um ciclo longo de processo de inserção e visitação, circulação de pessoas de fora e a gente deu uma cansada. Então em 2018/2019, deu um momento de muita baixa no trabalho coletivo aqui. Daí, 2019, quando eu terminei o doutorado, eu voltei a cabeça para cá, para fazer uma proposta de reestruturação do trabalho coletivo. Então foi um ano que eu vivi bem forte a experiência de reestruturação, de voltar a receber visitantes. Então é sempre muito dinâmico a forma como eu vivo essa experiência aqui, né? (João, US 4).

Então, a forma como a minha experiência de trabalho fora e dentro se relacionam, vai desde essa implicação, que tem uma coisa com a outra, um projeto que fortalece o outro ou dá coerência e sentido ao outro, mas também o tempo que eu preciso me dedicar a viver a experiência daqui e a viver a experiência de fora. Daí depende do momento da ecovila, das outras pessoas também. Agora, por exemplo, a gente tá no momento de voltar a pensar no trabalho coletivo, de geração de renda. Então pode ser que final do ano que vem, eu volte a me dedicar mais no trabalho na Tibá. [...] a forma como eu vivencio no dia a dia depende como eu tô escolhendo viver o trabalho externo e o trabalho interno aqui, como eu encaixo isso como estratégia de reprodução da vida, sabe? (João, US 6).

O balanço entre o tempo de dedicação às atividades profissionais e à ecovila descrito por João denotam situações distintas. Na primeira delas (US 4), estas atividades estabelecem entre si uma relação de oposição, de concorrência, diferente do que ocorre na segunda, onde a relação estabelecida é de composição e complementação. Mas para além disso, entendemos que a capacidade de navegar e lidar com esse dinamismo do coletivo e a forma como se responde a ele, promovendo adaptações e afinações entre a

esfera pessoal e coletiva, é um processo educativo que vai sendo forjado com o decorrer da experiência vivida na ecovila; um processo que guarda relação com a ideia de maleabilidade e flexibilidade.

Cabe pontuar, conforme sinalizado na fala de Isabel (US 23), que o momento em que as entrevistas foram realizadas, segundo semestre de 2021, marcava um ciclo de contração da vida comunitária na ecovila por conta da pandemia de COVID-19. O relato de Isabel retrata esse momento, em que a vida comunitária estava mais recuada, e descreve a forma como ela sente esse ciclo mais introspectivo do coletivo : um momento de reorganização e reestruturação das energias com vistas à chegada de um novo ciclo de expansão.

Os processos educativos que emergem deste contexto, em resposta ao dinamismo da ecovila, nos remetem ao Princípio 12 da Permacultura: Use e responda à mudança com criatividade (HOLMGREN, 2013). Essa dinâmica marcada por impermanências pode parecer estranha e, em certa medida, dissonante da Permacultura tendo em vista que este referencial pressupõe a construção de uma cultura e de um arranjo social que sejam duráveis. Holmgren (2013) nos explica que a busca por permanência, deve carregar em si uma dinâmica de impermanência; e que para a Permacultura, esse é um atributo essencial à continuidade e à resiliência dos ecossistemas, pois os capacita a responder e se adaptar criativamente a mudanças sistêmicas que escapam de sua governabilidade. O autor faz as seguintes considerações a este respeito:

Em *Permaculture One* afirmamos que, embora a estabilidade constituísse um importante aspecto da permacultura, a mudança evolucionária é essencial. A permacultura refere-se à durabilidade dos sistemas vivos naturais e da cultura humana, mas essa durabilidade depende paradoxalmente em grande medida de flexibilidade e mudança. Muitas histórias e tradições trazem o lema de que é em uma maior estabilidade que residem as sementes da mudança. A ciência tem nos mostrado que o aparentemente sólido e permanente é, no nível atômico e celular, uma massa fervilhante de energia e transformação, similar às descrições em várias tradições espirituais (p. 363).

Holmgren (2013), assumindo uma perspectiva de análise em escalas, compreende essa relação entre estabilidade e mudança dos sistemas como um equilíbrio dinâmico. O autor argumenta que mudanças em pequena escala podem contribuir para uma estabilidade sistêmica, estrutural, e representa essa dinâmica pelo símbolo de uma borboleta. “A borboleta, que é a transformação da lagarta, representa a ideia de uma mudança adaptativa que é extasiante e não ameaçadora” (HOLMGREN, 2013, p. 363).

Ao tematizar a resiliência aplicada ao contexto ecológico, de transformação dos ecossistemas, Figueiredo e colaboradores (2017) também discutem as mudanças socioambientais assumindo essa mesma perspectiva. Eles argumentam que, no pensamento resiliente, as mudanças em ecossistemas são vistas como um processo contínuo e inevitável que pode ser desencadeador de renovação e inovação. Essa abordagem compreende a dinâmica dos ecossistemas por meio de diferentes escalas, considerando os atributos do ambiente e a sua capacidade de adaptação e resposta a mudanças, em que se inclui as formas de interação socioecológica (FIGUEIREDO *et al.*, 2017).

O relato de Isabel (US 17, US 18) que se apresenta na sequência traz outra perspectiva desse processo de lidar com o coletivo, do balanço entre a vida pessoal e a vida comunitária que essa experiência requer. Quando ela aborda esse balanço, a forma como ela se divide entre as demandas pessoais, profissionais e da ecovila, ela manifesta uma conotação de desafio; menciona habilidades e aprendizagens que precisam ser adquiridas para que este balanceamento ocorra de forma mais tranquila. Essa perspectiva se desvela principalmente pela fala: “São para além das minhas habilidades, então além de tudo, não é só fazer algo que a gente sabe fazer, é algo que eu não faço ideia, que eu preciso aprender, que eu preciso copiar alguém” (Isabel, US 18).

Olha, eu tive momentos que eu priorizei mais o coletivo do que o núcleo familiar, aí teve um momento que eu priorizei mais o núcleo familiar do que o coletivo. [...] há dois anos atrás, eu fiquei oito meses na cidade, aí quando eu voltei para ecovila, eu fiquei na casa container, que é uma casa separada da casa mãe. E aí agora, eu volto de novo para casa mãe – em que eu brinco, é a casa mãe, então ela tem esse nome realmente porque ela é a casa de todo mundo, é a casa que acolhe as pessoas, que é a casa mãe. Só que ela é o olho do furacão. Tudo acontece aqui, tudo você tem que ficar mais atenta. É a nossa vitrine, a entrada. [...]. Todo mundo que tem a sua própria casa, viveu aqui na casa da mãe e agora tem oportunidade de ter sua própria casa. [...] A gente ainda não conseguiu levantar um recurso para construir nossa casa, então a gente vive aqui nessa casa mãe, o que me faz estar muito envolvida com o coletivo, com a comunidade. Então eu estou diariamente envolvida aqui.

Então o que eu tento fazer, e não faço do jeito que eu gostaria, é tentar me programar, me policiar, como as coisas, elas estão misturadas, mas para que as coisas estejam tenham o meu nível de dedicação suficiente para que elas funcionem, [...] então eu preciso ter meu tempo de dedicação com qualidade a meu empreendimento e também ter a caixinha ecovila e assim poder também estar aqui, consumida por tudo que isso aqui me consome, sem também tirar todas as minhas energias (Isabel, US 17).



E a ecovila que a gente vive, é onde eu escolhi ter uma vida comunitária e onde eu escolhi poder ter possibilidade de geração de renda e de moradia no mesmo lugar. Então eu tento conciliar as coisas, sabendo dividir, me dedicar o melhor possível a tudo isso, que também está tudo integrado, né? Tem horas que eu acho que tem coisas que estão dando melhor que as outras, aí eu vou tentando balancear aqui e as exigências de trabalho ali. São para além das minhas habilidades entendeu, então além de tudo, não é só fazer algo que a gente sabe fazer, é algo que eu não faço ideia, que eu preciso aprender, que eu preciso copiar alguém. Então às vezes demora mais para completar, para ver alguma coisa concluída. E aí você quer ver coisa concluída e você só fica se dedicando àquilo e esquece do outro. Eu vivo tentando conciliar coisas aqui e gostando de que as coisas são interligadas (Isabel, US 18).

Ao final de seu relato, Isabel (US 18) comenta que essa orquestração de demandas também a leva a concluir suas tarefas em um tempo maior. Outras unidades de significado desvelam esse mesmo sentido: a ideia de que o caminhar em grupo por vezes é mais lento, a exemplo da fala de Marcelo (US 7):

Já tive risos e lágrimas. Muita, dos dois. Eu até falei com uma pessoa hoje: acho que se eu tivesse dinheiro eu não estava aqui não. Apesar de eu achar bom, né? É, se eu pensar friamente eu vou escolher: “eu quero estar aqui”, mas é um desafio muito grande. É um desafio muito grande porque você tem que estar socializando os seus planos a todo momento e ele está sempre se entrelaçando com os planos das outras pessoas que muitas vezes são conflitantes. Então é um desafio, mas eu gosto. Eu sinto que gente tá... a gente caminha lento quando faz em grupo. Eu sinto que não tem essa explosão, do corredor de 100 metros, que ele vai sozinho, sabe? Uma pessoa com recurso, ela vai e executa, paga para fazer e o negócio acontece (Marcelo, US 7).

Marcelo (US 7) se refere à ecovila como um viver marcado por “risos e lágrimas”. Em sua entrevista ele vai apresentando os aspectos positivos e desafiadores desse viver e ao final, desvela um balanço satisfatório entre esses aspectos. Para exemplificar as “lágrimas” vividas na ecovila, ele comenta os desafios de socialização e articulação dos planos de cada residente e o fato deste entrelaçar acabar impondo um ritmo mais lento à realização de algumas demandas.

Outros participantes da pesquisa problematizaram os tempos do coletivo, o tempo do outro, desvelando processos educativos que estão ligados a este exercício, à disponibilidade para lidar com esses tempos, que levam a uma postura menos exigente (Isabel, US 21; Taís, US 7) e menos perfeccionista (Taís, US 7). A fala de Taís (US 7), que consta a seguir, também revela a ideia de lentidão associada ao coletivo, em linha com a fala de Marcelo (US 7), no entanto pondera aspectos que nos fazem enxergar esse movimento por outra ótica, que atribui maior valor aos processos do que aos resultados.

E às vezes eu me sinto também muito exigente com relação ao outro, ao tempo coletivo, ao papel do outro. Isso daí me incomoda um pouco porque acho que cada um caminha no seu tempo, no seu caminhar, no seu processo. Então, eu queria ser menos exigente (Isabel, US 21).

[...] Eu ainda me considero perfeccionista, mas eu deixei de ser exigente com as pessoas. E isso é um processo: não é um deixei, deixei, mas é um processo em que eu fui compreendendo os limites de cada um e os meus próprios limites, [...]. Então eu acho que tem um pouco disso, da minha exigência quanto à realização das coisas e compreender que tudo tem seu tempo, compreender que coletivamente cada um também vai ter o seu tempo. Então coletivamente o processo demora muito mais do que se eu fizesse sozinha, mas o aprendizado coletivo ele é muito maior. Então o caminhar ele faz diferença nesse sentido, entendeu? De que você vai aprendendo durante o caminho e não importa o resultado, entendeu? Importa esse caminhar coletivamente em que a gente vai amadurecendo as relações e o ser e estar junto de forma coletiva. Eu vejo esse aprendizado assim, sabe? No sentido de eu entender um pouco mais os tempos também, entender um pouco mais os processos. Entender e não exigir. Eu acho que isso traz um amadurecimento maior (Taís, US 7).

Navegar e lidar com a vida comunitária, balanceando e articulando demandas, necessidades e possibilidades, requer uma atitude de compreensão e de respeito quanto aos tempos do coletivo, do outro e do próprio tempo. Essa postura valoriza a experiência enquanto processo, oportunizando processos educativos que favorecem “o ser e estar junto de forma coletiva” (Taís, US 7), que criam um senso de integração, interconexão e interdependência com o outro em um contexto de vida comunitária, onde o convívio está para além do núcleo familiar. Cabe aqui retomar o relato de Raquel (US 2) que abre esta categoria. Ele sublinha que neste modo de vida, em que se procura viver coletivamente, o sentido de família se amplia para além das relações consanguíneas e passa a ser marcado pela ideia de uma intencionalidade comum, se articulando ao conceito de comunidade intencional. O relato a seguir, desta mesma entrevistada, dá destaque a esse aspecto:

A experiência de viver na ecovila, é uma experiência de você viver num assentamento social intencional, num coletivo intencional. A grande diferença não é estar na ecovila Tibá, mas em você viver coletivamente em um assentamento social intencional. Então todos que estamos lá, queremos estar lá, queremos construir a convivência coletiva (Raquel, US 1).

Raquel destaca o desejo de construção de uma convivência coletiva por parte das pessoas que residem na Tibá. Com base nisso, apresentamos de que modo esta convivência se dá, como os/as moradores/as se relacionam nesta comunidade e os processos educativos que emergem dessas interações.

O cotidiano da ecovila Tibá apresenta diversas práticas comunitárias, mas uma delas recebe um olhar e uma denominação especial, pois tem um papel muito significativo e estruturante na vida da comunidade. Nos referimos aqui à prática denominada pelos/as entrevistados/as como “cuidado coletivo”, que é composta pelas diversas atividades que se voltam à alimentação dos residentes na ecovila, como a compra de alimentos, o preparo e a partilha das refeições, a limpeza do refeitório e da cozinha e o descarte dos resíduos gerados. O relato a seguir faz uma descrição desta prática:

A gente tem um processo em que a vida comunitária se dá no que a gente chama de cuidado coletivo. O que é o cuidado coletivo? É você disponibilizar um dia da sua semana para você cozinhar para a comunidade. Então a gente fazia duplas e essas duplas ou trios se responsabilizavam em alguns momentos pelo café da manhã, almoço e janta e em outros momentos só pelo café da manhã e almoço. Então esse cuidado coletivo, ele foi sempre existindo nos momentos em que tem muita gente dentro da Tibá. [...] quando a gente tá recebendo pessoas que vem fazer uma vivência, então a gente acaba criando essa estrutura coletiva que dá suporte para uma vida comunitária no sentido das refeições. E isso tem a ver também com utilizar o que a gente tá plantando aqui. Então nesses momentos de expansão digamos assim, a gente tá com essa vida comunitária ativa, nesse sentido em que a gente se encontra todo dia para almoçar, pelo menos, a gente divide o trabalho disso entre todo mundo, a gente faz compra coletiva, existe uma contribuição financeira para você comprar o alimento, existe uma contribuição de trabalho mesmo, das pessoas que estão trabalhando na terra, dos voluntários que vêm para trabalhar na terra e aprender a fazer esse manejo. Então seria mais ou menos esse o momento de expansão. [...]

E tem os ciclos de baixa que em alguns momentos... algumas famílias se mudaram para a cidade, resolveram morar na cidade por conta da dificuldade de gerar renda aqui. Então aí trouxe um processo em que poucas pessoas ficaram aqui. Cada um se recolheu na sua família, então as refeições acabaram ficando na sua família, no seu núcleo e a gente deixou de receber visitantes. Então, não só durante a pandemia, mas antes mesmo, já teve um ciclo em que a gente parou de receber visitantes, voluntariados, por também demandar uma dedicação de trabalho, de energia, em que as pessoas que recebiam falavam “às vezes dá mais trabalho receber gente do que do que não receber, do que eu fazer o próprio trabalho”. Então nesses momentos de ciclo de baixa, a gente percebeu esse momento mais introspectivo de vida comunitária. Mas em todos eles a gente manteve pelo menos as nossas reuniões. Talvez num momento de alta, com uma frequência maior, num momento de baixa com a frequência menor, mas em todos a gente manteve as nossas reuniões ativas para dialogar sobre as demandas da comunidade (Taís US 2).

Neste relato, Taís (US 2) descreve o funcionamento do cuidado coletivo ressaltando seu vínculo com os momentos de vida comunitária mais aquecida. Esta prática pressupõe a realização de atividades de modo cooperativo/colaborativo. Ela se

articula com as atividades de plantio e manejo da terra (aproveitamento de alimentos) e é extensiva aos visitantes da ecovila. Além de ter um papel central na convivência comunitária, ela viabiliza e fortalece outras práticas coletivas, além de dar suporte para as atividades de visitação. Em momentos de baixa, em que a vida comunitária está mais recuada (a exemplo do momento em que a Tibá se encontrava quando fizemos as entrevistas) este cuidado coletivo é interrompido e os núcleos familiares acabam realizando suas refeições de modo mais individualizado.

Vejamos o que diz Joana (US 9) sobre o cuidado coletivo e que outras práticas da ecovila são desveladas em seu discurso:

A gente então fechou a ecovila para recepção de pessoas – porque a gente tinha esse circuito muito fluido de receber visitantes, de receber voluntários. E daí esses quase dois anos modificou isso. Essa circulação de pessoas externas pela ecovila também gerava um movimento de coletividade, porque a gente sempre elege um padrinho e uma madrinha para dar atenção para essa pessoa. Essa pessoa fica muito situada na casa mãe onde residem algumas pessoas, então acaba gerando um núcleo de vida coletiva, vida comunitária mais intenso. Com isso diluído, esse pulso coletivo também dilui.

Ano passado a gente fez um movimento intenso de cuidado coletivo, que é um nominho que a gente dá para esse movimento da gente compartilhar as refeições, então a gente produz essas refeições juntos e compartilha. E esse ano já não, acabou isso. A gente não está nesse movimento. Anterior a isso, esse movimento, nesse ciclo de expansão, a nossa forma de se organizar com muita gente circulando era por meio do apadrinhamento dessas pessoas que chegavam, com uma estrutura [trecho incompreensível], toda a cadeia de alimentação, desde produção, compra, elaboração de refeições, descarte de resíduos, limpeza dos refeitórios, da cozinha... todo um ciclo que a gente chama de cuidado coletivo, que é o motor da vida coletiva. E aí a gente, os sócios residentes, a gente distribui a responsabilidade pela acolhida dessas pessoas e acaba que com essa movimentação toda, a nossa, também acaba sendo mais frequente. [...] (Joana, US 9).

Joana (US 9) apresenta uma descrição do cuidado coletivo similar/complementar à de Taís (US 2). Ele o define como “o motor da vida coletiva” e em sua descrição aborda um aspecto da ecovila que tem muita interface com esta prática: a visitação. Ela pontua a forma como a visitação e a vida comunitária estão imbricadas e comenta que esta relação faz com que a visitação acabe contribuindo para o fortalecimento e para coesão da comunidade, tendo em vista que ela requer toda uma estrutura coletiva de organização e funcionamento para que possa ser experienciada de forma positiva tanto pelo/a visitante como pela comunidade. Destacamos a estratégia de apadrinhamento das pessoas externas,

que estão estabelecendo uma relação de convívio com a comunidade, pelos moradores e moradoras da ecovila.

Aproveitamos para trazer uma fala de Joana (US 10) que nos ajuda a compreender a visitação na ecovila, uma atividade marcante nos ciclos de vida comunitária mais expandida. Esta atividade ocorre na forma de eventos e de um turismo ecopedagógico que consiste no recebimento de escolas, faculdades e pessoas que tenham interesse em conhecer a vida na Tibá. Neste relato, Joana observa mais uma vez o papel gregário que a visitação exerce na comunidade:

Aí, quando a vida coletiva está mais aquecida a gente acaba fazendo mais eventos, eventos que recebem pessoas de fora que vão vir só para curtir o evento. A gente, principalmente eu e o meu companheiro, estava muito voltado para cursos, para um turismo ecopedagógico, que a gente fazia aqui... Então recebia escola, faculdade, enfim, coletivos que tivessem interesse de conhecer esse tipo de proposta e [trecho incompreensível]. Mas a gente fazia muita coisa, fazia festa, fazia teatro, fazia acampamento com as crianças... Era um outro movimento essa vida mais expandida, um coletivo mais expandido. Então você vê, é bem diferente, e acaba que quando tem muito movimento [trecho incompreensível] também possibilita que nossa renda seja acrescida por esses movimentos, então acaba que a gente consegue viver um pouco mais daqui, da Tibá, e acaba fazendo que a gente se junte mais também para produzir, para ofertar serviços, que isso aí já não dá para fazer sozinho, você tem que ter sempre uma equipe (Joana, US 10).

A fala de Raquel (US 15), que será apresentada a seguir, aborda outras atividades que são praticadas na ecovila em momentos de vida comunitária expandida, que assim como o cuidado coletivo, são reveladoras de processos educativos relacionados à cooperação e à ajuda mútua. Raquel comenta sobre as caronas solidárias praticadas por ela e seu marido para levar e buscar as crianças na escola (localizada na área urbana, fora da ecovila), os cuidados coletivos associados aos momentos de refeição, os mutirões de plantio e manejo dos cultivos e os cuidados com as crianças.

[...] as crianças eram pequenas e a gente notou que todas as crianças estudavam à tarde e estavam saindo três carros. Eu e meu marido, a gente pegou e trocou nosso carro por uma kombi, porque a gente era os únicos que saía de ecovila, né? [...] Eu e meu marido, a gente trabalhava fora e o resto, todo mundo trabalhava já na ecovila. Ou cuidava da terra ou fazia mestrado e doutorado, então podia fazer de lá, não precisava sair. Aí a gente pegava a kombi, ia, voltava para almoçar na ecovila, pegava as crianças e levava para escola de kombi. Aí a gente ia trabalhar e no final do trabalho, na volta, passava pegava as crianças na escola e voltava para a ecovila. A gente ficou anos fazendo isso. Então um dos nossos trabalhos era levar e buscar as crianças na escola, enquanto os

pais estão lá cuidando de outras atividades internas. Aí tinham as duplas que faziam as refeições. Aí a gente foi trabalhando variações disso, né? Hoje, já deu uma esvaziada. [...] E hoje a gente tá com medo das pessoas. A gente decidiu (e por causa da covid, essa problemática, né?), a gente decidiu: “Ah, não, por ora, pára o cuidado coletivo. [...] quando a gente quiser voltar ao cuidado coletivo, restabelecer, a gente restabelece”. Então são ciclos, né? [...] Hoje a gente está no momento das famílias no casulo, mas nem tanto casulo assim porque enfim, as crianças, é isso, né? Tem dia que eu tô... Esse final de semana teve mutirão e eu fiquei com o cuidado das crianças. [...] e o pessoal foi fazer o mutirão na terra. Aí na hora do almoço junta todo mundo, cada um leva o seu prato combinado e aí é um almoço coletivo. A gente troca ideia, as crianças ficam brincando juntas. É mais ou menos isso (Raquel, US 15).

As descrições que vêm a seguir retratam a dinâmica atual da ecovila e algumas das atividades que estavam em andamento, no momento em que as entrevistas foram realizadas, ou seja, um momento de contração e retraimento da vida comunitária, mas também de expectativa para retomada dos cuidados coletivos e da visitação:

[...] nesse ciclo mais contraído, cada núcleo vai tocando a sua vida, a sua particularidade. E aí o que a gente nutre mais de vida coletiva são os espaços de reunião para encaminhamento de demandas burocráticas e materiais do sítio, do espaço físico e da associação, que são duas coisas diferentes que a gente tem que dar conta, e o terceiro, que é das necessidades dos residentes. A partir dessas pautas de reunião a gente tira esses momentos. E aí eu acho que tem uns bloquinhos: a distribuição de tarefas que cada um vai pegar individualmente para fazer e o que a gente vai fazer coletivamente – mutirão de plantio, mutirão de construção, mutirão de reparo, que é um trabalho, mas tem a celebração, né? E uma coisa que a gente gosta muito de fazer é ficar festejando. A gente se encontra e:

“Ah, vamos tomar uma cerveja lá em casa?”

“Vamos fazer um churrasco na minha?”

“Hoje o almoço é aqui, vamos juntar prato?”

Então é bem orgânico, [...]

E o último são as crianças porque elas são esse forte que entrelaçam o coletivo. Elas estão sempre circulando, umas nas casas das outras, nesse mesmo movimento – a gente chama para tomar cerveja e elas chamam para brincar. Elas vão, sobem, descem, organizam as coisas, as atividades delas juntas, vão fazer caminhada na mata, trilha na cachoeira, pegam a bike e vão dar role, vão brincar. Enfim, cada hora é uma história, se organizam para dormir, quem dorme na casa de quem. Hoje a gente está com 10 crianças na ecovila, então é um timinho bom aí (Joana, US 8).

Hoje está mais ou menos assim: a gente tem as nossas reuniões ordinárias mensais da associação, que tem um monte de coisa para encaminhar, planejar, reformas para fazer – esses mutirões, por exemplo. E aí as reuniões são mais nesse sentido, ou ordinária ou de mutirão para gente manter a conexão. No dia a dia também se encontra, né? Vai sei lá, colher uma banana... meu galinheiro... você acaba se

cruzando. Vou cortar a grama ali, vou passear. Mas é isso, acho que a gente tá nessa maré do recolhimento agora e mais para frente, quando puder... Tá todo mundo ansioso (Raquel, US 16).

As nossas discussões estão tudo com relação a: como que a gente vai receber as pessoas quando abrir, a estruturação de tudo isso. [...] Foi todo o fuá da pandemia e ainda é, mas já a gente está começando a falar sobre abrir de novo quando todo mundo já tiver vacinado, quando for seguro e tal. E é isso. Aí volta a discussão sobre trabalho coletivo, sobre remuneração coletiva. A gente tentou algumas vezes... não é obrigatório para todo mundo então teve um grupo dentro da ecovila que tentou fazer coletivamente esse trabalho de receber pessoas (antes da covid e tal). [trecho incompreensível]. Eles pararam o planejamento, mas a estrutura está montada, sabe? O raciocínio de como vai funcionar, de onde vai vir a renda, o caixa coletivo e tal. Então agora a gente tá... eles estão rediscutindo... outro grupo se formou e está rediscutindo isso. [...] (Raquel, US 17).

As entrevistadas abordaram as reuniões de encaminhamento de demandas, os mutirões de plantio, de construção e de reparo, as celebrações, as relações de convívio entre a comunidade e a perspectiva de retomada da visitação considerando o trabalho e geração de renda coletivos. A fala de Joana (US 8) também revela uma informação interessante, o fato de as crianças terem um papel importante no entrelaçamento e coesão da comunidade, considerando que elas estão o tempo todo circulando pela ecovila e fazendo atividades juntas. Observamos que o cuidado comunitário das crianças também contribui para a coesão da ecovila. Ele foi pontuado anteriormente na fala de Raquel, (US 15) e será tematizado mais adiante, quando adentrarmos na descrição dos processos educativos que emergem da perspectiva intersubjetiva para as relações na ecovila.

Para arrematar esse trecho da discussão, que ilustra um pouco do convívio e das atividades praticadas pela comunidade, tematizamos a casa mãe da ecovila por meio do relato de Isabel (US 19). Esse espaço é um elemento muito simbólico e muito caro à vida comunitária, pois diversas atividades acontecem ali: ela é a primeira morada das pessoas que decidem entrar para a comunidade, é a casa que recebe as reuniões comunitárias e os cuidados coletivos. Ela favorece a convivência, a interação e a emergência de processos educativos.

E aí ela já teve várias configurações porque ela é uma casa grande, é uma casa que tem duas cozinhas. A parte de cima tem cozinha, a parte de baixo tem cozinha; ela é uma casa meio que dividida em duas, então em vários momentos ela se configura de uma forma. Hoje eu ocupo metade dela e quase inteira, mas é isso, a varanda não é toda minha, metade da varanda também usam para fazer ateliê. Essa casa é de todo mundo. As pessoas que habitam essa casa têm um pouco mais de responsabilidade sobre ela. [...]. Mas para as minhas responsabilidades aqui, eu dependo de mutirões, eu dependendo que mais gente venha me

ajudar, porque ela é uma casa grande, é uma casa que tem até piscina. E aí essas coisas não são tão simples assim, mas é a casa que recebe nossas reuniões. A gente teve as fases do cuidado coletivo, agora a gente está sem. Com possibilidade de retorno do cuidado coletivo a gente divide equipes e todo dia tem alguém que cozinha, tem uma equipe que cozinha. Então você está no melhor dos mundos, que já foi antigamente. Você trabalha um dia na cozinha e os outros cinco você tem café da manhã, almoço e janta pronto. Tudo isso acontecia aqui na cozinha da casa mãe e ela, a gente ainda não sabe qual é o futuro dela, se ela vai ser para sempre uma casa mãe. A gente gosta muito da ideia de ser um dia uma pousada, que é o nosso objetivo. [trecho incompreensível]. E que a casa mãe seja uma casa mais destinada a receber mais pessoas, receber cursos, mas ainda está tudo muito fechado, então enquanto isso a gente vai estruturando as coisas (Isabel, US 19).

As práticas comunitárias da ecovila desvelam um modo de viver cooperativo, que gera conexão entre as pessoas. As entrevistas e os relatos apresentados mostraram os/as moradores/as se alternando, compondo rodízios e mutirões para a realização de diversas tarefas na ecovila. Desse universo de práticas de ajuda mútua emergem processos educativos que favorecem a cooperação, o cuidado (consigo, com o outro, com a comunidade), a solidariedade e a responsabilidade, ao estimular “[...] a participação de todos em tudo o que interessa a todos” (BOFF, 2002, p. 15). Em muitos relatos, vimos que este contexto de interação desvelou a aprendizagem de novas habilidades, práticas, leituras e visões de mundo, de modo a favorecer o diálogo, o afeto, o exercício de alteridade e o respeito à diversidade. Mas notamos que esses processos nem sempre decorrem de interações harmônicas; algumas delas, ou melhor, muitas delas se vinculam a situações de tensão, conflito ou adversidade que basicamente estão relacionadas a capacidade de lidar com o outro em suas diferenças.

Compreendemos que a relação destes contextos de tensão e adversidade com a emergência de processos educativos humanizadores, tal como foi mencionado, tem a ver com a intenção de superar a situação conflituosa visando a manutenção das relações de convívio e a continuidade da ecovila considerando a existência de um propósito maior compartilhado pelo grupo; tem a ver com o nível de abertura e disponibilidade das pessoas em lidar com a diferença e aprender com ela, passando por trajetórias de (auto)questionamento e problematização.

Ao longo das entrevistas, os/as colaboradores/as descreveram as leituras que fazem do mundo e das relações humanas, a forma como foram afetados/as pelas experiências vividas na ecovila e as aprendizagens e significados atribuídos a elas. Eles/as comentaram os aspectos positivos e prazerosos dessa convivência e também os aspectos



difíceis/desafiadores que requerem um manejo, um trabalho no campo pessoal e coletivo, para que possam ser superados ou ressignificados visando a construção de bons viveres na ecovila.

Os termos “[...] risos e lágrimas” (Marcelo, US 7), “[...] dores e prazeres de lidar com a diversidade” (Tiago, US 10), “[...] ao mesmo tempo que é gostoso para caramba, é difícil para caramba” (João, US 23) e “a parte mais difícil [...] é a mais enriquecedora” (Raquel, US 45) revelam facetas dialéticas dessa convivência. Embora todos/as os/as entrevistados/as abordem o convívio por essas duas perspectivas, todos/as fazem isso assumindo um balanço positivo entre elas, pois ao mesmo tempo em que manifestam o desafio desta experiência, destacam a riqueza e a satisfação de pertencer a este processo de construção.

Os prazeres da vida na ecovila identificados nas entrevistas, relacionados ao viver comunitário e à esfera mais intersubjetiva das relações, estão vinculados ao tema da autogestão, a contextos de divisão de tarefas, ajuda-mútua e partilha do viver em que se verifica a redução na sobrecarga de tarefas, a atuação complementar entre todos/as em função das habilidades de cada um e o aprender com o outro. Os desafios identificados, considerando essa esfera intersubjetiva, emergem principalmente das situações que requerem o lidar com o outro considerando a diferença/diversidade.

A fala de Tiago (US 6) que vem a seguir, tematiza os prazeres e os desafios da vida comunitária de um modo muito significativo para esta pesquisa, pois anuncia processos educativos que emergem da interface entre essas duas facetas, nos convidando a enxergá-las por meio de uma lógica de complementariedade, para além de uma visão dicotômica ou dual, que aponta para a complexidade das relações humanas e para o manejo e o cuidado que elas requerem – uma ideia presente em todas as entrevistas. Esta ideia é central para a compreensão dos processos educativos desta categoria.

[...] Agora, o que é trabalho mesmo, o nosso real trabalho, é lidar com as pessoas. Você quer conviver comigo? Então você tem que me conhecer, eu tenho que conhecer você, a gente tem que saber se o santo bate, se dá certo, se a gente se aguenta. Eu costumo dizer assim, se a gente tem paciência com os defeitos um do outro, tem condição de lidar com os defeitos de um e do outro, a gente tem acesso às virtudes de um e dos outros. Se eu não conseguir ter essa condição de lidar com os defeitos, essa paciência, eu não vou conseguir chegar nas virtudes. E a gente se dispor a aprender com essa convivência, é basicamente isso que é o trabalho diário da comunidade (Tiago, US 6).

Nos parece que a diversidade e a alteridade – representando o reconhecimento e respeito ao outro em suas diferenças, de acordo com Loos e colaboradores (2010) – atreladas à cooperação e à convivência constituem o cerne das dores e também dos prazeres da vida comunitária na ecovila Tibá, compondo uma espécie de ponto comum e articulador entre estes dois sentimentos. Essa compreensão se desvela no relato de Tiago (US 6) quando ele explica que o verdadeiro trabalho da ecovila (de seus moradores e moradoras) é “lidar com as pessoas” e quando afirma que “se a gente tem paciência com os defeitos um do outro, tem condição de lidar com os defeitos de um e do outro, a gente tem acesso às virtudes de um e dos outros”. Nessa última fala de Tiago, as relações humanas assumem uma conotação de processo, de construção, de uma interação que é vivenciada e percebida em níveis, em camadas; a paciência e a tolerância aparecem como elementos chave para a ampliação das interações e dos níveis de consciência sobre as mesmas, e neste sentido marcam a importância que a alteridade, o assentimento e a superação das divergências têm neste processo. Acreditamos que essa perspectiva possibilita uma compreensão da experiência comunitária para além de uma visão binária, dualista; possibilita entender suas dores e os prazeres desse conviver como elementos dialéticos, complementares dessa experiência.

Os relatos a seguir (Raquel, US 45; Tiago, US 12) nos ajudam a avançar na compreensão dessa ideia:

Tem uma pergunta, que quando a gente dava entrevista todo mundo perguntava, que eu acho interessante falar da pergunta e da resposta:

“O que é mais difícil nesse processo?”

“As pessoas.”

“O que que é mais legal nesse processo?”

“As pessoas.”

[...] Você consegue na literatura achar fácil técnicas de separação de resíduos, tratamento de água, de gestão... ferramentas de tomada de decisão. Mas as pessoas, os humores das pessoas, as necessidades, as formas com que enxerga o mundo, você alinhar, conversar, tomar decisão – porque a nossa decisão é consensual, é por consentimento –, discutir, dar tempo ao tempo... é a parte mais difícil, mas é a parte mais legal porque é mais enriquecedora, é assim que a gente aprende, né? É ouvindo o outro, é autoquestionamento, questionando o outro, sempre no respeito, sempre no cuidado... [...] qualquer coisa que você envolve pessoas aí é que tá a complexidade, né? [...] sair do ego, sair da construção social, quando você se enxerga e enxerga os seus limites para poder você se relacionar bem com as pessoas. São pessoas... somos pessoas, né? É rico (Raquel, US 45).

[...] porque a verdade é que viver o Tibá foi para mim um grande aprendizado, um grande gerador de mudanças e melhorias, e de autoconhecimento [...]. Em verdade o projeto Tibá (naquele aspecto que

eu falei para você em que o trabalho é com as pessoas), o trabalho de construir, projetar, implementar, pôr a mão na massa, manter, ele é muito pequeno comparado com o trabalho de lidar com as pessoas, de lidar com o outro e comigo mesmo. [...] com certeza não dá para imaginar as descobertas que a gente teve no Tibá, pessoais e interpessoais, em termos de visão de mundo e de sociedade, sem as experiências, sem as coisas que a gente viveu no Tibá. Então com certeza, o Tibá para mim é um local de aprendizado, é um local de evolução, é um local de autoconhecimento e de conhecimento do próximo. Porque o que aconteceu, o grupo que está lá hoje, é um grupo que investiu no desenvolvimento pessoal, em criar uma comunidade onde as pessoas têm no seu íntimo a capacidade de lidar com as outras (Tiago, US 12).

Estes relatos argumentam que o desafio da ecovila não está na implantação de soluções e tecnologias sustentáveis ou de baixo impacto ambiental, mas sim nas relações humanas, na interação, no lidar com o outro. Eles tematizam as relações de convívio e colaboração pela perspectiva da alteridade, considerando o respeito ao outro em sua diferença e a partir disso tematizam a tolerância, a paciência, o diálogo, a escuta, a disposição para resolução de conflitos e a abertura ao outro. Nessa perspectiva, a alteridade e o autoconhecimento são vistos como pontos centrais na busca de ferramentas para a resolução de conflitos e construção de boas convivências.

A perspectiva de que os desafios vivenciados na ecovila são em grande medida voltados às relações humanas, conforme verbalizado por Raquel (US 45) e Tiago (US 6, US 12), converge com a forma como Capello (2013, p. 65-66) compreende as ecovilas:

[...] para se caracterizar como uma ecovila é preciso ir além de um kit de equipamentos sustentáveis. Não se trata apenas de tomar partido de técnicas capazes de reduzir o consumo de água e de energia em uma vizinhança, ou de “apenas” construir de uma maneira mais amigável para o planeta. Isso tudo é parte de algo maior, que envolve de forma especial as relações humanas.

Entendemos que, na Tibá, a compreensão das relações humanas passando pela perspectiva da alteridade é um fator chave para a coesão comunitária; é um aspecto que está diretamente relacionado à dimensão social da sustentabilidade e que tem um papel muito importante na viabilidade e permanência da ecovila (DIAS; LOUREIRO, 2019).

Esta consideração também converge com os achados descritos na tese de Roysen (2018a). Por meio de um levantamento nacional de ecovilas ela concluiu que as práticas sociais relacionadas à dimensão social/comunitária das ecovilas são percebidas por seus membros como sendo as mais importantes pois dão sustentação emocional ao grupo e

neste sentido servem de base para a realização e desenvolvimento de outras práticas sociais.

Apresentamos a explicação de Raquel (US 3) sobre como se dá a relação eu-outro na convivência social da ecovila, e as fases pelas quais esta relação vai transitando no decorrer desse convívio.

Então a gente brinca assim: pra entrar na ecovila, pra essa convivência social, você passa por quatro fases: a fase do deslumbramento, que todo mundo é anjo; a fase do “tututu”, aponta dedo pra todo mundo, que culpa todo mundo, tudo tá horrível; a fase do... quando você enxerga os três dedos pra você, porque afinal todas as pessoas, as relações são espelho, e você começa a se enxergar naquele coletivo, então entra uma parte introspectiva; e a quarta fase seria você se enxergar no grupo. Agora imagina vivenciar isso em ciclo, né? Você passa as quatro fases e na primeira vez é difícil porque você tem um monte de quebra que você vivencia de conceitos que você traz da sua vida anterior, ao viver em um coletivo. [...] (Raquel, US 3).

Nesse relato, Raquel pontua a forma como os indivíduos vão ampliando e se conscientizando do seu papel, ou melhor, da sua responsabilidade na construção das relações de convívio. Esse processo guarda relação com a segunda ética da Permacultura: cuidar das pessoas.

De acordo com Holmgren (2013), cada ética pode ser compreendida sob diversos níveis. A ética que trata do cuidado com as pessoas, pode ser compreendida e aplicada em duas escalas: uma mais ampla, com foco nas necessidades e aspirações humanas, e outra mais local, interpessoal, que ressalta o cuidado com o outro e o reconhecimento da responsabilidade pessoal pelas condições nas quais se vive – na medida do possível, pois não se pode ignorar que essas condições também resultam de um contexto histórico, político e social (HOLMGREN, 2013). Sem negar os efeitos da estrutura social na construção das relações humanas, este autor entende que a responsabilidade com o outro, com o ambiente, parte do cuidado consigo mesmo; que o cuidado deve começar neste ponto e a partir daí, irradiar para abranger níveis relacionais, coletivos, globais (Figura 2). Segundo o autor, não se trata de uma perspectiva egocentrada, mas de “[...] um desafio para o crescimento por meio da autossuficiência e da responsabilidade pessoal.” (HOLMGREN, 2013, p. 59).

Se articularmos essa ideia da construção do senso de responsabilidade por aquilo que nos cerca com a construção de relações baseadas na diversidade e alteridade, podemos considerar que as relações de convívio na ecovila possibilitam a emergência de

processos educativos que contribuem com uma práxis responsável, proativa, com relação ao outro e ao contexto que se vive.

Essa lógica de responsabilidade e cuidado nas relações também está presente na discussão de Brandão (2005b) sobre a construção de uma vida de qualidade. O autor rejeita os critérios de qualidade de vida que derivam de uma lógica capitalista e opta em discutir os critérios que podem nos levar a uma vida de qualidade e adota parâmetros de qualificação da vida que valorizam o ser ao invés do ter, que valorizam a cooperação no lugar da competição. E compreende a vida de qualidade como processo de “[...] construção social que se edifica por meio de gestos solidários de livre co-responsabilidade e de amorosa partilha.” (BRANDÃO, 2005b, p.37). Não se trata de um privilégio ou de uma conquista pessoal baseada na ideia de meritocracia, seguindo a lógica da desigualdade e da exclusão. É um direito coletivo, um projeto social construído por todos/as e para todos/as. Nessa lógica, a vida se coloca como uma experiência tanto pessoal como comunitária “[...] que se constrói interiormente e interativamente, de dentro para fora.” (p.35); como uma experiência de amorosidade, pois o amor é o fator que nos possibilita enxergar o outro como um igual e aceitá-lo ao nosso lado em convivência (BRANDÃO, 2005b).

Partindo dessa perspectiva quanto às relações e a construção da vida entendemos que por trás da fala de Tiago (US 6), quando ele diz que “o trabalho da ecovila é lidar com as pessoas” e que o acesso às virtudes do outro requer lidar com suas diferenças, está a ideia do amor, do cuidado, da alteridade. Estes elementos estão na base da convivência e da coesão comunitária da ecovila Tibá.

Finalizada essa explanação, retomamos a fala de Raquel (US 3), apresentada anteriormente. Ela também abordou a relação eu-outro e ao fazer isso descreveu as fases dessa interação, sublinhando os processos introspectivos, de ressignificação e quebra de conceitos que atravessam esse processo. Essa perspectiva foi desvelada em todas as entrevistas e apareceu de modo marcante nos relatos de Raquel. A abertura ao outro, ao diferente, é um aspecto destacado no decorrer desse ciclo e que é muito mencionado pelos entrevistados e entrevistadas ao tratarem da convivência na ecovila. Ele é colocado como condição essencial para a construção de boas relações, para a aprendizagem e crescimento pessoal, conforme anunciado pelos relatos:

Quem normalmente não tá aberto e vai para uma vivência dessa... Digamos, alguém que vá para ecovila, morar na ecovila, e não está aberto, essa experiencia geralmente é dolorosa no começo, porque você

acaba tendo que se abrir ou vai embora. Ela bate dolorosa, no sentido de lapidação, né? Ela bate em pontas de certezas que você tem. A gente às vezes carrega certezas como modelo de sobrevivência. Então são construídas algumas certezas, e é construção familiar, social, que na hora que a gente é questionado, a quebra dessa certeza machuca. Você fica sem chão (Raquel, US 32).

[...] porque a premissa para aprender e para abrir os horizontes é você estar aberto, e como eu já estava aberta, já tinha essa prática fazia tempo (Raquel, US 31).

As falas a seguir complementam o sentido desvelado por Raquel (US 31):

Desafiador é lidar com a diferença de perspectiva, quando as pessoas têm uma baixa disposição para um diálogo harmônico ou uma aceitação tranquila dessas diferenças. E aí isso é bem desafiador e consome muita energia. Mas também gera muito aprendizado sobre vida social, sobre o outro, mas principalmente sobre a gente mesmo, porque aquilo que me incomoda no outro, está com certeza refletindo algum aspecto da nossa existência. Tem aí um fermentinho para crescer. Então de forma resumida eu avalio como positiva, com os seus desafios, que se olhados dessa forma, também são nutritivos, mas exige manejo (Joana, US 2).

Então todos nós que estamos naquela comunidade, somos de alguma forma mestres ou ensinadores do outro, muitas vezes de forma espelhada, e isso é engraçado, na hora que eu vejo um problema numa pessoa, muitas vezes o que mais me incomoda naquela pessoa é uma coisa que eu não quero olhar em mim [...] (Tiago, US 25).

Os mecanismos para lidar com o outro, envolvendo processos educativos de compreensão da alteridade, abertura e escuta emergiram em diversas falas no contexto da educação das crianças da ecovila, haja vista que “[...] existe um coletivo de crianças para educar” (Raquel, US 25). Estes relatos foram agrupados e serão tematizados a seguir, pois possibilitam a identificação de alguns dos processos educativos mencionados a partir de uma situação ou contexto mais concreto. Eles se relacionam ao contexto da maternidade/paternidade considerando a educação coletiva das crianças.

Iniciamos esta tematização com relatos de Raquel que mencionam desconstruções vivenciadas, aprendizados, mudança de valores e pontos de vista que foram desencadeados pelas relações de convívio na ecovila (dentre as quais, os momentos de cuidado coletivo relacionado à partilha das refeições). Para esta colaboradora, esta ampliação de mundo, de horizontes, é fruto da diversidade existente na comunidade. Em meio a estes relatos, Raquel também menciona a quebra de padrões e de circuitos de reprodução que ela conseguiu promover com seu filho e sua filha ao ofertar uma educação diferente daquela que recebeu.

[...] existe um coletivo de crianças para educar. Aí uma das mães é psicóloga e gosta de educação infantil então ela traz outros conceitos sobre educação infantil. Aí começa abrir meu horizonte sobre educação infantil. Aí eu comecei a questionar, óbvio, tanto a parte da visão... Aí entra outro sócio que trabalha com Movimento Sem Terra e eu venho de uma família que condenava o Movimento Sem Terra, [trecho incompreensível]: “Nossa que absurdo é invadir espaço privado”. Mas na hora que você ouve de uma pessoa que teve contato com o Movimento Sem Terra, o ponto de vista do Movimento Sem Terra, aí vai juntando as pecinhas. Aí é óbvio, né? (Raquel, US 27).

Eu sou assim, então eu fui aprendendo e a minha visão de mundo se expandiu pra caramba depois desse contato. Eu entendo e respeito os meus pais, a caminhada deles, entendeu? [...] Dói muito na hora que expande o mundo e você enxerga como que o sistema social nosso funciona e o quanto a gente é... por mais que a gente não tenha feito nada, mas a gente vem de uma ancestralidade que impactou e construiu do jeito que tá construído. Como que a gente desconstrói? Como que a gente melhora? (Raquel, US 28).

Como quebra essa cadeia? [...] Por que eu consigo falar isso pra você hoje? Por causa da minha vivência na ecovila, das horas e horas de troca de ideias, de refeições que a gente fala sobre a galinha que está doente e sobre o universo, da gente ter multidimensões em universo. As conversas em mesa do coletivo, em mesa de refeição, variavam totalmente. A gente conversava de vários assuntos por causa da diversidade de formação de pessoas (Raquel, US 29).

Hoje eu discuto educação pública, educação infantil. Meus filhos eu eduquei completamente diferente da educação que eu tive. [...] fui buscar a estudar relações interpessoais e intrapessoais, como as pessoas se comportam, como eu consigo falar com pessoas que têm comportamentos e visões diferentes, por causa dessa necessidade de gerir o coletivo [...] (Raquel, US 36).

Raquel comenta como os valores conservadores de sua família foram sendo desconstruídos dando lugar a outras compreensões do mundo e das relações. A interrupção da circulação destes valores e crenças que ocorre no contexto da ecovila nos remete ao conceito de nicho de inovação de base trabalhado por Roysen (2018a) em sua tese. Ela argumenta que as ecovilas, por se constituírem como espaços protegidos, são propícios à experimentação, ao rompimento de circuitos de reprodução e à emergência de inovações de cunho comunitário, ou seja, que partem da base, da comunidade, que se traduzem em novas normas sociais, infraestruturas, competências e valores (ROYSEN, 2018a).

Isabel (US 3, US 14) também faz um relato muito bonito sobre como a vida em comunidade contribuiu para a formação do seu ser mãe. No primeiro relato ela fala da cooperação, do amparo e das aprendizagens que ampliaram as possibilidades para o

exercício da maternidade tornando essa caminhada mais leve, mais tranquila. No relato seguinte (US 14), ela segue abordando as contribuições da vida comunitária à maternidade e comenta que essa abertura e mudança do modo de agir também ocorreu no contexto do seu relacionamento. Ela também comenta a frustração de ter se afastado da universidade por conta dos filhos e da alegria de ter na ecovila, esse espaço educador, de formação e construção que ela denominou como “universidade popular da ecovila” (US 14). No último relato desta sequência, Isabel (US 7) enfatiza a gama de oportunidades e vivências multidisciplinares que ela enxerga na ecovila e o seu potencial em promover aprendizagens e o desenvolvimento de práticas que são importantes do ponto de vista tanto comunitário como social.

[...] eu me tornei mãe em comunidade. Eu engravidei nova, ainda estava na faculdade, toda aquela condição e sempre tive famílias que me apoiaram, que nos deram estruturas. Mas eu vim de uma criação que dizia: “Quem os fez que os balance”, então eu cresci com essa coisa. Eu morava em São Paulo, tinha uma filha só, e era aquela cobrança: “não, eu preciso me sustentar, eu preciso criar, eu dou conta, eu e meu marido a gente vai dar conta e etc”. E era muito difícil e era muito rígido isso e era muito mais complicado. Quando a gente decide vir para o interior e morar numa comunidade onde você vê que muitos braços podem te ajudar, muitas cabeças pensando, outros olhares, foi deixando esse processo da maternidade, da criação das crianças muito mais fluido, com menos estresse, com mais possibilidades. E hoje como eu já tenho uma filha de 14 – ela veio para cá, tinha um aninho – então hoje eu já consigo ver resultados daquilo que a gente escolheu, e isso é o que mais me motiva (Isabel, US 3).

Mas eu sou a mulher-mãe mais nova daqui, então eu reforço isso, que eu fui me tornando mãe em contato com as outras mães daqui e fui olhando o papel do meu companheiro, do que eu quero para minha vida enquanto um casal a partir das relações de casais aqui. E vou entendendo o processo como eu quero educar meus filhos, de como que eu quero que eles cresçam, a partir dos outros pais que educam aqui, porque a gente se educa junto, entendeu?

[...] quando eu virei mãe, eu estava no penúltimo ano de faculdade. Aí lógico, é tudo novidade, uma alegria, uma filha, certo? Mas quando esse filho nasce no último ano de faculdade, e que a ficha cai: “Agora tenho uma filha”, caiu por terra um monte de coisa: “Mas eu não vou estudar nunca mais. Eu não vou fazer mestrado. Eu não vou viajar. Minhas amigas estão indo estudar fora e eu estou aqui”. Eu fiquei numa angústia tão grande de que eu precisava da universidade, eu queria universidade, eu não ia conseguir fazer a universidade. [...]. A universidade hoje está distante de mim, mas eu encontrei outro ambiente de educação, que é tão importante e tão construtivo como a universidade, a universidade popular da ecovila (Isabel, US 14).

[...] aqui a gente sente uma gama de oportunidades. Que é uma oportunidade da gente também aprender, praticar coisas que são de extrema importância, tanto para a nossa comunidade, quanto para a



terra que a gente vive. Então eu gosto dessa vivência multidisciplinar que é possível ter aqui sabe. E não quer dizer que a gente dá conta, né? (Isabel, US 7).

Taís (US 8) faz um relato bastante similar ao de Isabel (US 3) sobre tornar-se mãe em comunidade, em contato com diferentes formas de ver e praticar a educação dos/as filhos/as. Ambas comentam os processos de aprendizagem quanto à maternidade, tendo como pano de fundo contextos de convivência colaborativos e harmônicos considerando a relação com o outro e com a diferença.

Eu acho que eu aprendi muito a lidar com as crianças nesse processo de ver pais educando de forma diferente. Cada um educa de um jeito aqui seus filhos, cada um tem uma visão sobre a educação dos seus filhos de um jeito, mas eu percebo que a gente consegue também entender os limites e o jeito de cada um e conviver com isso da forma mais harmônica possível. Então a gente vai ao longo dos anos aprendendo. E isso é bastante interessante porque aí traz outra visão de mundo mesmo, uma visão de outra perspectiva. Então se você for ver as famílias que moram aqui são muito diferentes entre si e incrivelmente a gente se dá bem. Então é um pouco nesse sentido. E aí eu vejo também que as crianças são muito diferentes entre si e elas se dão super bem. Tem um carinho entre elas, uma forma delas conviverem entre si muito, muito bacana (Taís, US 8).

O relato de Joana (US 22) também aborda a educação comunitária das crianças na ecovila, mas o faz apresentando uma outra faceta do que foi esse contato entre visões e práticas diferentes de educação. Joana comenta que, em um primeiro momento, a educação compartilhada das crianças gerou atritos entre os/as moradores/as em função das diferenças existentes no grupo. E nos explica no que consistiram essas diferenças e os processos pelos quais o grupo teve que se submeter para encontrar uma sinergia nesse educar envolvendo autoconhecimento, compreensão dos circuitos de reprodução e a vivência de processos de desconstruções de crenças e padrões. Essa fala se articula a aspectos já discutidos e pontuados nos relatos de Raquel (US 27, US 28, US 29, US 36).

Nesse processo com as crianças [...] é pensar: o que a gente espera de uma criança quando a gente olha para ela? [...] O que a gente consegue abandonar dessas expectativas pra essa criança ser o que ela veio fazer no mundo? Como que a gente nos liberta dessas expectativas para a gente atrapalhar menos o fluir dessas crianças? E ao mesmo tempo o que a gente então, um pouco mais desnudos dessas projeções, o que a gente consegue então fornecer de adubo bom e de água fresca, para essas sementinhas poderem brotar com um mapa que ela já tá ali dentro dela?

Então esse exercício, foi um exercício que a gente fez muito lá no começo... foi uma pétala que a gente se chocou muito... mas foi muito legal, porque entra em questões muito primitivas de cada um, você vai

ter que olhar pra sua criança interior; você vai ter que olhar pra educação que você recebeu do seu pai e da sua mãe e que você tá reproduzindo sem você perceber; coisas dessa reprodução que você gosta muito e coisas que você odeia, mas que você não consegue nem, primeiro nem perceber, e depois quando percebe não consegue se desvencilhar, né? E aí você não tá fazendo mais só com seus filhos, você tá fazendo com os filhos dos outros também, percebe? Porque a educação é compartilhada, agora um pouco menos, porque eles tão maiores, mas foi intensamente compartilhada durante quase uns 6 anos. [...] qual que é o processo educativo que nós adultos temos que nos submeter para cuidar melhor dessas crianças? (Joana, US 22).

Joana (US 22) trata do desejo da comunidade em ter um alinhamento quanto à educação compartilhada, comunitária das crianças na ecovila – quando falamos de educação comunitária, nos referimos à educação que ocorre nas práticas e relações de convívio cotidiano. Isso ensejou a contratação de uma educadora para tocar um projeto com as crianças no período de contraturno escolar (Joana, US 23) e a realização de rodas de conversa entre os adultos da ecovila, visando a troca de saberes e a construção de acordos na comunidade com relação a este tema – a educação e formação das crianças na vida comunitária.

Os relatos de Tiago que são apresentados a seguir desvelam a compreensão da comunidade acerca da educação, da forma como ela se dá nas relações de convívio. Eles revelam aspectos do projeto de contraturno escolar que foi desenvolvido com as crianças na ecovila e a forma como este trabalho contribuiu para ampliar a compreensão da comunidade sobre os processos educativos que permeiam a vida das crianças e de todos que interagem e convivem na ecovila.

E essa pessoa foi tão fantástica, que ela nos ensinou, pais e crianças, o que é esse conceito de ensino-aprendizado no Tibá, nos deu um monte de material. E o que a gente entendeu foi o seguinte: primeiro, nessa comunidade todo mundo ensina, seja o meu filho, filho do outro, seja quem não tem filho, seja quem tá só de passagem, quem tá roçando; todo mundo ensina, de alguma forma todo mundo é uma referência para as crianças, que estão ávidas por conhecer o mundo [...] Todo mundo é alvo para essas crianças, e ao mesmo tempo todo mundo aprende, porque a gente aprende uns com os outros, pelo que a gente tem de experiência para mostrar para o outro, pelo quem tem de exemplo para mostrar para o outro, pelo que a gente anseia e busca no outro também. Então, a gente aprende com os bons e maus exemplos, as boas e más experiências (Tiago, US 24).

[...] Então o que a gente tirou de tudo isso que eu estou falando? A gente tirou como uma coisa importante: primeiro, o que importa é o aprendizado. Na discussão de ensino-aprendizado, o ensino para a gente ver é uma tentativa, uma iniciativa que alguém tem de cutucar o outro de alguma forma, para que essa pessoa aprenda. Aprendizado é outra coisa. O aprendizado é o que que acontece quando a pessoa aprende,

que pode ser porque o outro cutucou ou não. Ou pode ser que o outro cutucou ponto A e o cara aprenda no ponto B (Tiago, US 27).

[...] o aprendizado vai acontecer quer que a gente ensine ou não. E ensinar não é dar aula, ensinar é se expor, é de certa forma pensar um pouco no que você está fazendo, o que você está vivendo, o que está acontecendo e de que forma você poderia traduzir isso para quem não viveu isso – mais ou menos o que eu estou fazendo aqui para você. Eu tenho que me expor para que alguém aprenda alguma coisa com que eu estou expondo. Em vez de ser uma aula expositiva, tem que ser uma exposição de qualquer coisa, do jeito que eu falo, do valor que eu tenho, do que eu entendo, do que eu sinto, do que me incomoda... É uma exposição. E se esta exposição te levar a aprender alguma coisa ótimo (Tiago, US 28).

Esta compreensão é bastante similar à perspectiva de educação assumida nesta pesquisa (FREIRE, 2021b; BRANDÃO, 2005c): que os processos de ensino e aprendizagem são recíprocos, imbricados e decorrentes das interações humanas, do contexto da vida, que estão muito além da educação praticada no ambiente escolar. Tiago (US 24, US 27, US 28) fala de um saber contido na experiência, motivado pelo sentimento, envolvimento, troca; pela exposição, abertura à experiência e ao sentir do outro. Fala de uma aprendizagem que não se limita a uma simples transferência de conteúdo.

Isabel (US 12) também desvela essa mesma compreensão do ensinar e aprender, ou seja, de processos que se dão em reciprocidade e no contexto da vida, na interação com o mundo e com as pessoas. Seu relato não está focalizado no processo de educação comunitária, como os anteriores, abordando as interações e relações de convívio na Tibá de forma mais ampla. Ele analisa algumas aprendizagens vivenciadas junto aos demais moradores/as e denota saberes e conhecimentos que são produzidos pela experiência vivida.

[...] meu estar aqui, bem próximo com outras pessoas, eu aprendo muito. Eu cresci muito aqui em contato com outras pessoas, então hoje em dia eu sou muito das relações que eu tenho com as pessoas daqui, do conhecimento que as pessoas daqui compartilham comigo [...]. Isso tudo vai me transformando, eu com certeza vou trocando, educador-educando o tempo todo. [...] Então eu não tenho dúvidas que o meu processo de educação comigo, com a minha família, com a minha relação com a sociedade, com o meio, está totalmente relacionado com a minha interação com os outros aqui dentro.

As pessoas aqui me ensinaram... [...] Aprendi a cozinhar com o Marcelo [...]. O Marcelo cozinhava melhor do que ninguém e eu fui do lado dele aprendendo várias coisas. Aprendi muito a me conectar ao meu lado feminino, meu lado do sagrado feminino... Aprendi muito com a Joana. Ela é bem espiritualizada, bem mística, tem um olhar muito

carinhoso para nós mulheres, cuidadoso. Ela tem uma postura que me ensina bastante, essa postura de autocuidado e de cuidado. E aprendi muito a ser feminista com a Taís, que também ela é um pouco mais velha que eu. Ela veio de uma militância da universidade. Ela que foi me abrindo muitos os olhares para práticas, para reproduções, para gente buscar esse nosso caminho mais feminista. [...] (Isabel, US 12).

O grupo entrevistado abordou alguns instrumentos e procedimentos que vêm sendo estruturados pela comunidade para fazer a gestão do coletivo. Trata-se de diferentes tipos de reunião ou rodas de conversa para planejamento, levantamento e encaminhamento de demandas relativas à ecovila, tomada de decisão e autogestão, administração de conflitos e realização de processos formativos. O relato de Joana (US 22), que foi analisado a pouco, exemplifica essa colocação. Estes procedimentos são fundamentais para a coesão comunitária e sustentação da comunidade.

Os relatos de João (US 2, US 3) e Taís (US 5) revelam situações de conflito que decorreram de divergências na forma de olhar para a construção do viver na Tibá e que acabaram não sendo equalizadas no interior da comunidade, levando estes moradores a se afastarem da Tibá, pelo menos por um tempo. Eles comentam que no momento em que isso ocorreu, a ecovila não apresentava mecanismos de gestão coletiva bem estabelecidos. A partir destas falas, depreendemos que esses mecanismos foram sendo desenvolvidos ao longo do tempo, a partir da necessidade e da contribuição de pessoas que passaram por ali. A sua importância para a vida comunitária está pontuada nas descrições a seguir:

E naquele momento a gente teve muita dificuldade de lidar coletivamente entre a gente. A gente entrou com muita vontade, mas com pouco amadurecimento sobre esse processo mais coletivo. E aí para evitar conflitos e brigas maiores, a gente resolveu sair [...] Mas quando a gente mudou, algum tempo depois, a gente foi percebendo que as pessoas que foram vindo morar aqui, elas foram trazendo uma necessidade maior de trabalho coletivo, de vida comunitária; foram trazendo um direcionamento maior para esse viver coletivamente. [...] E aí nesse processo a gente voltou a se reaproximar (Taís, US 5).

Daí a gente veio para cá, voltou para o processo de inserção. E daí foi um outro tipo de experiência já, porque, nesse momento, o coletivo aqui, a vida comunitária, já estava bem mais desenvolvida, com mecanismos de organização bem estabelecidos. [...] eu acabei saindo, as pessoas ficaram, daí novas pessoas entraram também nesse processo, a Joana, o Marcelo, outras pessoas que hoje já saíram, e essas pessoas deram um novo grau nessa organização do trabalho coletivo aqui e na recepção de pessoas de fora que também contribuíram muito com o trabalho que foi realizado aqui no Tibá ao longo do tempo. Então quando a gente voltou, já tinha um trabalho mais estruturado, um coletivo rolando, então foi mais simples entrar, a gente se inserir nele (João, US 3).

A comunidade tem um olhar bastante cuidadoso para as relações de convívio e se preocupa com a formação e o autodesenvolvimento de seus moradores e moradoras. Ao explicar de que forma a comunidade organiza suas atividades considerando as pétalas da Permacultura, Joana (US 21) aborda a pétala da Educação e Cultura. Esta pétala focaliza as manifestações culturais, as formas de expressão e o modo como os processos educativos são pensados dentro da comunidade:

[...] Na hora que você for olhar Educação e Cultura, a gente vai pensar todas as manifestações de expressão que o ser humano tem, então tá dentro dessa pétala todas as formas de expressão. [...] A gente vai pensar os processos educativos mesmo. Como é que a relação com o outro ela impacta em mim de forma a me fazer crescer, de forma a trazer elementos para minha aprendizagem e vice-versa? Tô falando isso dentro de uma comunidade, né? E aí na hora desse outro, como é esse outro que eu coonstruo um projeto? Como é esse outro que tá em trânsito por esse projeto? (Joana, US 21).

A comunidade compreende os processos educativos que permeiam essa experiência em três situações: (i) existem os processos relacionados à educação das crianças, considerando o contexto informal, as relações de convívio cotidianas (Joana, US 22), e a educação formal (Joana, US 23); (ii) os processos educativos que se relacionam aos adultos que residem na ecovila como sócios/as, pessoas em processo de residência ou em processo de inserção e se voltam à formação interna da comunidade (Joana, US 24, US 25); (iii) e por fim, os processos educativos voltados ao público externo, que compõe o que eles denominam como núcleo de extensão, que se volta às atividades de visitaço considerando o recebimento de escolas, universidades, coletivos e pessoas interessadas em conhecer ou vivenciar essa experiência (Joana, US 28). Os relatos a seguir desvelam essa compreensão por parte da comunidade:

Aí tem um outro pacotinho, que é a questão da educação formal das nossas crianças, que poderia não vir num outro pacotinho, mas como outras perspectivas de educação ainda não são regularizadas no Brasil, a gente tem que pensar sobre isso. [trecho incompreensível], então esse eixo educação crianças, foi um eixo que a gente trabalhou muito, inclusive a gente chegou a ter aqui por anos um projeto de contraturno escolar com as crianças daqui, foi super legal, muito legal mesmo. [...] (Joana, US 23).

E aí tem esse outro que eu estava te contando que é esse processo educativo que são dos adultos. E aí pros adultos que estão num processo de residência, ou que é sócio, ou de processo de inserção, a gente começou uns encontros de autoconhecimento coletivo [...]. A gente fazia umas reuniões que a gente chama de reunião do coração em que a gente trazia uma série de questões do ser, de cada um e foi uma

metodologia lá específica, então eram umas rodas muito interessantes, malucas às vezes, intensas, mas muito interessante, de muito crescimento, um fermento (Joana, US 24).

Dentro da pétala de educação, ainda nesse eixinho do educar o adulto, a gente trouxe muita arte, muito vídeo, muito filme pra gente debater junto, discutir juntos, coisas que pudessem ampliar, sensibilizar. E fazíamos muitas rodas de conversa também, diferente dessas reuniões do coração, que é pra trazer questões mais assim, “olha, tá difícil isso pra mim com você...”, coisas assim. Nesses espaços de conversa, a gente trazia questões estruturais, então “gente vamo trocar ideia sobre machismo, porque todo mundo aqui é super machista e já deu, tá ultrapassado, não cabe mais a gente viver dessa forma, vamo colocar luz sobre isso.” (Joana, US 25)

Era crianças, educação interna de adultos e tem também o nosso núcleo extensão. Era essa proposta: de sempre receber pessoas com essa perspectiva da Tibá ser um espaço de educação viva, sabe? E aí a gente fez esse movimento de receber escolas, universidades, coletivos... isso tudo também tá dentro dessa pétala da Educação e Cultura. E aí a gente fazia visitas guiadas... fizemos cursos e fizemos vivências, tudo com essa perspectiva formativa e de sensibilização para isso tudo que eu tô te contando (Joana, US 28).

Finalizada essa explicação sobre a forma como a comunidade entende os processos educativos na ecovila, voltemos aos instrumentos usados para lidar com o coletivo, gerenciar tensões e organizar suas demandas. A criação dessa estruturação se sustenta no propósito da ecovila e na ideia de responsabilidade compartilhada com relação ao território e a experiência coletiva que se constrói a partir dele, a vida comunitária.

O grupo se organiza a partir da propriedade coletiva da terra e da gestão compartilhada do sítio. A práxis comunitária já está colocada desde a concepção da ecovila considerando que ela foi formalmente instituída como uma associação – figura jurídica que detém a posse da terra.

A associação e seu estatuto somados ao regimento interno conferem um primeiro nível de estruturação para a práxis comunitária, que implica na criação de um senso de responsabilidade comum e na assunção da interdependência com relação à ecovila por parte dos/as associados/as. A partir desse ponto, outras práticas e instrumentos são estruturados para organizar o convívio e a vida comunitária/coletiva.

O relato de João (US 15) apresentado a seguir desvela essa perspectiva. Ele afirma que o cerne dessa experiência está na propriedade coletiva da terra, na disponibilidade das pessoas em desenvolverem essa experiência de forma comunitária e de acordo com os princípios da Permacultura. E que este é o ponto central a partir do qual a experiência

vai se construindo, coletivamente e de forma conjuntural, trabalhando a terra e as relações, dentro das possibilidades e limitações do grupo (João, US 16).

A permacultura é um guia de princípios que fornece um parâmetro da ação coletiva nossa, aqui. É uma referência para fazer as coisas, tudo mais. Mas eu acho que o básico mesmo é essa coisa da comunidade mesmo, de fazer as coisas coletivamente, de ter essa noção de que a gente tá numa terra que é coletiva e é responsabilidade de todos e a gente vai lidar com essa responsabilidade de forma coletiva e comunitária, né? [...] porque a questão da propriedade coletiva da terra, não é só um pró-forma jurídico. Podia ser uma pessoa física e não uma pessoa jurídica; numa associação, todo mundo é responsável. Isso é o cerne da coisa aqui, sabe? É o cerne. Eu acho que isso é que, pensando agora durante a resposta, é o grande eixo estruturador de tudo que a gente faz, porque é o que vai forjando mesmo a realidade [...] Então acho que não importa muito o motivo que trouxe cada um aqui, importa a disposição de cada um que está aqui, trabalhar o projeto de uma forma coletiva a partir de alguns princípios que nos guiam, como o da permacultura e o da economia solidária. Eu acho que isso é o fundamental (João, US 15).

Então a gente vai lidando com essa escolha inicial de trabalhar coletivamente essa terra aqui a partir de certos princípios e vai lidando da forma como conjunturalmente é possível fazer (João, US 16).

Adentrando em outro nível de estruturação do coletivo, passamos à compreensão de algumas das ferramentas e tecnologias sociais utilizadas pela comunidade para fazer a sua autogestão. As entrevistas citaram metodologias e perspectivas utilizadas para a gestão comunitária a exemplo do *Dragon Dreaming* e da Sociocracia, que segundo Joana (US 13) visam a construção de um sistema e de um modo de viver mais anárquico.

*Dragon Dreaming* é uma tecnologia social utilizada para o *design* de projetos, servindo tanto ao planejamento quanto à implementação de projetos/sonhos. Ela se baseia na ecologia profunda, em elementos de culturas tradicionais, na pedagogia crítica de Paulo Freire, teoria da complexidade, entre outros referenciais (DRAGON DREAMING, 2022).

A Sociocracia, por sua vez, é um conjunto de princípios e métodos para a tomada de decisão e governança que se volta à implementação de processos autogestionários, facilitando a criação e a gestão colaborativa (CASA BRASIL, 2021).

O grupo cita também formações em Comunicação Não-violenta (CNV), a exemplo de Tiago (US 22). A CNV apresenta princípios e práticas de diálogo que procuram inspirar a conexão entre as pessoas de modo que as necessidades de todos

possam ser atendidas por meio da empatia e da doação compassiva (INSTITUTO CNV BRASIL, 2022).

Partindo dessas estruturas, ferramentas e perspectivas, a comunidade lança mão de reuniões e rodas de conversa para encaminhamento de questões e desenvolvimento de processos relacionados ao autoconhecimento e à gestão de conflitos. As reuniões na ecovila servem a vários propósitos, como encaminhamento de demandas burocráticas e do espaço físico do sítio, encaminhamento de questões relacionadas à associação e discussão das necessidades dos/as residentes (que ocorre em momentos de vida comunitária mais aquecida (Joana, US 8). A partir dessas reuniões a comunidade define o que cada um vai fazer individualmente e o que será feito de forma coletiva.

O grupo entrevistado mencionou um tipo de reunião que é feita na comunidade para a gestão dos sentimentos e das relações na ecovila: a reunião do coração. Joana (US 24) explica o propósito desta reunião e o público ao qual ela se destina: adultos membros da associação, em processo de inserção ou residência na ecovila. Ela comenta que estas reuniões visavam um processo de “autoconhecimento coletivo”, que elas eram muito intensas e oportunizavam muito crescimento, representando, portanto, uma espécie de “fermentação” para a comunidade. Esta fala de Joana foi apresentada anteriormente quando discutimos a modo como a comunidade entende e lida com os processos educativos na ecovila.

A fala de Raquel (US 13), que será apresentada a seguir, também faz menção às reuniões do coração. Ela confere a essas reuniões o sentido de “encaminhamento de sentimentos”, de diálogo, exposição, escuta ativa. E também nos explica a diferença entre as reuniões do coração e as reuniões gerais da comunidade. Esta fala também desvela outro procedimento adotado pela comunidade para atendimento das necessidades e gestão de conflitos relacionados à visita, que consiste no apadrinhamento dos visitantes.

Às vezes tem conflito, aí para a resolução de conflito a gente teve que bolar um outro esquema de ferramenta. Então todo mundo que é de fora da ecovila que tá lá, sempre tem padrinho. Então existe um padrinho, um morador, normalmente uma dupla que não é da mesma família. Por exemplo, se eu for madrinha de um visitante que está lá por um mês, o outro padrinho não pode ser meu marido. [...]. Aí se rolar algum conflito ali no dia a dia, nós somos o ponto focal para essa pessoa buscar ajuda, um auxílio ou caso ela tenha alguma dificuldade, alguma coisa assim. Se surgir um assunto que é melhor tratar com todo mundo [...], então vamos para a reunião geral. [...] que você tem pautas que tem que encaminhar, né? [...]. Aí quando precisa cuidar, a gente sente que o clima tá meio pesado, daí tem reunião do coração para não deixar o negócio avançar. É uma reunião onde a pauta é: o que está passando



com cada um ou rolou um conflito lá, aí é exposto o conflito no coletivo e cada um dá a sua opinião. É uma roda de escuta ativa que a gente não vai encaminhar nada no sentido de atividades. A gente vai tentar encaminhar o sentimento coletivo que está rolando ali. [...] (Raquel, US 13).

Por fim, citamos as rodas de conversa e os processos de sensibilização realizados na ecovila conforme descrito por Joana (US 25). Ela nos explica que essas rodas eram utilizadas (pois com a pandemia estas rodas de conversas foram paralisadas) para trabalhar questões estruturais relacionadas às relações de convívio na ecovila. Na US 26, Joana comenta a importância de a comunidade ter momentos e espaços estruturados para trabalhar essas questões e a forma como eles vão se tornando desnecessários à medida que novas práticas e atitudes vão sendo introjetadas pelo grupo.

Por exemplo, a gente entende, em algum espaço mais estruturado, a gente entende que o machismo é um problema, que a gente precisa dar conta. Então isso vai ganhando espaço dentro de cada um, vai sendo introjetado por cada um, até que uma hora “puf”, isso se despede, se desapropria de ter um corpo físico para ser trabalhado; ele vai fluir naturalmente, ele vai aparecer por aí em rodas de conversa, ali, aqui... e vai cumprir a função da gente poder avançar coletivamente. Então, existem esses dois espaços, existem momentos que a coisa ela não tá clara, ela não é dada, ela precisa de ferramentas mais estruturadas para ser trazida à tona, então você cria um espaço estruturado pra isso. Quando ela ganha asas, você se despede dessas estruturas e ela vai fluir por aí. [...] (Joana, US 26).

A fala seguinte de Joana (US 27) comenta algumas transformações decorrentes das rodas de conversa que produziu resultado na postura dos moradores da ecovila com relação a práticas e atitudes machistas:

E aí, uma transformação bem legal aconteceu nos meninos, nos nossos companheiros, né? Isso foi bem importante, isso mudou muito a forma de muitos núcleos familiares se organizarem. Então esse movimento educativo que foi acontecendo no coletivo, reestruturou os núcleos, e aí em cada um de um jeito. Tinha núcleo que o cara nunca pensou em lavar louça e começou a lavar. Aí tem o outro que sempre lavou louça, mas era grosseirão com as pessoas, com as mulheres (Joana, US 27).

Essas ferramentas e procedimentos que vêm sendo adotados e estruturados pela comunidade desvelam uma prática de cuidado com as relações e com a comunicação que possibilita a emergência de processos educativos relacionados à construção de um diálogo empático e compassivo e de relações de confiança entre os/as moradores/as, como será descrito a seguir.

Essa práxis, ao fortalecer o diálogo por meio do sentir, da empatia, da confiança e da horizontalidade, se articula à ideia de diálogo defendida por Freire (2021b). O autor concebe o diálogo como um momento de encontro entre pessoas que estão abertas à tarefa comum de conhecer o mundo e saber agir sobre ele, que em comunhão buscam saber e ser mais.

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens [e nas mulheres], o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos (FREIRE, 2021b, p.113).

O diálogo, partindo dessa perspectiva, se coloca nesse contexto como fator de resiliência para a comunidade, pois trabalha a favor da sua coesão e persistência ao oportunizar a lapidação e o manejo das diferenças/divergências. Para o indivíduo, conforme vem sendo discutido, o diálogo representa a possibilidade de autoconhecimento, ampliação de horizontes e quebras de conceito por meio do contato com a diversidade, com outras leituras e formas de ser-estar no mundo.

Entendemos por meio de Freire (2021b) que o diálogo requer confiança para que haja abertura, exposição e possibilidade de encontro com o outro por meio de relações recíprocas e baseadas na troca de conhecimentos. Observando algumas entrevistas percebemos que a confiança e o diálogo podem conformar um ciclo de retroalimentação positiva, na medida em que o diálogo também fortalece a emergência da confiança. Apresentamos algumas falas de Tiago que desvelam esse processo:

A gente, por uma série de motivos e de características próprias das pessoas que estão lá, investimos em termos a nossa rede interpessoal de segurança. A gente poder pensar que quando alguém do Tibá fala: eu não concordo com isso, a gente tem total certeza que essa pessoa está falando com o coração, tá falando com o melhor que ela tem para nos oferecer, que toda fala dessa pessoa é no mínimo a sinceridade dessa pessoa. [...], não é uma fachada ou um jeito de fazer um lobby ou um artifício para ser ouvido ou ter poder. [...] (Tiago, US 13).

O nosso investimento primordial nesse tempo, nesses anos todos, é em criar essa capacidade de realmente confiar no outro. [...] O que para gente é um valor gigante, porque a gente vê no mundo que nos cerca fora do Tibá, que isso não é material corriqueiro, isso é um artigo muito raro no mercado. A gente poder sentar numa mesa, sentar numa rede, e relaxadamente poder dizer o que a gente realmente entende, acredita, ou até o que a gente não entende, [...] e isso fazer bem para gente. Para gente é um artigo de luxo. [...] (Tiago, US 14).

Esse grupo de pessoas é de extrema confiança; é um prazer que eles existam. Então é num nível intelectual, é num nível estratégico de vida,

é num nível sentimental, é num nível espiritual, é em todos os níveis. Então, digamos assim, me sinto apoiado por essa comunidade que a gente conseguiu criar. E que podia não dar certo, mas a gente tentou e conseguiu dar certo. Todas as pessoas que se envolveram com isso, se envolveram e de peito aberto. Estavam a fim de tirar essas camadas que poderiam gerar ruído e fizeram cada um a sua parte. [...] Talvez a gente tenha muito mais que fazer, mas o que era antes de uma questão de “pode ser que dê certo, pode ser que não dê”, hoje em dia nas conversas que a gente tem, a gente já superou isso. É “o quanto mais a gente consegue ou o quanto mais não dá para fazer”. O que precisava para gente ter a nossa confiança mútua já está feito. E não significa que eu concordo com tudo mundo, não significa que eu gosto do mundo igual, não significa que eu não tenha diferenças com esse ou com aquele, ou nesse assunto com esse ou nesse assunto com aquele, mas no conjunto da obra, no conjunto da nossa convivência, eu prefiro ter qualquer problema com eles, do que com qualquer outra pessoa, entendeu? Eu sei que qualquer problema que eu tiver com eles, com essas pessoas que fazem parte do Tibá, a chance disso ser resolvido é enorme e mesmo que não seja resolvido, a gente vai conseguir chegar num ponto de comum acordo, onde a convivência vai se manter, vai ser com a qualidade alta, minimamente alta (Tiago, US 17).

Tiago (US 13, US 14, US 15, US 17) enfatiza a relação de confiança mútua que foi criada entre as pessoas que conformam a comunidade da ecovila. Ele comenta que essa relação se estabelece em um nível estratégico de vida, em um nível sentimental e também espiritual e que no início do projeto havia dúvidas se essa coesão comunitária existiria, se a comunidade conseguiria se constituir nesses termos. Tiago pontua que essa dúvida não existe mais e que a pergunta que se coloca agora para o grupo é com relação aos avanços possíveis. E argumenta que a existência dessa “[...] rede de confiança é tão importante quanto não faltar água no Tibá” (Tiago, US 15). Outros entrevistados e entrevistadas também atribuem esse sentido de confiança, segurança à comunidade da Tibá, a exemplo de Marcelo (US 10): “a gente foi se entregando também e hoje a gente é tipo uma família. É uma grande família hoje. A gente tem confiança uns nos outros.”

Em outras falas, Tiago (US 16, US 23) afirma que esta forma de se relacionar na Tibá influencia seu modo de estar no mundo para além das relações que ele estabelece na ecovila. Ele se sente respaldado pelas relações estabelecidas na Tibá e motivado a se relacionar dessa forma (com abertura e confiança) em outros contextos de vida. E em função disso, assume uma postura de confiança com o mundo, com as pessoas; uma postura de esperar (FREIRE, 2021a) diante da vida, que o conduz à prática, à ação.

[...] E isso obviamente me mudou muito como pessoa, me dá uma série de esperanças, uma série de coisas. O que as pessoas hoje em dia não têm, é esperança, só tem desesperança. E isso me dá força para um monte de coisa que eu não faria se não fosse por isso. A minha relação

com as pessoas no resto do mundo se dá a partir do momento que eu hoje em dia, que eu tenho um respaldo gigante (Tiago, US 16).

Mas o que acontece, pessoalmente eu acho que eu fui criando camadas de lidar com pessoas [...] E isso acontece porque no fundo eu tenho um respaldo, um respaldo de que o que eu aprendi, o que eu pratico com os meus amigos que moram no mesmo lugar que eu e vivem uma vida que eu concordo, que é uma vida legal, que eles também concordam, a gente pode praticar isso. Então esse respaldo, ele está no subtexto de tudo isso (Tiago US 23).

Tiago (US 18, US 19, US 20, US 21) também comenta sobre os laços de afeto que foram construídos com as relações de convívio na Tibá. E pontua a importância destes laços para a comunidade ao afirmar que uma das “colas” da ecovila é a existência de relações de amizade entre seus membros, considerando que a outra cola consiste em acolher a diversidade (Tiago, US 19). As relações de amizade e de afeto possibilitam que as atividades na ecovila possam ocorrer mais por uma questão de empatia do que por obrigação, o que facilita a realização de atividades colaborativas e o ganho de escala das práticas sociais desenvolvidas pela comunidade (Tiago, US 20, US 21):

[...] a nossa ideia é sempre que a pessoa que entra no Tibá, ela tem a chance de pegar amizade com as pessoas do Tibá. O pessoal que é do campo fala isso, “ah vamos pegar amizade com fulano, que fulano é um cara legal né.”, e aí se a pessoa conseguir pegar amizade, ela com certeza tá dentro do Tibá, não tem porque não estar (Tiago, US 18)

[A afinidade] É um critério, é uma das colas que a gente usa: acolher a diversidade e essa amizade que tem que existir (Tiago US 19).

Então a história de você ter amizade como sendo uma cola, gera uma série de sinergias para as outras coisas que a gente acha valoroso, que é ter o ganho de escala, aproveitar as oportunidades para todo mundo sair ganhando e assim por diante. Então essa busca dessa amizade, dessa cola, desse respeito, dessa confiança, ela reforça outros objetivos até práticos da ideia da comunidade (Tiago, US 20).

Deixa de ser uma obrigação você dar carona para outra pessoa e passa a ser: “Poxa, fulano tá precisando, deixa eu ir lá ver se consigo fazer”. Então esse é o ponto do nosso investimento. E isso muda completamente a vida e a história que eu tenho como pessoa. [...] Eu trabalho com uma coisa bastante burocrática, bastante técnica, mas eu consigo ver o mundo de um jeito menos burocrático, mais na amizade. [...] (Tiago, US 21)

Essa construção de vínculos de afeto e confiança baseadas na perspectiva da alteridade, do convívio e do ser-com-o-outro, contribuem para a coesão comunitária, resiliência da ecovila e dos indivíduos. Entendemos com Loos e colaboradores (2010) que essas construções são desencadeadoras de processos educativos que possibilitam a

aquisição de recursos internos, afetivos e comportamentais, que atuam como fatores de resiliência, propiciando aos indivíduos melhores condições para enfrentamento e superação de situações de dificuldade e adversidade (LOOS *et al.*, 2006). De acordo com Loos e colaboradores (2010):

[...] o estabelecimento de vínculos seguros é possibilitado pela sensibilidade em relação às necessidades do outro; pelo exercício da empatia; pela assumpção de responsabilidade pelo outro; pela crença de que é possível lhe oferecer respostas adequadas; e pela consideração das diferenças entre o eu e o outro como algo positivo e inerente à interação, em que o um mesmo que se opondo ao outro, constitui ainda assim, em essência, o mesmo dentro de uma relação altera, pois o que mais conta não é o que diferencia, mas o que identifica e, portanto, une as pessoas (p. 157).

A valorização e o acolhimento da diversidade são elementos importantes para esta comunidade haja vista que eles conformam uma das colas da comunidade, conforme mencionado por Tiago (US 19). Essa valorização se revela no lema da ecovila Tibá: “crescendo na diversidade” (Tiago US 10). Diante disso e da importância que este aspecto assume na dinâmica e geração de processos educativos junto ao grupo entrevistado, nos dispomos a compreender como os/as moradores/as compreendem a diversidade na ecovila considerando o perfil do grupo. Iniciaremos essa tematização com o relato a seguir:

[...] A minha ideia de uma comunidade, da ecovila Tibá é essa, que nós estamos vivendo juntos tentando criar uma forma de viver em conjunto, onde as diferenças são respeitadas e não só respeitadas, como elas agregam para todo mundo. Um dos nossos lemas da ecovila é “crescendo na diversidade”. A gente descobriu que a nossa cola, o que nos une é essa vontade de ter diversidade. A gente sabe que isso é uma cola estranha, uma cola incomum. [...] A gente descobriu [...], que a gente quer ser diverso, e que a gente acha isso valoroso, e que a gente vai passar por todas as dores e prazeres de lidar com a diversidade, com a nossa diversidade (Tiago, US 10).

Tiago (US 10) comenta que a ecovila reconhece o valor da diversidade para o processo de crescimento e desenvolvimento humano e valoriza essa característica da Tibá, reconhecendo que ela se coloca de forma prazerosa, mas também desafiadora à comunidade, com suas dores e adversidades. Muitos entrevistados e entrevistadas abordaram a pauta da diversidade em seus discursos. As aprendizagens decorrentes foram bastante destacadas pelo grupo entrevistado assim como o respeito às diferenças, às singularidades, aos tempos e limites do outro. O mesmo vale para os desafios inerentes ao convívio em meio à diversidade.

O relato de Joana (US 7) ilustra a forma como essa pauta se desvelou na fala dos/as entrevistados/as. Chamamos a atenção para a forma como ela se refere a diversidade – se referindo a ela como uma nutrição de formas de existir, perspectivas e culturas – e para as aprendizagens de paciência e tolerância mencionadas por ela, decorrentes da convivência:

Acho que o exercício da paciência ele se amplia. Não que não existisse antes, mas ele se amplia... da tolerância. Acho que essas duas coisas. Eu acho que na verdade, não seria “o que mudou”, mas o que me possibilitou ampliar, crescer [com a experiência na ecovila]. Foi essa convivência com diferentes pessoas. Isso é muito rico, muito gostoso ter esse contato íntimo, porque é diferente de você ir pra uma mesa de bar sabe, com um amigo de 20 anos. É muito diferente você morar, dividir uma vida junto. Então acho que é uma nutrição mesmo de formas de existir, perspectivas, culturas, acho que é mais isso (Joana, US 7).

Por meio dos relatos também depreendemos que a diferença só se constitui como um problema de fato quando não se sabe como lidar com ela (Tiago, US 8) ou se têm uma “[...] baixa disposição para um diálogo harmônico ou uma aceitação tranquila dessas diferenças”, conforme pudemos ver na fala de Joana (US 2), já analisada nesta categoria.

[...] sermos variados é um valor para gente, não é um problema. O problema é quando a gente não sabe de que forma lidar com isso. Mas isso é um valor para gente (Tiago, US 8).

Apesar dos entrevistados e entrevistadas convergirem com a ideia de que a ecovila é diversa em sua composição e manifestarem estes mesmos sentidos de aprendizagem e desafio vinculados a ela, Isabel (US 28, US 29) revela um olhar que, de uma certa forma, faz um contraponto a esta visão.

Isabel (US 29) argumenta que embora os/as associados/as da ecovila tenham as suas diferenças com relação ao modo de ser, à visão de mundo, eles/as apresentam perfis parecidos: “São brancos que vêm de um privilégio de classe, que [trecho incompreensível], teve ensino superior completo... Eu brinco aqui ainda que a gente nem tem homossexual no momento.” Com base nessa constatação ela problematiza o lema da ecovila “crescendo na diversidade” em face do nome “Tibá”: “[...] é engraçado, que com um coletivo de iguais a gente quer crescer na diversidade”. Tibá tem origem no tupi-guarani e significa coletivo, agrupamento de seres de um mesmo tipo.

Eu também vim pensando muito nisso ontem: da gente ter pouquíssima relação com os vizinhos, sabe? [...] o Marcelo, que fica aqui mais,

acabou de trazer uma vaca do vizinho do lado, então acaba tendo essa vivência, mas a ecovila como um todo não tem um trabalho, não tem uma relação comunitária com os vizinhos. E aí isso também é uma coisa que eu espero passar essas barreiras para a gente não reafirmar a ideia de que somos uma bolha, entendeu? A gente existe, lógico, numa bolha aqui. A gente tem perfis muito parecidos. O nome Tibá já veio com os pioneiros, eles fizeram todo um processo. E é um nome que tem tudo a ver com a gente. Quando você vai na tradução dele no Tupi Guarani, ele é coletivo. Traz a ideia de quando você pergunta assim “qual é o coletivo de boi? E aí é manada. Ou qual é o coletivo de peixe? É cardume”. Então, um dia caiu a minha ficha, eu falei “Nossa gente, a gente é um coletivo, mas é um coletivo de iguais”. A gente busca crescer na diversidade humana... Então é engraçado, que com um coletivo de iguais a gente quer crescer na diversidade (Isabel, US 28).

[...] essa diversidade, na essência dela, ela não existe, entendeu? Por exemplo, quando eu vejo o vizinho do lado [trecho incompreensível], ele não tá dentro do meu núcleo de vivência, entendeu? [...] e o perfil nosso é um perfil de iguais. São brancos que vêm de um privilégio de classe, que [trecho incompreensível], teve ensino superior completo... Eu brinco aqui ainda que a gente nem tem homossexual no momento. [...] A gente tem as nossas diferenças, lógico. Mudam histórias, mas não muda o contexto das pessoas que estão aqui, sabe? Principalmente os sócios. Eu não estou falando que isso é ruim, péssimo, nada disso, mas eu tô falando que eu quero sair dessa bolha e que pelo menos... e, que a ecovila [trecho incompreensível] fora, para além do que é colocado às vezes nesse olhar de que a gente vive na nossa bolha permacultural. Então a nossa cultura permanente se mantém, mas é para [trecho incompreensível] com a vizinhança, com um projeto ambiental, educacional e um papel para dentro da sociedade. Um papel que traga mudanças. Mas a gente ultimamente assume, ocupa posições e espaços principalmente pensando nisso [trecho incompreensível]. Hoje em dia a gente voltou a participar dos conselhos, tanto de conselho de meio ambiente, conselho de segurança alimentar, conselho de uma escola pública, entendeu? Estar em espaços de militância [trecho incompreensível] contribuir com as intersecções. A gente tem relação com assentamento... A gente não tem relação com vizinhos porque são vizinhos convencionais, mas temos relação com o assentamento Santa Helena, com o assentamento Nova São Carlos, que faz parte desse raio de comunidade e raio de ampliar a nossa diversidade de atuação (Isabel, US 29).

Isabel (US 29) comenta que gostaria de romper com a visão de que a Tibá é uma “bolha permacultural”. Ela problematiza a diversidade da ecovila e as relações estabelecidas com o entorno imediato, com a vizinhança, e aponta uma limitação da ecovila com relação à diversidade com a qual ela se relaciona e interage. No entanto, enquanto reflete sobre sua fala e sobre o papel da ecovila, ela mesma pondera que apesar disso, a Tibá tem procurado exercer um papel mais amplo de transformação por meio da participação social, do diálogo e articulação com outros setores da sociedade. Para exemplificar Isabel (US 29) cita as articulações com assentamentos da região e a

participação de moradores/as em conselho escolar de escola pública, conselhos de meio ambiente e segurança alimentar.

Ao falar da diversidade da ecovila, Tiago (US 33, US 34) coloca um ponto de vista que se articula e pode contribuir com a reflexão trazida por Isabel (US 29). Ela afirma que embora o grupo queira conviver com a diversidade, ela é pequena entre os/as associados/as. E Tiago por sua vez, pontua que embora exista de fato esse desejo na comunidade, não é toda diversidade/diferença que o grupo é capaz de lidar ou acolher. Ele aborda essa questão como uma limitação do grupo, como uma capacidade que ainda está em desenvolvimento. Olhar esse processo de lidar com a diferença/diversidade enquanto capacidade a ser construída, como aprendizagem em curso, tal como colocado por Tiago, nos permite inferir os processos educativos que estão permeando essa construção e que apontam para o exercício do diálogo, do respeito, paciência e tolerância com o outro, em suas diferenças ou singularidades.

[...] às vezes o pessoal fala: mas o Tibá é uma comunidade muito fechada. Sim e não, porque a gente não quer se fechar para o mundo, tanto que a gente quer diversidade, mas ao mesmo tempo, não é toda diversidade que funciona. Então a gente quer toda a diversidade que a gente é capaz de fazer funcionar [...]. Muitas vezes é por falha nossa, a gente não está preparado para isso, a gente não teve experiências suficientes para tratar melhor essa pessoa [...].

Então a gente coloca o seguinte: as pessoas têm que se expor, a gente tem que se expor às pessoas e ver o que funciona. A diversidade que funcionar beleza, a que não funcionar paciência, foi um prazer enquanto a gente tentou. [...] (Tiago, US 33).

[...] não é que a gente é realmente fechado, acho que a gente é difícil de lidar, porque a gente não tem um padrão que a gente se encaixa. É difícil achar um padrão onde a gente se encaixa. Se vem um cara falando “Eu quero morar no Tibá”, a gente vai falar pra ele “Aqui não é uma questão imobiliária, aqui é um projeto de vida. Você está a fim desse projeto de vida? Está a fim de se expor para a gente? [...]”. A questão é que aqui as pessoas querem ser amigas, as pessoas querem viver juntas, querem ter uma relação sentimental, espiritual e social [...]. A gente quer aprofundar isso, e isso nos faz um grupo que é difícil das pessoas estarem a fim também. Mas se a pessoa está a fim, tem bastante mar para navegar, dá para nadar de braçada, e a gente está disposto a correr esse risco (Tiago, US 34).

A forma como Tiago (US 33) coloca essa questão, trazendo para si e para a comunidade o exercício de construção e ampliação da capacidade de lidar com a diferença nos remete à ideia ou conceito de situação-limite (FREIRE, 2021a). A tomada de consciência sobre as situações-limite da sociedade e do viver na ecovila constituem



processos educativos que impelem os indivíduos a uma práxis proativa, de construção e superação das dificuldades e obstáculos sentidos e observados.

Em que pese a necessidade de ampliar a diversidade da comunidade e a capacidade de lidar com a diferença há que se considerar (tendo como base a fala de Tiago na US 34) que a Tibá possui critérios e valores que se colocam como condição para este viver e que precisam ser assumidos e partilhados por aqueles e aquelas que desejam integrar este projeto. A fala “Aqui não é uma questão imobiliária, aqui é um projeto de vida” denota esse sentido e nos remete à reflexão feita por Brandão (2005b) quando ele discute os critérios de uma vida com qualidade. Ao discutir a importância de construirmos uma vida pautada na lógica da cooperação, o autor argumenta que o sentido da vida precisa se voltar para a partilha solidária de “[...] coisas, serviços, vidas e destinos” (p.65).

Retomamos a fala de Tiago (US 19), que apresenta a ideia de que o acolhimento à diversidade se configura como uma das colas da ecovila, para refletir sobre a fala de João (US 14) que coloca a diversidade como identidade da comunidade. Ao tematizar essa identidade, João reflete sobre as convergências e pontos comuns da comunidade. Ele comenta que a convergência está no projeto da ecovila, nos valores e princípios que são subjacentes ao projeto. João chega a aventar que a própria Permacultura poderia constituir a identidade do grupo, mas declina dessa ideia, passando a considerar uma segunda hipótese: que pelo fato do grupo ser diverso, talvez ele não apresentasse uma identidade coletiva – “[...] algo diverso não tem identidade”. Por fim, ele argumenta que a identidade do grupo poderia ser a vontade de construir esse projeto coletivamente; poderia ser a diversidade, no sentido de ausência de identidade.

Eu acho que cada um veio por um motivo e a gente, ao estar junto aqui, cada um pelo seu motivo, a gente foi construindo o que a gente é hoje. Porque não era uma identidade. A identidade talvez é o que havia de comum... Acho que hoje não, né? Acho que hoje tem uma convergência maior sobre a questão do projeto mesmo. [...] a gente não tem uma identidade maior, tá cada um por um motivo, mas a gente decidiu estar junto aqui e fazer junto as coisas. Isso é muito importante, porque não tá cada um aqui por um motivo, fazendo o que quer. Tá cada um tá aqui por um motivo original, pelo menos, mas que depois passou a fazer as coisas coletivamente. [...]. Por isso que talvez, acho que se for pensar qual que é a identidade, ainda é a diversidade, porque o que faz a gente estar junto não é uma identidade, porque algo diverso não tem identidade. É essa vontade de fazer essa experiência coletivamente aqui, de estar construindo isso. É claro, acho que tem princípios subjacentes aí: a questão do cuidado que a gente trouxe... Na verdade, esse grupo forjou a questão da permacultura como um embasamento de princípios que pode ser uma identidade, a questão da permacultura, né? Mas isso também foi sendo trazido desde o começo. Ela tá, acho, que

no estatuto do Tibá inclusive – já se fala de permacultura, da economia solidária. E a gente começou a fazer isso na prática. Estava ali meio como princípio, mas a gente começou a fazer na prática. Mas eu não consigo te falar por exemplo “Ah, a permacultura é nossa identidade.” Eu acho que não (João, US 14).

Problematizaremos essa fala de João (US 14) e o significado que nos parece estar sendo atribuído à diversidade: ausência de identidade. A fala de João se coloca em fluxo de pensamento, expondo ideias e proposições que ainda estão em elaboração. Sua fala tem ideias em aberto sobre os elementos que poderiam configurar a identidade coletiva do grupo, mas entendemos que uma saída para esta questão está em sua própria argumentação.

Para nos ajudar com essa reflexão, trazemos as ideias de Capello (2013), baseadas em Dawson<sup>6</sup> (1996), sobre os cinco pilares gerais que constituem as ecovilas. Dentre eles temos (i) a existência de uma comunidade, (ii) o estabelecimento de vínculos harmoniosos com o meio ambiente, (iii) um maior controle quanto a obtenção e destino de recursos, (iv) a partilha de valores comuns e por fim, (v) o desejo de disseminação de suas experiências e valores para além da ecovila.

No contexto do quarto pilar, Capello (2013) afirma que “[...] de forma geral, cada ecovila construirá o seu conjunto de propósitos capaz de unir pessoas e de mantê-las juntas, mesmo diante dos mais difíceis desafios” (p.72). Assumindo essa perspectiva, aventamos a possibilidade de a identidade coletiva do grupo estar relacionada aos princípios e valores compartilhados pelos moradores e moradoras da ecovila (grupo associado). Esse olhar para as conexões e sinergia do grupo nos conduz aos princípios e valores da Permacultura e da Economia Solidária, em conformidade com uma das linhas de pensamento que foram verbalizadas por João (US, 14).

Nesse sentido, citamos o conceito de unidade na diversidade elaborado por Freire (2021a) para apresentar um contraponto a ideia de João que distancia a diversidade da ideia de identidade, tratando-os como conceitos quase opostos. Olhar a diversidade na ecovila por meio deste conceito nos leva a refletir sobre as semelhanças, as conexões, os aspectos que unem esse grupo e que talvez possam compor a sua identidade. Entendemos que a identificação dos/as moradores/as com os princípios da Permacultura (considerando o modo de ler o mundo e a forma de agir sobre ele) poderia constituir um fator de união do grupo. Nessa lógica, esses princípios teriam potencial para constituir mais uma cola

---

<sup>6</sup> DAWSON, Jonathan. **Ecovillages**: New Frontiers for Sustainability. Dartington: Green Books, 2006.

da comunidade, ao lado da diversidade e da amizade/afeto; uma cola que possibilita o desenho de um limite ético a partir do qual as singularidades e diferenças podem ser harmonizadas. Afinal, todos que integram a ecovila, querem construir uma experiência coletiva, em comunidade, mas existem parâmetros e critérios que estão postos (seja no estatuto, no regimento ou nas práticas sociais desenvolvidas na ecovila) e que dão um sentido para esta experiência, que é consensuado e partilhado por todos/as. Acreditamos que esse conceito freiriano se articule com esta questão trazida por João (US 14), pois pressupõe o trabalho com as semelhanças, a partir de princípios e valores comuns, para harmonização das diferenças.

Retomamos a fala de Isabel (US 29), que foi usada para problematizar o lema da ecovila com relação a diversidade, para trazer um enfoque quanto ao desejo de transformação que permeia a experiência da ecovila Tibá. Os moradores e moradoras da ecovila buscam a construção de novas relações e de um modo alternativo de viver e fazem isso de forma proativa, propositiva, colocando em prática as mudanças que almejam e que são possíveis de serem aplicadas e vivenciadas no cotidiano da ecovila. Vimos também que há diversas ações voltadas à sociedade de forma mais ampla haja vista a participação dos/as moradores/as em fóruns de governança locais e regionais, a realização de atividades e eventos voltados à educação ambiental e articulação socioambiental.

Percebemos que embora esta experiência esteja ligada a uma utopia, ela se constrói de modo conjuntural – conforme dito por João na US 16, de acordo com as possibilidades de cada membro do grupo e com a conjuntura social e histórica; e que em diversos relatos essa experiência foi tematizada de forma crítica considerando a distância entre teoria e prática e o papel da experiência na construção de uma utopia. Estes relatos nos dão mais uma dimensão da complexidade e do desafio que marcam essa experiência e dos processos educativos que emergem da construção e concretização de uma utopia. Apresentamos a seguir as descrições que trazem essa discussão pela perspectiva da vida comunitária de modo que possamos ir caminhando para o fechamento desta categoria.

Ao fazer esta análise, discutindo a distância entre teoria e prática, Isabel (US 8, US 9) comenta os processos que precisam de uma correção de rota ou de aprimoramento fazendo o uso do termo “incoerências operacionais”. Ela pontua que essas incoerências decorrem do fato de que todos ali vêm de uma cultura, de um modo de ser e se relacionar baseados em valores do sistema capitalista. E que é a leitura crítica desses aspectos o que permite ao grupo emergir desse sistema e visualizar novos caminhos e possibilidades que

nem sempre são fáceis de serem seguidos ou implementados. Eles conformam o que Isabel denomina como “desafio da práxis”.

As incoerências são as partes que mais nos toca, mas é a partir do reconhecer as incoerências que a gente vai apurando e vai entrando na coerência. Então a fase de reconhecer que elas existem, que elas estão em nós, porque a gente nasceu neste sistema, a gente vive esse sistema capitalista em todas as instâncias desde a nossa criação até o nosso estar no mundo. A gente vai aprendendo a ter uma leitura crítica, a ter um olhar crítico, mas do olhar até a prática, às vezes é esse desafio, o nosso desafio da práxis. Eu sinto que são incoerências operacionais. Tem um porquê maior, tem um planejamento, tem uma estrutura, mas aí às vezes no dia a dia a gente não consegue dar conta. [...] isso vai mostrando para nós onde a gente está falhando, onde a gente não está mexendo. A gente tem tanta coisa operacional, estrutural para fazer, para resolver, para fazer dar certo, que às vezes a gente não está cuidando de nós. Então falta a gente ter mais momentos do coração, momentos da gente se escutar para ver em que situação cada um está, para depois seguir mais adiante. Então o dia a dia às vezes vai nos engolindo e aí a gente precisa estar sempre aparando as arestas (Isabel, US 8).

O adjetivo “operacional” colocado ao lado do termo “incoerência” por Isabel (US 8), nos faz entender que os pontos de melhoria e os ajustes de rota a serem feitos residem na operação, na práxis, e não no projeto, na utopia. A fala de Isabel “[...] eu acho que as incoerências não mexem na estratégia final, elas só servem mesmo para a gente estar repensando e alinhando” (US 9) validam essa compreensão sobre o local de incidência das incoerências.

Isabel traz em sua fala exemplos do que seriam essas incoerências operacionais considerando as relações comunitárias e a relação com a terra para a produção de alimentos. No âmbito comunitário Isabel (US 8, US 9) menciona que nem sempre os/as moradores/as da ecovila desempenham as atividades de modo colaborativo, tal como seria esperado, e explica que muitas vezes isso se deve à correria do dia a dia e à falta de coesão entre as demandas e necessidades de todos/as na ecovila. Para Isabel (US 8), a correção dessas arestas passa pelo fortalecimento dos espaços e práticas relacionadas ao cuidado e ao diálogo.

Esses aspectos desvelaram processos educativos que forjam posturas críticas e não adaptativas, que conduzem ao buscar, ao esperar, à disponibilidade para criar, errar e aprender; para abrir caminhos rumo àquilo que se pretende experienciar e construir; à superação das situações-limites colocadas pela realidade objetiva.

João (US 13, 23, 24, 25, 26) também tematiza a experiência em face da utopia, a prática em confronto com a teoria, considerando o contexto da Permacultura e da

Economia Solidária. E faz isso com foco na vida comunitária, assumindo uma perspectiva que também denota o “desafio da práxis” verbalizado por Isabel (US 8). Ele argumenta que a construção de processos coletivos, autogestionários e que buscam construir algo alternativo, diferente, como é o caso da ecovila Tibá, requer uma utopia que não seja idealizada ou romantizada. E que a forma de se fazer isso é por meio da prática, da problematização da experiência, para que ela possa ser analisada e compreendida na sua totalidade:

[...] A utopia tem que cair para a experiência, tem que se desenvolver na experiência. Acho que o Tiba é isso (João, US 26).

[...] uma forma geral a experiência do Tibá me possibilita isso, confrontar a teoria – os princípios que são lindos – com a prática mesmo, do lidar com as situações da forma como elas realmente acontecem na prática (João, US 13).

Para mim é desmistificar esse oba-oba de ecovila, de que é fácil viver coletivamente, de que é tudo lindo, aquelas imagens da natureza com a musiquinha bonita tocando no fundo. O nosso papel aqui é dar relevo para a experiência, para toda a complexidade da experiência de viver na terra coletivamente, tentar aplicar os princípios da permacultura, da economia solidária. [...] a gente não foi educado para viver na autogestão, no trabalho coletivo e em contato com a natureza, a gente não foi educado. Então você vai ter que desconstruir tudo que você sabe, não tudo que você sabe, lógico. Mas vai ter um grau alto de desconstrução com outras pessoas. E aqui no Tibá é cada um é de um jeito, tem uma diversidade muito grande de perfis, de pessoas, de histórias. E viver isso é difícil, cara. Ao mesmo tempo que é gostoso para caramba, é difícil pra caramba. A gente tem um monte de problema. Mas faz parte da experiência mesmo (João, US 23).

João (US 23) argumenta que a complexidade dessa experiência, se referindo à ecovila, se relaciona com o fato de que as pessoas que ali residem e convivem não foram educadas ou formadas para a autogestão, trabalho coletivo e convívio com a natureza. Ao dizer isso, ele pontua as desconstruções e ressignificações que atravessam essa vivência e os conflitos inerentes a mesma, anunciando alguns dos processos educativos que estão atrelados a este viver.

A fala seguinte de João (US 24) segue discutindo a importância da não idealização da experiência coletiva, no sentido de romantização, e daqueles que dela participam, chamando atenção para o fato de que as pessoas que integram essa experiência são imperfeitas, incompletas; e que o mesmo vale para o coletivo. João argumenta que existe uma tentativa de construir algo diferente, uma tentativa que está em curso, que não está pronta, acabada.

[...] mas o que eu gostaria, é uma visão bem particular minha, é fazer as pessoas problematizarem as coisas, pararem de idealizar, sabe? Sem abrir mão dos princípios que norteiam a ação. Acho que é isso que é importante, as pessoas verem uma realidade mesmo nua e crua aqui, sabe? E ver que é tudo sincero, as pessoas estão tentando fazer o melhor dentro das limitações e que é dessa forma que a gente tá construindo esse projeto. [...] Eu quero mostrar o Tibá, exibir as fraturas do Tibá, mostrar que a gente é imperfeito, a gente só tem a coragem de tentar fazer uma parada de forma coletiva. E mesmo esse coletivo também não é perfeito, tem relação de poder permeando tudo, tem um monte de coisa, mas a gente tá tentando fazer. Acho que é isso, isso é o que eu gostaria que o Tibá passasse (João, US 24).

Compreendemos a partir de Freire (2021b) que a percepção dessa incompletude, de um campo de não-saber, é o que nos move, nos impele ao contato e ao diálogo com o outro, com a experiência, por entender que essa interação pode possibilitar a aquisição de novos saberes, leituras de mundo, novas práxis e a construção do ser-mais. Diante disso, cabe aventar que a percepção da incompletude da experiência, quando combinada com a sua leitura crítica e reflexiva, permite a visualização das arestas e obstáculos que precisam de lapidação e por conseguinte, o aprimoramento da experiência – conforme manifestado por Isabel (US 8). Essa emersão, capacidade de afastamento e análise crítica da experiência vivida na Tibá, que está sendo feita por Isabel e João permite uma consciência do além-limite que convoca a superá-lo por meio da práxis, da ação (FREIRE, 2021b).

Para finalizar a discussão desta categoria apresentamos algumas falas que a partir de uma certa emersão e objetivação da experiência fazem um balanço sobre o modo viver na Tibá, considerando a vida comunitária. Elas consideram o momento histórico atual, marcado pela pandemia e por todo um processo de esgarçamento de políticas públicas de proteção e seguridade social que levou muitos e muitas de nós a uma reflexão mais profunda sobre nossos padrões e parâmetros de uma vida de qualidade.

Entendemos que a vivência comunitária da ecovila Tibá de São Carlos se coloca como uma pedagogia para os moradores e moradoras entrevistados/as. Diversos relatos que denotam essa ideia foram apresentados e discutidos, mas neste final retomamos dois deles para ilustrar o sentido pedagógico dessa experiência. Joana (US 34, 36) pontua esses dois universos de processos educativos ao afirmar que “[...] o bojo da aprendizagem [na ecovila] está na interação com o outro, com a natureza” (US 34). E ao fazer isso, menciona a “[...] coleta de aprendizagens e de recursos” (US 36) que esta experiência oportuniza. Isabel, nessa mesma linha, reconhece o potencial pedagógico da ecovila decorrente das vivências multidisciplinares que ela proporciona (US 7) e se refere a esta experiência como “[...] universidade popular da ecovila” (US 14).

Outras falas desvelam o **sentido de resiliência da ecovila** considerando o contexto da pandemia de COVID-19 e o papel que a Tibá desempenhou ao se colocar como refúgio e como mantenedora de interações entre as pessoas num momento em que elas estavam interdidas ou muito limitadas em função das medidas e políticas de isolamento social. As falas de João (US 17, US 19), Taís (US 15) e Raquel (US 20) desvelam esse significado. Ele/as comentam o fato de a pandemia ter reforçado o sentido e o propósito da ecovila, considerando o sentimento de proteção, acolhimento e segurança proporcionado por este modo de vida em um momento de crise sanitária e social – um período que acabou destacando a importância dos valores e práticas adotados e desenvolvidos na ecovila para os/as moradores/as e seus familiares e amigos/as. Apresentamos os relatos que fazem esta discussão considerando a perspectiva da vida comunitária. As falas de João (US 17, US 19) que vêm a seguir ilustram a forma como esses sentidos foram manifestados:

A pandemia acho que trouxe isso [a essência do projeto] de volta para todo mundo, de enxergar o quanto fazia sentido o que a gente estava construindo aqui, em relação a estilo de vida mesmo. A gente se sentiu muito protegido, acolhido aqui no Tibá durante a pandemia. Sabe quando uma coisa vem e, nossa, tudo que você faz cria um sentido e um sentido não só para gente, mas também social, no sentido de que até a relação das famílias de fora, minha mãe, meus pais aqui, mudou um pouco a visão depois da pandemia também. [...] (João, US 17)

Aí chega a pandemia, todo mundo cai para cá, todo mundo querendo vir para cá, todo mundo valorizando [...] a possibilidade de estar próximo, de ter a solidariedade, o convívio com o vizinho, [...] Então isso também deu uma segurada na possibilidade das relações sociais. [...] A pandemia trouxe um sentido de projeto coletivo novamente, de voltar a pensar “Pô, vamos estruturar algo aqui, mais perene em relação à geração de renda, porque o mundo lá fora tá desmoronando.” Então teve esse processo aqui também. Então é tudo muito dinâmico, muito construído no dia a dia mesmo, né? Historicamente (João, US 19).

Taís (US 15) também manifesta esse mesmo sentido pontuando a proteção social conferida pela ecovila no momento de pandemia visto que ela criou um espaço protegido onde as relações e interações puderam ser mantidas:

E aí, a pandemia, ela trouxe para a gente que o modo de vida e as escolhas que a gente fez, foram escolhas não convencionais, mas que trazem o valor de coisas que o dinheiro não paga. A gente tem um quintal aberto, as crianças podem correr, brincar; a gente poder andar; mesmo manejar a terra ou não, mas a gente criou um espaço e relações entre a gente que foi possível ser mantido durante a pandemia. (Taís, US 15).

Finalizamos esta temática apresentando a fala de Raquel (US 20) pois ela também situa a ecovila como um espaço protegido que propicia a resiliência. Raquel confere ao coletivo a ideia de proteção e fortalecimento em função da rede de amigades, apoio e trocas:

Hoje em dia eu sei e tenho esse espaço e tenho esse coletivo. No limite, numa explosão solar que detone todo o sistema computacional e o dinheiro pare de funcionar, eu tenho um coletivo, eu faço parte de um coletivo, eu tenho amigos ali para apoiar, que eu apoio e me apoio. (Raquel, US 20).

Estes relatos desvelam aspectos da vida comunitária que compõem o modo de viver na ecovila Tibá que, do ponto de vista psíquico, subjetivo, podem ser entendidos como suportes de resiliência (LOOS *et al.*, 2010) considerando o efeito protetor que eles exercem nos indivíduos pois amenizam e fornecem um ambiente de troca, de relação, em um contexto social que muitas vezes é adverso – aspectos que são desencadeadores de processos educativos que contribuem para uma formação humana orientada para o cuidado, para a alteridade empática e para a cooperação solidária.

### **Categoria: “Um lugar tranquilo para viver, mais próximo da natureza”**

[...] num primeiro momento eu vim aqui, há mais de dez anos atrás, sem conhecer muito bem do que se tratava o projeto, mas procurando um lugar no campo para viver. Isso foi uma primeira busca, de procurar um lugar mais tranquilo para viver, mais próximo da natureza. [...] Depois, ao longo do processo eu fui conhecendo melhor do que se tratava [...] E depois eu voltei para cá – eu não sou da terra, não tenho experiência agrícola, não tenho formação técnica, nada, mas me dispus a vir com um grupo de amigos e a começar a fazer agrofloresta e a produzir alimentos, mexer na terra [...] na época os homens trabalhavam aqui [na ecovila] e as mulheres saíam para gerar renda para as famílias, porque a gente não conseguia gerar renda do trabalho que a gente fazia aqui. [...] E nesse momento, meio tateando ainda, eu não tinha muito expectativa de viver disso. Eu tive a oportunidade por conta desse respaldo feminino [...] O grupo que era sócio aqui não dispunha de muito tempo para trabalhar na terra. E a gente fez essa proposta aí de fazer a coisa acontecer na prática mesmo. Então foi um outro tipo de experiência já, de ter esse primeiro contato com o trabalho agrícola mesmo, de implantação de agrofloresta e implementar algumas práticas de permacultura [...] (João, US 1)

Essa categoria apresenta os relatos que nos ajudam a compreender a dimensão da experiência na Tibá que está associada à vida no/com o campo e os processos educativos emergentes desta interação. O relato de João (US 1), que inspirou a denominação desta categoria, é bastante representativo dos diversos temas que compõem este aspecto do



modo de viver dos moradores e moradoras na ecovila e que foram desvelados no decorrer das entrevistas.

Na primeira categoria, que trata dos valores e princípios orientadores da ecovila vemos que o campo, o ambiente natural, assume diversos sentidos para o grupo entrevistado – a representação de um lugar tranquilo, um contato mais próximo à natureza, a possibilidade de produção alimentar para fins de subsistência e geração de renda e a possibilidade de implementar formas de uso do solo e tecnologias construtivas menos impactantes ao meio ambiente. O relato de João (US 1) revela que estas demandas e formas de interação com o campo foram sendo experienciadas e concretizadas de modo gradual e conforme a possibilidade e interesse de cada morador/a. Elas não foram colocadas em prática juntas, ao mesmo tempo, nem foram vivenciadas e experienciadas por todos/as da mesma forma.

Quando João se aproxima da Tibá, vemos que a sua intenção original era habitar um lugar tranquilo, próximo da natureza. Esta busca é desvelada em diversas entrevistas (como veremos a seguir) e foi escolhida para nomear esta categoria pois revela aspectos importantes desta experiência, considerando o enfoque da categoria, que foram desencadeadores de processos educativos. Viver próximo a natureza, no campo, oportunizou a realização e o desenvolvimento de atividades, como o uso do solo e o manejo da terra para produção de alimentos, aplicação de técnicas construtivas advindas da Permacultura e realização de atividades ecopedagógicas (educação ambiental). Viver em meio à natureza, usufruindo de sua tranquilidade e dialogando com os seus tempos, considerando aqui uma perspectiva interativa e dialógica com o ambiente natural, também é um aspecto marcante dessa experiência e revelador de processos educativos. Estes aspectos compõem uma espécie de guarda-chuva que agrega os diversos elementos que conformam a vida no campo dos moradores e moradoras da Tibá e os processos educativos decorrentes.

O relato de João também revela o aspecto de experimentação e inovação que marcam a construção da Tibá e seu modo de vida. Ele foi bastante comentado na categoria anterior e também se faz presente na práxis associada ao campo, a exemplo dos relatos que tratam da produção agrícola e do manejo da terra. A fala de João (US 1) “[...] a gente fez essa proposta aí de fazer a coisa acontecer na prática mesmo” revela uma atitude que valoriza a práxis, seu caráter experimental, visto que João não tinha experiência com o manejo da terra como ele mesmo mencionou, e também inovador, desvelado pelos arranjos familiares alternativos que foram implementados na comunidade para que isso

puдesse se viabilizar – nos referimos aqui ao fato de algumas mulheres da comunidade terem assumido o papel de sustentação financeira de suas famílias para os que os homens pudessem desenvolver o manejo e trabalho com a terra. Esse processo de aprendizagem relacionado ao manejo do solo e à produção de alimentos colocado por João (US 1) aparece em diversas falas e entrevistas com a conotação de desafio e campo de aprendizagens para a comunidade.

Para que possamos compreender os aspectos que compõem o modo de viver dos/as moradores/as da Tibá que estão associados à vida no campo e os processos educativos que atravessam essas relações discutiremos primeiro os relatos que descrevem a interação com o ambiente natural, o diálogo com os tempos do campo e a emergência de novas sensibilidades. Na sequência, analisaremos as atividades voltadas à produção de alimentos, à visitaçāo e à educaçāo ambiental. Discutiremos a experiēncia do ponto de vista de sua sustentabilidade/permanēncia e por fim, a experiēncia em face da utopia, considerando os pontos identificados pelos/as moradores/as que necessitam de ajustes e o balanço da vida na ecovila considerando os aspectos ligados ao campo.

Em seus relatos, Isabel (US13, US 4, US 5) e Marcelo (US 12) comentam como se sentem vivendo mais próximos do ambiente natural, em maior diálogo com os tempos da natureza e em contato com a terra:

E aí a minha relação com essa terra, com um olhar, com o estar aqui, viver aqui, também me acrescenta muito, me ajuda com as minhas ansiedades, com as minhas paciências, em poder caminhar conforme o tempo das coisas e buscar as coisas mais naturais, naturais no sentido da gente não se sobrecarregar, não ir para além dos nossos limites, entendendo que a gente está em um contexto de harmonia, de buscar o equilíbrio e a harmonia. [...] (Isabel, US 13).

[...] e aí eu sinto que a gente foge um pouco dessa vida automatizada, dessa vida automática, onde a gente cumpre nossas obrigações, cumpre os nossos papéis, onde a gente acaba, ao nosso ver, ficando muito limitado a esse mundo individual, o mundo do núcleo familiar, [...] sem relação com vizinhos, sem pensamentos de resolução de estrutura, de confiabilidade (Isabel, US 4).

[...] mas quando a gente sai desse automático da cidade e vem para a rotina do campo, o tempo é outro, as necessidades são outras, você é exigido da sua cabeça e da sua alma de outras formas, entendeu? Então a gente precisa pensar em coisas além do perímetro da nossa casa, sabe? Então isso nos estimula enquanto ainda um casal de jovens com crianças pequenas. [...] e também precisamos resolver o problema da água, precisamos resolver a questão com vizinho, precisamos resolver o plantio, a colheita, a organização do espaço. Então nos traz na vida rural outras demandas que você, por mais que entre no automático, não

é automático, cada dia é diferente, a paisagem muda, as estações do ano, a gente consegue observar elas melhor; o céu, a gente consegue olhar para ele de outro jeito. Até essa questão do sagrado feminino, conversa muito sobre se conectar à Lua, o ciclo da Lua, nosso ciclo menstrual... aqui eu consigo me conectar mais fácil, consigo observar em que momento que a lua tá, em que momento eu estou, coisas que eu sinto e que a cidade me distancia um pouco (Isabel, US 5).

Meu, tudo [no campo me atrai], desde o horizonte, das estrelas à noite, da possibilidade de você fazer uma fogueira, de você plantar seu alimento, de você poder ter galinha, mexer na terra. Tudo. Tudo isso que envolve... [...] Então assim, tudo o que me oferece aqui é o que eu quero e tudo que tem lá [na cidade] é o que eu não quero, entendeu? E eu sou de São Paulo, mas não... É tipo uma terapia mesmo. Eu acho que se eu não estivesse aqui eu ia estar doente, certeza (Marcelo, US 12).

As falas de Isabel e Marcelo revelam processos educativos que emergem da relação com o campo em um contexto que abre espaços na rotina para a observação, para o sentir, para a escuta, que favorece novas sensibilidades, a possibilidades de conexão e interação consigo e com o entorno. Um espaço de abertura que possibilita afrouxar o individualismo para criar relações, conexões e composições com vistas ao enraizamento, pertencimento e a construção de redes relacionais.

O estabelecimento desta relação de pertencimento e troca com o ambiente nos remete ao conceito de lugar antropológico cunhado por Augé<sup>7</sup>, citado e discutido por Rocha (2017) e Salles (2017) em suas pesquisas. Fazendo uso desse conceito, as pesquisadoras abordam as ecovilas como espaços de tensionamento da lógica moderna de sociedade ao se constituírem como lugares relacionais que permitem a troca de afetos e a construção de laços entre as pessoas e destas com os espaços em que vivem. Ao tematizar as ecovilas por esta perspectiva, Salles (2017) argumenta que a modernidade nos compeliu a um viver individualista, mecânico, de relações simplistas e superficiais com tudo aquilo nos cerca e escapa da esfera individual; fortaleceu uma postura de alienação e desterritorialização, que nos conduziu a modos de viver insustentáveis.

Os relatos de Isabel e Marcelo descrevem o surgimento de novas sensibilidades que foram promovidas ou facilitadas pela relação com o campo, com a natureza. Marcelo (US 12) atribui ao campo uma conotação terapêutica e restaurativa que transmite a ideia de integração, conexão. Para Isabel (US 5) a vida no campo anuncia outras necessidades e outra passagem do tempo que diferem do ambiente urbano e são desencadeadoras de

---

<sup>7</sup> AUGÉ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

processos educativos similares aos descritos por Marcelo. As falas apresentadas nos levam a compreender que neste contexto a vida pode ser menos automatizada, com maior presença e conexão, mais vinculada ao ser do que ao ter (consumo).

Os processos educativos relacionados à interação com o campo, à criação de pertencimento com o espaço e com a vida e à experimentação de um novo modo de ser e estar ao mundo desvelados em algumas descrições e ilustradas pelas falas de Isabel e Marcelo, estão na verdade sendo construídos por toda a pela comunidade. São processos em curso, vivenciados por pessoas que transitaram da cidade para o campo, que trazem em si muito da cultura e dos tempos do ambiente urbano.

O primeiro princípio de *design* da permacultura dialoga com essas ideias. Trata-se do princípio Observe e interaja: a beleza está nos olhos de quem vê (HOLMGREN, 2013). Este princípio preconiza a observação cuidadosa e a interação reflexiva para que possamos revisitar nossas necessidades, e de forma criativa, buscar formas de interação mais cuidadosas e sensíveis com a paisagem. Esse mesmo princípio se aplica ao desenho das relações humanas, conforme discutido na categoria anterior, que aborda o viver pela perspectiva da vida comunitária.

Essa prática de zelo com a terra, que entende a natureza como merecedora de cuidados sugere que a relação que os/as moradores/as estão procurando estabelecer com o ambiente natural é baseada em uma relação de troca cooperativa, solidária, que subverte a racionalidade competitiva e predatória do capitalismo que trata a natureza como mera mercadoria (ABDALA, 2002). Partindo deste autor entendemos que esta prática de cuidado reflete um modo de agir que procura escapar do *modus operandi* capitalista e nesse sentido pode se configurar como uma forma de emergência de racionalidade cooperativa que contribui para a construção de um caminho de superação da lógica competitiva que engendra o capitalismo.

Essas ideias nos remetem à discussão feita por Brandão (2005b) sobre a construção de uma vida com qualidade e o seu argumento de que o primeiro critério deste processo deve consistir “[...] na forma como participamos e nos sentimos participantes do mistério de toda a vida: dentro de nós, entre nós e à nossa volta, por toda a parte” (p.33). O autor enfatiza que precisamos tomar consciência de que somos parte integrante da natureza e exercer nossas ações no mundo de forma generosa e equilibrada, indo além da busca pela preservação ambiental. Ele argumenta que na nossa relação com a natureza, a lógica da dominação precisa ser substituída pela da comunicação, para que, sentindo a natureza como algo que nos nutre, possamos

[...] criar uma nova e amorosa *ambiência*. Uma outra maneira de convivermos entre nós e com o meio ambiente, com a Vida e com o estofamento natural da Vida, como quem percebe em cada ser um elo da teia que permite a nós mesmos estarmos vivos e abertos à comunicação com os outros e a Vida através de nossos corpos e de nosso espírito [...]. Novas conexões de gestos e sentimentos fundadas sobre amorosidade e o respeito, como o cuidado amoroso do *Ser no ser* de cada ente vivo [...] (BRANDÃO, 2005b, p. 33-34).

O estar no campo também vislumbra a construção de um modo de viver em que as necessidades que requerem o uso da terra para a produção alimentar possam ser atendidas de maneira mais sustentável, dentro dos limites e da capacidade de suporte da natureza, com menor impacto ambiental. E se vincula também à construção de uma maior governabilidade sobre as fontes de sustento e bem-estar de cada morador/a. Os relatos a seguir começam a ilustrar e trazer elementos para que possamos compreender como esta atividade é desenvolvida pelos/as moradores/as da ecovila:

Atualmente eu cuido de suíno e tem algumas coisas aqui no sítio que eu tomo conta, tipo pé de banana (Marcelo, US 1).

Então eu vendo banana, eu vendo porco, eu faço a minha horta para minha subsistência, minha e da minha família. Aí eventualmente na minha horta, que é bem pequena, deve ter, sei lá 30 metros quadrados, aí eu tenho muita couve, aí de repente eu vendo a couve para alguém [trecho incompreensível] (Marcelo, US 3).

Porque esse projeto dos suínos foi um dinheiro que veio para a gente montar essa estrutura [...] para fazer uma suinocultura a pasto, entendeu? (Marcelo, US 4)

E a gente vive numa ecovila que não tem o intuito de ser autossuficiente, mas que tem o intuito de ter um pouco mais de autonomia com relação a essas crises e esses choques que acontecem. Por exemplo, quando a gente começou no processo da pandemia, a gente pensou “nossa, vai ter algo parecido com o que aconteceu com a crise dos caminhoneiros e pode ter algum desabastecimento”, então a gente retornou a plantar porque tinha muita família morando na cidade. Aí estourou a pandemia e voltou muita família para cá. Daí a gente falou “vamos ter que voltar a plantar porque tem muita gente aqui dentro” (Taís, US 14).

Os relatos sinalizam que a produção de alimentos, visando uma maior autonomia e segurança alimentar, é uma atividade que ocorre na ecovila de modo comunitário e em alguns casos, unifamiliar, a exemplo de Marcelo. A maior parte dessa produção acaba sendo destinada para o consumo da própria ecovila e o excedente segue para a comercialização (geração de renda). Desse modo, além de se voltar a subsistência, esta produção também visa a obtenção de renda conforme anunciado pelos relatos a seguir:

[...] Hoje a gente já consegue ver unidades produtivas um pouquinho mais avançadas, mas não que ela gere [trecho incompreensível] que a gente partilhe... que ela gere um fundo né. Mas a gente já tem unidades produtivas avançadas. Já conseguimos por exemplo que o Marcelo consiga passar o dia inteiro aqui trabalhando nas coisas que ele precisa fazer aqui. Então a gente consegue dar alguns aportes econômicos, mas a gente ainda não tem uma geração econômica que permita que todos fiquem aqui ou que minimize a necessidade de trabalho externo. Na verdade, nem vejo todos aqui. Eu acho que também nem funcionaria tanto assim. [trecho incompreensível] que pelo menos gere um ciclo de minimizar custo de vida, poder ajudar na renda de um casal, para poder facilitar que um saia, que um trabalhe fora e um trabalhe dentro... (Isabel, US 25).

Naquele momento, dos três casais, os três homens ficavam para trabalhar na terra e as três mulheres iam para cidade para gerar renda (Taís, US 4).

Essa horta hoje aqui que eu toco é só para minha família. É a horta que eu tenho atrás da minha casa. A criação de porcos também é minha. Sou eu que lido com a criação. Mas nenhuma das atividades econômicas que eu exerci seria suficiente para gerir eu e minha família aqui se não tivesse sempre um apoio da minha companheira... Vamos dizer assim, o resto foi tudo aposta, sabe? Uma coisa que a gente tá tentando criar um alicerce para quem sabe um dia... mas até hoje, foi um complemento. Nunca teve esse peso de arrimo de família (Marcelo, US 6).

A ecovila não possui um processo estruturado de trabalho coletivo e geração de renda, embora esta demanda esteja no horizonte da comunidade, constituindo um tema a ser trabalhado e fortalecido no âmbito da produção agrícola e da visitação, conforme sinalizado a seguir por Isabel (US 26).

Eu imagino ele [o recurso financeiro] vindo de um processo de turismo, um processo de organização de eventos. Tanto eventos de formação pedagógica quanto eventos terapêuticos, trabalho espiritual. Um recurso que a gente consiga utilizar nossas estruturas e os nossos saberes para circular pessoas, conhecimentos e recursos e também um recurso que venha um pouco de alguma subsistência. Então você evita gastos externos porque você consegue garantir algumas subsistências aqui dentro. E no meu caso, que tenho dentro desse circuito um ponto de comercialização e também somos envolvidos em gestão de consumo na cidade, poder ter também alguma unidade produtiva aqui ou mais de uma; que a gente tenha excedentes para oferecer lá fora [...] (Isabel, US 26).

Esta pauta faz interface com relatos que estão alocados na categoria anterior – eles tematizaram a geração de renda pela perspectiva comunitária, sem mencionarem a relação com o campo. Estes relatos tematizaram a geração de renda considerando a articulação comunitária em termos de cooperação e colaboração tendo em vista as diferentes

necessidades, habilidades e o perfil de cada morador/a – vide Raquel (US 17, US 40, US 42), Taís (US 2, US 10), João (US 6, US 19) e Joana (US 10).

A produção alimentar neste contexto oportuniza processos educativos que estão associados a uma postura protagonista, proativa, que busca se apropriar dos processos que perfazem a vida cotidiana para viabilizá-los de acordo com critérios individuais e comunitários de qualidade de vida considerando a saúde dos indivíduos e do ambiente. Nesta tematização observamos uma circulação de saberes e práticas que se alinha aos princípios da Economia Solidária visto que as descrições apresentadas pelos/as moradores/as sobre o processo de geração de renda se pautam em uma lógica criativa de partilha, de construção colaborativa e solidária.

Compreendemos que esta atividade na ecovila conforma o que Rocha (2017) denomina como prática comunitária emergente pois representa uma ação que insurge da comunidade para responder a demandas e necessidades não atendidas pelo setor público ou estrutura social. As práticas comunitárias emergentes são ações do tipo *bottom up*, que emergem de baixo para cima em termos de controle social, e que normalmente expressam um modo criativo e não hegemônico de apropriação, uso e transformação do espaço que recai no campo propositivo de ação local (ROCHA, 2017).

O uso e o manejo da terra para a produção de alimentos é um aspecto da práxis comunitária que é central nesta categoria pois ela se articula, se desdobra e viabiliza outras demandas da ecovila: a geração de renda para os/as moradores/as; a atuação voltada ao fortalecimento da Agroecologia, da Economia Solidária e da Permacultura por meio da formação de redes de parcerias, de articulação com agricultores, realização de eventos e atividades de educação ambiental; a conquista de uma maior autonomia e qualidade alimentar; e o consumo responsável.

Esta categoria faz uma interface importante com a pétala Manejo da terra e da Natureza. Embora ela dialogue com todas as pétalas entendemos que o conjunto das descrições alocadas nesta categoria irradia dessa pétala para avançar sobre as demais. Tal interface é preconizada e almejada pela Permacultura pois é a partir do diálogo e articulação entre as pétalas que os princípios desse paradigma se colocam em movimento e ganham concretude. A partir deste ponto, veremos que temática também se faz presente nos relatos que tratam das atividades de visitação e educação ambiental que são promovidas pela Tibá. As ações voltadas ao público externo da ecovila, tidas pela comunidade como atividades de extensão, estarão no centro dos relatos que serão apresentados a seguir.

O grupo entrevistado descreve experiências vividas, das quais emergem processos educativos, que se baseiam na relação da ecovila com o público-externo. Essa relação com o exterior contempla as atividades de visitação, os eventos que foram realizados na ecovila e a participação em fóruns voltados à pauta da Permacultura e da Agroecologia ou à governança local; e assume uma cotação tanto política como educativa, pois visa a articulação e a formação de redes de engajamento, o exercício da participação cidadã, a troca e a disseminação de saberes. Alguns destes relatos foram descritos na categoria anterior; nesta, assumindo uma perspectiva complementar, discutiremos aqueles que trazem o campo ou o ambiente natural de forma explícita nas descrições. A fala de Taís nos dá uma primeira dimensão dessa relação:

Outra coisa que eu vejo é o fato de eu trabalhar com agricultores e agricultoras, dentro da parte da assessoria técnica, que eu realizo com eles. Então eu sempre vislumbro trabalhar pensando aqui como uma unidade de produção que possa dialogar com eles e que possa trazer eles para cá. A Tibá já fez encontro de sementes, já fez encontro com agricultores. A gente tem uma perspectiva de trazer, quando voltar, sempre visitas, oficinas aqui e oficinas lá também, nessa perspectiva de diálogo sobre a nossa visão de manejo da terra, que é uma visão agroecológica, de sistema agroflorestal, com a visão dos agricultores e realizando esse diálogo (Taís, US 11).

Neste contexto, Taís (US 11) enxerga a ecovila como uma **unidade produtiva** que possibilita o diálogo e a circulação de saberes com e entre os/as agricultores/as, partindo da perspectiva da Agroecologia. O grupo entrevistado cita rodas de conversa, oficinas e encontros que foram realizados na ecovila com esse objetivo, a exemplo do evento “Espalhe as Sementes” e do Encontro Nacional de Grupos de Agroecologia – ENGA:

E aí a parte também que tá junto, que é desse movimento cultural. Então o que a gente fez muito aqui foi abrir para vários eventos. Então tinha uma coisa que a gente fez durante um ano e meio, acho, um encontro que chamava “espalhe as sementes”. A gente promovia oficina dentro das sete pétalas da permacultura (Joana, US 30).

É o Encontro Nacional de Grupos de Agroecologia [...] um encontro muito lindo porque a gente recebeu aqui 700 pessoas, para você ter noção, gente do Brasil inteiro. [...] E é isso, é um grupo que nasce dos coletivos mais acadêmicos, da agroecologia, mas que fica sempre nessa expectativa de sensibilizar os agricultores. Sempre existe esse distanciamento. Então desde essa perspectiva, a gente construiu encontros para juntar todo mundo [...]. E aí virou uma super sete pétalas, o PermaENGA, porque a nossa pegada é a permacultura. E aí, no ENGA isso ficou muito ampliado, essa vivência que eu tô te contando do “Espalha Sementes”, o ENGA foi um “Espalha Sementes” grandão,



que acontecia de manhã, tarde e noite, todas as pétalas da permacultura [...] (Joana, US 32).

Ao comentar a realização de tais eventos, das articulações e trocas desencadeadas por eles, João (US 5) e Joana (US 31) pontuam que estas iniciativas também tiveram uma contribuição importante para a articulação do movimento de Agroecologia de São Carlos:

De uma certa forma está sempre relacionada ao meu trabalho, principalmente a partir de 2015, quando eu começo a trabalhar com assistência técnica rural e com os produtores orgânicos dos assentamentos da reforma agrária. Inclusive a gente já teve vários eventos aqui, articulando o movimento de agroecologia em São Carlos. A gente fez algumas feiras de trocas de sementes. A reunião que desembocou na feira de produtores orgânicos foi numa dessas redes de semente aqui do Tibá (João, US 5).

[...] A gente fazia, a cada estação, uma feira de troca de sementes criolas, isso era da pétala da terra, mas era um baita evento celebrativo. Era um super processo educativo também, você entende aonde que as coisas vão? Porque nessas feiras a gente fazia rodas de conversa, aí tinha dois momentos, tinha os momentos de articulação política dos atores – foi a partir dessas feiras de troca que a gente levantou a feira orgânica que hoje acontece em São Carlos, foi dentro de uma dessas feiras de trocas daqui da Tibá. Então era um momento desse, de organização política, momento de troca de sementes, mas também momentos... Então,

“O que os agricultores estão precisando do município, o que está faltando?”

“Ah, tá tendo muita dúvida sobre o manejo de banana.”

Aí a gente trazia uma pessoa que dominava e ele dava uma oficina de manejo, sabe?

“E também a gente não tá sabendo muito fazer acabar com o caruncho nos nossos bancos de semente.”

Aí vinha uma oficina de como prevenir caruncho. Isso tudo dentro dessa feira. Era muito incrível, era muito linda e é um baita de um processo educativo que acontecia (Joana, US 31).

Estas descrições nos remetem ao sentido que foi atribuído às ecovilas por Dias e colaboradores/a (2017): ao reconhecerem a influência destas experiências na sociedade, eles afirmam que as ecovilas vêm exercendo um papel importante nas redes de sustentabilidade: elas fortalecem essa rede de engajamento e por vezes catalisam transformações biorregionais.

O relato de Joana (US 31), apresentado anteriormente, aborda essa rede considerando a articulação e a troca de saberes entre e com os/as agricultores no contexto da Agroecologia. No relato de Marcelo (US 5) essa rede de articulações se revela pela

interface e a troca de saberes da ecovila com professores/as e estudantes de universidades em função da vivência e adoção de práticas da Agroecologia e da Permacultura, pela Tibá:

[...] eu recebo muitos grupos de 40 pessoas, faculdade de agronomia ou alguma questão que o professor achava interessante trazer aqui. Eu recebia muitos grupos. Eu fazia comida, recebia essa galera e a gente sentava e conversava sobre a ecovila, porque as pessoas tem muita curiosidade, e aí fazia uma visita técnica, nas unidades demonstrativas que são as casas, os tratamentos de efluentes, as agroflorestas que a gente faz e etc. E hoje, isso acabou com a pandemia. Já estava parado antes, aí com a pandemia, parou de vez mesmo (Marcelo, US 5).

Marcelo (US 5), ao discorrer sobre as atividades que permeiam a visitação, comenta seu envolvimento no preparo das refeições, nas rodas de conversa junto aos visitantes e condução de visitas técnicas às unidades demonstrativas da ecovila (aplicações de técnicas e práticas da Permacultura para difusão dos resultados alcançados). Estas unidades compõem as estruturas visíveis da comunidade; são formadas pelos sistemas de manejo agroecológico da terra (sistema agroflorestal, horta floresta, viveiro de mudas, banco de sementes crioulas, composteiras), pelas bionconstruções, pelos sistemas de tratamento de efluentes domésticos, de captação e armazenamento de água, de captação e uso de energia renovável e de triagem de resíduos sólidos (ECOVILA TIBÁ, 2022). Ao fazer menção a estes sistemas, Souza (2016) comenta que eles se colocam como “laboratórios a céu aberto” (p.46) para a observação de práticas diversificadas de educação que podem favorecer processos educativos de cunho holístico ou sistêmico.

Ao se referir à visitação e às vivências promovidas pela comunidade, que visam a difusão de saberes e práticas que convergem para um modo alternativo de vida, Joana (US 29) observa que apesar de as pessoas serem atraídas pelas estruturas visíveis da ecovila como o SAF<sup>8</sup>, a horta orgânica, as abelhas nativas, as bioconstruções e tecnologias alternativas para tratamento de efluentes, o enfoque das atividades de educação ambiental acaba incidindo na questão do consumo consciente, pois em sua opinião é desta temática que emergem as possibilidades de transformação social.

Então as pessoas vinham muito atraídas pelo que a gente tinha de material: um SAF lindo, uma horta orgânica, horta floresta bacana, galinhas felizes, melipônias, muita bioconstrução, muita tecnologia de biofiltro... vinham pra isso. Mas aí chegavam aqui e o que a gente trazia assim forte era a questão de consumo consciente, porque é onde a

---

<sup>8</sup> Sistema Agroflorestal (SAF)

mudança pode acontecer de verdade, né? [...] é entender que se você quer comer molho de tomate, você tem a opção de comprar um molho no supermercado e financiar essa cadeia da embalagem ou comprar um tomate fresco e fazer seu molho. E aí avançar mais ainda: você pode saber quem é que produziu esse tomate e comprar direto do produtor (Joana, US 29).

O relato de Marcelo (US 14) desvela de que modo esta pauta do consumo consciente, trabalhada nas ações de educação ambiental, é vivenciada pelos/as moradores/as. De modo complementar ao que estava sendo discutido por Joana (US 29), ele revela como essa temática o afetou (em termos de conscientização) e como ela transformou a sua prática, o seu viver cotidiano, no que tange a sua alimentação. Suas descrições sinalizam processos educativos que se relacionam a assunção de uma postura que busca obter uma maior governança com relação ao consumo e à alimentação.

eu fiquei 10 anos sem comer carne. Agora eu [trecho incompreensível] estou criando bicho e me alimentando deles. Então assim... se eu não tivesse vindo para a terra, dificilmente eu ia estar sendo isso, sabe? Abatendo um animal, imagina, eu nunca concebi isso. E tem gente que vai olhar essa mudança com maus olhos né? Vai falar “nossa, degradou né? O cara não comia... 10 anos sem comer carne e voltou a comer carne”. Mas eu, no meu íntimo, eu acho muito mais justo do que comer a comida com embalagem, de participar de uma cadeia produtiva que eu vejo como destruidora de ponta a ponta. Então assim, essa autonomia... (Marcelo, US 14)

Os relatos comentados anteriormente retratam um modo de viver ligado ao campo que procura reduzir o impacto humano sobre o ambiente e sobre as outras formas de vida. Vemos isso nas descrições que tratam do manejo agroecológico da terra e do consumo consciente, considerando a adoção e difusão dessas práticas e também o fortalecimento de uma rede de engajamento e de troca de saberes ligada à pauta da Agroecologia e da Permacultura.

Dessas experiências decorrem processos educativos que oportunizam a emergência do cuidado e do senso de co-responsabilidade com a terra, com a natureza, com a Vida, que convergem com as prerrogativas da pedagogia do cuidado (BOFF, 2013), com princípios do Bem viver (ACOSTA, 2016; KRENAK, 2019, 2020, 2021; MUNDURUKU, 2019) e com parâmetros associados à construção uma vida de qualidade (BRANDÃO, 2005b).

Para a concretização desses objetivos, vemos os/as moradores/as da ecovila buscando a construção de um modo de viver com maior controle e maior governança sobre os processos que o perfazem. Capello (2013) observa que essa busca por uma maior

autossuficiência é uma característica muito comum em ecovilas pois possibilita reduzir a dependência de contextos e processos externos que são produtores de degradação humana e ambiental, abrindo uma margem para que a prática cotidiana possa ocorrer de modo mais alinhado e coerente os valores e princípios éticos defendidos por estas comunidades.

Essa práxis dialoga com a reflexão que Brandão (2005b) faz sobre os critérios e condições que podem nos conduzir a uma vida com qualidade. Ao tratá-la como um processo de construção social, o autor nos convoca a assumir uma postura proativa e responsável com a realidade que nos cerca pois em sua visão, é um direito e um dever sermos nós próprios “[...] os criadores de nossos direitos, de nossas leis, de nossas constituições e dos critérios de valor da vida e de sua qualidade.” (BRANDÃO, 2005b, p.40). O ser e se sentir co-construtor/a da própria vida é um processo educativo que atravessa muitos destes relatos; que expressa a essência do modo de viver na ecovila.

A relação estabelecida pelos/as moradores/as da Tibá com a natureza, desvelada nas entrevistas, assume uma conotação de cuidado, de partilha, que busca a composição pela superação de uma ideia de conflito, de oposição e antagonismo; que busca compatibilizar a existência humana com a preservação da Vida.

Compreendemos por meio de Brandão (2005c) que a relação do ser humano com o ambiente natural e os demais seres da Vida precisa ser entendida e sentida de modo mais totalizante, por meio de uma perspectiva em que o ser humano, ao invés de se sentir a parte, possa se sentir parte integrante da natureza; uma perspectiva que supera a visão exploratória e utilitária que a objetifica, que a vê como um objeto passivo, à disposição do ser humano e de seus interesses. Com a superação dessa lógica, a natureza passa a ser compreendida como um outro sujeito, como outra forma de manifestação da Vida, que tem seu valor intrínseco, em si mesma, para além de qualquer utilidade ao ser humano e que é capaz de estabelecer com ele uma relação comunicativa, de partilha e intersubjetividade no processo de compartilhar a Vida. O autor transcreve um pensamento de Marcuse<sup>9</sup> que denota essa ideia:

Em vez de tratar a natureza como um objeto passivo de uma possível manipulação técnica podemos dirigir-nos a ela como a um parceiro numa possível interação. Em vez de uma natureza explorada, podemos ir em busca de uma natureza fraterna. Ao nível de uma intersubjetividade ainda incompleta, podemos atribuir a subjetividade aos animais, às plantas e, até mesmo, às pedras e comunicar-nos com a natureza, em vez de nos limitarmos a trabalhá-la quebrando a comunicação. E a ideia de que uma subjetividade da natureza ainda

---

<sup>9</sup> MARCUSE, Herbert. A ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.

agrilhoadas não possa emergir entes que a comunicação entre os homens se torne livre, essa ideia – e isso é o mínimo que dela se pode dizer – continua a ter uma força de atração toda especial. Só se os homens pudessem se comunicar sem coação e se cada homem pudesse reconhecer-se no outro, só então a espécie humana poderia eventualmente reconhecer a natureza como um outro sujeito – não a natureza como o seu outro, como pretendia o idealismo, mas a si mesma, como sendo o outro desse sujeito (MARCUSE, 1967 *apud* BRANDÃO, 2005c, p.71)

A argumentação de Acosta (2016) no contexto do Bem viver, vai nesta mesma linha. Ele defende a necessidade de reconhecermos os direitos da natureza para além dos direitos humanos, entendendo-a como um sujeito que é detentor de direitos, libertando-a da condição de mero objeto para que seu valor ontológico possa ser reconhecido.

Ao discutir o movimento ambientalista e as tendências ligadas à ecologia, Brandão (2005c) observa que a lógica de dominação e exploração dos bens naturais a qualquer custo vem aos poucos dando lugar a outras compreensões sobre a natureza. Nesta trajetória, o autor destaca o surgimento da ideia de responsabilidade e cuidado nesta interação que sinalizam uma preocupação com os destinos do mundo natural e da própria humanidade. Mas ele observa, que embora essa lógica traga contribuições à conservação da natureza ela ainda é limitada neste propósito pois nela, o ser humano e a vida social continuam sendo o centro e a motivação das escolhas e decisões da sociedade. A conotação utilitária segue presente nesta concepção.

Dando seguimento à explicação dessas tendências ou tradições ecológicas, Brandão (2005c) explicita um outro modo de compreender o mundo natural. Ele fala da emergência de sensibilidades e estéticas que vêm nos permitindo olhar a natureza pelo prisma da responsabilidade e do cuidado mas também da partilha, da comunicação e do convívio amoroso, que entende os demais seres vivos como sujeitos co-participantes da construção da Vida, em sua própria dimensão.

Ainda que este modo de pensar/agir esteja emergindo e começando a ganhar forma na sociedade hegemônica (BRANDÃO, 2005) ele é bastante antigo considerando o modo de viver dos povos indígenas e demais comunidades tradicionais. A concepção que Krenak (2020b) expõe sobre a Vida e a crítica que ele faz à forma como compreendemos a relação do ser humano com a Terra explicita essa visão.

Krenak (2020b) admite a natureza como “[...] uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem” (p. 69). Partindo de uma compreensão totalizante e

holística o autor questiona o conceito de humanidade que se manifesta como um segmento da Vida apartado e alienado da Terra, um organismo do qual somos parte. Ele problematiza esse descolamento e denuncia que esta abstração, de nos vermos como unidade, nos levou a suprimir a diversidade e negar “[...] a pluralidade das formas de vida, de existências e de hábitos.” (KRENAK, 2020b, p. 23). O autor destaca que

Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos acenos, na África, na Ásia ou na América. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes – a subhumanidade (KRENAK, 2020b, p. 21)

E afirma que em seu modo de ver, a Vida “[...] é esse atravessamento do organismo vivo do planeta numa dimensão imaterial. [...] Vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem definição.” (KRENAK, 2020a, p. 28-29).

Este modo pensar e agir, de quem ouve as montanhas, os rios e as florestas e procura “pisar suavemente na terra” (KRENAK, 2020a, p.95) se manifesta em muitas das culturas que denominamos como Epistemologias do Sul (BOAVENTURA; MENESES, 2009). Estas culturas, que serviram de base para a formulação da Permacultura (HOLMGREN, 2013), seguem vivas em suas práticas e saberes graças a um movimento de luta e resistência contra o sistema e os valores hegemônicos.

Entendemos com Brandão (2005) que o estabelecimento dessa relação horizontal e dialógica com os demais seres da natureza requer uma mudança de mentalidade: a superação da ideia de que as relações (seja com outro ser humano ou com os demais seres do mundo natural) precisam ser pautadas por uma lógica de dominação e competição. A frase de Marcuse (1967), citada anteriormente, explicita essa ideia.

Esta discussão nos remete a conceitos muito trabalhados na segunda categoria “Tentar entender o outro para essa convivência poder funcionar”, que trata da vida comunitária: a diversidade e a alteridade. Na categoria anterior problematizamos a diversidade como um elemento das relações humanas gerador de processos educativos e desenvolvimento humano, considerando a perspectiva da alteridade, do respeito às diferenças, partindo de um olhar empático e compassivo. Nessa categoria, o pano de fundo das discussões envolvendo a natureza, traz essa mesma questão e um mesmo exercício: se entender dentro de um contexto de Vida diverso, olhando suas várias formas de manifestação de modo empático, solidário, amoroso, que “[...] convoca os seres do mundo natural a um diálogo entre sujeitos.” (BRANDÃO, 2005c, p. 86).

Acreditamos que em meio a estas experiências existe todo um processo de ensinar e aprender que emerge da vida no campo, do contato com o ambiente natural, que possibilita o surgimento de uma mentalidade e de sensibilidades que criam condições para a criação de modos de vida e relacionamentos mais saudáveis e compatíveis com a Vida.

Não temos aqui a pretensão de fazer um enquadramento das experiências relatadas pelo grupo entrevistado em um ou outro pensamento ecológico. O que podemos dizer é que em muitos relatos foram desvelados sentidos de responsabilidade e cuidado atrelados à natureza; e em alguns deles, uma compreensão mais totalizante e dialógica da Vida e que ao nosso ver, tem em si a potência para conduzir o relacionamento com o todo da natureza para um patamar emancipatório e pacifista.

Retomando a discussão sobre a visitação e as ações voltadas ao público externo da Tibá, vemos relatos em que os/as moradores descrevem aprendizagens que foram desencadeadas pela experiência com o manejo da terra e pela interação com os/as visitantes no contexto da vida no campo e da produção de alimentos, a exemplo do que foi descrito por (US 15, US 16):

Eu aprendi, nesses anos aqui, uma infinidade de coisas. Porque o fato da gente ser muito aberto para outras pessoas virem vivenciar a Tibá, sem dúvida nenhuma fez com que eu aprendesse muito mais do que eu ensinasse. Na verdade, apesar de eu já ter tido essa caminhada, de ter ido pra fora, ficado numa ecovila lá, consumido literatura, eu não tinha a vivência que por exemplo agora eu tenho, uma década vivendo da terra. Então assim, hoje eu sei fazer uma horta orgânica, eu tiro alimento, eu tenho firmeza para plantar mil bananas, entendeu? Foram coisas que eu fui adquirindo, assim, confiança, né? Confiança. Porque não é tão simples você fazer uma horta sabe? Você tem um beabá [...] (Marcelo, US 15).

A gente fazer horta nisso e ter perdido produção várias vezes, sabe, isso vai ensinando. Eu tive uma escola de agricultura com essas pessoas que foram passando aqui, porque todo mundo sabe alguma coisa né? A pessoa passa e me ensina a plantar banana, o outro passa e me ensina a fazer uma poda. E se você tiver atenção, você vai aprendendo com esses viventes. E foi o que aconteceu aqui. Eu fui recebendo as pessoas, passando um pouco do que eu sabia, mas aprendendo o que elas estavam trazendo. Então é sempre uma via de mão dupla né? [...] E não para, né? (Marcelo, US 16).

Marcelo tematiza as aprendizagens que teve relacionadas ao manejo da terra e que decorrem da interação com os/as visitantes e da experiência, da prática, depois de uma década vivendo na terra. Marcelo (US 16) fala da “escola de agricultura” que teve com as pessoas, os/as viventes que passaram pela Tibá, trazendo um sentido de aprender que

é baseado na troca, em uma relação de mútua aprendizagem, partindo de uma concepção freiriana em que todo/as têm sempre o que ensinar e o que aprender (FREIRE, 2021a).

Nessas descrições, ao tratar das aprendizagens, Marcelo (US 15, US 16) também valoriza o saber da experiência advindo da práxis, do manejo da terra. A fala seguinte de Marcelo (US 17) explicita o valor que ele atribui a este saber, às aprendizagens que dele emergem e a busca que ele faz por este conhecimento nas relações e interações com a vizinhança:

Ah, eu acho [a troca com os vizinhos] bem legal. Ela é prática né? ”Ó, tô precisando de uma ferramenta. Ó, estou vendendo animais”. As pessoas também vêm pedir. Então, “Ah, eu estou vendo aqui que você tem mato ali. Você vai usar? Posso cortar para dar para o meu bicho?”. É sempre uma coisa prática, mas que dentro dessa praticidade ela vai afinando a relação, ela vai estreitando, entendeu? A gente vai se conhecendo. Eu sempre enxergo assim com grande valor. Que são pessoas que têm mais essa cultura desde pequeno. As pessoas nasceram em roça. São pessoas que têm muito saber – de um saber que eu que eu quero, né? Que eu estou buscando e que eu não tive né? Cresci na Zona Sul em São Paulo, imagina? (Marcelo, US 17).

Marcelo também comenta as aprendizagens que emergem das tentativas e erros na construção de um saber ligado ao manejo da terra e à cultura da roça, do campo; um saber que ele busca construir na interação, a partir da convivência cotidiana e troca de experiências com seus vizinhos. Ele também desvela a aquisição de práticas, habilidades e saberes relacionados à agricultura que ocorrem ao longo de sua vivência na ecovila e anuncia em suas falas a conotação de desafio que esta atividade representa para ele, considerando o modo como ele escolheu viver na Tibá, junto ao campo. O manejo da terra constitui um desafio que não restringe ao Marcelo; é um desafio colocado para a comunidade como um todo – vide falas de João (US 1) e Isabel (US 10) – haja vista os propósitos perseguidos pela ecovila e o perfil do grupo.

Notamos que essa experiência com o campo e os sentidos atribuídos a ela são mutáveis. Em muitos casos eles foram construídos e ampliados com o decorrer da experiência, do viver na Tibá, a exemplo do que ocorreu com João:

E daí vindo para cá, você começa a ter acesso à experiência das outras pessoas, a dialogar. Tinha um amigo meu que na época estava muito pilhado nessa história de ecovila mesmo, de procurar um lugar que a gente pudesse ter uma vida um pouco mais sustentável. Essa discussão já tinha no Tibá aqui, mais em relação às práticas mais sustentáveis, de por exemplo carro coletivo, de viver num lugar com menor impacto ambiental, em comunidade. Daí eu comecei a vivenciar isso nessa primeira experiência de seis meses de aluguel aqui. Eu não participava



do projeto, mas eu participava das reuniões, conversava com as pessoas. Depois esse meu amigo trouxe a questão da sustentabilidade mais para área alimentar, do tipo “vamos fazer nosso queijo, vamos plantar nossa comida, vamos fazer um salame, vamos fazer as coisas artesanalmente, depender menos do dinheiro” a partir da minha primeira experiência aqui as coisas foram aparecendo, foram se concatenando. Pra você ter uma ideia, Alice, a primeira vez que eu vim aqui em 2009, eu não separava o lixo. É uma coisa meio... Eu lembro da Antônia [nome fictício], que é quem me trouxe para cá, chegar e olhar abismada para cozinha onde eu morava, “Pô, você não separa o lixo, cara!” Hoje é fácil olhar e falar, “Ah eu vim porque eu tinha um projeto de sustentabilidade”, mas na época não era nada disso, entendeu? A coisa foi se transformando e foi fazendo sentido para mim, para as minhas escolhas. Eu sempre trabalhei coletivamente, comecei minha atuação profissional [trecho incompreensível]. Dessas escolhas que foram se juntando outras possibilidades e eu fui aderindo a essas possibilidades, fazendo novas escolhas que foram alterando a forma como eu enxergava o meu estar aqui na Tibá (João, US 8).

João comenta que a ideia de sustentabilidade ligada ao campo, considerando o seu modo de viver na Tibá, foi sendo forjada com o tempo em função da experiência, das interações e das novas possibilidades que foram se abrindo a cada escolha, a cada passo dado nesta caminhada – ele próprio menciona que a sua ida para a ecovila não estava inicialmente ligada a um projeto de sustentabilidade. A análise desta fala (João, US 8) junto ao relato de abertura desta categoria (João, US 1) contribui para a compreensão desta emergência de sentidos ligados ao campo e à ideia de uma vida mais sustentável. Em um primeiro momento, João comenta que a sua vivência e olhar para a sustentabilidade estavam muito voltados a como otimizar processos e reduzir os impactos ao meio ambiente por meio da realização compartilhada de tarefas, tendo como foco a ação comunitária. Por meio de conversas e diálogos na ecovila, novos horizontes e práticas sustentáveis se abriram para ele: a possibilidade de manejar a terra, de produzir seu próprio alimento e de cuidar melhor de seus resíduos por meio da coleta seletiva.

Esta fala desvela uma ideia de sustentabilidade como processo, como uma construção que está atrelada a uma tomada de consciência, mas também a um contexto que, ao que tudo indica, facilitou a adoção deste tipo de prática, considerando o interesse das pessoas inseridas nele e o propósito da ecovila.

Esta pauta vai ao encontro da discussão feita por Roysen (2018a) em sua tese, ao problematizar os aspectos que levam (ou não) a adoção de práticas sustentáveis. A autora argumenta que uma prática cotidiana sustentável não decorre somente de uma escolha individual racional; ela também depende das condições do ambiente, de condições materiais/estruturais e sociais que a favoreçam. A ecovila se apresenta como um contexto

facilitador para que processos educativos ligados a adoção de práticas sustentáveis possam ocorrer, a exemplo das que foram citadas por João (US 8).

A fala de Tiago (US 30), que consta a seguir, também denota de que modo este ambiente favoreceu a implantação de práticas tidas como sustentáveis – neste caso, mais ligadas ao ambiente construído, às edificações.

[...] Eu acho que o lugar que eu moro, a casa que eu moro lá no Tibá, ela tem valores e coisas que são muito particulares meus: meu aquecimento de água por energia solar, a água da chuva pode ser utilizada de novo, ainda não é mas pode ser utilizada de novo para aguar o quintal, eu não preciso ter ar condicionado nem ventilador na minha casa... Tem uma série de valores – eu tenho horizonte para todos lados que eu olho – que talvez em um duplex em São Paulo eu não tivesse tanto. Então o meu caminho para morar bem, perto dos meus amigos e tudo mais, foi nesse caminho que eu cheguei no Tibá [...] (Tiago, US 30).

Os relatos anteriores (João, US 8; Tiago, US 30) revelam de que forma a ecovila cria um espaço protegido, com condições materiais e simbólicas, para a emergência de práticas sustentáveis (Roysen, 2018a). Marcelo (US 23) também tece comentários a este respeito, no entanto ele enfoca esta questão pela perspectiva da manutenção de tais práticas. Depois de manifestar sua satisfação com a construção de seu modo de viver na Tibá, plantando comida e criando animais por meio de um projeto de longo prazo (US 22), Marcelo sublinha a importância da estruturação coletiva da Tibá e comenta de que forma ela contribui para a permanência e continuidade desta experiência:

É acho que assim, eu curto isso aqui. [...] eu tenho quase que como uma missão para mim. Acho que se eu pudesse escolher eu ia continuar exatamente aqui. [...] Essa questão agora com os animais, eu acho que eu me encontrei, eu me encontrei com aquilo que eu gosto de fazer mesmo, sabe? [...] Eu tenho esse plano e eu sinto que eu tenho ido, [...] eu tenho ido nessa parte, plantar comida, criar os animais. Então é um plano mais a longo prazo. Eu sinto que eu estou construindo e eu estou feliz com isso. Me sinto bem. Acho que é isso, prazeroso, muito prazeroso (Marcelo, US 22)

Eu me sinto seguro estando em um grupo. Eu não gostaria que eu... por exemplo, me incomoda profundamente... por exemplo, eu tenho um sítio, aí eu vou morrer né, certamente todos iremos, e aquilo meio que se vai na mão de terceiros, porque talvez os herdeiros não vão querer ficar. E me agrada eu estar num projeto em que, é como se fosse um condomínio: ele não vai se dissolver, porque alguém morreu. Então isso acaba trazendo, na minha opinião, uma ancoragem em termos ecológicos, para o projeto. E o que eu quero ver é isso ser uma reserva, só que com as casas e também com a produção animal, mas sendo um polo ecológico, e aí quando você faz um grupo assim, não depende de

uma pessoa ou de duas, aquilo transcende as gerações. Então, por quê? porque é estruturado. É, vamos dizer, a figura jurídica de uma maneira que faz com que essa segurança seja real. Então isso me agrada. O que chamou muito a minha atenção daqui, foi o estatuto daqui. Como que é o estatuto foi... essa coisa da propriedade da terra ser social e ter os membros associados que deliberam sobre [trecho incompreensível], esse formato me agradou. Eu estar nesse grupo me agradou. Porque aqui eu sinto que é um grande palco, entendeu? As pessoas estão [trecho incompreensível] atuar nesse palco. A ecovila vai falar “meu é isso que precisa fazer? Então providencia o que é necessário e faz”. E aí a gente está sujeito aos nossos fracassos e aos nossos acertos. Então assim, eu tenho curtido essa loucurinha que a gente tem feito aqui (Marcelo, US 23).

Marcelo (US 23) projeta a ecovila como um polo ecológico, um território sustentável, capaz de compatibilizar o uso do solo para moradia, agricultura e criação de animais com a conservação da Vida. Partindo da ideia de que tal projeto requer tempo, construção e consolidação de práticas, ele externa preocupação com a continuidade e manutenção do projeto, sublinhando o papel da estruturação coletiva da ecovila em garantir a sua permanência para além de decisões individuais e do interesse dos herdeiros/as, filhos/as dos socio moradores/as. A posse coletiva da terra viabilizada por meio de uma associação com estatuto e regimento, juntamente com os mecanismos de autogestão, revela a importância da vida comunitária, do modo como ela se organiza, para o alcance dos propósitos e objetivos que estão sendo projetados com relação à vida no campo – o termo “ancoragem ecológica” atribuído por Marcelo (US 23) à estrutura comunitária desvela esse sentido.

Este enlace representa um ponto de articulação e convergência entre esta categoria e as demais – na medida em que articula vida comunitária, vida no campo e propósitos, valores – que é revelador da relação de interdependência que existe entre as categorias que compõem esta construção de resultados. Na categoria anterior esta discussão é feita com base na fala de João (US 15), quando ele discute a importância da estrutura associativa e coletiva da ecovila para a construção de uma postura de co-responsabilidade com a ecovila e com a construção de seu modo de vida.

Apesar desta proteção que a estruturação comunitária confere à continuidade da Tibá, alguns relatos (João, US 21, US 22; Isabel, US 6) problematizaram esta questão pela perspectiva da futura geração considerando a possibilidade de seus filhos e filhas não terem interesse em permanecer ou dar seguimento à esta experiência, apesar dos benefícios e valores proporcionados por este modo de vida, e pela dificuldade em se

manter uma dinâmica de vida na Tibá quando se é muito dependente ou vinculado/a aos serviços do ambiente urbano:

E também dessa pressão mesmo de modos de vida, né? [...] O que é valorizado tá no urbano: a oferta de serviços, de aula, de teatro, tá tudo lá no urbano. Então as necessidades dos nossos filhos estão basicamente no urbano e ter que acessar o urbano para lidar com essas necessidades, às vezes é meio complicado. Tô chegando essa fase agora, minha filha tá com sete anos, né? Vai querer começar a ir para clube e tal e daí precisa ter essa disposição do deslocamento também [...] (João, US 21).

Então você vai ter que ter a disposição de proporcionar toda essa vontade dele aí que ele tem de consumir o meio urbano, vamos colocar assim, e isso traz outra dinâmica para o processo da ecovila, né? [...] Então, se para os adultos que vieram aqui, trabalhar no Tibá, a geração de renda era o principal dilema nosso quando a gente não tinha filho (“Precisamos gerar renda aqui para não precisar ir para a cidade.”), hoje em dia não é nem só isso mais. Ainda continua isso, mas a gente conseguiu estabelecer uma relação mais equilibrada quanto a isso, mas é a necessidade de suprir nossos filhos do serviço que o meio urbano oferece e ele quer ter acesso, né? Então se junta uma outra questão para além da geração de renda, do trabalho, de ficar trabalhando aqui e viver disso, que é a demanda dos nossos filhos. [...] a gente tá apostando que essa experiência de viver aqui, na infância, uma vivência feliz, uma vivência com outras crianças, uma vivência perto da natureza [...] seja o suficiente para que no futuro elas valorizem isso de alguma forma e toquem o projeto para frente, no futuro. Se não, pode ser outras pessoas mesmo, não precisa ser nossos filhos para tocar. Mas a gente tem essa preocupação, da perenidade da experiência aqui na terra coletiva (João, US 22).

Nesta discussão trazida por João vemos um esforço, um trabalho, por parte da comunidade em tentar reduzir sua dependência do meio urbano seja em função da geração de renda ou do acesso a serviços, considerando que um deslocamento frequente entre a ecovila e cidade impõe uma logística complexa a seus moradores/as. Este desafio está colocado para os/as socio moradores/as e também para seus/suas filhos/as.

Aproveitamos essa discussão, sobre a adoção e a manutenção de práticas com vistas à sustentabilidade e alcance dos princípios da Permacultura, para tratar do desafio inerente à construção de uma utopia no que tange o modo de viver no campo e dos processos educativos que emergem desta jornada. Na categoria anterior apresentamos falas de Isabel (US 8, US 9) que problematizam estes desafios a partir do que ela denomina como incoerências operacionais. Por meio desta ideia a colaboradora indica processos e práticas desenvolvidas na ecovila que não estão a contento do grupo, da utopia perseguida, e que requerem ajustes. Esta terminologia parte de reflexões críticas sobre a efetividade e o alcance da experiência, de um exercício de emersão da realidade (FREIRE,

2021b) para identificar e delimitar aspectos da prática que requerem melhorias e correções de rota. O relato faz esta problematização de modo muito significativo para esta pesquisa pois ele é revelador de diversos processos educativos, como aqueles que permeiam a produção agrícola em desenvolvimento na Tibá:

[...] eu sou um núcleo que tem um comércio na cidade [...] E esse está sendo um dos primeiros anos que eu não estou nem conseguindo levar banana daqui para vender lá. Aí falo: “Nossa, o que está acontecendo, o que que está errado nesse circuito que eu não estou tendo o excedente para levar para consumo, para levar para feira?” [...] Aí a gente vai acertando, mas para mim isso é uma grande incoerência, eu vendo orgânico, fortaleço a agroecologia, os pequenos produtores [...]. Então a gente vai acertando, mas um dos objetivos nosso é ser, para além do cuidado com a terra, é poder produzir o nosso alimento. E aí primeiro a gente produz o nosso alimento para nós, e aí o ideal é ter excedente para girar a economia para nós também. Está meio falho, mas vai melhorar. Ainda mais nós assim... tem o interesse, tem o feeling, algumas experiências, mas ninguém era agricultor, nem filha de agricultor, né? Então todo mundo se dedica a estudar, a entender, a praticar, errar, a partir de um estímulo, de uma intenção que não veio de família. Veio do querer estar aqui, então precisamos produzir e vamos descobrir como. A gente é muito novato, mas estamos no caminho (Isabel, US 10).

Isabel (US 10) traz em sua fala exemplos de como essas incoerências ou desafios se manifestam na prática de manejo da terra, de produção alimentar. Ela comenta que 2021 foi um dos primeiros anos em que ela não teve produtos da ecovila para comercializar em sua loja, um comércio de orgânicos e que apoia a Agroecologia. Isso, para ela, representa uma grande incoerência operacional, pois indica que a ecovila não estaria dando conta de produzir alimentos suficientes para a subsistência de seus moradores/as e também para a comercialização, já que este é um dos objetivos da produção de alimentos na ecovila. Com esta fala, ela sinaliza uma distância entre teoria e prática, entre o plano e a execução, mas também um olhar construtivo com relação ao desafio colocado. Ela fala em superação, em ajuste, revelando uma postura que esperança (FREIRE, 2021a) em direção àquilo que se almeja.

Neste relato, Isabel (US 10) denota que o viver na ecovila requer uma aprendizagem para aqueles/as que querem produzir alimentos: saber manejar a terra. Ela pontua que ninguém ali tem essa cultura ou conhecimento prévio, indicando que essa habilidade precisa ser aprendida e que o grupo vai descobrir os meios de desenvolvê-la ou aprimorá-la. Essa abertura ao novo, a novas aprendizagens e práticas sociais e a

postura criativa e propositiva com a qual o grupo busca soluções, ao nosso ver, estão na essência desse modo de viver.

Apesar dos desafios descritos com relação a temática desta categoria, muitos deles associados ao manejo da terra e da vida no campo, observamos que os/as moradores/as fazem um balanço positivo das experiências vividas no que tange a vida no campo. Apresentamos alguns relatos que enunciam essa reflexão crítica e que o fazem considerando o contexto da pandemia, uma conjuntura que para muitos/as reforçou a importância e o valor desta experiência:

[...] chega a pandemia, todo mundo cai para cá, todo mundo querendo vir para cá, todo mundo valorizando o contato com a natureza, todo mundo valorizando a possibilidade de ter água limpa, de ter uma comida sem veneno (João, US 18)

João (US 18) observa o papel que a ecovila desempenhou no início da pandemia – um espaço protegido onde foi possível manter o contato com o ambiente e o acesso a alimentos de qualidade em um momento de crise que para muita gente foi sinônimo de reclusão e insegurança alimentar e que ao que sabemos em muitos casos conduziu a processos de adoecimento físico e/ou mental. Taís (US 15) menciona estes mesmos aspectos em seu relato, aproveitando a ocasião para explicar de que modo a Tibá compreende a autonomia alimentar e destacar o papel deste espaço na manutenção das interações familiares e do contato das crianças com a natureza, em um momento de confinamento e isolamento social:

E a gente vive numa ecovila que não tem o intuito de ser autossuficiente, mas que tem o intuito de ter um pouco mais de autonomia com relação a essas crises e esses choques que acontecem. Por exemplo, quando a gente começou no processo da pandemia, a gente pensou “nossa, vai ter algo parecido com o que aconteceu com a crise dos caminhoneiros e pode ter algum desabastecimento”, então a gente retornou a plantar. Tinha muita família morando na cidade, aí estourou a pandemia e voltou muita família para cá. Daí a gente falou “vamos ter que voltar a plantar porque tem muita gente aqui dentro” (Taís, US 14).

E a gente, olhando para fora, a gente percebeu que as pessoas estavam ficando doentes, dentro de apartamentos, dentro da cidade. No começo foi muito difícil porque não dava para sair, muita gente dentro de casa. E aí isso também se traduziu com as nossas famílias geradoras digamos assim, nossas famílias iniciais, porque aqui se tornou o lugar mais gostoso de todo mundo vir, depois, quando começamos a voltar a nos encontrar. Fica todo mundo aqui no quintal, afastado, mas ao mesmo tempo tem um pouco mais de segurança do que você fazer um encontro na cidade, num ambiente fechado, apertado. E para as crianças principalmente: eu percebi que eles vêm aqui, corre, corre, corre, sua,

sua, sua! Meus sobrinhos ficam suados de tanto correr porque eles precisam disso, né? Não estava tendo escola e agora esse ano que voltou. [...] Então aqui também ainda é o lugar que eles podem subir na árvore, que eles podem correr, que eles podem fazer um monte de coisa de natureza mesmo (Taís, US 16).

Mais uma vez, assim como discutido na categoria anterior, voltada ao modo de viver comunitário, vemos a ecovila exercendo um papel de suporte à resiliência dos/as moradores/as da ecovila em nível psíquico, subjetivo, (LOOS *et al.*, 2010) pois ela representou uma proteção, considerando a manutenção das interações humanas e com a natureza, em um momento em que estas relações ocorriam de modo bastante limitado em função da pandemia de COVID-19. Embora este efeito fique mais notório nestes relatos vinculados à pandemia, observamos que este papel não se restringe a esse contexto. Este suporte à resiliência dos indivíduos é exercido de modo mais amplo pela ecovila; a relação com o campo confere proteção contra diversos processos e mecanismos desumanizadores do sistema capitalista que conduzem as pessoas a uma postura de des-envolvimento com o mundo, com o outro e com os demais seres da Vida, de desconexão e descompromisso com a qualidade da Vida em sua totalidade. O relato de Raquel faz apontamentos neste sentido:

Eu preciso de espaço para poder plantar o que eu como, então tem esse espaço... Eu aprendi a plantar, coisa que eu nunca aprenderia se eu seguisse minha vida como estava planejada, sem ter ouvido falar dessa ecovila, do projeto. Eu não saberia até hoje como plantar, como cultivar... como cuidar de um galinheiro para garantir ovo e carne, mesmo que seja branca (Raquel, US 19).

A análise dos relatos que tratam do manejo do solo, do plantio e da produção de alimentos pela ecovila permitem essa compreensão. Estas atividades – muitas vezes, vinculadas à visitação e às ações de articulação socioambiental – ocuparam o centro das discussões desta categoria. Elas aparecem atreladas à processos educativos que são atravessados por percepções e sensibilidades que, ao nosso ver, são emancipatórias. Por tudo o que foi dito nas entrevistas, acreditamos que estas atividades vêm contribuindo e auxiliando os/as moradores a romper/lidar com processos de alienação que são impostos pela vida urbana e pela lógica capitalista, e que nos levam, por exemplo, a perder “[...] a noção do custo socioambiental dos alimentos que levamos à nossa mesa.” (CAPELLO, 2013, p.152).

Esta vivência, que também se faz e complementa por meio de estudos, diálogos e trocas de saberes no nicho da Agroecologia e da Permacultura, vem oportunizando o rompimento dessa alienação. Essa prática, que emerge de um processo de tomada de consciência, exercita a construção de governança e de responsabilidade sobre os alimentos consumidos e os processos desencadeados em sua produção, tendo como foco uma agricultura saudável e mais sustentável do ponto de vista individual, social e ambiental. É também um exercício harmonioso e criativo de conexão e pertencimento com o território conforme desvelado nos primeiros relatos desta categoria (Isabel, US 13, US 5; Marcelo, US 12).

Os relatos que remetem à produção alimentar na ecovila também sugerem, em linha com Capello (2013), a contribuição desta atividade com a transição e adaptação dos/as moradores a este novo modo de vida. A autora comenta que é interessante notar nas ecovilas (de modo geral) como cada integrante da comunidade vai criando, a seu modo, estratégias para se estabelecer e se firmar nesta experiência; que como a maioria dos moradores/as da ecovila costuma vir de um contexto urbano, via de regra, é comum que haja uma família ou grupo disposto a se comprometer com o início desta prática, em dar um ponta pé inicial no plantio e na produção alimentar, abrindo caminho para esta experiência dentro da comunidade. A autora pontua que essa atividade costuma começar em pequena escala, para fins de subsistência, e em muitos casos assume uma conotação simbólica que revela uma postura de abertura para o desenvolvimento de novas práticas e experimentação de um novo modo de vida (CAPELLO, 2013). As falas de João (US 1, US 8), de Marcelo (US 15, US 16) e Isabel (US 10) sugerem que esta dinâmica possa ter ocorrido na Tibá, considerando o grupo atual de sócio moradores/as.

Entendemos, portanto, que esta prática de manejo do solo se coloca neste contexto como ação propositiva, proativa, para além da crítica a modelos de agricultura tradicionais, transformando rejeição e denúncia em uma ação prática (CAPELLO, 2013; ROCHA, 2017) que por meio da experimentação, da tentativa e erro, procura se ajustar e se aprimorar, o que denota a importância da práxis como fator de transformação pessoal e socioambiental.

Essa ação propositiva que se desvela no cotidiano do grupo entrevistado e da Tibá, é uma característica marcante do movimento de ecovilas, que inspiradas na máxima de Gandhi, procuram ser a mudança que querem ver no mundo, como explica Capello (2013). Esta postura chama a atenção para o potencial e alcance das ações que perfazem a micropolítica. Esta tematização foi feita na primeira categoria “A gente tinha um anseio



e isso virou uma proposta” a partir da fala de Joana (US 4, US 5). Nesta, ela é feita no contexto do ser e estar no campo e dos processos educativos emergentes.

Krenak (2020a) enaltece a importância da Agroecologia e da Permacultura como ações de micropolítica que se colocam como luta e resistência a favor da continuidade da Vida no planeta; como um movimento de esperar que está para além da macropolítica, que é capaz de abrir horizontes de ação/agência por meio da práxis, da formação de alianças e da capacidade de se voltar para si e seu próprio contexto de vida – olhando mais dentro do que para fora, se preocupando mais com práticas de envolvimento do que de des-envolvimento. As práticas dos/as moradores/as entrevistados/as desencadeiam processos educativos que conduzem ao envolvimento mencionado por Krenak (2020a): envolvimento com a terra, com o território, com as pessoas e com os processos que permeiam a existência; que conduzem ao envolvimento com a Vida, ao com-viver.

Essa perspectiva dialoga com a compreensão de Souza (2016) sobre a ecovila Tibá. Em sua tese, ele a representa como uma ruralidade singular que marca um movimento de resistência à cultura capitalista e à expansão predatória do agronegócio considerando a prática da Agroecologia e a valorização de saberes tracionais ligados ao campo (SOUZA, 2016). O pesquisador também cita outros aspectos deste modo de viver que se colocam neste mesmo movimento de resistência e emergência (que se contrapõem à lógica de exploração e opressão do sistema hegemônico) a exemplo dos processos decisórios, o modo de conduzir a educação continuada dos adultos e a formação das crianças. Eles foram mencionados e discutidos na categoria anterior, que enfoca o aspecto comunitário da experiência dos moradores e moradoras com a ecovila.

Essa práxis comprometida com a transformação, considerando o nível individual, social e ambiental, é uma característica do modo de viver na Tibá que subjaz muitas práticas desta categoria e também da anterior, considerando respectivamente o modo de viver no campo e o modo de viver comunitário. É uma característica que emerge da primeira categoria “A gente tinha um anseio e isso virou uma proposta” e que se manifesta nas demais. Essa emergência e atravessamento da ideia de transformação, o modo como ela flui entre as categorias, nos remete à flor da permacultura, ao modo como Holmgren (2013) compreende a sua concretude. Nesta simbologia, a ética e os princípios da Permacultura são concebidos em seu miolo; a partir daí, espera-se que eles fluam e circulem pelas pétalas, se manifestando em cada uma delas e promovendo a articulação entre elas (HOLMGREN, 2013).

Concluimos que a ecovila é fruto de uma perspectiva que acredita na mudança, a começar pela própria vida, pelo momento presente. Ela resulta de uma ação propositiva, de uma iniciativa de experimentação de modos de vida alternativos que se baseiam em valores e práticas de povos tradicionais. De uma iniciativa que mira e trabalha pela concretização de uma utopia, algo ainda não realizado. A construção desse caminho é incerta, errática e experimental; envolve quebras de conceitos, rupturas de práticas sociais, revisão de necessidades e muita abertura, disponibilidade e engajamento para que novos hábitos e interações, com o outro e com o ambiente, possam emergir.

Esse processo cíclico de aprendizagem, marcado pela experiência, guarda relação com o mecanismo de ação e reflexão que conforma a práxis, o quefazer (FREIRE, 2021b), e também com a forma como a Permacultura entende os processos de planejamento/*design* e intervenção na paisagem. Ela os concebe em um ciclo de ação-aprendizagem que se constrói por meio da realização de ajustes incrementais, em resposta à análise da experiência (HOLMGREN, 2013) – representado pela Figura 3.

Essa trajetória assume uma conotação experimental e desafiadora considerando que os caminhos a serem percorridos não estão dados e precisam ser historicamente desenhados. Ela nos ajuda a compreender o papel da experiência na construção da ecovila considerando a complexa relação entre prática e teoria, entre práxis e utopia, as estratégias adotadas pelo grupo para vencer as distâncias que as separam e os processos educativos decorrentes, considerando a incompletude humana. Desse modo, ela revela um caminho de transformação que começa nos sujeitos, nas relações, na vida cotidiana e no momento presente, conforme sublinhado por Stuart Hill<sup>10</sup> (1998) em Holmgren (2013, p. 37-38):

Minha análise da situação é essencialmente psicossocial, e não simplesmente política. E é exatamente isso o que torna tal proposição tão difícil de aceitar, pois, para mim, isso requer que eu primeiro reconheça e aja sobre minhas responsabilidades e mude a mim mesmo antes de apontar o dedo para os outros, ou pelo menos ao mesmo tempo em que o faço. Isto não significa negar as iniquidades e as opressões que existem e precisam ser encaradas em nossas sociedades, mas sim reconhecer que cada uma delas pode ser reconhecida em padrões de comportamento coletivos e individuais, os quais, se não mudados, continuarão a trazer destruição ao nosso precioso planeta, nossas sociedades e nosso bem-estar individual. Além disso, acredito que quanto mais fortalecidos, conscientes, informados, competentes e esclarecidos sobre os nossos valores nós estivermos, mais efetivos seremos para realizar as mudanças estruturais e institucionais necessárias. Tentar fazer o último sem encarar o primeiro só pode

---

<sup>10</sup> HILL, Stuart. Redesigning Agroecosystems for Environmental Sustainability: A Deep Systems Approach. In: System Research and Behavioral Science, nº 15, John Wiley & Sons, 1998.

resultar sempre em iniciativas que não conseguirão resolver as causas dos nossos problemas e que, na melhor das hipóteses, só reduzirão levemente os níveis de insustentabilidade e degradação.

Diante do que foi exposto considerando os aprendizados vivenciados em meio e com o campo e o ambiente natural, fechamos essa categoria com as reflexões de Boff (2002) sobre a necessidade de mudança e criação de novos arranjos de vida, formas de habitar o planeta e sensibilidades:

Ou mudamos ou morremos, essa é a alternativa. Onde buscar o princípio articulador de uma outra sociabilidade, de um novo sonho para frente? Em momentos de crise total precisamos consultar a fonte originária de tudo, a natureza. Que ela nos ensina? Ela nos ensina – foi o que a ciência já há um século identificou – que a lei básica do universo não é a competição que divide e exclui, mas a cooperação que soma e inclui. Todas as energias, todos os elementos, todos os seres vivos, desde as bactérias e vírus até os seres mais complexos, somos inter-retro-relacionados e, por isso, interdependentes. Uma teia de conexões nos envolve por todos os lados, fazendo-nos seres cooperativos e solidários. Quer queiramos ou não, pois essa é a lei do universo. Por causa desta teia chegamos até aqui e poderemos ter futuro. (p. 14).

## CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa investigou o modo de viver dos moradores e moradoras da Ecovila Tibá de São Carlos para compreender os processos educativos decorrentes de uma experiência que busca se estabelecer por meio de relações humano/natureza mais harmônicas. Partindo da análise das entrevistas realizadas, compreendemos que o modo de viver dos/das moradores/as da ecovila se organiza em três grandes eixos: valores e princípios éticos, a vida comunitária e a vida no campo. Partindo dessa perspectiva, entendemos que os processos educativos que emergem das experiências relatadas são decorrentes das relações de convívio com o outro e com o campo, que partem de um referencial ético e estético que se coloca como guia e orientador da práxis neste território. Neste trabalho, estas discussões foram representadas e descritas por meio de três categorias analíticas: “A gente tinha um anseio e isso virou uma proposta”, “Tentar entender o outro para essa convivência poder funcionar” e “Um lugar tranquilo para viver mais próximo da natureza”.

A primeira categoria, “A gente tinha um anseio e isso virou uma proposta”, procurou descrever os aspectos que orientam a práxis dos/as moradores/as da ecovila no intuito de desvelar as expectativas e intenções que são projetadas e perseguidas na ecovila

considerando cada entrevistado/a e a forma como essas visões dialogam e se articulam neste contexto. A Permacultura se colocou como elemento central desta categoria pois é partir deste referencial que a ecovila planeja e organiza o seu modo de vida. Esta categoria desvela a visão de mundo, a intencionalidade dos/as entrevistados/as e da comunidade com esta experiência social e por isso se coloca como base e sustentação das demais, ou seja, das experiências relacionadas à vida comunitária e à vida no campo. Esta categoria compõe uma espécie de pano de fundo da experiência. Sua compreensão foi essencial para o entendimento das experiências relatadas e identificação dos processos educativos emergentes.

A categoria que descreveu as experiências relacionadas ao convívio comunitário, intitulada como “Tentar entender o outro para esta convivência funcionar”, desvelou os sentidos atribuídos à comunidade, seu modo de funcionamento e sua contribuição para a formação e para vida dos residentes. A cooperação, a diversidade e a alteridade são aspectos das relações de convívio da comunidade muito presentes nos relatos e se mostraram desencadeadores de diversos processos educativos. O convívio com a diferença pela perspectiva da alteridade é visto pelos/as entrevistados/as de modo dialético. O senso de incompletude e de inacabamento do ser humano que percebe no outro a possibilidade de troca, de crescimento e de ser mais é muito presente nas entrevistas. Mas as vantagens e os desafios atrelados à convivência caminham lado a lado nas descrições dos/as entrevistados, compondo “os risos e as lágrimas” desta experiência pois ao mesmo tempo em que eles/as ressaltam importância da ecovila diante de seu propósito e a riqueza de aprendizagens que marcam as relações de convívio, eles/as também pontuam as situações de adversidade e os conflitos que são inerentes à vida comunitária e que precisam ser manejados para que a experiência possa ser satisfatória. Este exercício de alteridade que reconhece e valoriza a diversidade revela processos educativos relacionados à prática do diálogo, da escuta ativa, da expressão do sentir, da construção de laços de afeto e confiança. Estas práticas podem ser vistas como expressão da ética da Permacultura que se volta ao cuidado com as pessoas. Elas contribuem com a Pedagogia do cuidado, favorecendo a superação do individualismo, a solidariedade, o senso de conexão e pertencimento.

Na última categoria, “Um lugar tranquilo para viver, mais próximo da natureza”, alocamos as descrições que tematizaram o campo de forma explícita. Elas desvelam o modo como este ambiente é representado pelo grupo, as atividades desenvolvidas junto a ele e a sua contribuição para a formação e qualidade de vida dos/as entrevistados/as. A

interação com o ambiente natural, a realização de atividades de visitação e de educação ambiental bem como a produção agroecológica de alimentos são temas muito presentes nesta categoria, especialmente os dois últimos. Eles se voltam à subsistência e à geração de renda, assumem uma finalidade pedagógica, de articulação social e governança e se mostram desencadeadores de processos educativos ligados a ética da Permacultura, especialmente no cuidado com a Terra. Eles sugerem a emergência de sensibilidades que favorecem uma postura responsável com o planeta e em muitos casos, uma postura comunicativa e dialógica para com ele, que também denota um exercício de alteridade, de reconhecimento e respeito à natureza em suas diversas formas. O desafio de aprender o manejo agroecológico da terra atravessou muitos destes relatos e se mostrou um campo importante e desencadeador de processos educativos. Este manejo emerge atrelado à ideia de cuidado, saúde e sustentabilidade e se concretiza por meio da interação com o outro (moradores/as, vizinhança e visitantes), de modo vivencial, nos remetendo ao valor do saber da experiência.

Analisando as categorias de modo integrado observamos que o viver na ecovila parte de uma rejeição aos valores modernos capitalistas e do desejo de transformação do mundo e das relações. É uma experiência social que para além da denúncia, procura, de modo propositivo, implementar e criar formas alternativas de se relacionar e habitar o planeta. É uma iniciativa que olha para o futuro, mas que também procura criar e vivenciar a mudança desejada a partir do presente, da vida cotidiana e também olhando para além dos limites da ecovila, de modo que não ignora nem deixa de lutar por melhorias mais amplas, de caráter estrutural, junto à sociedade. Essa práxis favorece a emergência de processos educativos voltados ao esperar; favorece uma postura que não é adaptativa, que trabalha pela construção e transformação do ser humano, do mundo, que sonha, imagina, cria utopias e exercita a sua concretude.

A busca de ferramentas sociais para a gestão da comunidade, de técnicas para o manejo agroecológico do solo e produção de alimentos e de formas criativas e solidárias de geração de renda, conforme descrito na segunda e terceira categorias, retrata uma práxis que esperança e busca soluções para os problemas e necessidades vividas. Neste sentido, essa práxis se coloca como inovadora favorecendo a emergência de processos educativos relacionados à experimentação e à criação/criatividade dos/as residentes da comunidade.

O modo de viver da ecovila Tibá desvela uma conotação de resistência e ruptura com a lógica dominante; uma ruptura de valores e de pensamento que se reflete em uma

ação prática, propositiva, ao buscar no presente e na experiência concreta uma vida com qualidade. Essa experiência envolve quebras de conceito e experimentações que requerem abertura ao novo o que se traduz na construção de um saber-fazer baseado na cooperação e no cuidado e que está em permanente formação; uma construção que se faz e refaz por meio de um quefazer, de uma articulação entre prática e teoria, entre experiência e utopia.

A cooperação e o cuidado – elementos orientadores das relações humano/natureza e muito presentes em todas as categorias – marcam o modo de viver da ecovila e os processos educativos emergentes. A cultura do cuidado e da cooperação por ser um aspecto central, paradigmático, de povos tradicionais, nesta pesquisa é vista tanto como manifestação de princípios da Permacultura como expressão das Epistemologias do Sul. É um traço cultural marginalizado pelo sistema capitalista que de modo resistente à cultura hegemônica segue se fazendo presente, anunciando caminhos e possibilidades para a construção de modelos sociais mais justos, solidários e sustentáveis – dinâmica que se convencionou chamar por sociologia das ausências e das emergências.

Os processos educativos desvelados nas entrevistas, decorrentes da relação com o outro e da relação com o campo, com o ambiente natural, contribuem para a humanização das relações, para a construção de uma cultura de paz, pois estão a favor da diversidade, da alteridade, da ecologia de saberes, do fortalecimento da conexão existente entre o eu, o outro, a sociedade e o ambiente considerando suas diversas formas de vida. Contribuem também para o exercício da cidadania na medida em que a comunidade, de forma crítica e propositiva, pratica o seu direito-dever de ser ela própria a criadora dos critérios e parâmetros de valor de uma vida com qualidade (considerando as relações internas e externas estabelecidas pela ecovila). Essa práxis fortalece a compreensão que uma vida com qualidade é fruto de um processo de construção social, feito por todos/as e para todos/as, por meio da participação crítica, criativa, solidária e co-responsável.

Acreditamos que processos educativos dessa natureza podem contribuir com a reflexão/construção de um projeto alternativo de sociedade e por conseguinte, de educação. Alguns conceitos e valores discutidos nos achados da pesquisa anunciam o sentido desta contribuição. São eles: convivência, cooperação, cuidado, diversidade, alteridade, diálogo, comunicação, solidariedade, amor, partilha, amizade, afeto, confiança, construção. O entrelaçar destas palavras se conecta com a necessidade de transformação social, apontando para o sentido que queremos dar ela. Ele desvela valores que contribuem para a projeção de mundos sustentados pela experiência de paz e justiça

entre todos os seres, o que nos leva a refletir sobre o papel da Educação neste processo, ou seja, na construção de um caminho que possa nos conduzir a esta utopia, a uma realidade ainda não realizada.

Seguindo esta linha de raciocínio partimos para a questão: De modo que a educação pode promover contextos que poderão favorecer a emergência desses valores e processos educativos? Em outras palavras e partindo dos achados da pesquisa: Como ela pode estimular educadores/as e educandos/as a assumirem uma postura no mundo orientada para a cooperação, o cuidado, o diálogo e a alteridade? Orientada para a paz e para a proteção da vida? Esta é uma pergunta que me afeta enquanto pesquisadora e enquanto professora, considerando a minha prática docente. Embora eu não tenha uma resposta objetiva a ela, apresento algumas reflexões que partem dos resultados construídos nesta pesquisa e que, a meu ver, podem ajudar nesta compreensão e busca de respostas.

Um aspecto das entrevistas me chamou muito a atenção: todos/as os entrevistados/as mencionavam como a experiência de viver ou com-viver na ecovila vinha sendo um processo transformador e rico em termos de aprendizagem. Mas o que havia ali que possibilitava essa sensação ou percepção da experiência? O que existe nessas relações que podem ser disparadores desses processos educativos que são emancipatórios e humanizadores? Comecei a me fazer essas perguntas na tentativa de compreender como um ambiente educador (considerando o contexto da educação formal ou não formal) poderia funcionar de modo a disparar ou fomentar processos educativos tais como os descritos nesta pesquisa.

Ao longo dos relatos vimos os/as entrevistados/as narrando experiências significativas nas quais se sentiam potentes para buscar soluções e caminhos para as necessidades sentidas. Eram experiências associadas a uma tomada de consciência, a reflexões críticas, a mobilização de afetos e sentimentos. Elas se conectavam a desejos e abriam caminhos para que eles pudessem fluir e se movimentar. Penso que os espaços educadores e as relações no contexto educacional deveriam ser planejados para favorecer esse tipo dinâmica, pautada no interesse, no envolvimento e na participação considerando o viés de criticidade, mas também do afeto, da sensibilidade.

Nesse sentido, penso, a partir do referencial teórico que foi discutido, que seria potente para a educação criar situações de ensino e aprendizagem significativas, experienciais, articuladas aos interesses, necessidades e contexto dos/as educandos/as, de modo que ela pudesse se configurar como instrumento de luta, de superação de desafios

e necessidades, reconhecendo o papel de sujeito dos/as educandos/as na construção do conhecimento, na construção e transformação de suas realidades. Falo aqui de uma educação que seja capaz de mobilizar corpo e sentimento, aberta a múltiplos sentidos e significados, que permita a criação e a criatividade, para que possa fazer sentido aos/às educandos/as, atendendo suas curiosidades, interesses e necessidades; uma educação integrada à vida dos/as estudantes, aos aspectos que os/as afetam em sua vida cotidiana.

Outro ponto muito mencionado e enfatizado pelos/as moradores/as que também me chamou a atenção consiste no modo como eles/as se sentem protegidos/as, fortalecidos/as e amparados/as nas relações estabelecidas com a comunidade considerando o afeto, o diálogo e a cooperação. Este é um aspecto que inspira reflexões e que é central para a educação que se pretende humanizadora. Precisamos criar situações comunicativas de ensino e aprendizagem de modo que os/as estudantes possam exercitar o pensamento crítico, dialogar entre si, lidar com a diferença e ao mesmo tempo criar laços de afeto e confiança. Essas situações criam espaços de vida comunitária e com isso, conformam a base de uma vida solidária na qual a partilha, a alteridade e o respeito decorrem de uma postura ética; emergem de dentro para fora, indo além de uma prescrição moral. Falamos aqui de uma educação que possa favorecer a educação dos sentimentos e das sensibilidades, que investe na qualidade das relações e olha o desenvolvimento humano por uma perspectiva holística, não individualista, que compreende a satisfação e o aperfeiçoamento dos indivíduos por meio de um olhar de coletividade, que não se restringe ao eu, sendo extensivo ao outro, à coletividade e aos demais seres da vida. Um olhar integrador que favorece o pertencimento, o envolvimento e a responsabilidade. Uma educação que possibilite um maior contato e convivência com o ambiente natural pode contribuir para que essas sensibilidades e tomadas de consciência venham a aflorar.

## REFERÊNCIAS

ABDALLA, Maurício. **O princípio da cooperação**: em busca de nova racionalidade humana. São Paulo: Paulus, 2002.

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

ARRUDA, Beatriz Martins. O Fenômeno de Ecovilas no Brasil Contemporâneo. 2018. Dissertação (Mestrado em Urbanismo). Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2018.



BOFF, Leonardo. O Cuidado e a educação na era planetária. In \_\_\_\_\_. **O Cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BOFF, Leonardo. Apresentação. In: ABDALLA, M. **O princípio da cooperação: em busca de nova racionalidade humana**. São Paulo: Paulus, 2002, p. 13-15.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **As flores de Abril: movimentos sociais e a educação ambiental**. Campinas: Autores Associados, 2005a. (Coleção Educação Contemporânea)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Qualidade de vida, vida de qualidade e qualidade da vida. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A canção das sete cores: educando para a paz**. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 27-72.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A natureza da paz – sobre a paz pensada como vida. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A canção das sete cores: educando para a paz**. São Paulo: Contexto, 2005c. p. 27-72.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Prefácio. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p.11-18.

BRITTO, Ana Luiza Rodrigues de. **Ecovila como alternativa ao mundo contemporâneo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

CABRERA, Magali López. **Pequenas ações podem mudar o mundo: transformações e ecovilas**. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

CAPELLO, Giuliana. **Meio ambiente & ecovilas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013. (Série Meio Ambiente, 21 / Coordenação José de Ávila Aguiar Coimbra).

CASA BRASIL. **Sociocracia**. 2021. Disponível em:  
<<https://www.redecasabrasil.org/sociocracia>> Acesso em 30 jul. 2022.

COMUNELLO, Luciele Nardi. **Aprendizagem e espiritualidade em ecovilas: quando “o Universo todo ensina”**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

COSTA, César Augusto Soares da; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. O alcance teórico das categorias exclusão e libertação para a questão ambiental: uma leitura ancorada em Dussel e Freire. **ETD – Educação Temática Digital**. Campinas, SP. V. 19, n.1, p. 234-257, 2017.

DIAS, Maria Accioly; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; CHEVITARESE, Leandro; SOUZA, Cecília de Mello e; Os sentidos e a relevância das ecovilas na

construção de alternativas societárias sustentáveis. **Revista Ambiente & Sociedade**. São Paulo v. XX, n. 3, p. 81-98, 2017.

DIAS, Maria Accioly; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; Uma abordagem sistêmica da sustentabilidade: a interconexão de suas dimensões nas práticas das ecovilas. **Revista Ambiente & Sociedade**. São Paulo, Vol. 22, 2019.

DRAGON Dreaming. **Dragon Dreaming**: criação colaborativa de projetos, 2022. Disponível em: <<https://dragondreamingbr.org/o-que-e/>> Acesso em 30 jul 2022.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, DF. v. 31, n.1, p. 51-73, 2016.

DUSSEL, Enrique. Cuando la naturaleza jaquea la orgullosa modernidade. In: AQUILAR, Yásnara E. *et al.* **Capitalismo y pandemia**: 16 ensayos publicados entre el 21 de marzo y el 16 de abril de 2020. Editorial Filosofia Libre, 2020. p. 87- 91.

ECOVILA TIBÁ. **Ecovila Tibá**. Disponível em: <<https://www.ecovilatiba.org.br/site/>>. Acesso em 01 mar.2022.

FENDEL, Karoline. **Permacultura**. Disponível em: <https://zonamenosum.wordpress.com/permacultura/>. Acesso em 21 set. 2022.

FIGUEIREDO, Rodolfo Antônio; ALCÂNTARA, Liliane Cristine Schlemer. MORAIS, Jozivaldo Prudêncio Gomes. SAIS, Adriana Cavalieri. OLIVEIRA, Renata Evangelista. Resiliência em sistemas socioecológicos, paisagem rural e agricultura. **Revista Ciência, tecnologia & Ambiente**. V.5, n. 1, p. 49-57, 2017.

FLORES, Bárbara Nascimento; TREVIZAN, Salvador D. Pozzo. Ecovila como alternativa de organização socioambiental sustentável: uma avaliação de Piracanga, Bahia. **Revista Sociedade & Natureza**. Uberlândia, 29 (3): 459-471, 2017.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 12<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 28<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 77<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021b.

FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências**: introdução à filosofia e à ética da ciência. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. 3<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: L&PM, 1997. 316 p.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v.1, n.1, 1997.

GLOBAL ECOVILLAGE NETWORK. Disponível em:  
<<https://ecovillage.org/about/about-gen/>> Acesso em: 10 jul. 2022.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; CARMO, Clayton da Silva; CORRÊA, Denise Aparecida. Cicloviagem, lazer e educação ambiental: processos educativos vivenciados na Serra da Canastra. **Licere**, Belo Horizonte, v.18, n.4, 2015.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; CARMO, Clayton da Silva; AYALA-ZULUAGA, José Enver. Aprender a investigar: la postura y el método soportado por la fenomenología. *In*: TORO-ARÉVALO, Sergio; VEGA-RAMÍREZ, Javier. (org.). **Manifestaciones de la motricidad humana**: brotes desde el sur. Valdivia (Chile): Ediciones UACH, 2021. p. 59-80.

HOLMGREN, David. **Permacultura**: princípios e caminhos além da sustentabilidade. Tradução Luzia Araújo. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

INSTITUTO CNV Brasil. **Comunicação não violenta (CNV)**: o que é e como praticar. 2022. Disponível em: <https://www.institutocnvb.com.br/single-post/comunica%C3%A7%C3%A3o-n%C3%A3o-violenta-cnv-o-que-%C3%A9-e-como-praticar>. Acesso em 30 jul 2022.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2020b

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020c.

LARROSA-BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

LOOS, Helga; SANT'ANA, René Simonato; RODRÍGUEZ, Susana Inés Núñez. Sobre o sentido eu, do outro e da vida: considerações em uma ontologia acerca da alteridade e da resiliência. *In*: GUÉRIOS, Ettiène. STOLTZ, Tania (Orgs.). **Educação e alteridade**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

MACHADO, Antonio. **Poesías completas**. 14ª ed. Madri: Espasa-Calpe 1973. Disponível em: <<http://www.poesia-inter.net/amach164.htm>> Acesso em 08.set.2022.

MACHADO, Matheus Oliveira. **A comunidade dos clássicos e a nova comunidade**: um estudo da organização da ecovilas. 2018. Dissertação (Mestrado em Administração). Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A modalidade fenomenológica de conduzir pesquisa em psicologia. *In*: MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. 5 ed. São Paulo: Centauro, 2005.

MUNDURUKU, Daniel. **Das coisas que aprendi**: ensaios sobre o bem-viver. 2ª ed. Lorena: DM Projetos Especiais, 2019.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. Silva (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Editora Universidade / UFRGS/Sulina, 1999. p. 61–93.

OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues. Apresentação. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues (org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 7-10.

OLIVEIRA, Maria Waldenez; ALMEIDA, Sara Ferreira de; RIBEIRO JUNIOR, Djalma; TEIXEIRA, Iraí Maria de Campos Teixeira “Comunidade é tudo”. In: CRUZ, Pedro José Santos Carneiro (org.). **Educação popular em saúde**: desafios atuais. São Paulo: Hucitec, 2018. p. 107-126.

OLIVEIRA, Maria Waldenez; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida Victoria Garcia; JOLY, Ilza Zenker Leme. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues. (org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014a. p. 29-46.

OLIVEIRA, Maria Waldenez; RIBEIRO JUNIOR, Djalma; SILVA, Douglas Verrangia Corrêa; SOUSA, Fabiana Rodrigues; VASCONCELOS, Valéria O. Pesquisando processos educativos em práticas sociais: reflexões e proposições teórico-metodológicas. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues. (org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014b. p. 113-141.

ORTEGA, Henrique. Apresentação. In: HOLMGREN, David. **Permacultura**: princípios e caminhos além da sustentabilidade. Tradução Luzia Araújo. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (org.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Almedina/CES, 2009. p. 73-117.

ROCHA, Heliana Faria Mettig. **O lugar das práticas comunitárias emergentes**: caminhos de coexistência socioecológica em projetos urbanos. 2017. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

ROYSEN, Rebeca. **Desenvolvimento e difusão de práticas sociais sustentáveis no nicho das ecovilas no Brasil**: o papel das relações sociais e dos elementos das práticas. 2018. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2018a.

ROYSEN, Rebeca. O corpo e adoção de práticas sustentáveis: estudo de caso em uma ecovila. **Revista Psicologia e Sociedade (online)**. Volume 30, p. e164236, 2018b.

SALLES, Camilla Barroso. Ecovila e Permacultura: uma nova forma de viver. 2017. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. n. 63, p. 237-280, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura Souza; MENESES, Maria Paula. (org.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Almedina/CES, 2009a. p. 23-71.

SANTOS, Boaventura de Souza. Um ocidente não ocidentalista?: a filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. *In*: SANTOS, Boaventura Souza; MENESES, Maria Paula. (org.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Almedina/CES, 2009b. p. 445-486.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza.; MENESES, Maria Paula. Introdução. *In*: SANTOS, Boaventura Souza.; MENESES, Maria Paula. (org.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Almedina/CES, 2009. p. 9-19.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprender a conduzir a própria vida. Dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. *In*: BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; SILVÉRIO, Valter Roberto. (org.). **De preto a afrodescendente: trajetos de pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 181-197.

SOUZA, Marinaldo Fernando. **Além da Escola: reflexões teórico-metodológicas com base na análise de práticas educativas alternativas descobertas em áreas rurais da região de São Carlos S.P.** 2016. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2016.

TADDEI, Paulo Eduardo Dias; PALUDO, Conceição. Fundamentos da educação: ontologia e epistemologia em Marx e Freire. **Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 26, n. 1, p. 87-102, 2018.

TURINO, Célio. Prefácio à edição brasileira. *In*: ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, 2016. p. 13-16.

## ANEXO A: Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** MODO DE VIVER DOS/AS MORADORES/AS DA ECOVILA TIBÁ: PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES.

**Pesquisador:** ALICE MARIA CALADO MELGES

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 40314320.8.0000.5504

**Instituição Proponente:** CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.697.711

#### Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1661126, de 10/11/2020 e documentos complementares Projeto, Infraestrutura e TCLE postados em 05/11/2020) referente ao projeto intitulado MODOS DE VIVER SUSTENTÁVEIS DOS/AS MORADORES/AS DA ECOVILA TIBÁ: PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES. Trata-se de estudo de caráter qualitativo, com inspiração fenomenológica, a ser realizado com os/as moradores/as da Ecovila Tibá, São Carlos-SP. Pretende-se compreender a vivência cotidiana destes sujeitos nesta ecovila por meio da realização de entrevistas semiestruturadas e de rodas de conversa entre e com os moradores/as da ecovila.

#### Objetivo da Pesquisa:

Primário:

identificar, descrever e compreender as práticas de viver sustentáveis dos/as moradores/as da Ecovila Tibá e os processos educativos emergentes destes modos de vida.

Para o alcance do objetivo central desta pesquisa, este estudo busca compreender as práticas sociais que permeiam a vida cotidiana desta ecovila, as experiências vividas e compartilhadas

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**CEP:** 13.565-905

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



UFSCAR - UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 4.697.711

nesta localidade e como elas são significadas e percebidas pelos/as moradores/as da Tibá visando a identificação de processos educativos e seu valores formativos.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Quanto aos riscos, informa-se que "embora a entrevista e a participação nas rodas de conversa não tenham a intenção de invadir ou expor a intimidade dos/as participantes, há risco destas pessoas, colaboradoras da pesquisa, se sentirem incomodadas ou desconfortáveis em expor opiniões ou vivências pessoais durante a entrevista ou diálogo nas rodas de conversa, mesmo com todos os cuidados que serão tomados durante a realização destes procedimentos. A fim de MINIMIZAR tais riscos, as gravações realizadas durante a entrevista e durante as rodas de conversa serão por mim transcritas na íntegra, de forma mais fidedigna possível, e apresentadas aos/às participantes para validação ao final do processo. A pesquisadora se compromete em respeitar os/as participantes caso não queiram realizar diálogos e/ou registros no que se refere a concessão de entrevistas e participação nas rodas de conversa. Aos/às participantes também serão garantidas pausas durante a entrevista e rodas de conversa, a liberdade de não responder as perguntas quando a julgarem constrangedoras, podendo interromper a entrevista ou registros a qualquer momento. Em caso de encerramento da entrevista por qualquer fator descrito acima, solicito autorização para estabelecer contato posterior, a fim de verificar os possíveis danos ocasionados bem como procedimentos para novas orientações e encaminhamento a profissionais especialistas e serviços disponíveis, conforme necessário, visando o bem-estar de todos/as os/as participantes".

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de uma pesquisa com aderência à Resolução CNS nº 510/2016 e suas complementares.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Recomenda-se a aprovação, observando remissão à Resolução 510/2016 em todos os documentos decorrentes da investigação, e a observância das orientações da Conep sobre PROCEDIMENTOS EM PESQUISAS COM QUALQUER ETAPA EM AMBIENTE VIRTUAL. Este documento pode ser acessado na página do CEP UFSCar: <http://www.propq.ufscar.br/etica/ce>

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**CEP:** 13.565-905

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



UFSCAR - UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 4.697.711

Atender as orientações da Conep sobre PROCEDIMENTOS EM PESQUISAS COM QUALQUER ETAPA EM AMBIENTE VIRTUAL. Este documento pode ser acessado na página do CEP UFSCar: <http://www.propq.ufscar.br/etica/cep>

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1661126.pdf	13/04/2021 17:54:06		Aceito
Outros	ANEXO_Roteiro_das_entrevistas.pdf	13/04/2021 17:51:47	ALICE MARIA CALADO MELGES	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	Carta_Resposta_v2.pdf	13/04/2021 17:47:54	ALICE MARIA CALADO MELGES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_v2.pdf	13/04/2021 17:46:08	ALICE MARIA CALADO MELGES	Aceito
Outros	ANEXO_Modelo_de_convite.pdf	13/04/2021 17:43:41	ALICE MARIA CALADO MELGES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ANEXO_Projeto_v2.pdf	13/04/2021 17:40:34	ALICE MARIA CALADO MELGES	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto_CECH_AliceMelges.pdf	10/11/2020 15:30:11	ALICE MARIA CALADO MELGES	Aceito

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br





Continuação do Parecer: 4.697.711

Declaração de Instituição e Infraestrutura	AutorizacaoInstituicao_AliceMelges.pdf	09/11/2020 23:10:17	ALICE MARIA CALADO MELGES	Aceito
--	--	------------------------	------------------------------	--------

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO CARLOS, 07 de Maio de 2021

Assinado por:

**Adriana Sanches Garcia de Araújo**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br

## APÊNDICE A: Roteiro da entrevista semiestruturada



PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO  
EM EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



PROJETO: “MODO DE VIVER DOS/AS MORADORES/AS DA ECOVILA TIBÁ: PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES”

MESTRANDA: Alice Maria Calado Melges

### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

#### Caracterização do(a) entrevistado(a), participante da pesquisa

Nome:

Autodeclaração de gênero:

Idade / Data de nascimento:

Quanto tempo reside na ecovila Tibá:

Com quem você reside na Ecovila Tibá (nome, idade):

Profissão / Exerce atualmente:

#### Perguntas disparadoras

- 1) Descreva-me, por favor, o que é isto a experiência de viver na Ecovila Tibá para Você?
- 2) O que o/a levou a vir morar na Ecovila Tibá?
- 3) Viver na Ecovila Tibá ao longo destes anos gerou mudanças em sua forma de viver e de se relacionar consigo mesmo, com os outros e com o mundo? Descreva, por favor.
- 4) De que forma vem construindo seu modo de viver na Ecovila Tibá?
- 5) Você quer acrescentar alguma coisa? Fique a vontade!

## APÊNDICE B: Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)



PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO  
EM EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resoluções 510/2016 e 466/2012 do CNS)

#### **“MODO DE VIVER DOS/AS MORADORES/AS DA ECOVILA TIBÁ: PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES”**

Eu, Alice Maria Calado Melges, estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (PPGE/UFSCar) o/a convido a participar da pesquisa de mestrado cujo título provisório é **“Modo de viver dos/as moradores/as da Ecovila Tibá: Processos Educativos Emergentes”**, orientada pela Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior. A pesquisa tem como **objetivo central identificar e compreender o modo de viver dos/as moradores/as da Ecovila Tibá e os processos educativos emergentes deste**. Pretendemos pesquisar, a partir de arcabouço teórico, quais processos educativos emergem do modo de viver na ecovila, tendo como pressuposto que homens e mulheres se educam o tempo todo no mundo, para além da perspectiva que considera que a aprendizagem está restrita ao ambiente escolar.

Por ser um/a morador/a e associado/a da Ecovila Tibá, você está sendo convidado/a a participar desta pesquisa pois busca-se compreender o valor formativo, educativo e social deste modo de (com)viver a partir das experiências vividas e dos sentidos que os moradores/as desta comunidade atribuem a este modo de viver. Sua participação nesta pesquisa é voluntária e consistirá em autorizar a pesquisadora a realizar entrevista e gravá-la (áudio e imagem), para uso exclusivamente acadêmico. A entrevista será realizada de forma não presencial (ambiente virtual), pela plataforma Google Meet ou Zoom, em razão da pandemia de COVID-19, em dia e horário previamente combinados, conforme sua preferência e disponibilidade.

Solicito sua autorização para gravação da entrevista, com registro de imagem e áudio, e posterior transcrição, a ser feita de forma fidedigna, assumindo o compromisso de garantir a sua privacidade com a proteção da imagem e confidencialidade das informações, garantido que ambas não serão utilizadas em prejuízo dos participantes e/ou da Ecovila Tibá.

Esclareço que esta pesquisa pode trazer alguns riscos para os/as participantes. Embora a entrevista não tenha a intenção de invadir ou expor a privacidade dos/as participantes, existe o risco de que algum/a participante venha a se sentir desconfortável em ter suas opiniões e vivências pessoais registradas em uma pesquisa científica. Esta pesquisa, reconhecendo os direitos dos participantes definidos nas normativas do Conselho Nacional de Saúde, adotará algumas medidas para evitar ou minimizar esse risco. A saber: o/a participante não terá a sua identidade divulgada pela pesquisa e terá a liberdade para não responder qualquer pergunta no momento da entrevista, sem que haja a necessidade de apresentar explicações ou justificativas e sem que isso acarrete qualquer prejuízo a ele/a. O/a participante também poderá interromper a entrevista ou retirar o seu consentimento caso entenda que isso é necessário.

A realização das entrevistas pela plataforma Google Meet ou Zoom também poderá gerar um receio no/a participante de exposição de sua identidade ou privacidade considerando uma eventual invasão da chamada de vídeo ou acesso de terceiros à entrevista gravada. Na política de privacidade destas plataformas, consta a informação de que ambas adotam medidas de segurança para proteção das videochamadas contra invasão. Quanto a gravação das entrevistas, me comprometo a armazená-las (imagem e áudio) em memória externa, fora do ambiente de rede ou do meu computador pessoal, para minimizar o risco de acesso por terceiros; e também, a transcrevê-las de forma fidedigna, para evitar que ocorram divergências entre o que foi dito pelo/a entrevistado/a e o que foi registrado por meio da transcrição da entrevista.

Para minimizar esses riscos, me comprometo a acompanhar os/as participantes no decorrer da pesquisa para possibilitar o esclarecimento de dúvidas e o diálogo sobre o processo de participação ou até mesmo para uma tomada de providências caso se verifique a necessidade de prestar assistência a algum participante em decorrência de danos gerados pela participação na pesquisa. Observo que é resguardado ao/a participante que vier a sofrer qualquer tipo de dano em razão da participação na pesquisa o direito à assistência, pelo tempo que for necessário, e a busca por indenização.

Ressalto que a sua participação viabiliza uma pesquisa que é capaz de trazer contribuições para a sociedade ao colaborar com o estudo de um modo de viver que procura ser sustentável e se contrapõe aos valores do sistema capitalista, pois a busca por novos modos de viver é uma necessidade diante da crise social e ambiental inerente ao modo de vida capitalista. Essa pesquisa também poderá trazer contribuições para os/as participantes da pesquisa e também para a Ecovila Tibá, tendo em vista que os achados da pesquisa possibilitarão aos moradores e moradoras da ecovila fazerem uma reflexão crítica a respeito do modo de viver e conviver na Tibá, oportunizando a melhoria desta experiência social.

Você tem plena liberdade para se recusar a participar da pesquisa e caso venha a dar o seu consentimento para participação, poderá retirá-lo e desistir de participar a qualquer momento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação com a pesquisadora, a Instituição em que trabalha ou a Universidade Federal de São Carlos.

Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo, sendo atribuídos nomes fictícios com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Sua participação na pesquisa é voluntária e não será compensada financeiramente. Esta pesquisa não prevê qualquer gasto aos/às participantes considerando que ela será realizada em ambiente virtual, porém, caso isso ocorra, haverá ressarcimento e cobertura das despesas por parte da pesquisadora.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pela pesquisadora, onde consta o telefone, o e-mail e o endereço da pesquisadora responsável. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre a sua participação, agora ou a qualquer momento até a conclusão da mesma. Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa, poderá comunicar-se pelo telefone (016) 98864-1269.

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora Alice Maria Calado Melges  
E-mail: \_\_\_\_\_ / Cel: \_\_\_\_\_

**Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar (CEP/UFSCar) que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br)**  
O CEP/UFSCar é um colegiado multidisciplinar e independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa dentro de padrões éticos.

**Pesquisadora Responsável: Alice Maria Calado Melges**



PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO  
EM EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



**Endereço:** PPGE/UFSCar - Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 – CEP: 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil

**E-mail:** \_\_\_\_\_

**Celular:** \_\_\_\_\_

São Carlos, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

---

Nome e assinatura do/a Participante da pesquisa